



**Comunidade de  
Aprendizagem**

# **Formação de Formadores em Comunidade de Aprendizagem: reflexões do percurso formativo**



## INTRODUÇÃO

ESTA PUBLICAÇÃO É RESULTADO DO PROCESSO de certificação de formadores de Comunidade de Aprendizagem, uma parceria entre o Instituto Natura, Niase ( Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa) e CREA (Centro de Investigação em teoria e práticas de Superação das Desigualdades).

Foram 180 horas de estudo, entre aulas presenciais e acompanhamento supervisionado da prática, em que formadores, técnicos de secretarias de educação, PARCEIROS INSTITUCIONAIS e professores universitários construíram conhecimento a respeito das bases teóricas do projeto e sua implementação em contextos específicos da América Latina. A partir de temas de interesse, os participantes contribuíram com uma nova perspectiva ao produzirem artigos sobre os principais conteúdos abordados no curso.

Que esses textos contagiem outros profissionais da educação na transformação de escolas em espaços de aprendizagem para todos e melhor convivência, com o mesmo compromisso e envolvimento daqueles que o produziram.



# ÍNDICE GERAL

PRINCÍPIOS	Páginas 4 a 42
ATUAÇÕES EDUCATIVAS DE ÊXITO	Páginas 43 a 200
CASOS DE IMPLEMENTAÇÃO	Páginas 201 a 315
FASE DE TRANSFORMAÇÃO	Páginas 316 a 355
ÍNDICE REMISSIVO	Páginas 356 a 358



# PRINCÍPIOS



Comunidade de  
Aprendizagem

# Aprendizagem Dialógica: base para uma gestão eficaz da sala de aula.

**Geraldo Magela**

# Resumo

## **PALAVRAS CHAVE:**

aprendizagem; gestão da sala de aula; diálogo igualitário; dimensão instrumental.

Atualmente muito se discute sobre a atuação do professor em sala de aula e sobre a sua capacidade de conduzir satisfatoriamente o processo de aprendizagem. Os dois atores que participam desse processo em sala de aula, os estudantes e os professores precisam esforçar-se para conjugar todos os esforços possíveis para que um bom resultado seja alcançado, e isso não é possível senão pelo diálogo. Sendo, portanto, a aprendizagem dialógica construída a partir de princípios de igualdade e solidariedade, este estudo apresenta-a como base para a construção de uma gestão eficaz da sala de aula.

# Introdução

Praticamente todo o comportamento humano é aprendido. De acordo com Campos (1976), “a aprendizagem leva o indivíduo a viver melhor ou pior, mas indubitavelmente a viver de acordo com o que aprende”. A aprendizagem é fundamental à vida, pois é por meio dela que o homem se afirma como ser racional, forma a sua personalidade e se prepara para o papel que lhe cabe na sociedade.

Atualmente muito se discute sobre a atuação do professor em sala de aula e sobre a sua capacidade de conduzir satisfatoriamente o processo de aprendizagem.

Diante disso, há que se refletir: que práticas são adotadas pelo professor em sala de aula? Elas têm foco na evolução intelectual do estudante? São planejadas, pensadas previamente ou são improvisadas? Os estudantes são ouvidos sobre as suas necessidades? Que espaços são dados a eles para expressarem as suas realidades, medos, frustrações, habilidades, angústias, revoltas, sonhos?

Na sala de aula dois atores participam desse processo, os estudantes e os professores, e ambos precisam lutar para conjugar todos os esforços possíveis para que um bom resultado seja alcançado, e isso não é possível senão pelo diálogo.

Assim, esta pesquisa justifica-se diante da necessidade de uma reflexão sobre a postura do professor ante o processo de ensino e de aprendizagem sobre o enfoque de uma gestão eficaz da sala de aula, isto é, da utilização otimizada do maior número possível de recursos com o intuito de que os estudantes aprendam tudo o que precisam aprender. Objetiva-se, portanto, com este estudo, a proposição da concepção de aprendizagem dialógica como um fundamento da construção de uma gestão eficaz da sala de aula.

O estudo foi realizado por meio de uma pesquisa bibliográfica tendo como principais fontes os livros Aprendizaje dialógico en la sociedad de la información, escrito pelos pesquisadores da Universidade de Barcelona Adriana Albert, Ainhoa Flecha, Carme Garcia, Ramón Flecha e Sandra Racionero; Gestão do processo de aprendizagem pelo professor, da doutora em educação da Columbia University Heloisa Luck. Também foram consultados alguns livros de Paulo Freire.

O trabalho está dividido em três partes: na primeira é abordado o tema gestão da aprendizagem, apresentando definições e propondo que o papel do professor seja o de um gestor da sala de aula com foco na aprendizagem dos estudantes; no segundo momento é apresentada uma breve reflexão sobre a base dialógica da aprendizagem em Paulo Freire; e a seguir, na terceira e última parte, apresenta-se o conceito de aprendizagem dialógica e a sua utilização na gestão da sala de aula.



# Desenvolvimento do trabalho

## GESTÃO DA APRENDIZAGEM

A utilização adequada e otimizada do tempo de aula pressupõe que ele deve ser preenchido com processos pedagógicos corretos, com interações com os estudantes e com a construção de relações amistosas e afetuosas baseadas no diálogo, e não no autoritarismo; com atenção às necessidades dos estudantes; com escuta ao que as crianças têm a dizer para conhecer e compartilhar as suas experiências, assim como também aprender com elas. Eis algumas ações que podem ser vivenciadas dentro de um processo de gestão eficaz da sala de aula.

Nesse processo, o professor deve ser mais que um mero transmissor de conteúdo ou um fiel cumpridor das normas da escola. Ele deve sim, se lhe interessa a aprendizagem dos estudantes, gerenciar, baseado em modernos conceitos de gestão, o processo de ensino e aprendizagem.

Para Heloisa Lück, gestão de aprendizagem consiste em:

*...trabalho de mobilização de energia, da motivação, do talento, de interesses e processos mentais dos alunos, para se concentrarem na observação, análise, comparação, integração de significados sobre os objetos de estudo e reflexão, como condição para sua formação e aprendizagem. (Lück 2014, p.45)*

Entende-se que a gestão da aprendizagem é um processo em que o estudante está envolvido por inteiro e em todas as suas dimensões — a cognitiva, a psicomotora e a afetiva. Envolve a mobilização e a canalização da atenção dos estudantes, devendo neles ser estimulada a motivação, sobretudo para que possam aplicar seus talentos e seu potencial, mediante atividades de observação, análise, reflexão e construção de significados acerca de questões apresentadas em experiências pedagógicas.

Nesse contexto é que o professor deve empregar uma gestão eficaz da sala de aula, deve exercer um trabalho de liderança, mobilização e articulação de condições humanas, materiais e técnicas para que a sala de aula seja uma comunidade de aprendizagem onde os estudantes aprendam o máximo possível e desenvolvam sua capacidade de resolver problemas, de trabalhar em equipe, de organizar, significar e avaliar dados e informações, além de fazer bom uso dos bens culturais disponíveis.

Dessa maneira, a gestão da aprendizagem, baseada nos fundamentos da aprendizagem dialógica, apresenta-se como base para um novo modelo de gestão da sala de aula, onde o enfoque do processo ensino-aprendizagem seja o estudante e não o professor; e que o aprender seja mais importante do que o ensinar.

## PAULO FREIRE E A BASE DIALÓGICA DA APRENDIZAGEM

Numa breve reflexão etimológica, temos que “Diálogo” é o resultado da junção dos termos gregos dia e logos, onde dia significa “através”, e a palavra logos, por sua vez, foi traduzida para o latim como ratio<sup>1</sup>. Contudo, essa palavra tem vários significados, tais como “fala” e “verbo”. Numa compreensão mais antiga do termo, logos significa “relação”, “relacionamento”<sup>2</sup>.

Desse modo, entende-se que o diálogo é uma forma de fortalecer sentidos e significados. Isto é, quando o praticamos, ele liga em vez de separar; reúne em vez de dividir. Assim, o diálogo não é um instrumento que leva as pessoas a defender e a manter as suas posições, como acontece nos debates, mas ao contrário: sua prática está voltada para estabelecer e fortalecer vínculos.

No livro Medo e Ousadia, O Cotidiano do Professor, que é resultado de um diálogo entre Paulo Freire e o professor Ira Shor da City University de Nova York, Freire sentencia:

*“... dialogar não é só dizer “Bom dia, como vai?”. O diálogo pertence à natureza do ser humano, enquanto ser de comunicação. O diálogo sela o ato de aprender, que nunca é individual, embora tenha uma dimensão individual”. (FREIRE, 1986. p. 11, grifos do autor).*

1. <http://www.teoriadacomplexidade.com.br/textos/dialogo/Dialogo-Metodo-de-Reflexao.pdf>. Acessado em 10 de novembro de 2015.

2. [http://www.portalaz.com.br/noticias/geral/293091\\_politica\\_a\\_arte\\_do\\_dialogo\\_e\\_da\\_abnegacao](http://www.portalaz.com.br/noticias/geral/293091_politica_a_arte_do_dialogo_e_da_abnegacao). Acessado em 10 de novembro de 2015.

Por uma consequência mais do que lógica, na sala de aula, uma vez estabelecidas as bases dialógicas, o sucesso da aprendizagem é inevitável. No entanto, é de fundamental importância a premissa da liberdade.

Ademais, há ainda a questão da competência dialógica, ou seja, a capacidade do professor de estabelecer o diálogo. Quando se afirma que aos estudantes deve ser dada liberdade, não se está afirmando que o professor deve deixar a sala virar de pernas para o ar. O professor deve ser o moderador; o mediador do processo dialógico, é ele que deve fazer valer as regras. Todos devem ter liberdade, mas, principalmente, todos devem dar a mesma liberdade aos outros.

A respeito desse aspecto do exercício da dialogicidade, Paulo Freire afirma::

*...uma experiência dialógica que não se baseia na seriedade e na competência é muito pior do que uma experiência “bancária”, onde o professor simplesmente transfere conhecimento.... Do ponto de vista dos estudantes, um professor dialógico que é incompetente e que não é sério provoca consequências muito piores do que um educador “bancário” sério e bem informado. (FREIRE, 1986.p. 54, grifos do autor).*

Nesse contexto temos ainda as relações que são estabelecidas entre o professor e o estudante. Elas são de grande importância e as suas bases não podem fundamentar-se na autoridade de quem sabe mais e na humilhação de quem sabe menos. Elas devem ser construídas sobre alicerces de igualdade, de horizontalidade e de cooperação para uma construção conjunta de conhecimentos.

No diálogo proposto por Paulo Freire, as pessoas encontram-se para dizer o mundo, transformá-lo e melhorá-lo, e a sala de aula deve ser o primeiro laboratório para esse exercício.

## **APRENDIZAGEM DIALÓGICA E A GESTÃO EFICAZ DA SALA DE AULA**

*Aprendizagem Dialógica se produz nas interações que aumentam o aprendizado instrumental, que favorecem a criação de sentido pessoal e social, que são guiadas por princípios de solidariedade*

*e nas quais a igualdade e a diferença são valores compatíveis e mutuamente enriquecedores. (Aubert, A.; Flecha, A., Garcia, C., Flecha, R., Racionero, S., 2008, p. 167)*

Por suas características ligadas à valorização do ser e à construção de relações solidárias e igualitárias, a aprendizagem dialógica apresenta-se como ferramenta que auxilia na superação dos desafios que permeiam o bom êxito do processo de ensino e aprendizagem nas escolas, e cuja concretização é possível a partir de sete princípios: diálogo igualitário, inteligência cultural, transformação, dimensão instrumental, criação de sentido, solidariedade e igualdade de diferenças, dentre os quais, neste estudo, pretendo refletir sobre apenas dois: diálogo igualitário e dimensão instrumental.

A lista dos desafios que dificultam a aprendizagem por que passam as comunidades escolares é quase interminável, e vai desde a valorização dos profissionais da educação até a falta de estrutura das escolas, da falta de empenho dos responsáveis pelos sistemas de ensino até a pequena participação dos familiares na vida escolar de seus filhos — enfim, são muitos, mas quero destacar dois que dizem respeito à sala de aula: as relações pouco amistosas entre professores e estudantes e a falta de foco quanto a o que, para que e como ensinar.

Sobre as relações entre professores e estudantes, o fato é que são grupos concorrentes e, por que não dizer, inimigos. Essa relação, em algumas realidades, é de verdadeira beligerância, às vezes porque existe o uso exacerbado de um autoritarismo que não se justifica por parte do professor; às vezes porque o estudante não vê mais no professor uma referência, por isso não o respeita e o desafia constantemente.

Com o exercício do diálogo igualitário essa barreira pode ser superada. No diálogo igualitário entende-se que nenhuma ideia vale mais do que outra simplesmente pela posição de poder de quem a emite. Todas as ideias são respeitadas. Nessa perspectiva, as relações se dão de maneira horizontal, onde todas as pessoas têm as mesmas condições e oportunidades, e onde o desrespeito e o autoritarismo tendem a dar espaço à compreensão, ao cooperativismo, à solidariedade e à tolerância.

Acerca da falta de objetivo quanto a o que, para que e como ensinar, o que dizer? Quase 25% da população do Brasil é composta por analfabetos absolutos e analfabetos funcionais<sup>3</sup>.

Nessa sociedade da informação e do conhecimento é difícil prever o futuro de aproximadamente 50 milhões de pessoas. A indigência, o subemprego e a criminalidade são quase certos.

Ler, escrever, fazer cálculos e interpretar textos são algumas das competências que um indivíduo precisa ter a partir de certa idade e sem as quais ele não conseguirá firmar-se enquanto ser social. Assim, o acesso ao conhecimento instrumental, advindo da ciência e da escolaridade, é fundamental para a obtenção de um lugar nessa sociedade da competição, da informação e do conhecimento, e sem sombra de dúvida a sala de aula é o espaço mais legítimo para que esse conjunto de conhecimentos possa ser acessado pelas crianças, de modo que o professor, e não outra personagem, é o grande facilitador desse processo.

Concluindo, a ação do professor em sala de aula, embasada pelos princípios da aprendizagem dialógica, certamente irá auxiliar na construção de um novo entendimento sobre a aprendizagem, e com isso propiciar às crianças uma escola melhor, mais atraente e competente.

3. Dados da ONG TODOS PELA EDUCAÇÃO em <http://www.todospelaeducacao.org.br/educacao-na-midia/indice/29520/opiniao-analfabetismo-funcional/>. Acessado em 10 de novembro de 2015.

## REFERÊNCIAS

AUBERT, Adriana; FLECHA, Ainhoa; FLECHA, Ramon; GARCIA, Carme; RACIONERO, Sandra. Aprendizaje dialógico em la Sociedad de la Informacio. Barcelona: Hipatia, 2010.

CAMPOS, Dinah M. de Souza. Psicologia da Aprendizagem. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. À sombra desta mangueira. São Paulo: Olho D'água. 1995.

\_\_\_\_\_. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra. 2006.

LUCK, Heloisa. Gestão do processo de aprendizagem pelo professor. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SHOR, Ira; FREIRE, Paulo; Medo e Ousadia – O Cotidiano do Professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

<http://www.todospelaeducacao.org.br/educacao-na-midia/indice/29520/opinio-analfabetismo-funcional/>. Acessado em 10 de novembro de 2015.

<http://www.teoriadacomplexidade.com.br/textos/dialogo/Dialogo-Metodo-de-Reflexao.pdf>. Acessado em 10 de novembro de 2015.

[http://www.portalaz.com.br/noticias/geral/293091\\_politica\\_a\\_arte\\_do\\_dialogo\\_e\\_da\\_abnegacao](http://www.portalaz.com.br/noticias/geral/293091_politica_a_arte_do_dialogo_e_da_abnegacao). Acessado em 10 de novembro de 2015.



Comunidade de  
Aprendizagem

# Um ensaio sobre a relação entre Princípios da **Aprendizagem Dialógica** e histórias de vida

**Bianca Miguel**

Paper apresentado como requisito para obtenção de certificado de Formador de Formadores em Comunidade de Aprendizagem.

São Paulo, 2015

# Resumo

O texto relaciona a concepção da aprendizagem dialógica e seus princípios a histórias de vida, evidenciando o papel da transformação das pessoas — suas práticas e atuações — como os geradores primordiais de uma transformação mais abrangente que se propaga no contexto escolar:

Para isso serão utilizados os relatos de experiências de três pessoas atuantes em uma escola do município de Tremembé (SP) — uma diretora, um voluntário e uma professora — e a incorporação dos princípios da aprendizagem dialógica em suas práticas.

## **OBJETIVO:**

O objetivo do presente trabalho é estabelecer uma conexão entre os princípios da concepção da aprendizagem dialógica com as histórias de vida de pessoas envolvidas no projeto Comunidade de Aprendizagem de forma a demonstrar como estes são absorvidos e transformam as práticas, aprendizagens e atuações.

Como formadora do Projeto do município de Tremembé, selecionei relatos de três participantes desse processo de uma escola local: uma professora, um voluntário e a diretora.

Descrevo, então, como alguns princípios derivados da Aprendizagem dialógica — diálogo igualitário, inteligência cultural e dimensão instrumental — foram sendo incorporados por cada um e conduziram ao resultado expressivo alcançado pela escola, tanto na melhoria da aprendizagem e das relações como na conquista de voluntários.

A intenção é olhar para o resultado positivo da escola sob a perspectiva da mudança das pessoas condutoras do projeto, através do qual esse resultado se fez possível.



# Introdução

Tremembé é um município situado na região do Vale do Paraíba, no cone leste paulista, com 44.912 habitantes. Estão ali situados também quatro unidades de Presídios Estaduais.

Em setembro de 2014, após terem conhecido e estudado os princípios e a base teórica de Comunidades de Aprendizagem ao longo de 20 horas de sensibilização, a equipe escolar e a comunidade de 12 escolas da rede municipal decidiram aderir ao projeto.

Concepção norteadora de Comunidade de Aprendizagem, a aprendizagem dialógica fundamenta-se e expressa-se por meio do diálogo igualitário e na interação mais diversa possível entre as pessoas, sendo tais aspectos essenciais para a construção de novos conhecimentos, além de promover relações mais solidárias.

Essa perspectiva de aprendizagem configura uma mudança importante na forma como se compreende a aquisição de conhecimento no contexto escolar e em outros contextos. Coerente com a sociedade atual, em que múltiplas e acessíveis fontes de informação estão ao alcance de todos, a escola como transmissora privilegiada de conhecimento perde seu lugar e deve buscar novas formas de ensinar baseadas no diálogo e na participação de todos os integrantes da comunidade escolar.

Na prática, essa concepção, que tem no diálogo e na interação seus pilares, realiza-se por meio de sete princípios<sup>1</sup>.

1. São eles: transformação, criação de sentido, solidariedade, igualdade de diferenças, dimensão instrumental, diálogo igualitário e inteligência cultural – para efeito deste trabalho, os três últimos serão mais detidamente explorados.

Concepção que contrasta, portanto, com as unidades prisionais: nada menos dialógico e mais excludente do que o sistema prisional com o qual convive a cidade e as tantas crianças que estudam nas escolas da rede municipal, muitas delas com seu histórico de vida atrelado ao presídio com mães, pais ou parentes presos.

Cabe ressaltar que o objetivo principal da implantação do projeto é justamente a superação da exclusão social, que tem na exclusão educacional a sua principal geradora, cabendo para isso que as escolas possam cumprir plenamente sua função social ofertando um ensino de excelência, com altos resultados acadêmicos para seus estudantes.

A estratégia utilizada para o alcance dessas metas é a incorporação pela escola em sua rotina das Atuações Educativas de Êxito (AEEs), práticas que possuem evidências científicas de resultados e que se apoiam nos princípios mencionados e na participação da comunidade no contexto escolar por meio de atuações voluntárias sem as quais as AEEs não se realizam.

Quando a decisão de implantar o projeto é tomada, são definidas as etapas em que cada um dos princípios mencionados será vivenciado e incorporado ao cotidiano da escola. No contexto de Comunidade de Aprendizagem, esse processo é chamado de fases de transformação<sup>2</sup>.

Esse processo, no entanto, não é linear e algumas escolas ainda se ressentem da falta de voluntários da comunidade. Importante ressaltar que esse se apresenta como um dos maiores desafios do projeto, não apenas neste município.

Sendo assim, ainda que a Secretaria de Educação deste município apoie amplamente o projeto com a compra de livros, a formação de equipe escolar, o acompanhamento de uma equipe técnica especializada, a conquista e a fidelização de voluntários e a participação da comunidade na vida escolar — cabe à escola e às estratégias que adota a sua abertura para acolher as famílias e efetivamente dar-lhes lugar e voz.

Nesse sentido, o caso da Escola de Educação Infantil e Fundamental I Anna Queiroz merece ser destacado. A escola conta com mais de 20% dos pais atuando como voluntários.

Esse resultado só foi possível porque os princípios derivados da aprendizagem dialógica foram vivenciados e incorporados pelas pessoas, transformando as práticas e as atuações e sendo finalmente capilarizados pelas AEEs.

2. O cronograma de implantação prevê que ao longo de aproximadamente um ano as cinco fases de transformação – sensibilização, tomada de decisão, sonho, seleção de prioridades e planejamento — tenham sido realizadas e as AEEs estejam incorporadas à rotina escolar.

Cabe ressaltar que o objetivo principal da implantação do projeto é justamente a superação da exclusão social, que tem na exclusão educacional a sua principal geradora, cabendo para isso que as escolas possam cumprir plenamente sua função social ofertando um ensino de excelência, com altos resultados acadêmicos para seus estudantes.

A estratégia utilizada para o alcance dessas metas é a incorporação pela escola em sua rotina das Ações Educativas de Êxito (AEEs), práticas que possuem evidências científicas de resultados e que se apoiam nos princípios mencionados e na participação da comunidade no contexto escolar por meio de atuações voluntárias sem as quais as AEEs não se realizam.

Quando a decisão de implantar o projeto é tomada, são definidas as etapas em que cada um dos princípios mencionados será vivenciado e incorporado ao cotidiano da escola. No contexto de Comunidade de Aprendizagem, esse processo é chamado de fases de transformação .

Esse processo, no entanto, não é linear e algumas escolas ainda se ressentem da falta de voluntários da comunidade. Importante ressaltar que esse se apresenta como um dos maiores desafios do projeto, não apenas neste município.

Sendo assim, ainda que a Secretaria de Educação deste município apoie amplamente o projeto com a compra de livros, a formação de equipe escolar, o acompanhamento de uma equipe técnica especializada, a conquista e a fidelização de voluntários e a participação da comunidade na vida escolar — cabe à escola e às estratégias que adota a sua abertura para acolher as famílias e efetivamente dar-lhes lugar e voz.

Nesse sentido, o caso da Escola de Educação Infantil e Fundamental I Anna Queiroz merece ser destacado. A escola conta com mais de 20% dos pais atuando como voluntários.

Esse resultado só foi possível porque os princípios derivados da aprendizagem dialógica foram vivenciados e incorporados pelas pessoas, transformando as práticas e as atuações e sendo finalmente capilarizados pelas AEEs.

# Desenvolvimento do trabalho

## DIÁLOGO IGUALITÁRIO – A INSISTÊNCIA DE TRAZER A COMUNIDADE PARA DENTRO DA ESCOLA

Sempre que todas as vozes das pessoas participantes de um grupo são ouvidas e respeitadas, independentemente do status, posição hierárquica e lugar de poder que ocupa quem as profere — e a qualidade do argumento é o aspecto mais relevante para que uma ideia seja considerada —, está vivenciando-se o princípio do diálogo igualitário.

Num sistema escolar que se construiu alheio à participação da família, pensando na participação decisória, crítica, e não apenas informativa, construir um sistema de fato compartilhado com a comunidade se traduz numa mudança radical, que se inicia pelo genuíno desejo da gestão da escola em primeiro lugar:

A entrada da comunidade na rotina da escola propõe uma mudança de paradigma do funcionamento tradicional desta que se traduz num complexo aprendizado tanto da escola, que passa a compartilhar parte de suas decisões com a comunidade, como também da comunidade, que vivencia a mudança de uma participação apenas receptiva e informativa para outra de natureza decisória.

É a confiança, o acolhimento e a escuta qualificados da escola que permitirão a entrada ou não da comunidade. E aqui, os aspectos que mais contam não são aqueles do discurso explícito, mas os sinais subjetivos e simbólicos dessa abertura.

O cronograma de implantação prevê que ao longo de aproximadamente um ano as cinco fases de transformação – sensibilização, tomada de decisão, sonho, seleção de prioridades e planejamento — tenham sido realizadas e as AEEs estejam incorporadas à rotina escolar.

Paulo Freire afirma que a perspectiva da construção da aprendizagem dialógica é um desafio colocado para todos, uma vez que parte de uma nova premissa no contexto escolar, habituado como sistema a ser normativo e conteudista. Nesse sentido, crer que a mudança será possível e positiva é crucial.

Freire (2005, p. 93) no diz:

*Não há também diálogo, se não há uma intensa fé nos homens. Fé no seu poder de fazer e de refazer. De criar e recriar. Fé na vocação de ser mais, que não é privilégio de alguns eleitos, mas direito dos homens.*

A fé nos homens é um dado a priori do diálogo. Por isto, existe antes mesmo que ele se instale. O homem dialógico tem fé nos homens antes de encontrar-se frente a frente com eles.

Quando a comunidade escolar foi convidada a sonhar<sup>3</sup>, o processo transcorreu de forma ampla e coerente com a possibilidade e a necessidade de cada grupo.

Para os professores foi dedicado um horário de trabalho pedagógico (HTP); para os funcionários, uma reunião específica; para a coleta de sonhos dos alunos, os professores auxiliaram em classe, incluindo todos os anos até o infantil; e finalmente para os pais, lhes foram enviados, por meio dos alunos, bilhetes que explicavam a etapa e pediam que encaminhassem seus sonhos.

O mural, montado pela escola para expor os sonhos, ficou de fato carregado, mas daí ao engajamento para a realização desses sonhos o processo não foi tão imediato, e careceu de tempo e de muitas estratégias até que a participação da comunidade se consolidasse.

A diretora Letícia conta que organizou uma reunião de abertura de ano onde houve mais silêncio do que diálogo: “o primeiro chamamento para convidar voluntários resultou em zero de interesse”.

Nesse sentido, a fé na qualidade da participação da comunidade, que uma vez conquistada, traria renovação, e a perspectiva de dividir as questões e os desafios de escola, motivaram a diretora Letícia a buscar alternativas diante desse silêncio inicial.

Ela conta que uma mudança em si mesma se processou no dia em que convidou uma pessoa da comunidade para entrar. Conta ela que havia

3. Etapa inicial das fases de transformação, onde todos os integrantes da comunidade escolar registram os sonhos que têm para a escola, considerando o conjunto de aspectos que possa colaborar para que os estudantes alcancem os melhores resultados. Esse momento é essencial, é onde se constrói o sentido de mobilização e é tanto mais potente quanto mais participação tiver.

burburinhos em torno da escola, algumas pessoas ficavam na porta criticando o que supostamente aconteceria dentro dela.

Uma pessoa da comunidade bateu então à porta da escola certo dia dizendo que estava incomodada porque ouvira alguém dentro da escola gritando.

Nesse dia a diretora decidiu abrir as portas e convidar essa pessoa para entrar e conhecer a escola, e passou com ela pelas salas, onde não se confirmaram os gritos; explicou o funcionamento da escola e mostrou suas instalações.

Depois disso, os burburinhos cessaram e a diretora percebeu aí uma forma de lidar com as preocupações da comunidade: deixá-la entrar e conhecer a escola.

A partir daí começou, junto com a equipe escolar, a testar estratégias de aproximar a comunidade, conquistar e fidelizar um grupo de voluntários. Notou, por exemplo, que as reuniões maiores, no pátio, não resultavam em tanto retorno quanto as reuniões menores, com poucos pais, nas salas de aula.

“O acolhimento, oferecer um café bem cuidado, faz a diferença”, diz ela.

Sem dúvida, a forma como o espaço é preparado comunica de modo muito eficiente o quanto as pessoas são bem-vindas. Freire (2002, p. 25) diz: “A eloquência do discurso ‘pronunciado’ na e pela limpeza do chão, na boniteza das salas, na higiene dos sanitários, as flores que adornam. Há uma pedagogicidade indiscutível na materialidade do espaço.”

Outra estratégia bem-sucedida foi fazer uma simulação dos Grupos Interativos com os pais e as mães, que tiveram a oportunidade de viver a experiência, percebendo a potencialidade da atuação enquanto participantes.

E de estratégia em estratégia, o grupo foi encorpando e se fixando. Nesse sentido, não é suficiente apenas propor um espaço de fala, voz e ação para uma comunidade pouco ou nada habituada a tê-lo,

mas que a escola possa sustentá-los durante algum tempo, ainda que silenciosos, e ser paciente com a sua ocupação gradual, franqueando permanentemente novos espaços para que pouco a pouco as vozes possam povoá-los.

Letícia aprendeu a ser dialógica a partir desse exercício que se manifesta no ouvir, observar, fazer perguntas e estar aberta a receber as respostas.

Uma mãe que faz parte da equipe de voluntárias nos grupos interativos relatou:

“A repetição da diretora em convidar valeu. Ela pergunta sempre: o que você quer fazer? Quando pode fazer? Como quer fazer? E a escola oferece esse espaço.”

Letícia tem consciência de que as pessoas têm suas ocupações e que a escola deve estar aberta à participação de acordo com as possibilidades delas.

Hoje ela relata muitas contribuições das famílias e diz que construiu com elas uma rede de solidariedade e apoio com que conta para muitos outros aspectos, que vão além da participação nas Atuações Educativas de Êxito.

Atualmente são 22 voluntários atuando em diferentes frentes de forma efetiva e constante: são mães e pais engajados nos grupos interativos, uma comissão mista<sup>4</sup> que luta pela construção de uma quadra para as crianças, uma mãe que está ajudando a organizar a biblioteca da escola e verificando o acervo de clássicos para novas Tertúlias, outra que ajuda a organizar o cronograma dos Grupos Interativos e faz a confirmação por telefone com as famílias, um pai que auxilia na parte de informática.

Os espaços abertos, silenciosos nas primeiras reuniões, estão agora povoados de vozes, mãos, ideias e talentos.

4. Duas das Atuações Educativas de Êxito, a primeira delas propõe atividades de interação heterogênea entre alunos e voluntários em sala de aula. As comissões, por sua vez, são grupos que se reúnem regularmente para a tomada de decisões e são compostos por diferentes atores da comunidade escolar.

## INTELIGÊNCIA CULTURAL – SEU INOCÊNCIO: DA HORTA AOS GRUPOS INTERATIVOS

Aposentado, morador da comunidade, há algum tempo Seu Inocêncio não tinha muitas ocupações. Seus passatempos dividiam-se entre frequentar o bar vizinho e fazer a jardinagem de uma bem cuidada horta no quintal de sua casa.

A diretora Letícia, notando o talento de Seu Inocêncio para a jardinagem, convidou-o para desenvolver oficinas com as crianças no contraturno escolar. E Seu Inocêncio aceitou o projeto, demonstrando rapidamente a afinidade no trato com as crianças e na didática ao ensinar:

Estava, de toda forma, mais aproximado de suas habilidades trabalhando na horta quando foi convidado a participar também dos Grupos Interativos como voluntário.

Sem muitos conhecimentos formais, mas já empoderado de suas capacidades pelo sucesso de sua oficina de jardinagem, Seu Inocêncio aceitou novamente o desafio.

Diferentemente da grande maioria dos voluntários, ele não é pai, avô ou parente de nenhuma das crianças da escola, mas sua atuação como voluntário merece ser destacada.

Tem capacidade de observação ímpar das crianças e paciência que ajuda o grupo de que participa a focar na atividade, utilizando-se de sua inteligência cultural.

Esse princípio considera que todas as pessoas são depositárias de um saber construído em suas vivências e que a escola, como potencializadora de interações, deve abrir seus espaços educativos a diferentes contribuições, favorecendo assim o enriquecimento dos aprendizados dos alunos e dos voluntários mutuamente.

Sua forma de interação é coerente com o processo dialógico descrito por Freire (2006), “que não separa leitura do mundo de leitura da palavra, na abertura ao risco que pressupõe o diálogo”.



Para ele, esse lugar representou também a criação de novos sentidos para sua vida: percebia-se desmotivado e sem um propósito produtivo quando a perspectiva de atuar na escola surgiu, possibilitando-lhe não somente um lugar de atuação, mas também de reconhecimento por suas habilidades e talentos.

Os autores Constantino, Marigo e Moreira (2011, p. 60-61) afirmam que:

*A aprendizagem ocorre ao longo de toda existência. Essa condição é enfatizada no princípio da transformação, a partir do qual se torna possível entender que, em situações de diálogo as pessoas aprofundam suas compreensões sobre si próprias e a realidade em que vivem, reconhecendo-se como sujeitos que podem atuar coletivamente e promover transformações históricas e éticas. Assim podem transformar o sentido de sua existência, superando situações de marginalização social e promovendo ações culturais com impactos sobre suas relações familiares, trabalhistas e pessoais.*

A prática do voluntariado de forma consistente agregou conhecimentos ao Seu Inocêncio, que hoje está muito à vontade na atuação nos Grupos Interativos e em outras atividades da escola. Freire (1995/2005) afirma que “a dialogicidade supõe maturidade, aventura de espírito, segurança ao perguntar e seriedade ao responder”.

Ao longo de seu aprendizado e trabalho como educador, Seu Inocêncio foi ganhando confiança, apropriando-se de sua rica e vasta inteligência cultural, aprendendo a agregar a sua nova atribuição àquela já adquirida por seus anos de disciplinada e paciente atividade como agricultor; ao mesmo tempo em que viu sendo validada e reconhecida a sua atuação dentro de um espaço educativo.

Certamente ao ensinar a plantar as mudas na terra e ao reinventar seu lugar como alguém que promove mudanças positivas e possibilita as crianças a aprenderem mais, Seu Inocêncio elabora e pactua todos os dias com essa aventura.

### **DIMENSÃO INSTRUMENTAL – PROFESSORA MARY:**

## SOLIDARIEDADE E CONTEÚDO SERVIDOS JUNTOS

A dimensão instrumental diz respeito às aprendizagens dos instrumentos fundamentais para se operar e ser incluído na sociedade atual, como por exemplo a capacidade de ler, escrever, realizar operações matemáticas, dialogar, refletir, entre outras habilidades escolares.

A escola, nesse sentido, é o lugar a que, consensualmente, a sociedade confia o aprendizado desse conjunto de conhecimentos essenciais aos estudantes.

O cumprimento ou não dessa tarefa será o fator determinante para que os estudantes, sobretudo os menos privilegiados, acessem um novo patamar e possam realizar seus projetos de vida, ou, na sua ausência, reproduzir ciclos de pobreza e exclusão a que estão submetidos.

Dito isso, a educação de qualidade, que aporte suficiente conhecimento instrumental para todos os estudantes e não apenas para alguns, é uma orientação perseguida em Comunidades de Aprendizagem através das AEEs.

Os Grupos Interativos, uma AEE onde há uma reorganização de estudantes em sala, com grupamentos que favorecem a interação entre os alunos e são mediados por um voluntário, figuram como um recurso eficaz e viável de ser realizado em qualquer contexto.

No caso da Escola Anna Queiroz, os Grupos Interativos estão em funcionamento em todas as salas. Numa delas, a do quinto ano, alguns déficits vinham sendo acumulados desde o segundo ano e os Grupos estão sendo importantes no alcance de um nivelamento entre os estudantes da turma.

Nessa classe, quando a aula começa, os voluntários já estão lá — são cinco e dividem-se pelas mesas. Apesar de a maioria já conhecer o processo, a professora Mary faz questão de explicar uma vez mais a atuação e a função dos voluntários em cada grupo.

Sua aula segue ruidosa e produtiva, os meninos e as meninas

interagindo e se ajudando, explicando as atividades uns aos outros e indagando-se.

Ali o barulho das crianças falando é bem-vindo, corroborando a afirmação de Freire (2005, p. 90): “não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação reflexão.”

Os Grupos Interativos vêm acontecendo desde março deste ano e desde o início tiveram a adesão da professora, que se encantou com a atuação e os resultados que já vem sendo percebidos, tanto em relação ao desempenho acadêmico como também na qualidade das relações.

A diretora conta que no último simulado para a Prova Brasil, a professora prometeu presentear com balas os alunos com os melhores resultados. Depois que o resultado saiu, ela se deu conta de que terá muitas balas para comprar, já que grande parte dos alunos teve ótimo desempenho com vários deles inclusive acertando 100% das questões.

Muito evidentes também são os resultados sobre as relações — alunos com elevados problemas de concentração, muito inquietos nas aulas regulares, encontram foco e disciplina para resolver as atividades quando trabalham em Grupos Interativos.

O dialógico e o instrumental caminham juntos e cooperam mutuamente para os resultados da sala, possibilitando aos alunos os melhores resultados:

*“Quando meninos e meninas trabalham em Grupos Interativos aprendem ao mesmo tempo matemática e solidariedade.” (CREA, 1999)*

# Considerações Finais

Munido de sólida base científica, chancelada pela comunidade científica internacional, e de AEEs que garantem resultados, poderia se assumir num sentido mais abstrato que o projeto Comunidade de Aprendizagem é capaz de produzir os resultados esperados simplesmente por meio do aceite da escola e de sua implementação.

No entanto, o que fica claro na vivência do projeto é que a base teórica deve ser convertida em prática viva das pessoas envolvidas no projeto para que a transformação da escola ocorra de fato.

Estudar e conhecer a base conceitual do projeto e acumular consistência teórica são um aspecto sem dúvida importante para que o rigor necessário à execução das AEEs seja assegurado.

Esse, no entanto, é apenas o primeiro passo de muitos outros em direção à construção de uma prática que se verifique de fato dialógica.

É apenas quando as pessoas são capazes de revisar sua atuação, por meio da incorporação dos princípios da aprendizagem dialógica, que a alma e a substância de uma Comunidade de Aprendizagem se realizam.

Os relatos dessas experiências conduzem à reflexão de que a incorporação dos princípios dialógicos opera primeiro no indivíduo por meio de um processo de autoeducação. Nesse sentido, somente quando me capacito e me educo é que me torno capaz de educar o outro.

Franquear espaços de diálogo igualitário e confiar na voz da comunidade, como foi relatado no caso da diretora Letícia, ou apropriar-se da própria inteligência cultural no exercício de se tornar um educador (como no caso do voluntário Inocêncio), demanda abrir-se, apreciar, rever-se, confiar; é, em última análise, um exercício de coragem muito profundo.

As estórias descritas mostram uma trajetória cada vez mais observável entre pessoas engajadas numa Comunidade de Aprendizagem, que corajosamente se abrem e incorporam os princípios da aprendizagem dialógica estabelecendo conexões umas com as outras, investindo na renovação de suas atuações e alcançando assim a melhor expressão de si mesmos na execução desse trabalho.

Assim como Paulo Freire (1997) observou, a “educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo”.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Cadernos de formação Comunidade de Aprendizagem adaptados a partir de materiais de formação do CREA – Instituto Natura.

CREA. 1999. Cambio Educativo. Teorías y prácticas que superan las desigualdades. Jornadas Educativas del Parque Científico. Organizadas por CREA y celebradas en

Barcelona los 21 y 22 de noviembre de 1999.

CONSTANTINO, F., MARIGO A., MOREIRA R. 2011. Bases para Educação e Transformação no Brasil. Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa – Departamento de Teorias e Práticas Pedagógicas – Universidade Federal de São Carlos, Brasil. Multidisciplinary Journal of educational research.

FLECHA, R. 1997. Compartiendo palabras. Barcelona: Paidós.

FLECHA R., VARGAS J. 2000. Aprendizagem dialógica como “agente especialista”. Contextos Educativos 3, 81-88.

FREIRE, P. 1996. Pedagogia da Autonomia. Brasil: EGA.

FREIRE, P. 2005. Pedagogia do Oprimido. Brasil: Paz e Terra.



Comunidade de  
Aprendizagem

# A Formação como **Aprendizagem Dialógica** na Comunidade de Aprendizagem

**Cláudia Cruz Soares**

Pedagoga e Mestre na área de Paisagem e Ambiente

Cursista na Formação de Formadores de Comunidade de Aprendizagem,  
professora universitária e formadora na área de educação

23/10/2015

# Resumo

Este paper propõe uma reflexão sobre a observação e a vivência de uma formadora e o seu primeiro contato com a Comunidade de Aprendizagem por meio do curso de Formação de Formadores ministrado pelo Instituto Natura, Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa (NIASE) e Centro Especial de Investigação em Teorias e Práticas Superadoras de Desigualdades (CREA) e os estágios nas escolas municipais de São Bernardo do Campo, Mairiporã e Cajamar no estado de São Paulo. A partir de um olhar estrangeiro de quem não está inserida no projeto como formadora, ao fazer o caminho formativo do curso e ao estar presente em ações no território foi possível compreender a partir das teorias estudadas a aplicabilidade e a reflexão sobre a prática e perceber a Aprendizagem Dialógica e seus princípios sendo colocados em exercício.

## **PALAVRAS-CHAVE:** **DIÁLOGO;**

Comunidade de Aprendizagem;  
Aprendizagem Dialógica;  
Interações.

## **OBJETIVO**

Refletir sobre a importância da vivência do formador na ação do projeto de forma que não atrapalhe os acontecimentos locais e o cuidado no acolhimento pelo formador do Instituto Natura, que está em campo com o formador que está fazendo o curso.

# Introdução

São muitos os desafios que os estudantes da educação pública enfrentam no seu dia a dia para aprender, e junto com eles estão os professores e a própria comunidade escolar. Hoje encontramos muitas pesquisas que se propõem a entender e a contribuir com a forma de aprendizagem dentro e fora das escolas — e a Comunidade de Aprendizagem é uma delas.

1. Filósofo e sociólogo alemão, é um estudioso da teoria crítica, herdeiro das discussões da Escola de Frankfurt.

Desenvolveu a teoria da ação comunicativa, baseada na premissa de que todas as pessoas têm capacidade de linguagem e ação. A ação comunicativa serve para transmitir e renovar o saber cultural; sob o aspecto de coordenar a ação, ela propicia a integração social; e sob o aspecto da socialização, ela serve à formação da personalidade individual. A partir da linguagem, todos podem atuar de forma comunicativa, contribuindo com argumentos para o diálogo.

2. Práticas que aumentam o desempenho acadêmico e melhoram a convivência e as atitudes solidárias nas escolas participantes do projeto.

Historicamente temos a primeira publicação sobre a Comunidade de Aprendizagem em 1978 na Escola de Jovens e Adultos de Verneda, localizada no distrito de Sant Martí (Barcelona, Espanha). Por iniciativa dos professores Ramón Flecha e Jesús Gómez, descreveram uma escola com que todos sonhavam: um conjunto de atuações educativas de êxito realizadas por meio da mobilização dos familiares e da comunidade, melhorando assim as interações e a aprendizagem dos estudantes.

Mediante esses desafios na década de 1990, o CREA começou a estudar as experiências e as estratégias educacionais que colaboravam para a coesão social e reduziam a exclusão dos estudantes com base na teoria comunicativa de Junger Habermas<sup>1</sup>. O contexto, no caso, foi a sociedade europeia, baseada nas práticas e no conhecimento, proporcionando elementos-chave e linhas de ação para melhorar as políticas educacionais e sociais locais. Ao ler esses estudos, porém, percebemos muitas semelhanças com a nossa realidade brasileira no que se refere à situação da escola pública.

Ao longo dos anos, essas experimentações das Atuações Educativas de Êxito<sup>2</sup>, por meio de observações, estudos e pesquisas, foram ficando mais evidentes, pois mostravam diferenças significativas nas aprendizagens dos estudantes nos ambientes escolares, transformando as dificuldades em possibilidades para a comunidade escolar.

A Comunidade de Aprendizagem hoje colocada em prática pelo Instituto Natura, pelo Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa



(NIASE) da Universidade Federal de São Carlos e pelo Centro Especial de Investigação em Teorias e Práticas Superadoras de Desigualdades (CREA), da Universidade de Barcelona, demonstram que é possível pensar e praticar uma nova escola tornando-a uma Comunidade de Aprendizagem (CA).

E para que mais formadores no Brasil pudessem conhecer e colocar em prática essa experiência, o Instituto Natura, NIASE e CREA montaram um curso de formação de formadores com encontros presenciais e estágio nas secretarias de educação e escolas participantes do projeto Comunidades de Aprendizagem. Assim, esse diálogo entre o Instituto, os Centros de Estudos e os participantes proporcionaram reflexões, práticas e novos conhecimentos no pensar e no agir juntos para o fortalecimento da educação dos estudantes das escolas que quiseram ser Comunidades de Aprendizagem.

O I Encontro de Formação de Formadores de Comunidade de Aprendizagem ocorreu ao longo de 2015. No mês de maio os temas abordados foram: Princípio da Aprendizagem Dialógica, pela professora Roseli Rodrigues de Melo (NIASE), e a Formação de Formadores, pela coordenadora do Instituto Natura Fernanda Pinho. Nesse encontro estavam presentes os formadores da América Latina. Em agosto a formação aconteceu com as formadoras do CREA, trazendo uma reflexão sobre a Escola como Comunidade de Aprendizagem - Atuações Educativas de Êxito e a Supervisão da Prática pela coordenadora Fernanda Pinho, do Instituto Natura, e com a presença de todos os formadores da América Latina. No mês de novembro o encontro aconteceu de forma regionalizada, pois o intuito foi apresentarmos os papers. Esse trajeto formativo foi de 86 horas presenciais, 64 horas de estágio nas escolas e 22 horas para a elaboração do artigo.

# Dialogando

Os diálogos entre os conhecimentos científicos já existentes baseados em alguns autores, como o filósofo Habermas, que entre uma de suas pesquisas constrói a Teoria da Ação Comunicativa que é na relação que se constrói o conhecimento e é nessa perspectiva comunicativa que inclui as contribuições de orientações objetivistas e construtivistas, que dão a importância aos processos de reflexão crítica, autorreflexão e à intersubjetividade, nos quais os significados são construídos em comunicação interativa entre as pessoas, por meio de consensos segundo o Relatório Includ-ed final (2011).

3. Psicólogo bielorrusso Lev Vygotsky (1896-1934). Segundo ele, toda aprendizagem acontece num primeiro momento no plano social (intersubjetivo) e, posteriormente, é apropriada pelo sujeito no plano individual (intrassubjetivo)

4. Faz parte da Fase de transformação: a fase de sensibilização consiste em divulgar as linhas básicas do projeto de Comunidades de Aprendizagem, assim como as contribuições científicas de pesquisas que mostram atuações de excelência que têm demonstrado promover o êxito escolar e a melhoria da convivência para todas as crianças em contextos plurais e diversos.

5. Faz parte das Atuações Educativas de Êxito: a forma de organização da aula que gera melhores resultados, e consiste em agrupar os alunos de forma heterogênea em subgrupos, tutorados por um adulto da escola ou da comunidade, para realizar atividades que duram em média 15 minutos. Os adultos asseguram a participação de todos por meio do diálogo e da interação.

Vygotsky também nos revela que a aprendizagem e o desenvolvimento estão vinculados ao contexto social. Bruner nos mostra que a linguagem é uma ferramenta do pensamento que nos permite pensar e atuar juntos. Podemos citar outros autores que também contribuem com a construção da Comunidade de Aprendizagem, como Foucault, Bakhtin, Midd, Wells e Freire — cada um com as suas ideias, reflexões e construções de conhecimentos mostrando para nós a importância das relações, de um conhecimento que precisa ser socialmente partilhado por aqueles que os fazem e por aqueles que os pensam. E aqui falamos de ações que provocam sentimentos, que provocam emoções, como vemos em Vygotsky<sup>3</sup>:

*Nenhuma forma de comportamento é tão forte quanto aquela ligada a uma emoção. Por isso, se quisermos suscitar no aluno as formas de comportamento de que necessitamos, teremos sempre de nos preocupar com que essas reações deixem um vestígio emocional nesse alunado. (VYGOTSKY, 2001, p. 143)*

E foi por achar interessante a proposta do CA e a convite da formadora Beatriz Siqueira que fiz minha inscrição na Formação de Formadores do CA e, nesse clima de estudos e de lembrar autores tão estudados na pedagogia, que vivenciei no estágio algumas fases do CA, como a Fase de Sensibilização<sup>4</sup>, os Grupos Interativos<sup>5</sup>, a Fase

dos Sonhos<sup>6</sup>, a Reunião da Comissão Mista<sup>7</sup> e as Tertúlias Dialógicas<sup>8</sup>. Presenciei os participantes vivenciarem o processo por meio do diálogo e das interações, onde o que está sendo dito ganha força e legitimidade, e esse envolvimento de forma direta ou indireta corrobora a aprendizagem e o desenvolvimento dos estudantes, contribuindo assim para uma sociedade mais justa e igualitária.

No universo escolar muitos atores sociais culpabilizam o aluno devido a suas defasagens em sala de aula, conforme descrevem as professoras pesquisadoras do Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa (NIASE) da Universidade Federal de São Carlos que, desde 2003, pesquisam situações corriqueiras em que o aluno não aprende porque lhe falta motivação, ou porque é menos inteligente, ou porque tem menos capacidade de elaboração, ou porque não tem o apoio da família, ou porque o seu ambiente não é propício, reforçando assim um tipo de ação estratégica que coloca no aluno a incapacidade de mudar essa situação quando, na verdade, o aluno é vítima do seu contexto social, político, econômico e escolar. Nesse sentido, um formador tem em suas mãos a possibilidade de dar um salto e posicionar-se de maneira dialógica frente às dificuldades para pensar e construir formas de como superar e alcançar ações mais transformadoras no dia a dia.

6. É a fase onde sonhamos a escola que desejamos para o futuro, momento apaixonante e criativo.

7. Faz parte das Atuações Educativas de Êxito, é a participação Educativa da Comunidade na criação de comissões para participar da gestão e na organização para planejar e organizar as transformações que ocorrerão nas escolas.

8. Baseada no diálogo, a Tertúlia acontece mediante o respeito à vez da palavra, e que pode ser da literatura à arte.

# Desenvolvimento do trabalho

A Comunidade de Aprendizagem está fundamentada na Aprendizagem Dialógica que é apresentada por meio de 7 princípios, que são: o Diálogo Iguatário, a Inteligência Cultural, a Transformação, a Criação de Sentido, a Solidariedade, a Dimensão Instrumental e a Igualdade das Diferenças. Esses princípios precisam ser incorporados a todas as atuações e fases do projeto.

Para compreender melhor a força do diálogo, propomos aqui uma reflexão com algumas ideias de Paulo Freire, David Bohm e as formadoras do Instituto Natura, Beatriz Siqueira, Bianca Miguel e Madalena Monteiro.

O diálogo é muito mais do que um vai e vem de ideias, de pontos de vista ou opiniões, mas sim uma ação que faz emergir um novo fluxo de conversação. Falar sobre o pensamento não somente a partir do que está estruturado, mas também a partir de como se dá essa estruturação.

Freire primeiramente apresenta o diálogo como parte de construir o conhecimento e em seguida sobre a importância da aprendizagem dialógica, como ele coloca em seu livro Pedagogia da Esperança quando diz que “não sou se você não é, não sou, sobretudo, se proíbo você de ser!” (FREIRE, 1997, p. 100)

E nesse processo as escolas podem Ser espaços potencializadores se houver gestores, professores e familiares que compreendam a necessidade do diálogo igualitário, como explica a formadora:

*A capacidade dialógica é algo que se percebe de forma subjetiva, simbólica, ou seja, uma escola que oferece um espaço, chama os pais, prepara cafés, nem sempre está de fato implicada com o princípio da*

*aprendizagem dialógica e isso é percebido pelas pessoas. Nota-se na capacidade de agregar ou não voluntários, por exemplo. (Formadora Bianca Miguel)*

Para Bohm (2005), diálogo é reelaborar o sentido daquilo que já foi dito, perceber algo novo, é estar e fazer junto alguma coisa.

Em seus estudos, Bohm descreve que, ao iniciar um novo grupo, ele coloca para o mesmo que pensem sobre o que é Diálogo e do que estamos falando, e para isso ele começa pela etimologia da palavra e a partir daí é possível conhecer o seu significado mais profundo.

*“Diálogo” vem do grego diálogos. Logos significa “palavra” ou, em nosso caso, poderíamos dizer “significado da palavra”. E dia significa “através” e não “dois”, como parece. O diálogo pode ocorrer com qualquer número de pessoas, não apenas com duas. “Mesmo uma só pessoa pode ter o sentimento dialógico dentro de si.” (BOHM, 2005 p.34)*

Nesse sentido, Bohm descreve que o diálogo é essa busca que nos atravessa, que flui e que faz com que possamos pensar em novos significados na totalidade do grupo. Para ele, o diálogo une as pessoas e a sociedade e esse unir é traçado a partir da educação, e não existe aprendizagem sem envolvimento, o que faz com que estejamos em constante transformação.

Como diz Freire (1997), somos seres de transformação e não de adaptação, temos a capacidade de nos transformarmos individualmente e também coletivamente.

Por isso, ao ler as referências e ao ver em campo, percebemos que a Comunidade de Aprendizagem constrói um processo de Transformação que é composto pela fase de sensibilização, a tomada de decisão em querer o projeto, o sonho, a seleção de prioridades, realizando assim planejamentos que culminem na real transformação da escola. Mas uma pergunta é fundamental fazer: como realizar cada fase se não

acreditarmos no diálogo como elemento fundamental construtor de uma sociedade mais justa?

Segundo a formadora Madalena Monteiro, a Aprendizagem Dialógica se faz na vivência, o que é essencial para o projeto.

*Ela coloca como protagonistas da aprendizagem todos os atores da cena educativa, independentemente do cenário montado em cada uma das escolas e de seu entorno. A implementação de uma Comunidade de Aprendizagem, nos termos fundamentados pela pesquisa Includ-ed e pelo CREA, só pode ser possível a partir do momento em que as pessoas envolvidas estejam abertas para viver uma mudança que é primeiro interna e que para muitos é sutil, mas para outros é radical. (Formadora Madalena Monteiro, 2015)*

O diálogo é uma potencialidade humana de escutar, escutando-se, em que a preocupação de responder é menor que a de escutar, escutando-se. Condição dialógica necessária para tentar dar conta de uma relação entre teoria e prática para além da fragmentação do mundo.

Buscamos em Freire (1997) as suas considerações, pois ele diz que a “educação, na verdade, precisa tanto de formação técnica e científica como sonhos e utopia.”

Nesse sentido, a fase dos sonhos pode parecer utópica, mas é aqui que podemos perceber o sonho igualitário e a reflexão que desencadeia em como transformar as dificuldades em possibilidades. O potencial da etapa do sonho está no compartilhamento do mesmo, e o conhecimento é construído entre pessoas que dialogam.

A formadora Bianca Miguel, em sua vivência da Fase dos Sonhos, descreve que

*A coleta dos sonhos é em si um processo dialógico, que pode ser tanto mais dialógico quanto mais a escola se dispuser a ouvir e se abrir para o que é colocado pela comunidade. E isso segue em todas as etapas subsequentes. (Formadora Bianca Miguel, 2015)*

Mas pensar dessa maneira não é fácil e não aprendemos isso na nossa história, pois nosso modelo de educação formal vivenciado pela maioria de nós educadores é de uma educação que não privilegiava o diálogo, mas sim o professor como mero e único detentor do conhecimento e da palavra. E não é levado em conta que em grupos, desde pequenos, temos nossas opiniões e pressupostos básicos da vida e, com o passar dos anos, vamos reelaborando nossas convicções e ideias.

Segundo Bohm (2005), caminhamos com pressupostos que são da nossa cultura, do nosso interesse, do país, de fatores religiosos, e o que pensamos tem importância. Quando somos questionados, defendemos nossas ideias ou ideais, como é descrito num dos princípios da Aprendizagem dialógica a Inteligência Cultural, em que todas as pessoas têm capacidade de ação e de reflexão, e as pessoas devem ter condições de se expressar de forma igualitária.

Hoje podemos perceber que as novas práticas pedagógicas precisam

# Conclusão

reconhecer e considerar o indivíduo em seu contexto sócio-histórico inserido nas ações coletivas e colaborativas. Portanto, é nesse sentido que se dá o processo de desenvolvimento cognitivo nas relações. E transpondo isso para a prática, estamos falando de qualificar a relação entre comunidade e escola, as velhas e as novas gerações, por meio de práticas de aprendizagens colaborativas.

*De acordo com o modelo histórico-cultural, os traços de cada ser humano estão intimamente relacionados ao aprendizado, à apropriação do legado do seu grupo cultural. O comportamento e a capacidade cognitiva de um determinado indivíduo dependerão de suas experiências, de sua história educativa, que, por sua vez, sempre terão relações com as características do grupo social e da época em que ele se insere. Assim, a singularidade de cada indivíduo não resulta de fatores isolados, mas da multiplicidade de influências que recaem sobre o sujeito no curso do seu desenvolvimento. (REGO, 2002, p. 50)*

Mas esse processo não é fácil e não muda da noite para o dia. Por isso, segundo a formadora Beatriz Siqueira, os princípios da Aprendizagem Dialógica são fundamentais para a base teórica de CA, mas é um desafio.

*O que observo e vivencio é que a maioria das escolas está aprendendo a lidar com essa nova forma de atuar, pois não é fácil para uma diretora dentro do sistema educacional que conhecemos bem sentar numa mesa de igual para igual para discutir e tomar decisões conjuntas com alunos, mães, funcionários de apoio, pessoas que em sua maioria mal têm o ensino fundamental completo. O contrário também acontece, dessas pessoas não se sentirem a vontade de falar, de dar sua opinião perante a diretora, coordenadora ou mesmo a professora do seu filho. (Beatriz Siqueira, formadora)*



Esse diálogo associado ao processo de humanização, como colocado por Paulo Freire em suas inúmeras obras, traz à tona esclarecimentos acerca do papel desempenhado pelo outro no processo de formação e desenvolvimento, o que não deixa de ser um dos principais pressupostos para a plena inclusão social e escolar de pessoas excluídas dos contextos regulares; além de aspectos próprios dos seres humanos — memória, imaginação, linguagem, dentre outros que fazem parte da essência de TODO ser humano, ou seja, deficiente ou não, rico ou pobre, alfabetizado ou não.

Portanto, podemos dizer que o diálogo visa compreender e modificar nossa visão de mundo tão fragmentada, nossa tendência à divisão, à separação e à exclusão, bem como acontece nas escolas que nos revela o quanto esse jeito de funcionar e pensar tem causado grandes problemas ao longo da história.

E na contramão disso, o projeto Comunidade de Aprendizagem visa transformar a estrutura escolar; significa reconhecer que o professor sozinho não pode garantir uma educação de qualidade, mas para que isso aconteça é preciso ressignificar o diálogo pautado na colaboração com a equipe escolar; com as famílias, com a comunidade e com outros profissionais da educação e de outras áreas, planejando caminhos para os sonhos colaborativos.

Mesmo após leituras e compartilhamentos de relatos e informações, mas ainda de forma inicial como observadora, foi possível perceber nos encontros de Sensibilização, nos Grupos Interativos e nas Tertúlias Literárias, que, ao participarem, as formadoras também se reconstróem nos diálogos a partir dos grupos presentes, e alguns diretores sentem-se mais fortalecidos quando entendem os princípios da aprendizagem dialógica e compõem suas comissões mistas.

Nas Ações Educativas de Êxito as famílias mostram-se mais propensas a se envolverem diretamente com a aprendizagem das crianças e poderem desempenhar papéis importantes nos estudos dos estudantes. Para os familiares, isso mostra a importância da sua ação e do seu apoio, enquanto adulto, ao universo estudantil, ao passo que os estudantes conseguem e querem ao longo do tempo mostrar e produzir para a comunidade escolar os seus resultados positivos.

## BIBLIOGRAFIA

BOHM, David. Diálogo – Comunicação e Redes de Convivência. São Paulo: Palas Athena, 2005.

CENTRO ESPECIAL DE INVESTIGACIÓN EN TEORÍAS Y PRÁCTICAS SUPERADORAS DE DESIGUALDADES (CREA). 2012. INCLUD-ED: Strategies for Inclusion and Social Cohesion in Europe from Education. (6th Framework Program, Citizens and Governance in a Knowledge-based Society, CIT4- CT-2006-028603). Brussels, Belgium, Directorate-General for Research, European Commission.

FREIRE, Paulo. À sombra desta mangueira. 8. ed. São Paulo: Olho D'Água, 2006.

\_\_\_\_\_. Pedagogia da Esperança. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

\_\_\_\_\_. Pedagogia da autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

REGO, Teresa C. Configurações sociais e singularidades: o impacto da escola na constituição dos sujeitos. Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea. São Paulo: Moderna, 2002.

VYGOTSKY, Lev S. Psicologia pedagógica. São Paulo: Martins Fontes, 2001.



# ATUAÇÕES EDUCATIVAS DE EXITO



Comunidade de  
Aprendizagem

# Formando e dialogando com as Tertúlias Literárias

**Gabriela Sousa da Silva**

# Resumo

Neste artigo relato como se deu a aplicação da Tertúlia Literária Dialógica e a formação de professores em 32 escolas da Rede Municipal de Educação do Rio de Janeiro. Essa ação se dá a partir da parceria entre o Instituto Natura e a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. Iniciou a aplicação de duas práticas educativas de êxito nos Ginásios Experimentais Cariocas em 2013, sendo o ponto de partida para uma futura ampliação que envolveu outras 32 escolas.

## OBJETIVO:

- Detalhar como se deu a implementação das práticas educativas de êxito;
- Pontuar a Tertúlia Literária como uma ação que objetiva melhorar a dimensão instrumental dentro de sala de aula, as convivências e o desempenho escolar;
- Explicar o processo de formação dos professores regentes e a importância do acompanhamento de suas atuações na aplicação da Tertúlia;
- Relatar a experiência vivida como formadora local em 32 escolas da SME, assim como os desafios encontrados;
- Descrever as características dessas 32 escolas e o motivo pelo qual foram escolhidas para esse trabalho;
- Expor o desempenho das escolas durante o ano letivo de 2015.

# Introdução

Comunidades de Aprendizagem iniciou em meados de 2013 em 3 Ginásios Experimentais Cariocas, hoje Ginásios Cariocas. A Secretaria de Educação aderiu ao projeto como um todo e a seus princípios.

A SME resolveu aplicar um modelo mais conciso do projeto, pois ele inteiro demandaria muito tempo. Organizou-se um grupo de escolas que possuem particularidades, tais como estarem em áreas de conflito na comunidade e apresentarem rendimento escolar abaixo do esperado.

Elas fazem parte de um grupo de 32 unidades escolares que passam, a partir desse momento, a integrar, dentro do seu dia a dia escolar, as Tertúlias Literárias e os Grupos Interativos.

A Secretaria tomou essa decisão, pois essas práticas buscariam elevar o rendimento dos alunos, tendo em vista que ainda não atendiam às expectativas de aprendizagem de acordo com seu ano de escolaridade. E observou-se, ainda, os bons resultados dos alunos dos Ginásios Cariocas em avaliações internas da rede. Sendo assim, pensou-se que a aplicação da Tertúlia seria um bom instrumento para que os professores pudessem desenvolver em sala de aula.

A SME reuniu as 32 escolas a fim de informar sobre o projeto, capacitar os diretores e cada unidade optou por desenvolver Tertúlia Literária ou Grupo Interativo. Sendo assim, por escolha de cada escola, de 32 unidades, 15 optaram por desenvolver a Tertúlia, 2 apenas Grupos Interativos e 14 nas duas práticas.

Algumas escolas aplicaram as Tertúlias em todas as turmas, organizando uma grade de horário, outras variando de 1 a 4 turmas em média, em que a prática ocorria semanalmente. Claro que, num curto período de tempo, já haviam terminado a leitura dos livros enviados pela SME.

Deram prosseguimento ao trabalho com a leitura de outros livros ou contos. Os professores relataram a melhoria na autoestima desses alunos assim como nas avaliações escritas e nas relações entre eles e com o próprio professor:

Outras escolas realizavam as tertúlias quinzenalmente e isso interferiu consideravelmente nos resultados de algumas delas.

# Desenvolvimento

A SME implementou duas práticas educativas de êxito dentro de um contexto escolar em que o rendimento era inadequado. Teve como base o pensamento de que vivemos na sociedade da informação, na qual o conhecimento se expande através das mídias; que as informações atuais são geradas por determinados produtos que movimentam os polos industriais e econômicos; e os resultados positivos obtidos na experiência dos GECs. Isso resultou na ampliação do projeto para um universo escolar de mais de 32 escolas.

A SME acredita na implementação das práticas educativas de êxito. A necessidade de uma educação que prepare os alunos para atender a uma demanda do mercado, preparando-os para a vida, desperta o interesse por essas atuações.

A SME avaliou os rendimentos de suas escolas e vislumbrou a aplicação das práticas nas 32 escolas que precisam de melhorias, calcadas na humanização das relações e na democratização do espaço escolar.

Houve uma formação com os diretores por parte do Instituto Natura e outra conosco, as formadoras da SME, vindo a atender os professores na capacitação tanto dos Grupos Interativos quanto das Tertúlias Literárias.

Todos os professores envolvidos foram formados quanto às duas práticas. Nós, formadoras, expusemos as bases científicas das práticas. Ouvimos cada professor e tiramos suas dúvidas. Realizamos uma atividade de Grupo Interativo e uma Tertúlia Literária a fim de vivenciarem na prática as ações.

Após a aplicabilidade dessa formação aos professores que escolheram desenvolver essas práticas, iniciou-se um processo de acompanhamento por parte da SME. Esse acompanhamento objetiva não somente observar a execução das Tertúlias, assim como dar orientações e fazer



reajustes necessários a fim de garantir que a Tertúlia seja aplicada segundo as ideias científicas que garantem a melhoria da aprendizagem e das relações.

Após perpassar por várias escolas que desenvolveram a Tertúlia desde o início do ano de 2015, fazem-se necessárias algumas considerações importantes.

Em algumas escolas — onde se encontra uma base melhor estruturada quanto ao pedagógico, a uma gestão inteirada de todos os acontecimentos dentro da escola e com professores comprometidos —, a prática flui naturalmente e na sua essência em mais de uma turma.

No entanto, onde a direção não está atuante na aplicação de um ambiente que dê oportunidade a boas práticas, onde os professores então voltados para a aplicabilidade de conteúdos e não propiciam alternativas de ações que ampliem o espaço de aprendizagem, a aplicabilidade da Tertúlia torna-se um desafio.

Com os professores que não aplicam a prática na sua essência, dentro de seus rigores científicos, busquei uma conversa orientadora sobre o andamento da prática e sobre os materiais de auxílio no portal de Comunidade de Aprendizagem.

Quanto ao uso dos clássicos de literatura, a SME adquiriu volumes indicados pelo Instituto Natura e distribuiu dois títulos diferentes de acordo com as escolhas que cada Unidade Escolar fez. Algumas turmas, ao término do primeiro semestre, já tinham lido os dois títulos. Isso se deve à frequência semanal da prática. Como já foi dito, algumas escolas não conseguiram se organizar semanalmente e realizaram quinzenalmente a Tertúlia, e isso fez com que se estendesse o prazo da leitura de um título. Outras escolas levaram mais tempo por não conseguirem executar a prática nem com frequência quinzenal, o que se deve a problemas diversos tais como falta de água, disponibilidade de professor e outros compromissos escolares.

As escolas esgotaram a leitura e buscaram outras alternativas, nem sempre buscando os clássicos. Com a visita de acompanhamento

da SME, ao observar esse fato orientei que a escola buscasse outras possibilidades de leitura, como os contos, uma vez que a eficácia da prática se dá pela leitura dos clássicos universais. A SME possui ainda um portal de livros, a EDUCOTECA, onde se encontram clássicos da literatura e que poderia ser usado. A Secretaria também orienta a buscar a sugestão de contos na internet a partir da indicação do Instituto Natura no portal de CA.

Em nossas visitas de acompanhamento, observamos a atuação do professor, o entrosamento dos alunos, suas colaborações e em que nível ocorrem as práticas. Ao término, fazemos considerações com o objetivo de auxiliar o professor nas próximas realizações.

A aplicabilidade da Tertúlia surgiu como elemento que enseja o diálogo igualitário dentro das salas de aula, levando o aluno a interagir mais com seus colegas e professor ao expor seus pontos de vista e ao propor argumentos que embasarão suas falas. As interações permitiram aos alunos novas compreensões a partir da diversidade de colocações. O debate e o confronto de ideias garantiram o espaço igualitário dentro de sala de aula.

Os professores sinalizaram que essas pontuações acima relatadas são observadas durante cada execução e, ainda, que os conflitos dentro de sala diminuíram consideravelmente. Mas isso, preciso afirmar, surge quando a prática ocorre com frequência e dentro das suas características científicas.

As Tertúlias Literárias surgem dentro de um contexto diferenciado e essa diversidade estimula a produção da coletividade de conteúdos a partir do momento em que todos participem. É importante que o professor dê oportunidade para que todos participem.

Sendo assim, a execução dessa prática visa superar as dificuldades encontradas no dia a dia. Com o acompanhamento das escolas, observei algumas turmas que mudaram seus perfis. Iniciaram com muitas dificuldades em relação à aprendizagem, alunos com baixa autoestima e com o comportamento inadequado inclusive durante a própria prática. Encerraram o ano com esses perfis desfeitos.

Houve uma resistência inicial quanto ao uso apenas do Clássico de Literatura em algumas escolas. Não com relação ao clássico, mas por acreditarem que essa tarefa poderia ser executada com qualquer leitura. Naturalmente, houve a necessidade de orientar os professores quanto à necessidade da leitura do clássico, que garante a aprendizagem básica da compreensão da sociedade. Ela permite que o aluno se identifique com questões cotidianas de forma bem natural e espontânea.

Os alunos se sentem muito à vontade durante a prática. Inicialmente, alguns se omitem por vergonha. Mas após algumas Tertúlias já terem acontecido, acabam se soltando e participando, mesmo que timidamente. Acabam despertando para outras leituras e inclusive participando mais das outras aulas.

Alunos com dificuldade de leitura e de escrita acabaram se empenhando mais em sua melhoria, pois eles querem cada vez participar mais e mais da prática. Querem opinar, querem participar. Várias são as vezes em que os alunos afirmam que suas leituras melhoraram.

# Conclusão

Muitas foram as evidências de benefícios no dia a dia da execução da Tertúlia Literária. Os professores indicaram que seus alunos se sentiram mais à vontade para se expressar em sala de aula. Eles gostaram muito, pois a Tertúlia foi o espaço para que pudessem falar o que sentiam sobre alguma passagem da leitura do livro. Podiam expressar suas opiniões sem se preocupar com o que o outro colega iria pensar.

Os professores também relataram que o comportamento dos alunos melhorou bastante. Isso eu também pude verificar visitando a mesma escola no início do ano letivo e ao final. Estavam mais atentos, mais dedicados ao momento em que estava ocorrendo a prática. E isso, de acordo com esses professores, se refletia em outras aulas.

Eles estão sabendo ouvir mais. E quanto aos alunos que possuem dificuldade de leitura, esforçaram-se para melhorar; pois assim poderiam participar cada vez mais da Tertúlia. Ou seja, já colhemos bons frutos desse trabalho, que vem alterando consideravelmente algumas turmas das escolas atendidas.

Num curto período de tempo os alunos demonstraram maior desenvoltura com a leitura. Sua capacidade de expressão oral evoluiu consideravelmente, assim como as suas expectativas em relação ao desempenho em sala de aula. Os alunos passaram a se sentir mais motivados e dispostos em outras disciplinas. Mediante a minha visita às unidades escolares, os próprios alunos faziam questão de falar de suas conquistas e melhorias. Vinham até nós para fazer leituras dos murais das escolas, de trechos dos livros, a fim de demonstrar o quanto melhoraram.

Os professores também relataram ter observado uma movimentação diferente em sala de aula.

Quanto ao desempenho escolar nas provas bimestrais, nas escolas que

desenvolvem as tertúlias semanalmente e quinzenalmente (e dentro dos rigores científicos), os resultados — em sua grande maioria — demonstraram uma elevação na média da turma.

Acredito que, se mais turmas realizassem a prática, teríamos já um outro ambiente escolar como um todo. É preciso que as escolas se sensibilizem quanto a isso. Também acredito que a SME, possibilitando que essa prática possa se manter no próximo ano, levará as escolas a se organizarem cada vez mais de modo que mais turmas possam aderir à prática, incluindo assim essa ação em seu planejamento escolar.

## BIBLIOGRAFIA

- Consulta aos seguintes artigos no Portal de Comunidade de Aprendizagem:

- A aprendizagem dialógica como “agente especialista” na resolução de conflitos. Ramón Flecha Julio Vargas;
- Tertúlia Literária Dialógica: espaço de aprendizagem dialógica. Roseli Rodrigues de Mello;
- Tertúlia Literária Dialógica: compartilhando histórias. Ramón Flecha, Roseli Rodrigues de Mello.

- INCLUD-ED



Comunidade de  
Aprendizagem

# Por que a Tertúlia Literária Dialógica na Escola Pública?

**Susan Rocha**

Mestranda em Tecnologia da Informação e Comunicação nos Processos  
Educaçãois – Universidade Estácio de Sá – UNESA. Pós-graduada em  
Gestão Pública pela Universidade do Rio de Janeiro – UNIRIO.

# Resumo

Este artigo apresenta o programa de leitura implementado em meados de 2013 no Rio de Janeiro em parceria com o Instituto Natura através do projeto Comunidade de Aprendizagem, desenvolvido pelos centros de pesquisas NIASE (Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa) e CREA (Centro de Investigação em Teorias e Práticas e Superação de Desigualdades). Nosso objetivo é mostrar a prática de atividades culturais e educativas que estão baseadas em pesquisas que apontam sete atuações de êxitos capazes de promover a interação social e a leitura dialógica. Entre essas atuações, relataremos a experiência das Tertúlias Dialógicas desenvolvidas em 16 escolas municipais.

## **PALAVRAS-CHAVE:**

Tertúlia Literária; Comunidade de Aprendizagem; Escola Pública; Transformação Social.

# Introdução

O Projeto Comunidades de Aprendizagem é um conjunto de atuações educativas que visa à transformação social por meio de práticas que promovem o conhecimento, a cultura e as interações sociais. Esse projeto tem como base as concepções dos estudos apresentados por Flecha (1997), Freire (1997), Castells (1971), Del Rio (2002) e Gómez et al (2006). O projeto tem como estratégia sete atuações educativas de êxito que comprovam, através de pesquisas, aumentar o desempenho acadêmico. Essas práticas se referem a Grupos Interativos, modelo dialógico de resolução de conflito, biblioteca tutorada, participação educativa da comunidade, formação de familiares, formação pedagógica dialógica e Tertúlia Dialógica. Destacaremos, ao longo do texto, a Tertúlia Dialógica, a qual promove a construção coletiva do conhecimento, as relações igualitárias e valores como solidariedade, confiança e respeito mútuo por meio do diálogo.

Os princípios do projeto Comunidades de Aprendizagem são baseados no diálogo igualitário, inteligência cultural, transformação, dimensão instrumental, criação de sentido, solidariedade e igualdade de diferenças. Destes princípios, o texto irá abordar a criação de sentido, a solidariedade e o diálogo igualitário.

A criação de sentido permite ao aluno sonhar, compartilhar suas emoções, crescer individualmente a partir das atividades coletivas. É uma forma de recuperar sua autoestima através do diálogo. Del Rio (2002) acrescenta que a aprendizagem deve ir além do conhecimento e promover o desenvolvimento qualitativo por meio das atividades reais, do cotidiano do aluno. A transformação e a igualdade das diferenças são defendidas por Freire (1997), enquanto se reconhece a diferença do outro, pois para que a proposta da educação seja coerente à sociedade da informação, todos devem estar incluídos, seja no âmbito político, econômico, educativo ou cultural. Essa é a transformação social que se espera alcançar diante dos desafios impostos pela sociedade da informação.



O diálogo igualitário é o princípio que norteia a Tertúlia Literária, desenvolvendo o diálogo livre entre alunos e professores. Mas o que é Tertúlia Literária Dialógica? É uma prática de leitura que consiste num encontro ao redor da literatura, no qual os participantes leem e debatem as obras clássicas em sala de aula por meio de uma dinâmica interativa que amplia as competências leitoras e eleva o nível de conhecimento do aluno através do diálogo. Melo (2003, p. 2) afirma que não é intenção da Tertúlia Dialógica analisar as entrelinhas do texto, “mas sim promover uma reflexão e um diálogo a partir de diferentes e possíveis interpretações que derivam de um texto”.

A solidariedade é observada nas Tertúlias Dialógicas em seu processo de inclusão, pois se busca promover a aprendizagem em conjunto. Essa interação contribui para o respeito; saber ouvir e apoiar o outro. Segundo Castells (2000), a sociedade da informação se constitui de um “novo paradigma tecnológico”, organizado em torno das tecnologias da informação e associado a profundas transformações sociais, econômicas e culturais.

A solidariedade, o desenvolvimento de valores, a autonomia, são concepções pedagógicas que se inserem nas políticas públicas da Secretaria Municipal do Rio de Janeiro e fazem parte do Programa Ginásio Experimental, criado em 2010, para alunos do 7º ao 9º ano com o objetivo de promover a melhoria da qualidade do ensino municipal. Três escolas desse programa participaram da implementação do projeto Comunidades de Aprendizagem desenvolvendo as atuações exitosas. Em 2014, esse projeto foi ampliado para mais 32 escolas que utilizaram duas dessas práticas exitosas: a Tertúlia Dialógica e o Grupo Interativo.

# Desenvolvimento

## TERTÚLIA LITERÁRIA: UMA PRÁTICA DE LEITURA NA ESCOLA PÚBLICA

Do universo das 32 escolas, tive a oportunidade de acompanhar durante o ano de 2015 16 escolas que desenvolveram essas práticas literárias, além de formar professores para serem os mediadores desse projeto em suas escolas. Essas unidades escolares se distribuem em 10 Coordenadorias Regionais de Educação (CRE) localizadas na periferia da cidade.

Essas escolas pertencem ao projeto “Escolas Prioritárias” por apresentarem baixo desempenho no IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) e, por essa razão, estão vinculadas a projetos que desenvolvem atividades que incentivem a leitura e tragam melhores resultados ao desempenho dos alunos — através do reforço escolar e das atividades extracurriculares.

A prática da Tertúlia Dialógica acontece em sala de aula ou em diversos ambientes que possam reunir os discentes e seu professor; que atuará como moderador na roda literária discutindo uma obra clássica. A principal função do moderador é garantir que todos os seus alunos participem e que suas opiniões sejam respeitadas pelos demais da turma, promovendo o diálogo igualitário. Segundo Melo (2003, p.451), “o diálogo igualitário pressupõe que o encontro em sala de aula, ou em qualquer outro espaço educativo, ocorre entre sujeitos capazes de linguagem e ação”.

É importante destacar que o texto ou o livro escolhido para a prática da Tertúlia possa ser lido, pelo menos, uma semana antes e que o discente registre em seu caderno o parágrafo que mais lhe chamou a atenção. Essa ação é fundamental para que o aluno retome o parágrafo escolhido para dialogar com o grupo no dia que fizer a tertúlia.

Ao iniciar a Tertúlia, o moderador pergunta quais alunos gostariam de comentar os parágrafos que destacaram da obra e quais gostariam de fazer os comentários. Este é, portanto, o momento em que o moderador inicia sua atividade, escrevendo os nomes dos alunos numa lista para que todos participem. Ao iniciar a roda literária com o primeiro inscrito, o aluno lê o parágrafo que destacou e explica o porquê da sua escolha, relacionando sua própria experiência, comentando sobre suas ações, criando sentido ao estabelecer a relação entre a obra e o que foi dito. Em seguida, o moderador abre um momento para os demais interagirem sobre a opinião do aluno inscrito e fazerem seus comentários, concordando ou não com o colega; essa interação reforça a aprendizagem instrumental. É importante destacar que o papel do moderador consiste na organização da conversa sem apontar erros ou acertos sobre a fala de seus alunos e nem propor uma análise da obra, evitando uma interação de poder com os participantes.

Também vale ressaltar a importância da leitura dos clássicos que expressam os grandes temas humanos, preenchendo uma lacuna cultural, permitindo o aluno refletir sobre esse universo literário.

Em agosto de 2015 foi realizado um encontro regional no Rio de Janeiro, em que todos os professores tiveram um momento para refletir e trocar experiências entre as escolas que participam do projeto Comunidades de Aprendizagem. Alguns relatos mostraram que o interesse dos alunos pela obra Dom Quixote, por exemplo, incentivou a parceria com o professor de Espanhol sobre a vida e sobre outras obras do autor. A questão da disciplina no comportamento dos alunos também se destacou como aspecto favorável, pois os discentes desenvolvem um respeito pela opinião do outro, além de promover o interesse pela leitura de jovens desinteressados e que nunca tiveram contato com esse tipo de obra. Colhemos depoimentos registrados em vídeos de alunos que contam que a Tertúlia despertou o interesse por livros e textos os quais jamais pensaram em ler; outros disseram que não se interessavam pela leitura até participarem do projeto.

Outro aspecto importante foi o avanço das notas desses alunos, principalmente em Língua Portuguesa, nos últimos dois bimestres, registrados numa planilha de desempenho por turma.

É, de fato, um momento acolhedor, em que a maioria dos alunos participa e interage, colaborando com suas opiniões e suas inferências, não se preocupando com o certo ou o errado, pois não há risco de serem censurados.

Fica evidente que, independentemente da cultura local, nossos alunos também podem valorizar outras culturas, sentirem-se incluídos num contexto universal, admirarem textos que expressem valores, compreenderem e respeitarem o que a escola pode oferecer. Essa experiência me fez refletir sobre a forma de pensar desses meninos que possuem poucas oportunidades num mundo seletivo, mas que têm tanto a oferecer a partir de seu próprio universo e de sua bagagem cultural. Muitos depoimentos e momentos emocionantes surgiram dos relatos daqueles que pouco conversam e, às vezes, passam despercebidos entre os próprios colegas da turma. Um relato de uma coordenadora da 3ª CRE me emocionou ao mostrar o quanto a percepção de alguns professores havia mudado por se sentirem sensibilizados diante de problemas que nem imaginavam que seus alunos estivessem vivenciando naquele momento, com essas atitudes sendo expostas no conselho de classe. Uma professora da 6ª CRE, que não acreditava na mudança de atitude dos alunos rebeldes e indisciplinados, nos deu seu depoimento sobre a mudança radical do comportamento do seu aluno ao ler a Odisseia, pois o mesmo era repetente, não se interessava por nenhum tipo de leitura e não realizava exercícios em sala, embora não perdesse os encontros da Tertúlia e fizesse comentários pertinentes em relação ao texto.

Essas mudanças de atitude e de comportamento nos fazem refletir sobre as ações pedagógicas praticadas pelas escolas, mostrando que simples ideias podem trazer bons resultados, propostas que saem da rotina e inovam a forma de aprender podem ser mais valorizadas pelos alunos, pois são formas atrativas de ensino que valorizam a rotina na escola, além de combater a evasão escolar.

# Conclusão

Em linhas gerais, podemos concluir que as Tertúlias Dialógicas nessas escolas nos revelaram um aumento no interesse pela leitura por parte dos alunos que pouco liam ou que não liam qualquer tipo de texto, além de avanços registrados na aprendizagem.

Percebe-se que é possível estabelecer laços fortes entre a teoria das pesquisas acadêmicas e a prática docente do ensino público, pois ambas, teoria e prática, são propostas que se entrelaçam e impactam no sistema de educação, possibilitando avanços significativos na busca pelo ensino qualificado.

A Tertúlia Dialógica oferece ao aluno a oportunidade de alcançar novas fronteiras a partir da leitura dos livros clássicos. Esse é um momento de reflexão compartilhada, sem preocupações com erros ou acertos, um momento de ação comunicativa no cotidiano escolar, que reconstrói os saberes.

Os reflexos das desigualdades sociais distanciam esses saberes, restando apenas a cultura local, numa leitura de mundo limitada ao redor da periferia urbana.

Portanto é fundamental desenvolverem-se novos espaços que ofereçam ao aluno oportunidades diversificadas de acesso à cultura que o permitam refletir, interagir e compartilhar conhecimento, contribuindo dessa forma para a transformação social.

## BIBLIOGRAFIA

AUBERT, A; FLECHA, A; GARCÍA, C; FLECHA, R; RACIONERO, S. Aprendizaje Dialógico en la Sociedad de la Información. Barcelona: Hipatia Editorial, S.A. 2008.

CASTELLS, M. A. Sociedade em Rede. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

MELO, R. Tertúlia Literária Dialógica: espaço de aprendizagem dialógica. Itajaí: Contraponto – Volume 3 – n.3. p.449-457. 2003. Disponível em: <http://www6.univali.br/seer/index.php/rc/article/viewFile/740/591>. Acessado em 02 de set. 2015.



Comunidade de  
Aprendizagem

# Tertúlias literárias dialógicas e a concepção dialógica de linguagem

**Juliana Ormastroni de Carvalho Santos**

# Resumo

Este artigo objetiva elucidar as possibilidades do termo “Dialógico” que constitui as publicações, os estudos e o corpus teórico-metodológico relacionados às Comunidades de Aprendizagem. Procura, mais especificamente, estabelecer as relações entre o que a referida teoria compreende como dialógico e como o vocábulo é considerado à luz dos estudos bakhtinianos sobre a linguagem. Essa discussão partirá da análise da atuação educativa de êxito Tertúlia Literária Dialógica, escolhida justificada por ser a atividade de maior adesão na implementação do projeto Comunidades de Aprendizagem no município em que atuo. Na sequência, discorrerá acerca dos aportes teóricos sobre a linguagem de acordo com Bakhtin (1934-35/1975/2014, 1979/2011, 1929/1992) e relacioná-los-á às tertúlias literárias dialógicas.

## **OBJETIVO:**

O objetivo deste artigo é promover a discussão entre a Tertúlia Literária Dialógica e os conceitos sobre a linguagem dos aportes teóricos de Bakhtin.



# Introdução

As Tertúlias Dialógicas buscam a construção coletiva de significado e conhecimento com base no diálogo com todo o alunado participante da tertúlia. O funcionamento das tertúlias dialógicas baseia-se nos sete princípios da Aprendizagem Dialógica e as tertúlias desenvolvem-se com base nas melhores criações da humanidade em distintos campos: desde a literatura até a arte ou a música.

Por meio das tertúlias dialógicas potencializa-se a aproximação direta do alunado, sem distinção de idade, gênero, cultura ou capacidade, à cultura clássica universal e ao conhecimento científico acumulado pela humanidade ao longo do tempo. Nesse sentido, existem diversos tipos de tertúlias dialógicas, como Tertúlias Literárias Dialógicas, Tertúlias Musicais Dialógicas, Tertúlias Dialógicas de Arte, Tertúlias Matemáticas Dialógicas, Tertúlias Científicas Dialógicas.

A Tertúlia Literária Dialógica, enfoque deste estudo, é compreendida como uma atividade cultural e educativa desenvolvida em torno da leitura de livros da Literatura Clássica Universal numa situação em que o grupo lê a mesma obra, as mesmas páginas, e as relacionam às suas impressões e vivências, socializando seus comentários. Trata-se de uma atividade gratuita, aberta às pessoas de diferentes coletivos sociais e culturais, na qual devem estar garantidos o diálogo igualitário e a transformação pessoal e da comunidade.

De acordo com Flecha e Mello (2005), por volta de 1975 a Escola da Verneda de Sant-Martí é fundada por educadores progressistas num bairro de trabalhadores de Barcelona, Espanha (Lleras & Soler, 2003). Em 1980, um grupo crítico de educadores e participantes da Verneda Sant-Martí criou a tertúlia literária. Em torno de 1995, quando o movimento de participantes de educação de adultos ganhou voz e vez nos espaços de decisão, outras tantas escolas interessaram-se em implantar as tertúlias como parte de sua formação. A atividade ganhou repercussão e passou a ser denominada Tertúlia Literária Dialógica.

1. Comunidades de Aprendizagem fazem referência a uma intervenção educativa que considera como primordial a ideia de escola-comunidade. A proposta foi criada e vem sendo desenvolvida pelo “Centro Especial de Investigación en Teorías y Prácticas Superadoras de Desigualdades (CREA)”, da Universidade de Barcelona/Espanha, desde a década de 1990 (Mello, 2011). Trata-se de um projeto baseado em um conjunto de Atuações Educativas de Êxito voltadas para a transformação educacional e social. As Comunidades de Aprendizagem implicam todas as pessoas, as quais de forma direta ou indireta influenciam na aprendizagem e no desenvolvimento das e dos estudantes, incluindo professorado, familiares, amigos e amigas, moradores e moradoras do bairro, membros de associações e organizações do bairro e local, pessoas voluntárias, etc. O projeto, que teve início na educação regular em 1995 na Espanha, conta atualmente com mais de 124 Comunidades de Aprendizagem. Devido a seu êxito, as Comunidades de Aprendizagem foram estendidas em nível internacional, desenvolvendo-se em centros educativos do Brasil, e foram estudadas no Projeto INCLUD-ED: Strategies for inclusion and social cohesion from education in Europe, desenvolvido dentro do Sexto Programa Marco de Investigación de la Unión Europea, como uma atuação de êxito para o fomento da coesão social na Europa por meio da educação (INCLUD-ED, 2006-2011).

No Brasil, as Tertúlias Literárias Dialógicas são difundidas e apoiadas pelo Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa (NIASE) desde 2002 e pelo Instituto Natura, com um projeto que assegura uma série de ações, desde a formação de formadores, sensibilização de professores e comunidade escolar e apoio à implementação da Comunidade de Aprendizagem<sup>1</sup>, proposta que inclui, dentre as chamadas Atuações Educativas de Êxito<sup>2</sup> que a constituem, a Tertúlia Literária Dialógica.

2. O projeto de investigação INCLUD-ED identificou e analisou Atuações Educativas de Êxito, aquelas que conseguem aumentar o rendimento acadêmico e melhorar a convivência em todos os centros educativos em que são aplicadas. INCLUD-ED demonstrou a potência de transferência das Atuações Educativas de Êxito a qualquer contexto educativo e social em todo o território europeu. INCLUD-ED é o único projeto de ciências econômicas, sociais e humanas selecionado pela Comissão Europeia entre as dez investigações europeias de maior êxito nos últimos anos. Os resultados desta investigação já foram incluídos em diretrizes e recomendações do Parlamento Europeu para superar o abandono escolar e a desigualdade educativa.

# Desenvolvimento

O termo diálogo e dialógico aparece em várias definições da Comunidade de Aprendizagem e, como veremos, não se encerra num termo valorativo apenas, mas inclui uma concepção teórica e metodológica. Iniciemos pela aprendizagem dialógica, teoria de aprendizagem desenvolvida por Paulo Freire, base das Comunidades de Aprendizagem e das AEEs.

A aprendizagem dialógica é o marco a partir do qual são desenvolvidas as práticas de êxito em Comunidades de Aprendizagem. A partir dessa perspectiva da aprendizagem, baseada numa concepção comunicativa, entende-se que as pessoas aprendem a partir das interações com outras pessoas.

No momento em que nos comunicamos e iniciamos um diálogo com outras pessoas, damos significado à nossa realidade. Assim, construímos o conhecimento primeiramente a partir de um plano intersubjetivo, ou seja, a partir do social, e progressivamente o interiorizamos como um conhecimento próprio (intrassubjetivo).

Segundo a concepção dialógica de aprendizagem, para aprender, as pessoas precisam de situações de interação. Não necessitamos somente de um grande número de interações, e que estas sejam diversas, mas também que o diálogo que se estabeleça tenha de estar baseado em pretensões de igualdade, e não de poder; o que significa que todos e todas temos conhecimentos com os quais contribuir, reconhecendo-se assim a inteligência cultural em todas as pessoas.

Mediante o diálogo, transformamos as relações, nosso entorno e nosso próprio conhecimento, de maneira que “a aprendizagem dialógica se produz em interações que aumentam a aprendizagem instrumental, favorecem a criação de sentido pessoal e social, estão guiadas por princípios solidários e nas quais a igualdade e a diferença são valores compatíveis e mutuamente enriquecedores” (Aubert, A.; Flecha, A.; García, C.; Flecha, R.; Racionero, S.; 2008, p. 167).

A aprendizagem dialógica baseia-se em sete princípios, dos quais, para atender ao objetivo deste artigo, será abordado um: o diálogo igualitário, que se trata de um diálogo respeitoso com todas as pessoas, independentemente de nível socioeconômico, gênero, cultura, nível acadêmico e idade. Dessa forma, o diálogo somente será igualitário se forem consideradas as distintas contribuições em função da validade dos argumentos, e não da posição de poder que ocupa quem os realiza. Passemos agora para a análise da linguagem sob a concepção enunciativa oriunda dos estudos do Círculo de Bakhtin.

## A LINGUAGEM NA PERSPECTIVA BAKHTINIANA

Na perspectiva de Bakhtin, a linguagem é intrinsecamente relacionada à atividade humana e à sociedade. O uso da língua acontece em forma de enunciados concretos, “unidade real da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 1979/ 2011, p. 269), relaciona-se a diferentes situações comunicativas da vida de forma que a língua integra a vida e constitui os sujeitos por meio dos enunciados que a realizam.

Tal concepção contempla a linguagem como dialógica, o que nos leva a aprofundar dois conceitos bakhtinianos: o dialogismo e a alteridade. Esses são conceitos centrais para a compreensão de linguagem que concebe “o eu e o outro como inseparavelmente ligados e tendo como elemento articulador a linguagem” (BRAIT, 1994, p. 12, grifos da autora). A palavra do outro é imprescindível na construção do enunciado; a linguagem é percebida a partir de uma concepção dialógica, uma vez que toda palavra comporta duas faces: de um lado, sempre procede de alguém e, de outro, dirige-se a alguém.

Segundo a teoria bakhtiniana, o sujeito, ao mesmo tempo em que interage com o seu interlocutor, recebe influências deste, as quais interferirão na estrutura e na organização do enunciado.

Relacionando tais considerações à prática das tertúlias literárias dialógicas, percebemos que as tertúlias constituem espaço de construção coletiva pela linguagem, uma vez que os comentários dão-se

sempre em relação aos dos demais participantes e trazem as vozes de vivências anteriores.

Há que se considerar ainda a realidade de muitas escolas em que a linguagem é usada como uma “camisa de força”, voltada ao controle e à submissão. No contexto escolar, no entanto, é comum o emprego da linguagem de forma transmissiva e imperativa. Os discursos comportam, conforme Bakhtin (1934-35/1975/2014), a palavra internamente persuasiva e/ou o discurso autoritário, que impõe a assimilação de um único sentido a ser aceito e transmitido. O discurso autoritário trata-se de um discurso compacto, inerte e praticamente imutável, pois sua estrutura é imóvel, monossêmica e rígida, o que impossibilita seu questionamento ou transformação. Nele, não há abertura a questionamentos ou diálogo, pois suas características hierárquicas bem delimitadas demandam a apropriação de um sentido único.

Por sua vez, o discurso internamente persuasivo dá vez ao dialogismo: cada voz toma as enunciações de outras vozes como estratégias de pensamento, produzindo, gradualmente, um novo discurso ainda e sempre inacabado, com um significado que é “comumente nosso e metade de outrem” (BAKHTIN, 1934-35/1975/2014, p.145). Nesse discurso, caracterizado pela interação tensa e conflituosa de vozes, de pontos de vista e de sentidos, há possibilidade de influência dialógica recíproca e constante, dado seu caráter de discurso inacabado e aberto a transformações.

Nesse sentido, as tertúlias, baseadas no princípio do discurso igualitário, distanciam-se do discurso autoritário e configuram-se como possibilidade de trocas, interações, lugar de conflitos e relevância de pontos de vista independentemente do lugar social ocupado pelo locutor e pelo interlocutor.

# Considerações Finais

Como foi possível perceber, a teoria bakhtiniana arquitetou-se sobre o dialogismo e a alteridade, numa relação em que “minha palavra precisa do outro para significar” (JOBIM e SOUZA, 2003, p.84). A alteridade é fator necessário para a compreensão do desenvolvimento e “(...) funda-se nas vozes que se entrelaçam no diálogo,” (MAGALHÃES e OLIVEIRA, 2011b, p.109).

É possível dizer que as tertúlias literárias dialógicas asseguram o dialogismo e a alteridade da linguagem, dada a relevância do papel do outro e das vozes decorridas nas interações.

Assim, o termo dialógico ganha o status de conceito relacionado diretamente à proposta das Comunidades de Aprendizagem: a possibilidade de transformação pela linguagem por meio da maneira como os sujeitos colocam-se, ouvem, são ouvidos e começam a construir novas maneiras de pensar e de interagir; recriam a percepção de quem são, como sentem e como podem agir na busca de transformação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUBERT, A.; FLECHA, A.; GARCÍA, C.; FLECHA, R. Y RACIONERO, S. (2008). Aprendizaje dialógico en la Sociedad de la Información. Barcelona: Hipatia.

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV, V. N.). (1929) Marxismo e filosofia da linguagem. 6a ed. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1992.

BAKHTIN, M. (1979) Estética da criação verbal. 6a ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. O discurso no romance. (1934-5/1975) In: Questões de Literatura e de Estética: A teoria do romance. Trad. A.F. Bernadini, J. Pereira Júnior, A. Góes Júnior, H.S. Nazário, H.F. de

Andrade. São Paulo: UNESP/HUCITEC, 1998. p.134-62.

\_\_\_\_\_. (1934-5/1975) Questões de Literatura e de Estética: A teoria do romance. Trad.: A.F. Bernadini; J. Pereira Júnior; A. Góes Júnior; H.S. Nazário; H.F. de Andrade. São Paulo: UNESP/HUCITEC, 2014.

BRAIT, B. As vozes bakhtinianas e o discurso inconcluso. In: BARROS, D.L.P. de; FIORIN, J.L. (orgs.). Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: Em torno de Bakhtin. São Paulo: Edusp, 1994, p.11-27.

Comunidades de Aprendizagem. Disponível em: <<[http://www.niase.ufscar.br/1\\_escolas-como-comunidades-de-aprendizagem-informacoes-gerais-traduzido.pdf](http://www.niase.ufscar.br/1_escolas-como-comunidades-de-aprendizagem-informacoes-gerais-traduzido.pdf)>>. Acesso em 27 de junho de 2015.

FLECHA, R. MELLO, R. R. de. Tertúlia Literária Dialógica: compartilhando histórias. Presente! revista de educação - Ano 13 - nº 48 - Salvador, mar/2005 (p. 29 - 33).

JOBIM e SOUZA, S. Dialogismo e alteridade na utilização da imagem técnica em pesquisa acadêmica: questões éticas e metodológicas. In: FREITAS, M.T.; JOBIM e SOUZA, S.; KRAMER, S. Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2003. p.77-94.

MAGALHÃES, M.C.C.; OLIVEIRA, W. de. A colaboração crítica como uma categoria de análise de atividade docente. In: MAGALHÃES, M.C.C.; FIDALGO, S.S. (orgs.). Questões de método e de linguagem na formação docente. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011a. p.65-76.

MELLO, R. R. de. Comunidades de Aprendizagem: democratização dos centros educacionais. Revista Tendências Pedagógicas, Ano 2011, nº 17 (p. 3-18).

Tertúlia dialógica. Cadernos. Disponível em: <<<http://www.comunidadesdeaprendizagem.com>>> Acesso em 13 de junho de 2015.



Comunidade de  
Aprendizagem

# Modelo Dialógico de Resolução de Conflitos – Um desafio para formadores brasileiros de Comunidade de Aprendizagem

**Carolina Ribeiro Duarte**

Consultora associada da Avante – Educação e Mobilização Social, responsável pela implementação do Projeto Comunidade de Aprendizagem nas escolas do Nordeste (Brasil). Mais informações sobre a Avante poderão ser encontradas no site [www.avante.org.br](http://www.avante.org.br)



# Resumo

O Modelo Dialógico de Resolução de Conflitos é uma das 7 Atuações Educativas de Êxito, componentes do projeto Comunidade de Aprendizagem. Esse trabalho é resultado do processo de certificação de formadores em Comunidade de Aprendizagem realizado pelo Instituto Natura, com apoio do NIASE (Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa da Universidade Federal de São Carlos) e do CREA (Centro de Investigação em Teorias e Práticas de Superação de Desigualdades da Universidade de Barcelona). Foi realizado utilizando como metodologia a revisão de literatura. Busca ampliar o conhecimento sobre o tema e com isso estimular a adoção desse modelo de resolução de conflitos nas escolas brasileiras.

## OBJETIVO

### PALAVRAS-CHAVE:

conflito; modelo dialógico de resolução de conflitos; comunidade de aprendizagem.

Ampliar o conhecimento sobre o Modelo Dialógico de Resolução de Conflitos e, com isso, estimular a adoção dessa Atuação Educativa de Êxito nas escolas brasileiras que passam pelo processo de transformação em Comunidade de Aprendizagem, garantindo assim um espaço democrático e dialógico de construção de regras, prevenção e resolução de conflitos.

# Introdução

O Modelo Dialógico de Resolução de Conflitos é uma das 7 Atuações Educativas de Êxito<sup>1</sup>, componentes do Comunidade de Aprendizagem, que é um projeto que busca a transformação social e educacional a partir da melhoria da aprendizagem instrumental e da convivência entre todos da comunidade escolar. Caracteriza-se por um modelo preventivo que envolve toda a comunidade e escolas na elaboração das pautas e das normas de convivência.

As outras Atuações Educativas de Êxito do Projeto Comunidade de Aprendizagem são: o Grupo Interativo, a Tertúlia Dialógica, a Participação Educativa da Comunidade, a Formação Pedagógica Dialógica, a Biblioteca Tutorada e a Formação de Familiares.

Essa atuação consiste numa ferramenta para resolver conflitos e é baseada no diálogo.

Para Paulo Freire, um dos teóricos de base do Projeto Comunidade de Aprendizagem, o diálogo não é apenas um método, mas uma estratégia para respeitar o saber do estudante que chega à escola. Em se tratando do Comunidade de Aprendizagem, podemos ampliar esse entendimento para: respeitar o saber de todos os atores que compõem o processo educacional na escola, como familiares, funcionários, estudantes, alunos e comunidade.

*O diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo. Se ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens o transformam, o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial (FREIRE, 1980, p.42).*

Atuações Educativas de Êxito são práticas pesquisadas e validadas pela Comunidade Científica Internacional e que efetivamente aumentam o desempenho acadêmico e melhoram a convivência e as atitudes solidárias em todas as escolas observadas.

O presente trabalho, que é produto da certificação de formadores em Comunidades de Aprendizagem — promovido pelo Instituto

Natura com apoio do NIASE (Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa da Universidade Federal de São Carlos) e do CREA (Centro de Investigação em Teorias e Práticas de Superação de Desigualdades da Universidade de Barcelona) —, tem por objetivo esclarecer e ampliar o conhecimento acerca dessa Atuação Educativa de Êxito e, com isso, estimular sua adoção nas escolas brasileiras que vem passando pelo processo de transformação em Comunidade de Aprendizagem.

## **METODOLOGIA**

Foi realizada uma breve revisão de literatura com o intuito de buscar informações que sustentassem e justificassem a escolha do Modelo Dialógico de Resolução de Conflitos como eficaz para as escolas brasileiras. Essa revisão teve por base o referencial teórico do projeto Comunidade de Aprendizagem (publicações científicas e livros) assim como outras fontes que pudessem enriquecer esse trabalho.

## **RESULTADOS**

Foi observado que a maior parte da literatura sobre o tema não foi produzida no Brasil, e sim na Espanha. Isso se deve à grande disseminação do projeto Comunidade de Aprendizagem no referido país. Há aproximadamente três décadas o CREA estimula, apoia e documenta o processo de implementação do projeto no país. Assim, o presente paper foi escrito tendo por base referências sobretudo de fontes espanholas.

## **O MODELO DIALÓGICO DE RESOLUÇÃO DE CONFLITOS**

Para compreender melhor como funciona essa Atuação Educativa de Êxito, vamos explorar seus conceitos.

## Dialógico

Define-se por dialógico tudo aquilo que pretende provocar discussão, debate, diálogo.

No projeto Comunidade de Aprendizagem muito se fala sobre a Aprendizagem Dialógica<sup>2</sup>. Acredita-se que a aprendizagem é potencializada nos contextos onde o diálogo, o debate e a discussão se fazem presentes. Nela prioriza-se a criação de atividades onde exista diálogo entre pessoas muito distintas buscando o entendimento com base nos melhores argumentos apresentados, e não nas relações de poder:

Para Paulo Freire (apud Adriana Aubert; Ramón Flecha, Carme García, Ainhoa Flecha, Sandra Racionero, 2010),

*A comunicação é fator de vida, de mais vida. Continuamente estamos em diálogo com o mundo, com os outros, e nesse processo, nos criamos e recriamos. Dessa forma, a dialogicidade não pode ser reduzida a um simples método ou estratégia educativa, já que é uma exigência da natureza humana. (p. 124)*

Num ambiente dialógico de ensino são feitas perguntas que de fato levam à aprendizagem. Não existe medo de perguntar, de ter dúvidas ou de expressar a opinião. As pessoas aprendem mais e melhor; pois se sentem participantes ativos do processo. Constroem o conhecimento a partir de relações e intervenções comunicativas.

## Conflito

Aprendizagem Dialógica prioriza as interações com maior presença de diálogos entre pessoas que sejam o mais diversas possível.

Nesse tipo de aprendizagem, se busca o entendimento de todos e a valorização das intervenções em função da validade dos argumentos dados e não pelo poder que quem argumentou tem.

O conflito surgiu junto com a humanidade. Faz parte da natureza humana e do processo de desenvolvimento de qualquer pessoa, grupo ou organização social. Logicamente, as escolas não estão isentas de conflitos.

Para Capllonch Bujosa, Figueras Comas e Lleixà Arribas (2014),

*“o conflito e sua gestão são questões que sempre geraram*

*preocupação no âmbito educativo, e se converteu em um tema-chave desde meados do século XX". (p. 149)*

Um conflito pode ser definido como uma oposição de ideias, sentimentos e/ou interesses que levam as pessoas ao desentendimento, à disputa, à luta ou à desordem. Ao

*conflito associam-se comportamentos e sentimentos negativos e prejudiciais para as pessoas envolvidas. (NASCIMENTO & SAYED, 2002)*

Torrego (2006), citado por Capllonch Bujosa, Figueras Comas e Lleixà Arribas (2014), numa proposta de identificação dos conflitos mais comuns no ambiente escolar; cita: a violência psicológica, física e estrutural, as brigas em aulas, o vandalismo, a indisciplina, o bullying, o assédio sexual, o absentismo, o abandono e os problemas derivados da falta de segurança nas escolas.

## MODELOS DE RESOLUÇÃO DE CONFLITOS

Existem muitas formas de lidar com conflitos no âmbito escolar. Para Aubert, Duque, Fisas e Valls (apud Capllonch Bujosa, Figueras Comas, Lleixà Arribas [2014]), os três principais modelos adotados nas escolas são o disciplinar, o mediador e o comunitário ou dialógico.

### **Modelo Disciplinar**

Esse modelo de resolução e prevenção de conflitos é baseado em hierarquias. Usualmente, as normas e as regras da escola são construídas pelas pessoas com mais poder; ou seja, gestores e professores. Também cabe a essas autoridades manter a convivência harmônica e a disciplina. Os estudantes e os outros integrantes da comunidade escolar não opinam sobre as regras. Todos devem cumpri-las e o desrespeito a essas normas normalmente traz como consequências punições.

*No modelo disciplinar, tradicionalmente mais utilizado, a autoridade institucional estabelece um conjunto de regras e sanções para que*

*o alunado “conflituoso” mude seu comportamento e se adapte à hierarquia e ao tipo de funcionamento estabelecido. (AUBERT; DUQUE; FISAS e VALLS, 2004 apud CAPLLONCH BUJOSA; FIGUERAS COMAS; LLEIXÀ ARRIBAS, 2014)*

No caso específico das escolas brasileiras, essas sanções vão desde uma advertência até a suspensão das aulas por alguns dias. Em casos mais extremos, o estudante pode ser expulso da escola ou encaminhado para programas alternativos.

É importante ressaltar que apesar desse modelo ser usualmente o mais adotado nas escolas do Brasil, nem sempre seus resultados são os melhores. Primeiro, na sociedade atual, as hierarquias são continuamente questionadas. Quando os estudantes têm que seguir regras que não fazem sentido para eles, quebrá-las é muito frequente.

Em segundo lugar, esse modelo, baseado em punições, evidencia o negativo e, com isso, expõe aqueles que infringem as regras. Isso acaba por vezes promovendo a rotulação dos alunos. Além disso, quando um estudante é afastado das aulas, pode haver um impacto em seu rendimento escolar.

Mesmo sendo amplamente adotado no Brasil, o modelo disciplinar não tem conseguido dirimir os conflitos nas instituições de ensino.

### **Modelo Mediador**

Considera-se o modelo mediador como um avanço em relação ao modelo disciplinar, uma vez que busca encontrar alternativas conciliadoras e não apenas punitivas frente aos conflitos.

Esse modelo tem como característica a presença de uma pessoa especialista em mediação de conflitos no ambiente escolar. A partir das normas já existentes na escola, que também são, em sua maioria, definidas hierarquicamente, busca formas de intervir em situações onde as mesmas sejam infringidas.

*O modelo mediador (...) se baseia na intervenção de uma pessoa*

*especialista em mediar conflitos. Todavia, para alguns autores, este modelo não soluciona a necessidade de que haja um especialista a todo momento para mediar e oferecer respostas dentro de uma normativa determinada. (FLECHA & GARCÍA YESTE, 2007 apud CAPLLONCH BUJOSA, FIGUERAS COMAS, LLEIXÀ ARRIBAS, 2014)*

Percebe-se que, apesar desse modelo representar um avanço em relação ao modelo disciplinar, ele apresenta algumas limitações.

Nessa forma de mediação não há a prevenção dos conflitos, mas sim trabalha-se para mediar aqueles que surgem. Além disso, a responsabilidade pela garantia da boa convivência na escola está relegada aos mediadores. Muitas vezes a solução sugerida pelo mediador pode não ser claramente compreendida pelos envolvidos no conflito. Um último ponto de limitação reside na não participação da comunidade no processo. Mais uma vez, familiares e comunidade escolar continuam à margem do processo de prevenção e de resolução de possíveis conflitos.

### **Modelo Dialógico**

No Modelo Dialógico, também chamado por alguns autores de modelo comunitário (CAPLLONCH BUJOSA, FIGUERAS COMAS, LLEIXÀ ARRIBAS, 2014), toda a comunidade escolar é envolvida no processo de busca das possíveis causas de conflitos a fim de evitá-los, na criação do sistema de regras e também na resolução de possíveis conflitos que surjam.

*Se trata, em definitivo, de criar um clima de colaboração e de reconhecimento mútuo em que as pessoas não se sintam julgadas a priori e em que as normas, o funcionamento da escola e a forma de resolver os conflitos sejam decididos conjuntamente por todos os agentes implicados. (AUBERT, et al., 2004, p.69 apud CAPLLONCH BUJOSA, FIGUERAS COMAS, LLEIXÀ ARRIBAS, 2014)*

Percebe-se então que nesse modelo a responsabilidade de garantir a boa convivência não é relegada às figuras de poder da escola ou a um profissional especialista em mediar conflitos. Ela é tarefa de todos os atores do ambiente escolar.

Esse modelo de prevenção e de resolução de conflitos exige uma organização própria. É necessário que a escola seja aberta à comunidade e que todos os agentes educativos tenham espaço para o diálogo (estudantes, professores, funcionários, família, comunidade e gestão). As escolas que adotaram o projeto Comunidade de Aprendizagem são exemplos de organizações educacionais com essas características:

*São centros educativos que desenvolvem um projeto de transformação social e cultural do centro e de seu entorno para conseguir uma sociedade da informação para todas as pessoas, baseada na aprendizagem dialógica, mediante uma educação participativa da comunidade, que se concretiza em todos seus espaços, incluso a aula. (Valls, 2000, p.8)*

No Modelo Dialógico de Resolução de Conflitos deve-se oportunizar espaço para o diálogo entre todos. Isso pode ser feito através de assembleias e reuniões, e deve preferencialmente ser organizado e mediado pelos membros das comissões mistas da Comunidade de Aprendizagem, por já atuarem numa prática cotidiana de forma participativa, colaborativa e dialógica. Nesses espaços todos têm a oportunidade de opinar, perguntar e contribuir com reflexões e, dessa forma, as regras ou o regulamento da escola são construídos coletivamente. Mas para que essas regras de fato sejam respeitadas, são necessárias algumas condições:

- 1- Que tenham relação direta com um tema importante na vida das pessoas da comunidade escolar;
- 2- Que tenham o apoio verbal de todos aqueles que participam da construção da regra;
- 3- Que sejam regras que frequentemente venham sendo quebradas na escola;
- 4- Que respondam a um comportamento possível de ser eliminado;
- 5- Que, com a superação do conflito, a comunidade dê exemplo à



sociedade e a toda comunidade escolar.

Essas condições são fundamentais para um sistema de normas que de fato atenda às necessidades da comunidade escolar e tenha sentido para todos. Isso facilita a adesão de todos e o processo de transformação das situações de conflito.

Cabe ressaltar que uma vez que a escola se encontre em processo de transformação em Comunidade de Aprendizagem, o processo de transição do modelo de prevenção e de resolução de conflitos vigente para o Modelo Dialógico de Resolução de Conflitos é paulatino. As regras que existem na escola passam inicialmente a ser discutidas por todos, de forma democrática, para que se perceba quais delas ainda fazem sentido, quais devem ser reforçadas, quais abolidas e quais as novas necessidades. A partir disso, a comunidade escolar vai apropriando-se do processo de construção das regras, e esse processo promove o engajamento de todos no processo não só de construção, como também no de manutenção destas, garantindo dessa forma que todos se sintam responsáveis pela prevenção dos conflitos.

# Discussão / Conclusão

As escolas brasileiras que passam atualmente pelo processo de transformação e aquelas já convertidas em Comunidade de Aprendizagem mostram-se, pois, como espaços férteis para a adoção desse modelo de prevenção e de resolução de conflitos. Mas por que isso ainda não acontece de forma consistente? Por que é tão comum ver que as escolas adotam e desenvolvem tão significativamente outras atuações educativas de êxito, a exemplo dos Grupos Interativos ou Tertúlias Literárias, e o Modelo Dialógico de Resolução de Conflitos ainda é tão pouco visto?

Algumas hipóteses podem ser levantadas.

Talvez por conta da tensão gerada pelas situações de conflito, as escolas tenham dificuldade em lidar com elas.

Outra hipótese é que talvez a ausência de literatura produzida no Brasil sobre o tema dificulte o entendimento dessa atuação educativa de êxito. O pouco conhecimento poderia gerar um raso interesse pela sua implementação.

E, por último, percebe-se que há pouca afinidade dos formadores brasileiros pelo tema. Afinal, para estimular a adoção desse modelo é necessário que estejamos dispostos em nos embrenharmos nas situações conflitivas a fim de tentarmos resolvê-las e preveni-las. Sem essa disponibilidade, é muito pouco provável que estimulemos a implementação dessa atuação educativa de êxito.

Todas essas questões ainda estão sem respostas. É necessário que nos debrucemos sobre essa problemática a fim de encontrarmos suas respostas. Os conflitos brotam cotidianamente nas escolas acompanhadas por nós. Promover a adoção de um modelo para resolução que coadune com os princípios do projeto Comunidade de

Aprendizagem é papel nosso. Ajudar na construção de um ambiente seguro e livre de conflitos para meninos e meninas também é tarefa nossa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3ª edição. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

CAPLLONCH BUJOSA, Marta, FIGUERAS COMAS, Sara, LLEIXÀ ARRIBAS, Teresa. Prevención y resolución de conflictos en educación física: estado de la cuestión: RETOS. Nuevas Tendencias en Educación Física, Deporte y Recreación [online] 2014, (Enero-Junio):

Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=345732291031>> ISSN 1579-1726 (Acesso em 17 de outubro de 2015)

NASCIMENTO, Eunice Maria; SAYED, Kassem Mohamed El. Gestão do Capital Humano - Administração de Conflitos. São Paulo, Gazeta do Povo, 2002.

AUBERT, Adriana; FLECHA, Ramón; GARCÍA, Carme; FLECHA, Ainhoa; RANCIONERO, Sandra. Aprendizaje Dialogico em La Sociedad de La Informacion. Barcelona, Hipatia Editorial, 2010.

<http://www.comunidadedeaprendizagem.com/material-biblioteca/11/Caderno-Modelo-Dialogico-de-Resolucao-de-Conflitos>. (Acesso em 17 de outubro de 2015)



# Tertúlia literária e roda de leitura: Outro nome ou outra essência?

**Madalena Monteiro**

*“... um especialista em educação tem conhecimentos profissionais e tem sua opinião, mas deve se destacar por seus conhecimentos e não por sua opinião.”*

*Ramon Flecha*

# Resumo

O texto traz algumas reflexões sobre a resistência dos educadores à implementação de Atuações Educativas de Êxito. Foca na Tertúlia Dialógica Literária para jogar luz sobre o que estaria por trás dessa resistência, destacando algumas diferenças entre essa atuação de êxito e as rodas de leitura.

## OBJETIVO

Refletir sobre possíveis motivos que levam os professores a acreditar que as Tertúlias Literárias e as Rodas de Leitura são a mesma atividade, só que com outros nomes.

# Introdução

Tem sido bastante comum nos encontros de sensibilização, uma das fases de transformação de uma escola em Comunidade de Aprendizagem<sup>1</sup>, encontrar educadores que ao conhecerem as Ações Educativas de Êxito, propostas pelo projeto Comunidade de Aprendizagem, afirmam já realizarem essas práticas, mas com nomes diferentes.

Assim, associam as Tertúlias Literárias com as Rodas de Leitura; os Grupos Interativos com os Agrupamentos Produtivos; as Tertúlias Pedagógicas com o uso de textos para introduzir temas de discussão das horas de trabalho coletivo; a Formação de Familiares com os encontros que realizam para que os pais aprendam sobre os conteúdos que a escola considera necessários para atuarem melhor na educação de seus filhos; a Participação Educativa da Comunidade com os Conselhos de Escola e Associação de Pais e Mestres; o Modelo Dialógico de Resolução de Conflitos com a mediação que costumam fazer entre os envolvidos em situações conflituosas; e a Biblioteca Tutorada com ações que desenvolvem no espaço da Biblioteca, mas que não garantem a extensão do tempo didático.

Vamos olhar para uma dessas atuações, as Tertúlias Dialógicas Literárias, para tentarmos levantar alguns dos motivos pelos quais se dá esse tipo de associação por parte dos educadores.

São cinco as fases de transformação de uma escola em Comunidade de Aprendizagem: Sensibilização, Tomada de Decisão, Sonhos, Seleção de Prioridades, Planejamento. Para saber mais, consulte o caderno Fases de Transformação, em <http://www.comunidadeaprendizagem.com/>

# Desenvolvimento do trabalho

## O QUE SÃO AS ATUAÇÕES EDUCATIVAS DE ÊXITO?

São práticas comprovadas cientificamente como as que produzem os melhores resultados de aprendizagem em qualquer contexto. Elas visam atender duas características básicas que a pesquisa Includ-ed (2015) comprovou serem essenciais para a melhoria dos níveis de aprendizagem dos alunos: a participação da comunidade de forma educativa dentro da escola e a proposição de agrupamentos heterogêneos com reorganização de recursos humanos, visando melhor interação e conseqüente melhora da aprendizagem por meio do diálogo entre todos.

Segundo Ramon Flecha (2015), as Atuações Educativas de Êxito atingem 3 níveis de desenvolvimento: a aprendizagem instrumental, a construção de valores e a vivência de emoções e sentimentos. As 7 Atuações são: as Tertúlias Dialógicas Literárias, os Grupos Interativos, a Formação Dialógica Pedagógica, a Formação de Familiares, a Participação Educativa da Comunidade, o Modelo Dialógico de Resolução de Conflitos e a Biblioteca Tutorada.

## O QUE TÊM DITO OS EDUCADORES DIANTE DA PROPOSTA?

Em geral, há um grande número de educadores que reage de forma positiva à proposta de Comunidade de Aprendizagem. Contudo, há também boa parte deles que resiste e questiona de forma incisiva, alegando que outras propostas lhes foram oferecidas com promessas de melhoria nos resultados e que, uma vez aplicadas, os índices de aprendizagem dos estudantes, quando não se mantiveram na mesma, chegaram até a despencar consideravelmente. Desse modo alegam ser difícil se abrir para essa nova ideia que vem com marca de “comprovada

cientificamente”, sobretudo porque, segundo os educadores, todas as atuações trazem características que os levam a associá-las a outras atividades que já realizam.

Num primeiro momento, lhes parece difícil crer que não está sendo pedido que deixem de lado as atividades que realizam e que vejam que resultam em boas aprendizagens, bem como que as Atuações Educativas de Êxito chegam para ocupar um lugar diferente — infelizmente muito comum nas escolas — que é o lugar da não aprendizagem. Muitos modismos foram e têm sido adotados para tornar a escola mais interessante, alegre, agradável e com a aprendizagem mais significativa, mas o que se tem visto é que pouco impactam na aprendizagem dos estudantes, além de disseminar entre os educadores a descrença em novas propostas.

Em vários municípios brasileiros aos quais foi apresentada a proposta de Comunidade de Aprendizagem, uma das intervenções da Secretaria de Educação diante da resistência de algumas escolas foi propor que revejam seus resultados e elaborem um plano para melhoria, já que a aprendizagem não está acontecendo. No entanto, não querem se abrir para a participação da comunidade numa parceria pela melhora da educação de todos.

Uma das Atuações de Êxito mais apontada como semelhantes às práticas já realizadas pelos educadores é a Tertúlia Dialógica Literária. Essa associação, de certa forma, se contrapõe ao péssimo desempenho leitor da população brasileira. Ou dito de forma interrogativa: se os professores já realizam “tertúlias literárias” e foi comprovado cientificamente que essa prática gera grande melhoria de resultados em termos de competência leitora e comunicativa, além de melhorar a convivência, por que os avanços não estão aparecendo nas avaliações?

## **TERTÚLIA LITERÁRIA: PERSEGUINDO EVIDÊNCIAS**

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1997) afirmam que “o trabalho com a leitura tem como finalidade a formação de leitores



competentes”. E postulam ainda que a leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto a partir de seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto e que não se trata simplesmente de extrair informações da escrita, mas de compreender o que leu. Concebem a leitura como uma prática social, um meio de possibilitar a realização de novos diálogos entre os sujeitos envolvidos no processo.

Verifica-se que o principal documento nacional que orienta as práticas de leitura em nossas escolas prevê que o ato da leitura implica interação entre texto e leitor. Não só esse, mas outros documentos do Ministério da Educação seguem a mesma linha, apontando para a necessidade de se ampliar as oportunidades de aproximação dos textos e de modo a favorecer a construção de conhecimentos a partir deles. E é isso que muitos professores têm procurado colocar em prática nas “rodas de leitura”, bem como em outras atividades de leitura, sobretudo na Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

Como dizia Paulo Freire (1994), a aprendizagem da leitura depende de muitos elementos e não pode se reduzir a um ato mecânico e descontextualizado, mas tem que ser um diálogo aberto sobre o mundo e com o mundo. Pelo que se nota nos PCNs e na prática de grande parte dos educadores, essa máxima já foi compreendida pela maioria. Por isso são realizadas, entre outras, as atividades mencionadas pelos professores como exemplo associado à tertúlia literária, as famosas rodas de leitura. Nelas, em geral, o professor lê um texto em voz alta aos estudantes e, ao final, propõe uma conversa onde todos podem falar sobre o que foi lido, associando a outras leituras, ao seu cotidiano, a filmes ou a peças de teatro.

Na leitura dialógica proposta nas Tertúlias ocorre esse mesmo processo compartilhado de ler, e esse é um dos motivos pelos quais os educadores imediatamente associam essas duas atividades.

Nessa forma de se ler entre todos podem acontecer muitos aprendizados. Por exemplo, a troca e a ampliação de interpretações a partir da leitura de diferentes obras; a construção de conhecimento

de forma compartilhada e não só por meio do saber do professor; o desenvolvimento da leitura crítica, uma vez que se pode comentar de forma muito aberta os textos lidos; a melhoria da compreensão leitora; e muitos outros aprendizados ligados à comunicação oral e ao uso da palavra falada.

Entretanto, uma diferença básica é a chave que abre as portas para a melhoria dos resultados de aprendizagem: a leitura de clássicos da literatura universal, conforme comprovado na pesquisa Includ-ed. Os professores que têm se aberto para a implementação da proposta têm comprovado que esse detalhe faz a diferença.

Ler de forma compartilhada é algo que nos ajuda na compreensão. Ora, nada mais eficaz que usar esse espaço de leitura entre todos para ler textos que ofereçam maior grau de complexidade.

As Tertúlias Literárias são uma forma de ler clássicos da literatura junto com outras pessoas, o que ajuda a resgatar o prazer de ler. Podem acontecer com pessoas de todas as idades e não só no âmbito da sala de aula. Acontecem da seguinte forma: o grupo que irá participar da Tertúlia decide conjuntamente o livro que será lido; durante a semana, todos leem o capítulo que foi combinado e cada um seleciona um trecho que tiver chamado mais a atenção; no momento da Tertúlia uma pessoa do grupo ocupa o lugar de moderador; este moderador não precisa ser especialista em literatura ou possuir um alto nível acadêmico, pode ser qualquer um dos participantes, desde que consiga exercer o diálogo igualitário, um dos princípios da Aprendizagem Dialógica<sup>2</sup>; o moderador tem como responsabilidade a organização do turno de palavras, momento no qual os trechos selecionados pelos participantes são lidos e comentados; todos os participantes que desejarem podem comentar, sempre respeitando a sua vez de falar; durante o turno de palavras, o diálogo e os debates entre diferentes opiniões acontecem através dos argumentos apresentados e todos aprendem uns com os outros, incluindo o mediador.

Como é do conhecimento da maioria de nós, há grande resistência dos estudantes e, até de boa parte dos educadores, à leitura dos clássicos. Alegam que são textos complicados, distantes da realidade dos

2. "Aprendizagem Dialógica se dá por meio de diálogos igualitários, em interações nas quais se reconhece a inteligência cultural em todas as pessoas. Essas interações estão orientadas à transformação dos níveis prévios de conhecimento e do contexto sociocultural em busca do êxito para todos". Além disso, a "Aprendizagem Dialógica se produz nas interações que aumentam o aprendizado instrumental, que favorecem a criação de sentido pessoal e social, que são guiadas por princípios de solidariedade e nas quais a igualdade e a diferença são valores compatíveis e mutuamente enriquecedores". Para saber mais consulte o caderno Aprendizagem Dialógica em: <http://www.comunidadeaprendizagem.com/nossa-biblioteca>

estudantes, que acabam por se desinteressar da leitura, considerando-a uma atividade enfadonha. E quem de nós já não se enfadou, de fato, ao tentar ler sozinho alguma das obras indicadas como clássicos da literatura universal?

Ocorre que a leitura dialógica aponta uma saída interessante para essa dificuldade: ler para compartilhar com outros, ler para participar de uma conversa que vai muito além da compreensão do que o autor quis dizer. Nessa prática passa-se à reconstrução de significados e interpretações por meio dos comentários, saberes e não saberes de todos os participantes.

Numa Tertúlia Literária com um grupo de educadores da Escola Municipal Octávio Edgard, onde usava-se o trecho inicial de “O conto da ilha desconhecida”, de José Saramago, ao assumir a palavra para fazer o seu destaque, a primeira pessoa inscrita no turno de palavras, depois de ler o trecho, surpreendeu a todos com o comentário: “Eu escolhi esse trecho porque eu não entendi nada. Não sei se quem está falando é o rei ou o homem que foi pedir o barco.” Depois de muitos risos diante de tamanha sinceridade da professora, alguns colegas se inscreveram para responder seu comentário interrogativo. O primeiro deles fez a intervenção de ler em voz alta o trecho, colocando na entonação a pontuação não usada pelo autor lusitano, o que imediatamente dissipou a dúvida da colega.

Outro exemplo de vivência do princípio da dimensão instrumental aconteceu com um grupo de educadores de Mogi Mirim com a leitura de O abutre, de Franz Kafka. O primeiro comentário feito referia-se ao nome do autor, desconhecido por vários dos participantes: “Esse nome me chamou a atenção porque me fez lembrar de uma música do meu tempo de jovem — ‘Kafka, vem cá ficar comigo’”. Outra participante pediu a palavra e esclareceu que essa associação não era sem fundamento, porque a canção citada teria sido inspirada em outro texto desse mesmo autor, Metamorfose, onde o homem se converte numa barata. E então apareceram na sequência outros comentários que davam conta de ampliar entre todos o conhecimento sobre esse autor.

Esses são apenas dois exemplos do que pode ocorrer numa Tertúlia

Literária. Durante o turno de palavras são colocadas diferentes opiniões sobre os diversos trechos destacados. Com a motivação do mediador, cada um se esmera em levantar argumentos que fundamentem seu ponto de vista. A opinião de todos é muito importante e, o melhor, é que não há certo ou errado e que esse espaço pode ser usado para trazer, inclusive, dúvidas.

Numa escola em Cajamar duas educadoras apontaram seu incômodo diante dessa forma de compartilhar a leitura. Uma delas disse, referindo-se à mediadora: “Eu queria saber a sua opinião. Com certeza você sabe mais do que nós e devia falar o que o autor quis mesmo dizer com esse texto.” E a outra complementou: “É esquisito o professor não dar sua opinião final para fazer um fechamento, parece que fica muito aberto, que ninguém aprende de fato o que o texto queria dizer.” Ambas remetem a uma intervenção muito comum nas rodas de leitura propostas pela maioria dos educadores, que garantem que todos falem, mas sempre sendo a palavra final do professor, como se ele pudesse de fato saber o que o autor quis dizer com a sua obra.

Esse é um grande diferencial na Tertúlia Literária e na vivência do diálogo igualitário: prescindir das relações de poder para de fato compartilhar a palavra e não somente para deixar que as pessoas falem, mas para garantir que todos sejam ouvidos e respeitados. Não se fechar num ponto de vista é o pleno exercício desse respeito à inteligência cultural.

# Conclusão

A prática de Tertúlias Literárias em várias escolas pelo Brasil tem revelado que um dos motivos que leva os professores a associar as rodas de leitura às Tertúlias Literárias é o fato de ambas proporem um diálogo entre todos a partir de um texto lido.

Nesse sentido, podemos pensar que em alguns casos as Rodas de Leitura, a depender de como são conduzidas, são realmente espaços para a vivência da leitura dialógica, desde que garantidos os 7 princípios da Aprendizagem Dialógica: diálogo igualitário, inteligência cultural, transformação, dimensão instrumental, criação de sentido, solidariedade e igualdade de diferenças. Mas vale ressaltar que, ainda assim, essa atividade só poderá ser classificada como “Tertúlia Literária”, dentro do Projeto Comunidade de Aprendizagem, caso o texto motivador da conversa seja um clássico da literatura universal.

O rigor do cumprimento dessa exigência se deve ao fato de que os clássicos, oferecidos a grupos culturais e sociais que não teriam acesso a eles se não fosse na escola, preenchem uma lacuna cultural, aumentando as expectativas de aprendizagem, transformando o entorno e abrindo as portas para o êxito acadêmico. Apesar de valorizarmos o acesso à cultura moderna, seus autores e a vasta obra literária — que não cessa de inaugurar novas formas de enxergar o mundo por meio da literatura e que têm sido responsáveis em grande parte por aproximar os jovens da literatura —, temos de reconhecer que são as obras clássicas que mais caem no vestibular; é muitas vezes sobre elas que nos perguntam numa entrevista de trabalho e são elas, em muitos casos, o mote para grandes rodas de conversa nos mais variados espaços, nos quais muitos de nós temos ficado excluídos de participar por não termos tido oportunidade de ler e nos aprofundarmos nesse tipo de literatura.

Vale sempre lembrar que muitas atividades de leitura e de conversa têm sido propostas por educadores e mediadores de leitura pelo mundo inteiro e que cada uma delas tem o seu valor e favorece

diferentes aprendizagens. As Tertúlias Literárias não vêm para ocupar esse lugar, mas sim para preencher uma lacuna no que se refere ao acesso à literatura clássica universal e ao exercício da Aprendizagem Dialógica.

## **BIBLIOGRAFIA**

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais/ Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997

FLECHA, R. Anotações de aula em curso sobre Comunidade de Aprendizagem, CREA/UB, Barcelona, fevereiro de 2015

FREIRE, Paulo. A importância do Ato de Ler: 29. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

INSTITUTO NATURA. Nossa Biblioteca, Cadernos de Formação, Outubro, 2015 [www.comunidadeaprendizagem.com.br](http://www.comunidadeaprendizagem.com.br)



Comunidade de  
Aprendizagem

# Participação voluntária no projeto comunidade de aprendizagem

**Rita Margarete Moreira Santos**

Consultora associada da Avante – Educação e Mobilização Social, responsável pela implementação do Projeto Comunidade de Aprendizagem nas escolas do Nordeste (Brasil). Mais informações sobre a Avante poderão ser encontradas no site [www.avante.org.br](http://www.avante.org.br)

*Todo conhecimento é um conhecimento situado no tempo, dentro da especificidade histórica e da especificidade das relações sociais que o permeiam e o condicionam: é o conhecimento possível.*

*Minayo*

# Resumo

Este artigo trata da centralidade da/o voluntária/o no Projeto Comunidade de Aprendizagem e do desafio para que todos os envolvidos incorporem os Sete Princípios da Aprendizagem Dialógica. Para contextualizar esse desafio, apresentamos um breve resumo da trajetória histórica do voluntário no Brasil.

## **PALAVRAS-CHAVE:**

interações, voluntário, aprendizagem.

## **OBJETIVO**

Refletir sobre a centralidade do voluntário no Projeto Comunidade de Aprendizagem



# Introdução

Uma premissa do Projeto Comunidade de Aprendizagem<sup>1</sup> é que a melhoria da aprendizagem dos alunos está relacionada ao aumento do número de interações que eles vivenciam, assim como à sua qualidade. Nessa perspectiva, a participação voluntária das/os alunas/os, funcionárias/os, professoras/es, dos familiares e da comunidade do entorno da escola torna-se fundamental para garantir a ampliação e o fortalecimento dessas interações. (Caderno de Formação de Voluntários, p. 4). O Projeto defende que a participação da/o voluntária/o possibilita a entrada de outras inteligências na escola e o sentimento de corresponsabilidade pela educação e pela aprendizagem de todos os envolvidos.

A/O voluntária/o, por sua vez, deve ter o desejo e a vontade de transformar a escola e garantir melhores aprendizagens para todas/os, desprezando o caráter essencialmente religioso, caritativo e filantrópico que caracterizou historicamente o voluntariado.

Dessa forma, o Projeto Comunidade de Aprendizagem ressignifica o lugar da/o voluntária/o dentro da escola e provoca desconstrução do papel da/o voluntária/o no imaginário das pessoas envolvidas. Por isso, para refletir sobre a centralidade do voluntário no Comunidades de Aprendizagem, é relevante apresentar breve resumo da trajetória do voluntário brasileiro.

1. Comunidade de Aprendizagem é um projeto baseado num conjunto de Atuações Educativas de Êxito voltadas para a transformação educacional e social, que começa na escola, mas integra tudo o que está ao seu redor. Existem dois grandes pensadores que embasam esse conceito: Freire e Habermas. (<http://www.comunidadeaprendizagem.com>)

# Desenvolvimento do trabalho

## TRAJETÓRIA DO VOLUNTARIADO NO BRASIL

O trabalho voluntário chegou ao Brasil, trazido pela Santa Casa de Misericórdia, há 470 anos. Nos primeiros séculos esteve fortemente ligado a instituições religiosas, à caridade cristã, pois sua origem era a fé. Por isso, as ações voluntárias de caráter filantrópico representaram a “seguridade social” dos riscos da sociedade humana — doenças, velhice, infância —; e das condições sociais — pobreza e desemprego. Todavia, não existia preocupação d/o voluntária/o com resultados.

Paulatinamente, ao longo do tempo, a atuação voluntária foi ajustando-se ao contexto social e político brasileiro. A partir da década de 1930 até os anos 1980, a atuação voluntária foi caracterizada como clientelista e paternalista, esteve ligada a iniciativas governamentais de “enfrentamento” dos riscos da sociedade humana e das condições sociais da população.

Nos anos de 1990 — no bojo da discussão sobre o papel do Estado, a responsabilidade dos indivíduos e das empresas diante da questão social — a atuação voluntária começou a ser organizada em grupos ou programas (voluntariado) e passou a ter caráter laico e contemporâneo. Fundamentado em valores humanitários, na solidariedade e na justiça social, o voluntariado passou a atuar no reconhecimento dos direitos à cidadania e, apoiado tecnicamente, propôs-se a fazer projetos, avaliar e alcançar resultados.

Ainda nos anos 1990, o voluntariado foi regulamentado por lei<sup>3</sup> (Lei 9.608/98) e buscou parcerias com a classe empresarial.

Em 2001, a importância do voluntariado foi ressaltada com o Ano Internacional do Voluntário.

serviço voluntário é a atividade não remunerada, prestada por pessoa física à entidade pública de qualquer natureza, ou à instituição privada de fins não lucrativos, que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência social, inclusive mutualidade. (Lei nº 9.608/98)

## CENTRALIDADE DO VOLUNTÁRIO NO PROJETO COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM

*El trabajo voluntario es una escuela creadora de conciencias.  
Che Guevara*

O contexto social e cultural, assim como influenciou mudanças de concepções sobre o voluntariado ao longo do tempo, também gerou transformações nas relações. Mello (2012), analisando elementos do atual contexto que justificam a proposta de Comunidade de Aprendizagem, entende que as relações e instituições, no contexto atual, estão permeadas pelo giro dialógico. A autora afirma que “sujeitos e grupos não aceitam mais se submeter a uma ordem formal, preestabelecida, sobre a qual não possam opinar e interferir”. (p. 20)

Nesse cenário nasceu o Projeto Comunidade de Aprendizagem com a premissa: para melhorar a aprendizagem dos alunos, é preciso aumentar o número de interações que eles vivenciam, assim como sua qualidade; também acreditando que o sujeito está em contínuo processo de formação, fazendo e refazendo constantemente o seu saber, educando-se entre si, mediatizado pelo mundo. (FREIRE, 1978)

Comunidade de Aprendizagem defende que quando uma escola decide transformar-se e abrir as portas para a entrada da comunidade, ampliando as interações ali presentes, possibilita que outras inteligências entrem naquele lugar, criando assim um sentimento de corresponsabilização pela educação e aprendizagem de todas/os as/os envolvidas/os: alunas/os, funcionárias/os, professoras/es, familiares e a comunidade à sua volta. Por isso, a comunidade, alunas/os, funcionárias/os, professoras/es, familiares são envolvidos desde o início, na fase de transformação, quando são convidados para entender a proposta de Comunidade de Aprendizagem e, depois, são convocados a participar da escrita dos sonhos e a integrar as diferentes comissões mistas.

*É preciso toda uma aldeia para educar uma criança.  
Provérbio africano*

É nessa perspectiva que as/os voluntárias/os são peças fundamentais para a ampliação e o fortalecimento dessas interações (Caderno CA voluntario p. 2). Elas/es garantem o sucesso do Projeto, porque ao participarem das Atuações Educativas de Êxito<sup>3</sup> que acontecem dentro da escola, viabilizam a ampliação e o fortalecimento das interações que, por sua vez, melhoram a aprendizagem dos alunos.

Todavia, desconstruir ideias e concepções já consolidadas é mais desafiador do que construir novas. Assim, quando o Projeto Comunidade de Aprendizagem ressignifica o lugar da/o voluntária/o dentro da escola colocando-a/o como elemento central para o sucesso do Projeto, provoca a desconstrução do papel da/o voluntária/o no imaginário das pessoas. E assim propõe o complexo exercício às pessoas envolvidas de dialogarem observando os Sete Princípios<sup>4</sup> da Aprendizagem Dialógica<sup>5</sup>, especialmente o Diálogo Igualitário, um desses sete princípios.

A complexidade desse exercício pode ser observada nas comissões mistas, nas quais o desafio, por um lado, são as pessoas saírem do lugar de “privilégio” que ocupam na escola ou na Secretaria, e, por outro, são as pessoas (normalmente funcionários e familiares) sentirem-se valorizados e perceberem-se como pessoas inteligentes e, finalmente, todas/os entenderem que “a inteligência de cada pessoa se faz a partir do corpo e da experiência de vida que cada uma tem”. (Mello, 2012, p. 48).

Além disso, é necessário desconstruir a concepção a respeito do voluntário, culturalmente construída na sua trajetória histórica. No processo dessa desconstrução é possível que pais e mães compareçam à escola, atendendo ao convite para participar do Projeto Comunidade de Aprendizagem, usando avental ou trazendo ferramentas acreditando que vão executar serviços braçais.

Diante disso, uma estratégia potente para validar a/o voluntária/o como elemento central do Projeto Comunidade de Aprendizagem é a socialização dos inúmeros indicadores que frequentemente são identificados nas escolas transformadas, como por exemplo:

“A partir do levantamento de prioridades, a comissão mista elaborou

3. Atuações Educativas de Êxito (AEE) são práticas que efetivamente aumentam o desempenho acadêmico e melhoram a convivência e as atitudes solidárias e funcionam em qualquer contexto educacional e social. As AEE foram identificadas e comprovadas pelo projeto de pesquisa europeu Includ-ed. (<http://www.comunidadeaprendizagem.com/atuacoes-educativas-de-exito>)

4. A Aprendizagem Dialógica acontece nos diálogos que são igualitários, em interações em que se reconhece a inteligência cultural de todas as pessoas, e está orientada para a transformação do grau inicial de conhecimento e do contexto sociocultural, como meio de alcançar o êxito de todos. A aprendizagem dialógica acontece em interações que aumentam a aprendizagem instrumental, favorecendo a criação de sentido pessoal e social, e que são guiadas pelo sentimento de solidariedade, em que a igualdade e a diferença são valores compatíveis e mutuamente enriquecedores. (<http://www.comunidadeaprendizagem.com/aprendizagem-dialogica>)

e encaminhou um ofício à Secretaria de Educação solicitando internet e telefone fixo para viabilizar a comunicação.” (escola em Horizonte – CE)

“Roseli, funcionária da escola integrante da comissão mista, ao ler os sonhos referentes à limpeza e manutenção dos banheiros e bebedouros, logo se manifestou dizendo não imaginar que os alunos observassem tal detalhe e que a partir daquele momento ela iria dar mais atenção à limpeza dos banheiros e bebedouros.” (escola em Horizonte – CE)

“A escola mudou muito, os alunos estão mais interessados, querem ficar na escola mesmo depois do horário. Hoje eles planejam e decidem o que querem fazer, têm mais autonomia e são mais amigos.” (escola no Rio de Janeiro - RJ)

“Até então ninguém da comunidade descia pra vir na escola. O projeto mudou isso, aproximou a comunidade à escola. Isso é ótimo, não só pra escola, mas também pra comunidade. Ajuda a pensar junto.” (escola no Rio de Janeiro - RJ)

“No começo do ano eu não fazia nada, realmente nada, não queria nada com a vida. Quando começaram os Grupos Interativos eu achei bacana, e comecei a participar muito mais. Foi algo novo, diferente, eu gostei. E as minhas notas melhoraram muito, muito mesmo, tipo de 2 a 10!” (escola no Rio de Janeiro - RJ)

“Muitos estudantes que antes se recusavam em ajudar seus colegas, foram, aos poucos, se envolvendo com a proposta e se mostrando mais disponíveis em compartilhar seus conhecimentos.” (Escola no Rio de Janeiro - RJ)

Por tudo isso, quando uma escola decide transformar-se em Comunidade de Aprendizagem e implementar Atuações Educativas de Êxito, precisa entender que são os voluntários que viabilizam a ampliação e o fortalecimento das interações que, por sua vez, melhoram a aprendizagem dos alunos e as relações entre os sujeitos envolvidos direta ou indiretamente com a escola.

5. Aprendizagem Dialógica é a concepção de aprendizagem que fundamenta as Comunidades de Aprendizagem e que se baseia em sete princípios corroborados por contribuições de alguns dos autores mais relevantes na área da educação, como por exemplo, Vygotsky, Bruner, Wells, Paulo Freire, Habermas, Chomsky, Scribner e Mead. Para uma Comunidade de Aprendizagem, a força está nos argumentos mais do que na hierarquia de quem está falando. Está no Diálogo Igualitário: todos devem ter a mesma oportunidade de falar e de ser escutados — não importa a função exercida, a classe social, a idade, etc. Existem dois grandes pensadores que embasam esse conceito: Freire e Habermas.  
(<http://www.comunidadeaprendizagem.com/aprendizagem-dialogica>)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Jairo Melo. Voluntariado: na contramão dos direitos sociais. São Paulo: Cortez, 2008.

BRASIL. Lei nº 9.608, de 18 de fevereiro de 1998. Dispõe sobre o serviço voluntário e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, 19 fevereiro. 1998. disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L9608.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9608.htm)

CASTEL, Robert. As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LANDIM, Leilah; SCALON, Maria Celi. Doações e Trabalho Voluntário no Brasil. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

MELLO, Roseli Rodrigues de. Comunidade de Aprendizagem: outra escola é possível. São Carlos: EdUFSCar, 2012

MONTAÑO, Carlos. Das "Lógicas do Estado" às "Lógicas da sociedade civil": Estado e "terceiro setor" em questão. Serviço Social e Sociedade. São Paulo: Cortez, ano XX, no. 59, março, 1999

ROCHA, Leila Alves. Caridade e poder: A Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Campinas (1871-1889). Dissertação (Mestrado) Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas, 2005 Disponível em: [www.scmba.com.br/quemsomos.php](http://www.scmba.com.br/quemsomos.php). Acessado em: 20 de agosto de 2009

SILVA, Ronalda Barreto. Educação comunitária: além do Estado e do mercado? A experiência da Campanha Nacional de escolas da Comunidade – CNEC (1985-1998). Campinas: Autores Associados, 2003.

## SITES CONSULTADOS

[www.comunidadeaprendizagem.com](http://www.comunidadeaprendizagem.com)

[www.comunidadeaprendizagem.com/o-projeto](http://www.comunidadeaprendizagem.com/o-projeto)

[http://www.comunidadeaprendizagem.com/noticias/ver/escola\\_coelho\\_netto\\_do\\_rio\\_de\\_janeiro\\_inicia\\_o\\_proc](http://www.comunidadeaprendizagem.com/noticias/ver/escola_coelho_netto_do_rio_de_janeiro_inicia_o_proc)

<http://www.comunidadeaprendizagem.com/noticias/ver/em-epitacio-pessoa-uma-comunidade-de-aprendizagem>

[www.institutonatura.org.br](http://www.institutonatura.org.br)



Comunidade de  
Aprendizagem

# Reflexões sobre a prevenção e a resolução da violência e dos conflitos nas escolas

**Ricardo Paim**

# Resumo

Elaborei este trabalho com o intuito de oferecer maior variedade de subsídios a partir de uma bibliografia preponderantemente brasileira que, conversando com o projeto de Comunidade de Aprendizagem, nos ajude no propósito de prevenir e resolver as situações de violência e conflito nas escolas.



# Desenvolvimento do trabalho

Antes de pensarmos formas de prevenir e atuar sobre a violência e/ou os conflitos na escola, nossa meta final, precisamos conceituar e refletir um pouco sobre a existência desses fenômenos.

Segundo o dicionário Aurélio, “violência” é coação, constrangimento exercido sobre alguma pessoa para obrigá-la a fazer um ato qualquer; e “conflito” é altercação, desordem, embate, luta, debate, oposição, choque. O professor Álvaro Chrispino, do CEFET/RJ<sup>1</sup>, define conflito como “toda opinião divergente ou maneira diferente de ver ou interpretar algum acontecimento. A partir disso, todos os que vivemos em sociedade temos a experiência do conflito”.

Segundo o educador francês residente no Brasil Bernard Charlot, a violência na escola pode ser classificada em três níveis: a) Violência: golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismos; b) Incivildades: humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito; c) Violência simbólica ou institucional: compreendida como a falta de sentido em permanecer na escola por tantos anos; o ensino como um desprazer; que obriga o jovem a aprender matérias e conteúdos alheios aos seus interesses; as imposições de uma sociedade que não sabe acolher os seus jovens no mercado de trabalho; a violência das relações de poder entre professores e alunos. Ou ainda ser caracterizada como violência na escola, violência à escola e violência da escola.

Como vimos, o conflito e/ou a violência estão intrinsecamente ligados à nossa condição de humanidade e podem representar uma oportunidade para a construção do diálogo e da cooperação. Segundo o trabalho de pesquisa dos pedagogos André Luis Silva Batista e Raimunda Cid Timbó, com o título de “Mediação de Conflitos entre Alunos e Professores na Escola Comum”,

1. Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – RJ

*O conflito seja ele na escola, nas ruas ou em qualquer outra instituição, é algo natural no convívio do ser humano, pois, as rotinas, o dia a dia, e considerando cada indivíduo como um ser único, com expectativas e visão de mundo diferente uns dos outros, o desacordo pode se tornar até imprescindível para se buscar estratégias diferentes, gerar pesquisa, conhecimento, obviamente buscar estratégias diferentes, gerar pesquisa, conhecimento, obviamente guardando as devidas proporções, pois esse pode ainda ter outra conotação de violência, de intolerância, sobretudo dentro da escola.*

Na escola o conflito/violência pode ser concebido não só como utilização da força, intimidação, mas também como fenômeno sociocultural e simbólico. Assim, não deve ser entendido apenas como um fenômeno juvenil, pois expressa 3 conjuntos de variáveis independentes que se interpenetram: o institucional (escola e família); o social (sexo, cor, origem socioespacial, emprego, religião, escolaridade dos pais, status socioeconômico); e o comportamental (informação, sociabilidade, atitudes e opiniões).

A escola configura-se como o principal espaço público no qual, cotidianamente, cada aluno relaciona-se com seus pares. Nesse sentido, podemos admitir que seja o espaço ideal para a criação de um ambiente que permita que alunos e alunas, enquanto vivenciam os conflitos presentes em suas relações, possam conscientizar-se deles sendo constante e progressivamente levados a refletir sobre as situações e a responsabilizar-se pelas consequências de suas ações. Torna-se necessário, portanto, que seja uma intenção da escola propiciar oportunidades para que os alunos experimentem exercer um papel mais ativo, no sentido de criarem e questionarem as regras que regem diariamente a convivência e, a partir disso, tomarem decisões. Caso contrário, estaríamos educando-os para que cumprissem as regras preestabelecidas apenas por obediência, o que, segundo Yves de La Talle, significaria que: “obedecemos porque não temos escolha, assim como levantamos as mãos se um ladrão nos ameaça com sua arma: obedecemos, mas não respeitamos. Em resumo, nas relações baseadas no exercício da força há hierarquia, certamente legitimada por parte de quem detém o poder, mas não legitimada por parte de quem é obrigado a obedecer.”

Uma educação para a obediência está em desacordo com uma educação que prima pelo desenvolvimento da autonomia. Devemos trabalhar para que os alunos passem a cumprir as regras na medida em que compreendam a sua necessidade e os princípios que as regem e conforme vejam sentido nelas.

Para resolver um conflito de maneira satisfatória é preciso tentar descentrar-se do próprio ponto de vista para contemplar simultaneamente outro ou outros pontos de vista diferentes e, às vezes, opostos, e elaborar fusões criativas entre todos eles.

Os conflitos/violências que ocorrem com e entre todos os componentes das escolas podem ser motivados por uma imensa quantidade de fatores. A Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, criada pela ONU, apresenta uma série deles: rivalidade entre grupos, disputa de poder, discriminação e intolerância com diferenças, busca de afirmação pessoal, resistência às regras, desentendimentos e brigas, bullying, conflitos de interesses, namoros, perdas e danos de bens escolares, assédios, uso de espaços e bens, falta de processos para construção de consensos, necessidade de mudanças, busca por novas experiências, reações a manifestações de injustiças, ensino de má qualidade, autoritarismo.

Se a construção da moralidade se dá a partir da interação com as pessoas e com as situações, acredito que serão a partir das várias situações de desavenças — com a intervenção e a orientação adequadas do educador e preferencialmente também dos pais — que os alunos poderão substituir gradativamente a imposição e as regras agressivas pelo diálogo cooperativo como procedimento predominante no processo de prevenção e resolução de conflitos.

É fundamental a escola propiciar aos educandos outras representações e experiências: esse é o papel de humanização da cultura. Se o cotidiano do aluno é perpassado de alienação e de violência e na escola encontra algo semelhante, a possibilidade de uma significativa mudança de comportamento é muito pequena. Se, ao contrário, tiver oportunidade de vivenciar práticas de solidariedade, de cooperação, de produção, de autoria, de esperança, de construção, de crítica,

descoberta, poesia, alegria — de diálogo —, verá mais sentido e sentirá que vale a pena ir para a escola!

Nesta introdução apresentei algumas hipóteses e/ou situações em que as ideias de autonomia, diálogo e participação da comunidade aparecem como fundamentais. Todas elas conversam com o projeto Comunidade de Aprendizagem e estão presentes na atuação “Modelo Dialógico de Prevenção e Resolução de Conflitos”. Assim, reconhecemos o diálogo como peça essencial para a transformação das pessoas e da sociedade. Entretanto, o significado de diálogo, embora com a mesma raiz, é utilizado de diferentes maneiras. O diálogo ao qual estamos nos referindo é aquele em que os participantes — independentemente de sua origem social, idade, sexo, função hierárquica, conhecimento acadêmico — possuem igual possibilidade de serem considerados. Chamamos de Diálogo Iguatário ou Horizontal, em que a força está na qualidade dos argumentos. É imprescindível o exercício da discussão, da reflexão e da cooperação para a solução de conflitos. Todas as formas pacíficas de solução de problemas e conflitos precisam necessariamente do diálogo. Embora se desenvolva a partir de pontos de vista diferentes, o verdadeiro diálogo supõe um clima de boa vontade e compreensão recíprocas.

A gestão de uma escola envolve um processo contínuo de tomada de decisões por professores, pais, alunos, funcionários, gestão e pela comunidade em geral. Democracia na escola significa decisões compartilhadas: diálogo.

A prevenção de conflitos na escola depende sempre de uma multiplicidade de fatores. Um deles é afastar-se de práticas punitivas aproximando-se das consensuais e restaurativas. Corroborando essa ideia, transcrevo as palavras do Prof. Dr. Celso dos Santos Vasconcellos em seu livro *Indisciplina e Disciplina Escolar - Fundamentos para o Trabalho Docente*, capítulo V, “O Professor e as Situações de Conflito”:

*Partir logo para saídas formais (aplicação do regimento: advertência verbal, por escrito, suspensão) normalmente não dá bons resultados. São comuns as ações disciplinares das escolas já começarem com as “advertências”; o que isso significa? Parece que estamos num campo conceitual comportamentalista; ou seja, entende-se que o*

*sujeito teve um comportamento inadequado porque não “ouviu” direito, então é advertido e assim fará o que é correto. Na prática, o sujeito pode até ter um comportamento mais enquadrado, porém muito mais em razão do medo de nova advertência do que de uma tomada de consciência. Aliás, o fundamento das punições da escola parece encontrar-se aqui, na teoria comportamentalista de homem, baseado no prêmio e castigo. Se estamos pautados numa concepção humanista, o diálogo é o caminho mais coerente.*

Existe uma íntima relação entre o diálogo e a autonomia, pois, enquanto estratégia reflexiva, favorece o desenvolvimento da reversibilidade, isto é, a capacidade de se colocar no lugar do outro. Essa é uma das características do pensamento autônomo.

A escola só ajudará na promoção da autonomia dos alunos na medida em que propiciar a participação deles no processo pedagógico. Ninguém participa com entusiasmo de um projeto que não ajudou a construir. Assim, é importante que a escola incentive trabalhos coletivos, nos quais, além dos resultados acadêmicos alcançados, se reforcem os vínculos sociais, fazendo da escola um lugar realmente de todos os cidadãos.

Aristóteles, no século IV a.C., já dizia que o homem é um “animal social”, portanto temos necessidade de nos comunicarmos, e nos tornamos mais fortes quando unidos por uma causa qualquer. E mais ainda quando o conjunto unido é formado por pessoas diferentes, uma vez que as diferentes opiniões nos fazem refletir mais, pensar possibilidades que ainda não havíamos cogitado, aprender mais e melhor. Tentando dar mais solidez à argumentação acima, transcrevo o que diz a Profa Vera Moreira no capítulo V do livro Violência Nota Zero:

*O lado obscuro de uma comunidade é a panelinha, ou mesmo uma seita que ocorre quando as pessoas se ligam a outras iguais a elas e com quem concordam em quase tudo. A diversidade faz com que possamos entrar em contato com visões diferentes das nossas e dá margem ao surgimento da inteligência coletiva, que é maior do que a soma das inteligências individuais envolvidas na questão, possibilitando a inovação social. Os problemas sistêmicos exigem soluções coletivas, porque um sistema é perfeitamente desenhado*

*para produzir o que vem produzindo, e se continuarmos a ter o mesmo tipo de ação, obteremos os mesmos resultados. (...) Uma das ferramentas usadas para a exploração de problemas complexos, desde Platão na Antiguidade até o físico David Bohm na atualidade, é o Diálogo. O diálogo é muito mais do que uma simples conversa ou discussão, é a suspensão temporária de todas as nossas convicções a respeito de um determinado tema para podermos realmente ouvir como outras pessoas percebem esse problema.*

O conjunto de atores ligados ao problema da violência/conflito e de sua prevenção e resolução, assim como à educação de forma abrangente, são os alunos, professores, funcionários, gestão, pais e a comunidade circundante à escola, de modo que a equipe responsável por esse conjunto deve também ser diversificada, envolvendo não somente a coordenação pedagógica e os professores como também outros funcionários, pais e representantes dos alunos. É claro que a diversidade de personagens numa mesma reunião demanda a habilidade de todos em valorizar as diferentes perspectivas de vida e funções, além de uma atitude não autoritária nem orgulhosa, de forma que a opinião da faxineira da escola deva ser considerada e valorizada tanto quanto a do diretor ou diretora; e a consideração do aluno seja escutada e levada a sério tanto quanto a do professor.

Tendo considerado todos esses aspectos, volto ao projeto da Comunidade de Aprendizagem como forma adequada de brindar todos eles através das atuações de êxito, uma vez que elas encerram em seu âmago a proposta da interação como caminho para a prevenção e a resolução dos conflitos e da violência, não somente na escola, mas envolvendo toda a comunidade.

Considero o aspecto afetivo na relação ensino/aprendizagem como decisivo, e finalizando minhas reflexões transcrevo a fala do educador Celso dos Santos Vasconcellos, que vai ao encontro do princípio “Dimensão Instrumental”:

*De modo geral, enfatiza-se muito a influência do afetivo no cognitivo; todavia, se resgatarmos (com Wallon, por exemplo) o caráter dialético dessa relação, poderemos compreender a contribuição do cognitivo*

*para o afetivo: a experiência de aprendizagem do aluno traz alegria, fortalece sua autoestima, possibilita relacionamentos no interior do grupo-classe, gerando maior competência para enfrentar sua (dura) realidade. De outra feita, o trabalho pedagógico bem encaminhado favorece a disciplina intrínseca ao processo de conhecimento: atenção, ouvir o outro, seguir certos passos, etc. Por meio do trabalho com o conhecimento, podemos dar nossa contribuição mais específica para a construção da disciplina e para a formação global do educando.*

## **BIBLIOGRAFIA**

- VIOLÊNCIA NOTA ZERO – Lúcia C.A. Williams e Ana C. Stelko-Pereira (organizadoras) – EDUFSCAR – São Carlos – SP – 2013.

- VIOLÊNCIA E EDUCAÇÃO: EM BUSCA DE NOVOS OLHARES – Vilmar Malacame, Adrian A. Estrada, Carmen C. B. C. Bastos e Tânia M. R. Schroeder (organizadores) – Editora CRV – Curitiba – PR – 2014.

- INDISCIPLINA E DISCIPLINA ESCOLAR: FUNDAMENTOS PARA O TRABALHO DOCENTE – Celso dos Santos Vasconcellos – Cortez Editora – São Paulo – SP – 2009.

- CONFLITOS NO LAR E NA ESCOLA – Lauro de Oliveira Lima – Vozes – 1971.

- DISCIPLINA: LIMITE NA MEDIDA CERTA – Içami Tiba – Editora Gente – São Paulo – SP – 1996.

- MODELO DIALÓGICO DE PREVENÇÃO E RESOLUÇÃO DE CONFLITOS – Comunidade de Aprendizagem – Instituto Natura.

- EL AMOR EN LA SOCIEDAD DEL RIESGO – Jesus Gómez – Hipatia - Barcelona.

- RESOLUÇÃO DE CONFLITOS NA ESCOLA: UM DESAFIO PARA O EDUCADOR - Sônia M. P. Vidigali e Aluani T. de Oliveira – Estudos sobre Educação – UNESP/UNICAMP/USP – Presidente Prudente – SP – 2013.

- DIÁLOGOS E MEDIAÇÃO DE CONFLITOS NA ESCOLA : GUIA PRÁTICO PARA EDUCADORES – Conselho Nacional do Ministério Público – 2014.

- VIOLÊNCIAS NAS ESCOLAS – Miriam Abramovay e Maria das Graças Rua – UNESCO – 2003.



Comunidade de  
Aprendizagem

# As tertúlias dialógicas literárias enquanto atuação educativa de êxito no espaço de formação de gestores escolares e professores do território da Chapada Diamantina (BA)

**Cristina Alice Cunha Ribeiro**



# Resumo

Este trabalho apresenta um relato sucinto do processo de formação das duplas gestoras e professores do território da Chapada Diamantina, promovido em regime de parceria entre o Instituto Chapada de Educação e Pesquisa (ICEP) e as Secretarias Municipais de Educação, em que a ênfase nas Tertúlias Dialógicas Literárias como atuação educativa de êxito do Projeto Comunidade de Aprendizagem vem ocupar um lugar desta formação.

Desse modo, as Tertúlias Dialógicas literárias, enquanto conteúdo da formação, promove a discussão e a reflexão em torno dos princípios fundamentais pautados pela prática do diálogo igualitário, que acolhe a inteligência cultural dos sujeitos e, conseqüentemente, permite que todos tenham liberdade de se expressar de modo a preservar o respeito aos diferentes pontos de vista legitimados pelos saberes culturais e acadêmicos de cada participante.

Sob essa perspectiva, a prática da Tertúlia Dialógica Literária como atividade cultural e educativa transita entre o espaço formativo de gestores escolares e professores em simultaneidade com os espaços escolares das redes municipais participantes desse processo formativo.

Assim, a sistematização e a divulgação deste trabalho vinculam-se ao Curso de Certificação de Formadores e pretendem socializar uma prática referendada nos encontros formativos de educadores em conformidade com o plano de formação dos envolvidos nesse processo, o que implica na qualificação das práticas pedagógicas nos espaços educativos.

## OBJETIVO

Discutir o espaço das Tertúlias Dialógicas Literárias no contexto da formação continuada de professores e gestores escolares.

# Introdução

As Tertúlias Dialógicas Literárias, quando inseridas no plano de formação dos professores e gestores escolares, traz um diferencial que se reflete nas ações pedagógicas da escola. Isso acontece porque ao participar das Tertúlias Dialógicas Literárias, esses profissionais não só refletem sobre a obra escolhida, aprendem a confrontar e a respeitar distintos pontos de vistas, como buscam o entendimento e a interpretação interativa no espaço da tertúlia — aspectos essenciais e necessários ao aprofundamento dos atos comunicativos do diálogo igualitário que se tecem no decorrer das Tertúlias Literárias.

Ao participarem dessa prática, os educadores transformam sua própria visão da realidade, tanto por meio das contribuições e da interpretações individuais e coletivas, como também por meio das suas próprias reflexões, que certamente se ampliam nesse contexto dialógico. Com isso, o diálogo tecido nas tertúlias literárias é um exemplo que pode ser transposto não somente para a sua vida pessoal como também para o exercício da profissão.

Visto dessa forma, a Tertúlia Dialógica Literária — compreendida como atividade cultural e educativa, a qual se desenvolve com base na aprendizagem dialógica vinculada à leitura de livros da literatura clássica universal — é considerada uma prática sustentada pelo diálogo igualitário, uma vez que essa prática de leitura proporciona ao sujeito não somente a melhoria da expressão oral e escrita, somada ao aumento do vocabulário, como também a ampliação da compreensão leitora, do pensamento crítico e da capacidade de argumentação de todos os envolvidos. Tais resultados produzem certamente importantes transformações na superação das desigualdades.

Por essa razão, a proposta de conhecer e participar de espaços formativos — nos quais a Tertúlia Dialógica Literária é tida como parte integrante do plano de formação dos professores e gestores escolares

— desenhou-se como política de formação leitora nos municípios que compõem o território da Chapada Diamantina.

Desse modo, será explicitado de forma sucinta um relato de experiência com a prática de tertúlias dialógicas no contexto da formação de gestores escolares e professores. Nesse relato busca-se refletir de que forma a experiência vivenciada por gestores e professores com a prática das tertúlias relaciona-se com os princípios da solidariedade, do respeito, da confiança e do apoio ao outro no contexto educativo.

# Desenvolvimento do trabalho

O trabalho formativo de gestores escolares e de professores nos municípios do território da Chapada Diamantina encontra-se estruturado no plano de formação no qual são definidos conteúdos tendo em vista a especificidade do público atendido, além da progressão deste entre os anos de formação externa. Dentre os conteúdos eleitos para os encontros, as tertúlias dialógicas integram as pautas formativas tanto dos gestores escolares como dos professores e da equipe técnica das redes de ensino.

Assim, elege-se juntamente com os educadores uma obra clássica para ser lida durante os encontros formativos. Nessa organização o formador define com o grupo as partes do texto que serão objeto de leitura e, posteriormente, dentro da carga horária da formação, acontece a prática da tertúlia, tendo como moderador o próprio formador do grupo.

O relato que ora se tece está voltado para as experiências nos municípios de Marcionílio Souza e Bonito, nos quais atuo como formadora no Projeto da Educação Infantil formatado pelo Instituto Chapada de Educação e Pesquisa (ICEP).

As primeiras tertúlias realizadas aconteceram com as seguintes obras: *Os Miseráveis*, de Vitor Hugo, e *Capitães de Areia*, de Jorge Amado. Inicialmente o grupo estranhou as regras que norteiam o trabalho com as tertúlias, visto que os mais falantes, na maioria das vezes, monopolizavam os discursos e a participação nos encontros sem se darem conta disso. Por essa razão, o moderador, antes de iniciar a tertúlia, retomava as regras para que o grupo primasse pelos princípios legitimados por meio das relações igualitárias e constituídos pelos valores baseados na solidariedade, no respeito, na confiança e no apoio em vez da imposição.

Nesse sentido, vale explicitar que o objetivo de apresentar ao grupo de

professores e duplas gestoras o funcionamento das Tertúlias Dialógicas Literárias, tendo em vista os 7 princípios da Aprendizagem Dialógica — diálogo igualitário, inteligência cultural, transformação, criação de sentido, solidariedade, dimensão instrumental e igualdade de diferença — no contexto formativo, configura-se sem dúvida numa das ações mais desafiadoras da formação, uma vez que inicialmente o formador se coloca na condição de moderador da primeira tertúlia nesse espaço. Assim sendo, é válido neste trabalho incluir o depoimento proferido por mim enquanto formadora das primeiras experiências como moderadora de Tertúlia Dialógica Literária, a saber:

*Operar como moderador de grupo foi uma experiência riquíssima, pois passei a controlar os ímpetos da fala e ouvir cada destaque do texto e das interpretações advindas deste de forma imparcial e atenta. Por meio dessa vivência o grupo foi compreendendo que um dos pontos mais importantes numa tertúlia era de fato o diálogo igualitário que se instaura durante a experiência. Além disso, os próprios integrantes da tertúlia se avaliaram, uns pontuando que não se sentiam bem em falar no grupo e que durante a vivência ficaram à vontade para se expressar, outros disseram que tiveram que fazer um esforço para não atropelar o que os colegas traziam de impressões em relação à obra escolhida. Enquanto formadora, penso que essa experiência foi fundamental para me aproximar mais do grupo e, sobretudo, seguir aprendendo a ser gente pensante num espaço de diálogo igualitário. (Cristina Alice Cunha Ribeiro, Formadora do Instituto Chapada de Educação e Pesquisa, ICEP).*

Assim, é relevante salientar que gradativamente o formador e o grupo foram se adaptando às regras da tertúlia e compreendendo-as de modo a incorporá-las em suas vivências profissionais cotidianas. Exemplo disso é que em momentos distintos aos das tertúlias os educadores passaram a respeitar o turno da fala dos colegas e a incentivar aqueles que, por razões outras, pouco se manifestavam durante as formações.

No tocante ao espaço de formação específica com os docentes, evidencio que estes se interessaram por realizar Tertúlias Dialógicas Literárias com as crianças, mas apesar de terem participado

de momentos com as tertúlias, levantavam algumas perguntas relacionadas a essa atuação educativa de êxito, a exemplo de: “como é feita a leitura com crianças que não leem convencionalmente? Que livros escolher? Em que tempo?” Nesse sentido, pontuei a necessidade de uma apresentação da proposta aos pais e à comunidade escolar para que pudessem conhecê-la de modo que se sentissem à vontade e seguros para participar ajudando os filhos na leitura do livro escolhido conforme o desejo manifestado sobre a obra selecionada. Com isso, o tempo para a realização da tertúlia poderia ser de uma vez por semana dentro da carga horária da escola. O importante é que toda a proposta esteja clara tanto para os familiares quanto para as crianças. Pois mesmo que a criança não leia convencionalmente, se um adulto ler para ela e pedir que esta sinalize uma parte para comentar na roda, a experiência fluirá, e as crianças, nesse contexto, serão consideradas leitoras em potencial, porque são sujeitos da ação leitora e participam dessa prática opinando, refutando, validando pontos de vistas dentre outros comportamentos que, sem dúvida, emergem dessa experiência.

Em conformidade com o exposto, os sujeitos da formação compreendem que em todas as Tertúlias Dialógicas Literárias é importante “explorar e estimular intensamente nas pessoas participantes a dimensão instrumental, tendo outros meios como fonte de busca da informação, para então se discutir no grupo a validade da fonte e das informações” (Mello, Braga, Gabassa, p. 135). Esses pressupostos são constantemente discutidos nos grupos de formação, haja vista que essa é a riqueza da tertúlia — espaços de diálogo igualitário e de transformação (pessoal e do entorno social mais próximo).

Dessa forma, a tertúlia literária, enquanto prática de leitura dialógica, constitui-se numa ferramenta fundante na formação de professores e duplas gestoras, uma vez que a ampliação do vocabulário, a melhoria da expressão oral e escrita e da compreensão leitora são aspectos fundamentais ao exercício da profissão de educador. Como também se amplia a capacidade de argumentação e, conseqüentemente, o desenvolvimento do pensamento crítico de todos os envolvidos nas tertúlias literárias.

# Conclusão

Por meio da inclusão das práticas com as Tertúlias Dialógicas Literárias nos contextos de formação de educadores, o desafio que se coloca para cada sujeito da formação é que este possa desenvolver uma educação pautada na oferta de melhores espaços participativos, dialógicos e formativos, nos quais crianças, jovens e familiares tenham oportunidade de diálogos construídos cotidianamente dentro e fora do contexto escolar.

Entendemos que os obstáculos são muitos e diversos para que as escolas das redes municipais envolvidas no processo de formação repensem a educação ofertada e transformem gradativamente suas práticas educativas a serviço da vida, das relações que se tecem com o outro e para o outro, das aprendizagens geradas por meio dos diálogos tecidos e construídos na inter-relação entre os sujeitos. Entretanto, compreendemos as tertúlias dialógicas como sendo uma das atuações educativas de êxito que podem gerar oportunidades reais no sentido de garantir que a prática do diálogo, da participação, do envolvimento, da solidariedade, dos esforços e da busca pelo pensamento crítico se legitime como prática de emancipação dos sujeitos frente ao mundo que os cerca.

## BIBLIOGRAFIA

MELO, Roseli Rodrigues de. Comunidade de Aprendizagem: outra escola é possível. Roseli Rodrigues de Mello, Fabiana Marini Braga, Vanessa Gabassa. – São Carlos: EdUFSCar, 2012.

[www.comunidadeaprendizagem.com](http://www.comunidadeaprendizagem.com)



Comunidade de  
Aprendizagem

# Biblioteca tutorada: potencializando interações e aprendizagem

**Gleicy Aparecida de Sousa**



# Resumo

## **PALAVRAS-CHAVE:**

Biblioteca Tutorada. Prática Pedagógica. Aprendizagem.

O presente trabalho apresenta um relato de experiência das vivências numa das práticas pedagógicas desenvolvidas numa Comunidade de Aprendizagem. Essa atividade intitulada Biblioteca Tutorada vem sendo desenvolvida na Escola Estadual Professora Sebastiana Rodrigues de Souza, localizada no bairro Jardim Sumaré, no município de Rondonópolis (MT). A Escola desenvolve essa proposta em parceria com a Universidade Federal de Mato Grosso por meio de um Projeto de Extensão Universitária. Mello; Braga; Gabassa (2012) conceituam a Biblioteca Tutorada como uma atividade na qual se potencializam as interações e aprendizagem entre todas as pessoas que dela participam (professores da escola, voluntários; professores, estagiários e bolsistas da universidade; estudantes da escola, bibliotecários; familiares e pessoas do entorno). Os encontros são realizados semanalmente no período matutino e vespertino. O espaço é aberto para todos os alunos, independentemente do desempenho escolar. A base teórica metodológica dessa atividade se apoia na Ação Comunicativa de Habermas e na Ação Dialógica de Freire. Os resultados da experiência até o momento indicam que as crianças que participam da Biblioteca Tutorada estão aprendendo que são capazes de aprender mais e melhor e, também, que são capazes de ensinar coisas para outras pessoas. .

# Introdução

O ensino e aprendizagem têm sido foco nos últimos tempos, discutidos e preocupantes para a educação. Muitos procuram algum culpado pelo fracasso escolar dos alunos, enquanto poucos buscam práticas educativas diferenciadas e significativas para desenvolverem com seus alunos. No entanto, o Projeto Comunidades de Aprendizagem vem de encontro a essas contradições, pois em seu desenvolvimento todos os envolvidos adquirem uma aprendizagem. Além disso, a organização do espaço escolar — que considere a participação da comunidade no processo de efetivação de suas práticas — está caminhando para uma educação de mais qualidade.

No projeto Comunidades de Aprendizagem estão inseridas Atuações Educativas de Êxito (AEE) que contribuem para que se alcance essa máxima aprendizagem. Entre elas, temos a Biblioteca Tutorada, que muito tem contribuído para uma aprendizagem significativa independente do seu contexto histórico, cultural e social. Seu desenvolvimento na cidade de Rondonópolis (MT) iniciou-se com a implantação em 2012 na Escola Estadual Professora Sebastiana Rodrigues de Souza e vem dando continuidade até o ano atual.

As atividades iniciaram apenas com alunos do 1º e 2º Ciclo dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, e, atualmente, estendeu-se para o 3º Ciclo dos Anos Finais do Ensino Fundamental — a escola tem sua modalidade estruturada no Ciclo de Formação Humana.

No decorrer dos anos todas as etapas necessárias para se constituir uma Comunidade de Aprendizagem foram executadas. Infelizmente, com a nova gestão escolar e com a inserção de novos profissionais efetivos, o Projeto não alavancou. Com a participação da formação de formadores oferecida pelo Instituto Natura, a escola decidiu por uma nova sensibilização e está passando novamente por todas as fases (segundo semestre de 2015).

Pode-se perceber que, para muitos, um projeto que se execute em parceria entre escola e comunidade nem sempre é visto com bons olhos, e isso se dá devido às barreiras construídas ao longo da história da educação.

A Biblioteca Tutorada tem sido relevante às novas necessidades da sociedade, dinâmicas de valores, onde se torna importante pensar na diversidade da escola, tanto no conhecimento quanto na identidade. Dessa forma a escola passa a ser um espaço educativo transformador no qual todos os funcionários, alunos, professores, gestores, familiares e comunidade fazem parte do processo educativo. Todas as ações da escola devem ser transformadoras; tem que se efetivar nas relações pessoais o diálogo; deve haver o diálogo nas relações sociais internas e externas da escola (Mello, 2003), e esse é o papel da Biblioteca Tutorada.

# Desenvolvimento do trabalho

## **BIBLIOTECA TUTORADA: PRÁTICA DE DEMOCRATIZAÇÃO DO CONHECIMENTO**

A Biblioteca Tutorada tem por objetivo principal possibilitar um espaço de intervenção no processo de ensino e da aprendizagem dos alunos, é um espaço a mais de aprendizagem, de interações sociais, além da sala de aula. Essa atividade tem como prioridade promover a reciprocidade entre os participantes, valorizando a capacidade de cada um, ou seja, cada participante tem algo a aprender e a ensinar.

Na Escola Estadual Professora Sebastiana Rodrigues de Souza, nos dias de Biblioteca Tutorada, normalmente forma-se uma grande roda. Como proposta básica, o trabalho geralmente se inicia com a acolhida das crianças e o encaminhamento para organização de um círculo de conversa no espaço da biblioteca. Abre-se, a partir dessa roda, um espaço para os cumprimentos entre os participantes, diálogos sobre os encontros anteriores e os relatos sobre as experiências vividas na semana e durante o final de semana. Sempre há uma pessoa que conduz esse momento da acolhida, pessoa essa escolhida nas reuniões da comissão mista da Biblioteca que acontecem quinzenalmente.

O espaço da Biblioteca Tutorada tem como base o diálogo igualitário, a fala, a opinião. O conhecimento de cada participante durante a atividade é garantido e respeitado. Mantém-se a prática do diálogo igualitário, da solidariedade e do respeito entre todos do grupo, afirmando a base metodológica e teórica nos princípios da aprendizagem dialógica presente nas diferentes atividades pertencentes às Comunidades de Aprendizagem (Brito; Conceição; Rodrigues, 2012).

Após essa acolhida de, no máximo, 10 minutos, as crianças são conduzidas para realizar as atividades encaminhadas como tarefa de casa pelos educadores. Com a ajuda dos voluntários, realizam as tarefas

de casa e os trabalhos da escola, estudam, fazem a leitura, consultam o acervo de livros para complementarem as suas aprendizagens e, quando não têm lições de casa, fazem os exercícios elaborados pelos voluntários.

Os exercícios que são preparados pelos voluntários ficam a critério da pessoa que irá elaborar; ou seja: na reunião da comissão mista da Biblioteca as pessoas se disponibilizam semanalmente para preparar as atividades para os alunos atendendo a todos os níveis de alfabetização e de séries ali presentes.

Por meio de atividades de leitura, escrita, tarefas e pesquisa, os participantes incentivam os alunos a desenvolverem o hábito de estudar; concentrar-se, a escolher e selecionar o material correspondente aos seus interesses e dificuldades (Gabassa; Giroto; Paschoalino e Silva, 2004). Logo, é necessário que se dê uma equidade nas relações, ouvir a ideia do outro, expor sua ideia, buscando em grupo um consenso, respeitando as ideias contrárias. Como sabemos, não há um diálogo se não há uma escuta. Nesse sentido, o objetivo maior da Biblioteca Tutorada é o de permitir diversas interações entre alunos, pais, voluntários e funcionários, a partir das quais a capacidade de cada pessoa é valorizada, respeitada e potencializada na interação.

Os conflitos são pontos obstacularizadores, mas que procuramos ter um olhar atento e eles pois, ao solucionarmos um conflito, outros podem ser evitados. Não deixar que os problemas passem despercebidos é essencial nesse processo, caso contrário não haveria nenhum propósito em mediar essas interações entre todos os que participam da Biblioteca.

Como já mencionado anteriormente, temos a Comissão Mista da Biblioteca Tutorada, o que possibilitou a frequência de sua realização na escola. Quinzenalmente são realizadas essas reuniões da Comissão de Biblioteca Tutorada, onde os colaboradores (professoras, alunos da escola, funcionários, familiares, alunos da universidade, etc.) reúnem-se para avaliar como está sendo desenvolvida a atividade nos diferentes dias da semana, tanto no período da manhã quanto no período da tarde. Nesse momento são apresentados os elementos

transformadores (as coisas que dão bons resultados) e os elementos obstacularizadores (tudo aquilo que se configura como problema no trabalho, ou seja, o que não está dando certo: dilemas enfrentados, conflitos nas interações, desrespeito, dificuldades de aprendizagem, agressões, etc.) (Brito; Conceição; Rodrigues, 2012).

Como já foi dito anteriormente, a Biblioteca Tutorada tem como referencial teórico a aprendizagem dialógica. Por essa razão, para que haja seriedade no desenvolvimento desta e obtenhamos sucesso, faz-se necessário que cada pessoa colaboradora na atividade realize estudos para se apropriar dos princípios exigidos para realização dessa prática pedagógica.

Por esse motivo são realizados encontros de formação continuada com os professores. Esses encontros acontecem quinzenalmente na própria escola com os professores e os funcionários, intercalados com a formação própria da Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso. Uma vez que entendemos que teoria e prática caminham juntas e que não existe ação sem reflexão e reflexão sobre a ação, buscamos estudar as fontes teóricas que fundamentam o projeto, bem como Biblioteca Tutorada, pois essas nos auxiliam e nos ajudam a melhorar a nossa prática em sala de aula (Mello, 2002).

Acontece também, quinzenalmente, a formação na universidade com os voluntários da Biblioteca, onde trabalhamos também os teóricos que embasam o projeto Comunidades de Aprendizagem. As fontes originais são estudadas por todos para uma melhor compreensão da proposta.

Sendo que, nesse espaço de formação, procura-se discutir, trocar ideias, ampliar os conceitos, com nosso envolvimento sempre alicerçado em fontes teóricas que dão respaldos a dúvidas e indagações. Nesse sentido, compreendo que toda ação educativa se destina a promover o desenvolvimento humano, a essa reflexão transformada em ação que nos impulsiona a uma nova reflexão.

Nessa formação com professores e voluntários levantamos as dúvidas das leituras, trazemos ao grupo as compreensões e entendimentos do que se leu, e cada um apresenta sua opinião, sendo respeitado durante

a sua fala. A formação tem um mediador que conduz os diálogos e anota o nome das pessoas que querem a fala, e organiza de modo que todos falem na mesma proporção, possibilitando que todos falem — nenhum mais que o outro —, enquanto um relator registra as discussões, que são lidas ao final do encontro. Decidem-se então as próximas leituras, as páginas que serão lidas, as pessoas que mediarão as discussões, as pessoas que registrarão as discussões.

Todas as Atuações Educativas de Êxito desenvolvidas pelo projeto Comunidades de Aprendizagem promovem mudanças sociais e culturais na vida da comunidade na qual a escola está inserida, e a Biblioteca Tutorada é uma dessas Atuações Educativas de Êxito que proporcionam uma aprendizagem de qualidade.

# Algumas Considerações

Até o momento, os resultados das experiências indicam que as crianças participantes da atividade de Biblioteca Tutorada estão apropriando-se não só de conhecimentos curriculares, de conteúdo, mas se veem como seres capazes de aprender mais e melhor, também capazes de ensinar coisas para outras pessoas, mesmo não sabendo muito.

A transformação, é claro, acontece com todos os envolvidos na atividade, mas os alunos e a comunidade são os principais focos da escola, que tem o desejo de motivar a comunidade de entorno e os familiares, que todos podemos aprender uns com os outros, que todos sabemos algo que não foi aprendido no espaço da escola e que podemos compartilhar muitos conhecimentos.

Por estar inserida numa periferia, abrir a escola para a Comunidade não foi uma decisão fácil, houve lutas e relutas contra. Entretanto, com as formações, a maior parte dos professores e profissionais da escola foi aceitando a ideia, mesmo não estando todos envolvidos nas atuações educativas.

No trabalho com os alunos, o que foi combinado deve ser lembrado cotidianamente, novas exigências (de ambas as partes) vão sendo discutidas para que a Biblioteca se torne um ambiente cada vez mais rico para a aprendizagem de todos. As professoras, bolsistas da universidade, voluntários procuram, todos os dias, lembrar as crianças de que a biblioteca é um lugar para todos estudarem, lerem ou fazerem a tarefa e, portanto, é necessário manter silêncio para que ninguém seja prejudicado na sua atividade.

Além disso, procuram manter a ordem dos livros, das carteiras, chamar a atenção para que as crianças não corram, etc. Tenta-se, na verdade, criar um hábito nos alunos de como cuidar desse ambiente que é de todos e que deve servir para o desenvolvimento de todos.



Como resultados, podemos indicar ganhos para todas as pessoas envolvidas. A mudança no comportamento das crianças, principalmente daquelas que participam do projeto há já algum tempo, pode ser claramente observada. Não só com o próximo, mas também na relação com o conhecimento. Por meio de atividades de leitura, escrita, tarefas e pesquisa, incentivamos os participantes a desenvolverem o hábito de ler, de estudar, concentrar-se, escolher e selecionar o material correspondente aos seus interesses e dificuldades.

A convivência e o compartilhamento de conhecimentos e os processos de construção de consensos entre crianças, professoras da escola, profissionais, comunidade de entorno e familiares nos fazem aprender a cada dia. Amplia-se nosso conhecimento a respeito de conteúdos instrumentais para que as atividades possam ser mais bem aproveitadas. Pesquisam-se dúvidas e buscam-se respostas para as indagações dos alunos, dos voluntários, dos familiares e até mesmo da comunidade.

A Biblioteca Tutorada não é discutida no Brasil como as demais atuações, e ela é importantíssima, pois a maior parte das escolas possui uma biblioteca que, na maioria das vezes, é inacessível aos alunos, mesmo sendo um espaço potencializador. O objetivo dessa produção é fazer com que essa Atuação Educativa de Êxito: Biblioteca Tutorada seja mais conhecida, e compartilhar experiências e vivências contribui para uma melhor compreensão da atividade.

Refletimos nas comissões sobre o que fizemos, algo que foi válido, e sobre aquilo que não deu certo, sempre procurando melhorar o ambiente e favorecer o desenvolvimento e a aprendizagem de todos entre todos. Por fim, acrescentamos que o intuito desse nosso trabalho na Biblioteca é ajudar os diferentes ritmos e o desempenho dos participantes, com a preocupação de que cada um deles possa não aprender apenas os conhecimentos de Português, Matemática, mas que avancem em suas limitações e se sintam parte desse contexto escolar, dessa sociedade, e que superem o fracasso escolar, contribuindo assim para um melhor rendimento educativo, diminuindo os riscos de exclusão da sociedade na qual está inserido.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRITO, Sirlene Coelho de Lima; CONCEIÇÃO, Marilene Muniz; RODRIGUES, Eglen Silvia Pippi. Biblioteca tutorada: um espaço aberto para aprendizagens. Rondonópolis: 2012. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/bibliotecatutorada-um-espaco-aberto-para-aprendizagens>, acesso em 28/11/2013 às 19h30minhs.

GABASSA, Vanessa; GIROTTO, Vanessa Cristina; PASCHOALINO, Renata; SILVA, Sara Regina Moreira da. Biblioteca Tutorada: democratização do conhecimento e da informação em Comunidades de Aprendizagem. São Carlos, UFSCar, 2004.

MELLO, Roseli Rodrigues de.. Comunidades de Aprendizagem: contribuições para a construção de alternativas para uma relação mais dialógica entre a escola e grupos de periferia urbana. Universidade de Barcelona, Relatório de Pós-Doutorado, FAPESP. Barcelona: CREA, 2002.

\_\_\_\_\_; BRAGA, Fabiana Marini; GABASSA, Vanessa. Comunidades de Aprendizagem: outra escola é possível. São Carlos: EdUFSCar, 2012.

\_\_\_\_\_. Comunidade de Aprendizagem: democratizando relações entre escola e comunidade. In.: 26ª Reunião Anual da Anped, 2003. Poços de Caldas. Anais... 26ª Reunião Anual da Anped, 2003.

\_\_\_\_\_. Metodologia de investigação comunicativa: contribuições para a pesquisa educacional na construção de uma escola com e para todos e todas. In: 29a. Reunião da ANPED, 2006, Caxambu. Anais... 29a. Reunião da ANPED. Rio de Janeiro: ANPED, 2006. v. I. p. 1-17.



Comunidade de  
Aprendizagem

# Participação educativa da comunidade

**Beatriz Siqueira**

Certificação em Comunidades de Aprendizagem

Formação de Formadores

Instituto Natura

Outubro 2015

# Resumo

O trabalho a seguir pretende apresentar como foi observada na prática a implementação de uma das atuações educativas de êxito do projeto Comunidades de Aprendizagem, nomeada como Participação Educativa da Comunidade. Tal acompanhamento foi realizado em escolas da rede pública de São Bernardo do Campo, Estado de São Paulo, numa parceria do Instituto Natura com a Secretaria Municipal de Educação de São Bernardo do Campo. Tal parceria resultou na transformação de algumas escolas dos segmentos de educação infantil e fundamental ciclo I em Comunidades de Aprendizagem. Veremos através deste Paper algumas formas de participação de familiares e comunidade que contribuem para o processo de aprendizagem de todos e de todas.

## **PALAVRAS-CHAVE:**

Participação; Comunidade; Familiares; Atuações Educativas de Êxito.

## **OBJETIVO**

Apresentar diferentes formas de participação de familiares e comunidade em algumas escolas públicas do município de São Bernardo do Campo, São Paulo, participantes do projeto Comunidades de Aprendizagem.

# Introdução

Comunidades de Aprendizagem é um projeto de transformação social e cultural que tem início na escola, mas que se expande para toda a comunidade a partir da participação decisiva de familiares e voluntários nas atividades da escola. Tem como principal objetivo superar as desigualdades sociais por meio da eficácia, que é a melhoria de resultados de aprendizagem dos alunos, da equidade que é a melhoria de resultados de aprendizagem de todos os alunos e da coesão social, que é a melhoria nas relações de convivência.

A base científica do Comunidades de Aprendizagem está no projeto INCLUD-ED, um projeto de pesquisa sobre educação escolar encomendado pelo Programa Marco da Comissão Europeia. Tal pesquisa foi realizada pelo Centro Especial de Investigação em Teorias e Práticas Superadoras de Desigualdades (CREA), da Universidade de Barcelona, que tinha como um dos objetivos analisar estratégias educativas que contribuíram para superar as desigualdades e promover a coesão social, bem como aquelas que geraram a exclusão social.

Um dos principais resultados da pesquisa INCLUD-ED foi identificar nas escolas analisadas as práticas que aumentaram o desempenho acadêmico dos alunos e melhoraram a convivência e a solidariedade. Essas práticas são chamadas Atuações Educativas de Êxito que, quando aplicadas, foram comprovadas como as mais eficazes na melhoria de resultados de aprendizagem, independentemente do contexto social e econômico.

Uma escola que é Comunidade de Aprendizagem passa por um processo de transformação em cinco fases que são: sensibilização, tomada de decisão, seleção de prioridades e planejamento. Após as fases de transformação, implementa uma ou mais das sete Atuações Educativas de Êxito identificadas como: Grupos Interativos, Tertúlias Dialógicas, Biblioteca Tutorada, Formação de Familiares, Participação

Educativa da Comunidade, Modelo Dialógico de Prevenção e Resolução de Conflitos, Formação Pedagógica Dialógica.

O INCLUD-ED identificou a existência de cinco formas de participação da comunidade na escola, que são: informativa, consultiva, decisória, avaliativa e educativa. Constatou que onde havia a Participação Educativa da Comunidade e o trabalho com grupos heterogêneos, havia melhoria de resultados de aprendizagem. Essas duas descobertas fundamentam o projeto Comunidades de Aprendizagem juntamente com a Concepção de Aprendizagem Dialógica, na qual todos participam e interagem de maneira igualitária respeitando a inteligência cultural de cada um, criando sentido para aprendizagem e fomentando relações mais solidárias.

*Uma das principais Atuações Educativas de Êxito é a Participação Educativa da Comunidade na escola, seja dentro ou fora da sala de aula. Investigações foram feitas e apontaram que o trabalho com as famílias e a introdução de programas de participação voluntária de familiares e comunidade têm uma incidência direta nos resultados acadêmicos de meninas e meninos (GARCÍA, C.Y, CASABONA, N.M.& COMPTE, M.S.,2012).*

Essa Atuação é considerada uma das mais importantes porque propõe aos familiares um tipo de participação diferente na escola, uma participação que não é só informativa, mas decisiva. Pode ocorrer em espaços de aprendizagem direta dos alunos, como a sala de aula e a biblioteca, por meio de Atuações Educativas de Êxito como Grupos Interativos, Tertúlias Dialógicas ou Biblioteca Tutorada, assim como pode acontecer também em espaços fora da sala de aula, com o apoio ao trabalho da gestão escolar e os processos de decisão por meio das atividades nas comissões mistas.

*Tratamos aqui de um tipo de participação voltado não somente para transformações a serem feitas na escola e voltadas para os estudantes, mas sim de processos de mudança que envolvem toda a comunidade e o entorno da escola, engajando-se em atividades de formação própria bem como em momentos de projeção e de concretização de sonhos e planos para o desenvolvimento de todos.*

*A escola se abre para articular interações, fontes de conhecimento e de formação, bem como para colaborar com a transformação do entorno (BRAGA, F.M. e MELLO, R.R. 2014).*

Partindo do princípio de que aprendemos a todo momento e na interação com o outro, uma educação de qualidade na sociedade atual envolve a construção de uma educação igualitária para todos e todas. Já não abrange apenas o trabalho do professor em sala de aula, mas depende também da participação de outras pessoas que convivem com as crianças em seu contexto diário.

É importante lembrar que, em educação, não basta apenas utopia, é preciso também haver ciência, como nos aponta Freire (2006). As Atuações Educativas de Êxito aqui apresentadas, os tipos de participação que produzem sucesso acadêmico e melhoria no convívio, são fruto de pesquisa e de bases científicas reconhecidas internacionalmente.

# Desenvolvimento do trabalho

A partir do trabalho realizado pelo Formador, que acompanha a implementação do projeto nas escolas de São Bernardo do Campo (SP), foi possível observar na prática as diferentes formas de participação dos familiares e da comunidade nas Unidades de Ensino.

Participação Educativa e Decisória — trabalho nas comissões mistas, atuando junto a gestores, funcionários e alunos, pensando e decidindo sobre situações que fazem parte do cotidiano escolar. Alguns exemplos: discutir e decidir sobre a necessidade de uma nova pintura da escola, pensar estratégias de mobilização para novos voluntários, escolha de sonhos prioritários, participação na escolha da alimentação oferecida aos alunos, entre outros. Vale salientar que o trabalho nas comissões mistas sempre é um momento para exercitar os princípios da Aprendizagem Dialógica, que é uma das bases teóricas do projeto Comunidades de Aprendizagem.

*A principal característica da Aprendizagem Dialógica é a interação e a comunicação como fatores-chave da aprendizagem. As observações e as investigações em que se baseia o conceito têm demonstrado, como através de um diálogo dirigido a alcançar acordos em torno de âmbitos da realidade, vivenciar o sentimento, as pessoas resolvem situações problemas e aprendem profundamente porque alcançam uma compreensão mais completa do mundo (Aubert, Flecha, García, Flecha e Racionero, 2008 p. 24).*

Ainda sobre a participação educativa e decisória de familiares na escola, foi observado um trabalho diferenciado de apoio, especificamente para os segmentos de creche e educação infantil. Apesar de não ser uma atuação direta com as crianças, essa forma de apoio realizada principalmente por algumas mães de alunos contribuiu muito para o processo de aprendizagem das crianças dessa faixa etária. Alguns exemplos: mães ajudando na organização de ateliê de artes,



brinquedoteca, ajudando na construção e manutenção de brinquedos que ficam nos espaços para brincadeiras e interação, e, com menos frequência, mas também observado, apoio a passeios realizados fora da escola.

No início da implementação do projeto, nos segmentos de creche e educação infantil, houve bastante resistência, principalmente por parte dos educadores, quanto à presença de pessoas de fora atuando dentro da escola como voluntários. Foi preciso discutir o tema de forma bastante reflexiva e democrática em vários encontros de comissão mista, num processo de participação avaliativa da comunidade. A partir das discussões chegou-se a um consenso e novos caminhos foram traçados quanto à forma de participação de voluntários na creche e na educação infantil. Foi desenhada uma participação que não é diretamente com as crianças, devido a certos cuidados que essa faixa etária exige, mas uma participação indireta, como por exemplo no apoio aos educadores em momentos fora da sala de aula, como na construção de um brinquedo que irá promover uma melhoria de aprendizagem por meio da interação das crianças com o brinquedo, entre si e com o ambiente.

*Dentre as formas de participação, a educativa, a decisória e a avaliativa são as que têm maior impacto no êxito escolar, pois incidem em questões fundamentais da vida escolar e afetam diretamente a aprendizagem (Caderno Participação Educativa da Comunidade, 2014, p.4).*

Tais exemplos de participação da comunidade dentro da escola também fazem referência aos princípios da Aprendizagem Dialógica, pois os familiares envolvidos em tais atividades passam a se sentir pertencentes ou mais próximos da escola, uma vez que são ouvidos, respeitados, valorizados, e, por que não, transformados.

A Aprendizagem Dialógica transforma as relações entre as pessoas e o seu entorno por meio do diálogo, do consenso possível, do trabalho coletivo em prol de um objetivo comum (Mello, R. 2012 p. 54).

Foram observadas, além das participações descritas acima, atuações

diretas em espaços de aprendizagem como a sala de aula. Familiares e comunidade sendo voluntários, apoiando o trabalho do professor na realização de aulas no formato de Grupos Interativos, uma das Atuações Educativas de Êxito que, comprovadamente, pela pesquisa INCLUD-ED, pode melhorar em até quatro vezes a aprendizagem de todos e de todas.

*Ao serem ajudados, estudantes também começam a ajudar outros colegas, o que é um meio a mais para se aprender, pois ao mesmo tempo em que ensinam também revisam conhecimentos (Mello, R. 2012, p. 129).*

Ainda em relação à Participação Educativa da Comunidade, foi observada a participação de familiares em Tertúlias Dialógicas Literárias. A Tertúlia Dialógica Literária desenvolve-se com a leitura de um livro ou trecho de um livro clássico universal e, após a leitura, ocorre o compartilhamento de trechos que tenham chamado a atenção ou despertado alguma reflexão, trazidos por cada participante. Isso gera um intercâmbio enriquecedor que permite um aprofundamento no texto e promove a construção de novos conhecimentos. A Tertúlia normalmente acontece com os alunos, mas quando acontece com os familiares é um diferencial dentro do projeto, pois pode ser uma forma importante de aproximar os familiares da escola e das ações do Comunidades de Aprendizagem.

Na Tertúlia observada na escola de São Bernardo do Campo (SP), o grupo de familiares e comunidade encontra-se semanalmente na biblioteca da escola para realizar a atividade. A Tertúlia naturalmente acontece com a riqueza das falas pessoais, subjetivas, com comentários em cima de comentários, e assim a dinâmica caminha, tornando as pessoas ali presentes cúmplices de suas singulares histórias de vida, cada qual revelando de forma delicada os seus segredos mais profundos.

Segundo Mello R. (2012, p. 133), “a tertúlia literária é a possibilidade de vivenciar na escola uma leitura com sentido, com prazer e também com aprendizagem instrumental”.

# Conclusão

A Participação Educativa da Comunidade e de familiares em Comunidades de Aprendizagem — participação voluntária —, além de contribuir para a aprendizagem dos alunos a partir das interações, de apoiar os processos de gestão da escola por meio da tomada de decisões, também apresenta o viés de formação de quem nele está atuando, seja para aprender ou para ensinar. A partir do momento em que o voluntário participa do cotidiano escolar, ele também se transforma, pois tem a oportunidade de se autoformar, de entrar em contato com situações e pessoas diferentes das quais lida no seu dia a dia, de despertar para sentimentos como a solidariedade ou poder até mesmo motivar-se para resgatar os seus próprios estudos.

Não podemos deixar de comentar que as dificuldades existem e fazem parte do processo de aprender com os desafios. Cada escola tem as suas peculiaridades, contextos específicos para se lidar. As dificuldades geralmente estão relacionadas à falta de voluntários, indisponibilidade de tempo de familiares para estarem na escola, receio por parte dos professores quanto à presença de um voluntário na sala de aula ou até mesmo a ausência de interesse por parte de familiares e comunidade para se engajarem no contexto escolar. Dessa forma, o voluntariado, ao mesmo tempo em que se apresenta como uma potência nas Comunidades de Aprendizagem, também é um dos grandes desafios.

Durante o trabalho de acompanhamento das escolas de São Bernardo do Campo (SP), alguns caminhos foram observados para o desafio dos voluntários. Algumas escolas conseguiram implementar Atuações Educativas de Êxito com um número relativamente baixo de voluntários, variando de cinco a dez pessoas. Dessa forma a família se faz presente na escola como representação desses atores. Campanhas para atrair voluntários, como gincanas por classes, também foram usadas como estratégia. Outras ainda, com aprovação da gestão, espalharam

cartazes pelo bairro e imediações falando sobre o projeto na escola e a necessidade de apoio de voluntários. Cada unidade escolar, de acordo com o seu contexto, pensou em estratégias para ter sucesso em relação a esse tema.

Pensando na proposta de Comunidades de Aprendizagem, onde as escolas se transformam para melhorar a qualidade da educação de forma igualitária e com altas expectativas para todos e todas estudantes, faço referência a Paulo Freire (1997) quando ele diz: “A educação, na verdade, necessita tanto de formação técnica, científica e profissional como de sonhos e de utopia.”

## 6. BIBLIOGRAFIA

AUBERT,A.,FLECHA,A.,GARCIA,C.,FLECHA,R.&RACIONERO,S. (2008). Aprendizaje dialógico em la sociedade de la información. Barcelona: Hipatia.

BRAGA, F.M. e MELLO, R.R. 2014. Comunidades de Aprendizagem e a participação educativa de familiares e da comunidade: elemento chave para uma educação de êxito para todos. Educação Unisinos

18(2):165-175, maio/agosto 2014© 2014 by Unisinos - doi:10.4013/edu.2014.182.07

Cadernos de Comunidade de Aprendizagem, 2014. Fichário Instituto Natura.

FREIRE, P.2006. À sombra dessa mangueira. 8ª ed., São Paulo, Editora Olho d'Água, 120 p.

GARCÍA, C.Y., CASABONA N.M. & COMPTE, M.S. 2012.

Universitat Rovira i Virgili

La Implicación y la Participación de las Familias: Elementos Clave para la Mejora del Aprendizaje em los Centros Educativos con Alumnado Inmigrante.

Indivisa,Bol.Estud.Invest.2012,nº13, pp.192-212

ISSN:2254-5972

MELLO, R.R., MARINI, F. B., GABASSA, V. 2012. Comunidades de aprendizagem: outra escola é possível. São Carlos: EdUFSCAR, 2012.



Comunidade de  
Aprendizagem

# A família protagonista: papel valorizado e fortalecido pelo projeto Comunidades de Aprendizagem

**Ana Luiza Oliva Buratto**

Consultora associada da Avante - Educação e Mobilização Social, responsável pela implementação do Projeto Comunidades de Aprendizagem nas escolas do Nordeste (Brasil). Mais informações sobre a Avante poderão ser encontradas no site [www.avante.org.br](http://www.avante.org.br).

# Resumo

Este artigo apresenta um olhar histórico-crítico sobre a estrutura familiar como matriz civilizatória e de aprendizagem e como espaço e possibilidade de transformação social. Alguns temas abordados na Formação de Formadores são revisitados, buscando focar a face protagônica da família e como esta é trabalhada e fortalecida pelo projeto Comunidades de Aprendizagem.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Pós-modernismo, aprendizagem dialógica, protagonismo familiar, interações igualitárias.

## **OBJETIVOS:**

Refletir sobre a importância do papel da família na transformação social;  
Apresentar como o projeto Comunidades de Aprendizagem valoriza e apoia esse papel.

# Desenvolvimento do trabalho

## REFERENCIANDO O MOMENTO HISTÓRICO: DESAFIOS À SOCIABILIDADE E À FAMÍLIA.

Vida em turbilhão, mudança acelerada, contradições, incertezas, angústia — esta é a trilha que vai do social em direção à subjetividade do homem no mundo pós-moderno. A pós-modernidade parece, de fato, apontar para uma crise que se caracteriza pela desconfiança na razão; pelo desaparecimento de dogmas e princípios fixos, pela pluralidade ideológico-cultural; pela distância, em vez de conflito, entre as gerações; pelo aumento do hedonismo narcisista e da flexibilização geral dos costumes.

Essa crise parece ter seus fundamentos no esgotamento das potencialidades históricas da modernidade. O progresso da ciência e da tecnologia, cujo ápice foi alcançado no século XX, não se mostrou eficiente para promover uma melhor experiência e qualidade de vida sobre a Terra. Da mesma forma, o enriquecimento econômico provou não ser capaz de, por si só, promover mais igualdade social.

Fugir de uma atitude meramente passiva de imersão no fluxo da pós-modernidade significa certamente tomar certo distanciamento do movimento do real e assumir uma atitude crítica, de superação das dificuldades e impasses colocados. Envolve encontrar brechas nas contradições imanentes à realidade social, que permitam caminhar num duplo movimento de negação (do que faz mal) e de absorção (do que faz bem) em busca de algo novo para a vida social.

Uma dessas brechas, segundo Habermas (1987) é a racionalidade comunicativa. Nela, as pessoas usam o conhecimento para alcançar a compreensão e buscar um amplo consenso. Aubert e Soler (2006) complementam afirmando que no giro dialógico que vivemos e que tem afetado estruturas tradicionais na política, na economia, na sociedade e na vida pessoal, o diálogo se tornou a ferramenta social

mais importante para o entendimento e deve ser bem utilizado tanto nas relações familiares como na vida afetiva, na sala de aula, na política e na pesquisa acadêmica. De acordo com Subirats, “trata-se de fazer com que, por meio das estruturas comunicativas, o mundo da vida consiga reorientar o sistema em prol das necessidades humanas”<sup>1</sup>.

É neste contexto, “caracterizado pela globalização e pela sociedade da informação, pela transculturação, pelo multiculturalismo e também por exigências de relações mais dialógicas”<sup>2</sup> que surge o projeto Comunidades de Aprendizagem, em Barcelona, Espanha. Nasce da necessidade de transformar a escola com vistas a que ela venha garantir aprendizagem de máxima qualidade para todos os alunos, convívio positivo na diversidade e democratização da participação da comunidade escolar e do entorno da escola nos seus processos decisórios. Essa participação é mediada pela aprendizagem dialógica que considera que “todas as pessoas possuem capacidades reflexivas e comunicativas para atuarem plenamente em seus contextos”<sup>3</sup>. A aprendizagem dialógica, como conceito estruturante do Projeto Comunidades de Aprendizagem, apoia-se em sete princípios: diálogo igualitário, inteligência cultural, transformação, dimensão instrumental, solidariedade, criação de sentido e igualdade de diferenças. Esse tipo de aprendizagem se produz nas interações por meio do diálogo igualitário onde a inteligência cultural é reconhecida em todas as pessoas, favorecendo o aprendizado instrumental, a criação de sentido pessoal e social e relações mais solidárias, apoiadas na igualdade de diferenças que contribuem para a transformação da realidade. Quando as interações se baseiam nesses princípios, possibilitam também mudanças não só nos contextos, mas também nas próprias pessoas, tornando-se uma ferramenta potente para o enfrentamento dos desafios contemporâneos. Afinal percebe-se que, na atualidade, as pessoas já não aceitam submissamente vivenciar relações de poder que reproduzem as desigualdades existentes na estrutura social, mas anseiam por relações mais dialógicas e respeitáveis, em função da consolidação de processos mais democráticos de governo, do amadurecimento da participação cidadã, da expansão da comunicação em rede e da conseqüente emergência de sujeitos mais críticos e conscientes dos seus papéis na sociedade.

1. SUBIRATS, Joan , Educação, responsabilidade social e identidade comunitária , In A cidade como projeto educativo, Porto Alegre, Artmed, 2003

2. BRAGA, Fabiana, MELLO, Roseli, GABASSA, Vanessa, Comunidades de Aprendizagem: outra escola é possível, EdUFSCAR: São Carlos, 2012

3. BRAGA, Fabiana, MELLO, Roseli, GABASSA, Vanessa, Comunidades de Aprendizagem: outra escola é possível, EdUFSCAR: São Carlos, 2012



## VALORIZANDO A FACE CONSTRUTIVA DA FAMÍLIA E O SEU PAPEL PROTAGÔNICO NO COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM

É fato que a família se mantém como uma realidade primordial e universal em todas as culturas e em todos os períodos históricos, exercendo um duplo papel: de matriz do processo civilizatório e de matriz dos processos de aprendizagem.

O papel de matriz do processo civilizatório é-lhe atribuído pelas quatro funções essenciais que exerce, quais sejam: reprodução, manutenção, colocação e socialização. Dentro delas, os vários estudos antropológicos destacam as relações entre os sexos e as gerações como sendo aquelas responsáveis por manter a estabilidade e por esculpir, ao longo da história, as relações sociais mais amplas, que lhe determinam o reconhecimento como fundamento da sociedade.

Reconhecida também como matriz dos processos de aprendizagem, como locus privilegiado e mais adequado ao desenvolvimento humano, a família oferece ao indivíduo a positividade de pertencer; a possibilidade de conviver com a diferença, de aprender sobre si próprio, sobre os outros e sobre a vida.

Bruner e Freire, ao conceberem a pessoa como dialógica por natureza, afirmam que ela se constrói a partir das relações com os demais, relações estas que se iniciam dentro da família. Da mesma forma Habermas, na sua teoria da ação comunicativa, chega à conclusão de que a intersubjetividade precede a subjetividade, o que reforça a ideia de que o espaço privado da família é a condição básica para constituição, educação, humanização e socialização das pessoas.

*Hoje se retoma a família como ancoragem principal na socialização de seus membros (particularmente crianças e adolescentes) e na garantia de vínculos relacionais que previnam os riscos de isolamento social decorrentes da ausência de trabalho, mas igualmente da sociedade urbanizada, “televisiva” e “telemática”.<sup>4</sup>*

4. COSTA, Antonio Carlos Gomes da, *Protagonismo Juvenil: adolescência, educação e participação democrática*, Salvador: Fundação Odebrecht, 2000, p. 150

É neste sentido que o projeto Comunidades de Aprendizagem vê a família como um sujeito social privilegiado para ser fortalecido no seu papel protagônico junto à escola e a aprendizagem das suas

crianças e adolescentes, uma vez que ela é capaz de realizar mediações muito específicas entre os indivíduos e a coletividade e é capaz de difundir, ao seu redor, um projeto de vida baseado na competência e na solidariedade, geradoras de formas de convivência comunitárias modelares para toda a sociedade.

Vê também a escola como espaço ideal de experimentação e vivência de interações dialógicas, uma vez que a educação não deve se identificar com a acomodação à realidade social de cada um, mas atuar como agente transformador dessa realidade.

A concretização da participação dos familiares dos alunos se dá, dentro do projeto Comunidades de Aprendizagem, especialmente por duas vias de atuação: na gestão e monitoramento do Projeto, mediante seu envolvimento e compromisso dentro das comissões mistas, assembleias e da comissão gestora ou via sua atuação voluntária nas atuações educativas de êxito (AEEs), que acontecem dentro das escolas.

As comissões mistas e assembleias são entidades de tomada de decisão compostas de pessoas de todos os grupos da comunidade: famílias, professores, alunos e outros representantes. A prática de gerir a escola através de comissões mistas fomenta o envolvimento dos familiares, já que sua opinião vale tanto quanto a dos membros do corpo docente. Significa também ter grandes expectativas em relação à capacidade dos familiares de participar da gestão da escola e não apenas em participar das atividades periféricas. As AEEs, diferentemente das boas práticas, caracterizam-se por serem ações que obtêm os melhores resultados em todos os contextos, ou seja, não são experiências isoladas e bem-sucedidas. São estratégias educacionais que têm componentes universais, passíveis de transferência, que contribuem para superar o fracasso e a evasão escolar. Foram identificadas através de 26 estudos de caso realizados em escolas localizadas em áreas de baixo status socioeconômico, com um corpo diverso de alunos e resultados positivos. Dentre elas, merecem destaque os Grupos Interativos, a Biblioteca Tutorada e as Tertúlias Literárias.

Tanto em uma forma de participação como na outra, a responsabilidade pela busca do êxito é compartilhada por todos, aí incluindo-se as famílias, desde o planejamento da ação/atuação até sua avaliação.

# Conclusão

## O PROTAGONISMO DA FAMÍLIA E O INVESTIMENTO DO PROJETO COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM NA SUA CIDADANIA.

Quando falamos em protagonismo, estamos falando da ocupação pela família de um papel central nos esforços por transformação social.

Reconhece-se, entretanto, que o caminho a ser trilhado é longo e árduo. A família, principalmente nos países periféricos, vive num contexto desafiador e ainda pouco fortalecedor de suas potencialidades. Observa-se já certa tendência na política social de valorização das microssolidariedades e sociabilidades sociofamiliares e o reconhecimento da família como lugar privilegiado de proteção e pertencimento dos seus componentes a tem, de certa forma, colocado no centro das políticas de proteção social nas últimas décadas. Entretanto é importante atentar para o que Carvalho nos avisa: “(...) a revalorização da família não pode significar um recuo da proteção social destinada ao Estado”.<sup>5</sup>

Pergunta-se então: como trabalhar com o foco na cidadania da família? Tudo indica que o caminho deve ser permeado por uma postura emancipatória que possa atuar de forma complementar e sinérgica, fazendo convergir, para a família e a comunidade, os melhores esforços de cada agente — Estado, setor empresarial e terceiro setor. Deve-se requerer uma política de desenvolvimento humano apoiada na qualidade da educação básica, profissional e superior e uma política de saúde de cunho educativo e preventivo. Segundo Petrini,

5. CARVALHO, Maria do Carmo Brandt., O lugar da Família na Política Social In: A Família Contemporânea em Debate, EDUC/Cortez: São Paulo, 2000

6. ETRINI, João Carlos, Notas para uma Antropologia da Família, disponível em [www.institutodafamilia.com.br](http://www.institutodafamilia.com.br) acesso em 20 de março de 2002, p.14

*A valorização da família pela sociedade contemporânea passa pelo reconhecimento de sua cidadania. A família é sujeito social, porque precede o Estado, porque media relações entre os indivíduos e a coletividade, porque difunde ao seu redor um projeto de vida baseado na solidariedade...<sup>6</sup>*

Nessa direção é que o Projeto Comunidades de Aprendizagem, tomando como base resultados do INCLUD-ED, projeto de pesquisa coordenado pelo Centro de Investigação em Teorias e Práticas de Superação de Desigualdades (CREA), da Universidade de Barcelona, apontou para a grande importância da efetiva participação da família na escola. Não a forma de participação tradicional e já há muito tempo conhecida, qual seja, um tipo de participação meramente informativo onde os professores os comunicam sobre decisões já tomadas previamente. Ou uma participação meramente consultiva, quando se aborda com os familiares determinados aspectos da vida escolar:

Esta pesquisa, que teve como objetivo identificar atuações educativas de êxito (AEEs) que contribuem para superar o fracasso e a evasão escolar, identificou dois grupos principais delas: as formas inclusivas de agrupamento de alunos e os tipos bem sucedidos de participação dos familiares e da comunidade.

Em termos de incentivo ao protagonismo familiar e a sua atuação cidadã, o INCLUD-ED destacou ainda três possibilidades de atuação da família na escola: a participação decisória nas comissões mistas e nos espaços de tomada de decisão; a participação avaliativa no currículo e na avaliação dos processos de ensino-aprendizagem; e a educativa nas aulas e espaços de aprendizagem dos alunos, como nos Grupos Interativos, Bibliotecas Tutoradas, Tertúlias Dialógicas e no Modelo de Resolução de Conflitos.

Esses tipos de participação mostraram-se muito eficazes na diminuição do absentismo e na melhoria da aprendizagem, do rendimento escolar e da convivência intra e extraescolar:

Trata-se, portanto, de um dos mais significativos caminhos de construção de uma nova titularidade para a família: a titularidade do seu exercício cidadão na educação de suas crianças e jovens.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUBERT, A., FLECHA A., GARCIA C., FLECHA, R., RACIONERO, S. Aprendizaje Dialógico en la Sociedad de la información, Hipatia, Barcelona, 2013

BRAGA, Fabiana, MELLO, Roseli, GABASSA, Vanessa, Comunidades de Aprendizagem: outra escola é possível, EdUFSCAR: São Carlos, 2012

CARVALHO, Maria do Carmo Brandt. O lugar da Família na Política Social In: A Família Contemporânea em Debate, EDUC/Cortez: São Paulo, 2000

COSTA, Antonio Carlos Gomes da, Protagonismo Juvenil: adolescência, educação e participação democrática, Salvador: Fundação Odebrecht, 2000

GOMEZ-GRANELL, C; VILA, I, A cidade como projeto educativo, Porto Alegre, Artmed, 2003

GOMEZ A., PUIGVERT L., FLECHA R., Critical Communicative Methodology: Informing Real Social Transformation Through Research - Qualitative Inquiry 17(3) 235–245 © The Author(s) 2011, disponível em [qix.sagepub.com](http://qix.sagepub.com) em LEDUCACIO PSICOL VIRGILI em 9 de fevereiro de 2011

PETRINI, João Carlos, Sociedade Moderna: entre civilização e barbárie, disponível em [www.institutodafamilia.com.br](http://www.institutodafamilia.com.br) acesso em 20 de março de 2002

PETRINI, João Carlos, Notas para uma Antropologia da Família, disponível em [www.institutodafamilia.com.br](http://www.institutodafamilia.com.br) acesso em 20 de março de 2002

YESTE, C., CASABONY, N., COMPTE, M., La Implicación y la Participación de las Familias: Elementos Clave para la Mejora del Aprendizaje en los Centros Educativos com Alumnado Inmigrante, Universitat Rovira i Virgili, Indivisa, Bol. Estud. Invest., 2012, nº 13, pp. 192-212

## SITES CONSULTADOS

[www.comunidadeaprendizagem.com](http://www.comunidadeaprendizagem.com)

[www.comunidadesdeaprendizaje.net](http://www.comunidadesdeaprendizaje.net)



Comunidade de  
Aprendizagem

# Comunidade de Aprendizagem na gestão democrática da escola

**Doralice dos Santos Scafi**

# Resumo

Este trabalho pretende apontar as contribuições da Comunidade de Aprendizagem para a transformação efetiva de gestão democrática da escola.

O Projeto Comunidade de Aprendizagem apresenta-se com três princípios fundamentais que possibilitam uma nova forma de organização administrativa na escola: Transformação da Estrutura e da Cultura Escolares; Perspectiva Dialógica da Aprendizagem; e Implementação Educativa de Êxito, visando a eficácia, a equidade e a coesão social. É justamente neste processo que se fundamenta a gestão democrática para alcançar um quadro social com maior participação política da comunidade no interior das unidades escolares, com o pressuposto de que a escola imprima sua identidade e conquiste o seu espaço privilegiado para a construção da cidadania

## OBJETIVO

Preposição intencionada da Comunidade de Aprendizagem das atuações educativas de êxito, com destaque a uma das fases de transformação: constituição da Comissão Mista, almejando que os Conselhos Escolares e Unidades Executoras das Escolas tornem-se um só corpo, ou seja: unifiquem-se com representantes de pais ou responsáveis, estudantes, professores, funcionários e movimentos sociais comprometidos com a educação. Seu objetivo é auxiliar na gestão escolar a partir da discussão de temas que direcionam as ações do estabelecimento de ensino, além de promover a participação e o envolvimento da família e da comunidade em todos os espaços de aprendizagem da escola. Nesse sentido, a Comunidade de Aprendizagem é um projeto cientificamente comprovado que induz a transformação positiva da escola.

# Introdução

A escola, como instituição histórico-social, tem permanecido através dos tempos como um bem social que precisa ser mantido e continuamente melhorado. O modelo de gestão de escola, que tínhamos até o período autoritário militar, era caracterizado pelo autoritarismo, centralidade, verticalidade, inflexibilidade, marcas de heranças históricas de modelos e regimes de políticas educacionais. A gestão tradicional determinava uma separação entre atividades administrativas e pedagógicas, cabendo ao gestor escolar cuidar das tarefas cotidianas ligadas à administração, com pouco envolvimento na realidade da sala de aula. A tendência atual, que caracteriza a ação das políticas educacionais do país, é a de incrementar cada vez mais a participação da comunidade nas decisões referentes ao Ensino Público da Educação Básica. A gestão escolar deve ser uma ação construída coletivamente e compartilhada por todos os atores envolvidos. Nesse sentido, a Comunidade de Aprendizagem vem ao encontro das bases para uma gestão democrática da escola pública, firmadas na Constituição Federal de 1988 e posteriormente reafirmadas pela Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394/96. Sob essa perspectiva, a direção da escola deverá ter um trabalho de equipe com ampla participação de todos os segmentos da escola e também da comunidade. As atuais discussões sobre gestão escolar têm como dimensão e enfoque de atuação: a mobilização, a organização e a articulação das condições materiais e humanas para garantir o avanço dos processos socioeducacionais, priorizando o conhecimento e as relações internas e externas da escola.

Na meta 19 do PNE (Plano Nacional de Educação): assegurar condições, no prazo de 2 anos, para a efetivação da gestão democrática da Educação, associada a critérios técnicos de mérito e desempenho e à consulta pública à comunidade escolar, no âmbito das escolas públicas, prevendo recursos e apoio técnico da União para tanto.

Esta talvez seja a meta mais difícil de ser acompanhada por dados



estatísticos. Embora a gestão democrática da Educação esteja amparada na legislação educacional, sua efetivação em cada uma das redes públicas de ensino é ainda um imenso desafio para o País.

O Projeto Comunidade de Aprendizagem nasceu da necessidade de melhorar as escolas públicas das comunidades de conflito de periferia nos anos 90 em Barcelona. Os caminhos metodológicos para a sistematização, com ferramentas técnicas, foram baseados nos critérios e princípios metodológicos que permitem estruturar toda uma estratégia de trabalho: executar processos ordenados e coerentes, com uma sequência lógica acumulativa (fases de transformação), e que deem por resultado uma transformação qualitativa, situação esta que partiu de experiências:

*Nos anos 1990, o Centro de Investigação em Teorias e Práticas de Superação de Desigualdades (CREA), da Universidade de Barcelona, com base no conhecimento acumulado pela comunidade científica internacional e em colaboração com os principais autores e autoras de diferentes disciplinas de todo o mundo, promoveu a implementação de Comunidades de Aprendizagem em escolas de educação infantil, ensino fundamental e ensino médio.*

*Seu alicerce conceitual está referendado pelas conclusões do Projeto Includ-ed — desenvolvido pela Comissão Europeia — justamente para identificar e analisar estratégias educacionais que superem desigualdades e melhorem os resultados de aprendizagem. (CREA – Caderno Instituto Natura)*

# Desenvolvimento do trabalho

Atualmente as escolas encontram dificuldade em trazer os pais e a comunidade para participarem dos Conselhos Escolares e da Unidade Executora, a exemplo das APM (Associação de Pais e Mestres). Quando se fala voluntariado, participação no ambiente escolar, surge a dificuldade de como fazer. É nesse sentido que a Comunidade de Aprendizagem pode trazer a contribuição de sistematização, de preposição intencionada, ter clareza do ponto de partida, do planejamento e das ações para atingir um ensino de excelência, que é o objetivo do projeto de Comunidade de Aprendizagem.

O ponto de partida é o dirigente de ensino, a direção e os professores das escolas quererem a transformação da escola. Então há de se percorrer um caminho de sensibilização com a equipe diretiva, os professores e os pais de alunos, passar pela formação, e é proposto a todos esses atores sonharem coletivamente. Esses sonhos são categorizados e refletidos, nesse ponto um grupo de pais já está envolvido, por quererem e acreditarem na transformação da escola, constituindo assim a Comissão Mista, e podendo também participar das atuações Educativas de Êxito: Grupos Interativos, Tertúlias Dialógicas, Biblioteca Tutorada, Formação de Familiares, Participação Educativa da Comunidade, Modelo Dialógico de Prevenção e Resolução de Conflitos e Formação Pedagógica Dialógica.

# Conclusão

Uma escola que transforme seu ambiente e seu entorno através de suas atuações, baseada na perspectiva dialógica de aprendizagem, na implantação de Atuações Educativas de Êxito, abrindo espaço para a comunidade, tem como proposta fazer com que a comunidade atribua valores ao ensino, à aprendizagem. Que toda a paisagem vivida seja o local onde se desenvolve toda nossa história de vida, o bairro, a comunidade.

Segundo Werle (2003, p. 148), na medida em que estamos num momento histórico, há uma nova compreensão dos indivíduos e de suas instituições: “não tratando os indivíduos isolados uns dos outros, mas como seres de relações participantes de várias instituições que se inter-relacionam [...]”. A tendência atual, que caracteriza a ação das políticas educacionais do País, é a de incrementar cada vez mais a participação da comunidade nas decisões referentes ao Ensino Público da Educação Básica. Este estímulo para ampliar a participação materializa-se na metodologia do projeto de Comunidade de Aprendizagem.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALTMAN, Wener. Municipalização e descentralização. São Paulo: FUNDAP, 1990.

Relatório Final, v. 3.

\_\_\_\_\_. O Município como base de uma nova federação. In: São Paulo (Estado) Secretaria da Educação. Textos sobre ensino e municipalização. São Paulo: FUNDAP.

BORDIGNON, Genuíno; GRACINDO, Regina Vinhaes. Gestão da Educação: O município e a Escola. Gestão da Educação: Impasses, perspectivas e compromissos. In: Nauria Sylria

BRANDÃO, Carlos da Fonseca. LDB passo a passo. Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional. Comentada e interpretada artigo por artigo. São Paulo: AVERCAMP, 2003.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.

BRASIL. Emenda Constitucional nº. 14, de 12 setembro de 1996,

Modifica os artigos 34, 208, 211 e 212 da Constituição Federal e dá nova redação ao artigo 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB - Lei nº. 9.394, de 20/12/1996.

COLARES, Anselmo A.; SOUSA, Lília I. Do autoritarismo repressivo à construção da democracia participativa. Campinas: Editora Autores Associados Ltda., 2003.

CREA – Caderno de Formação - Instituto Natura

DEMO, Pedro. A Nova LDB: Rarões e Avanços. Campinas: Papyrus, 1998.

FERNANDES, Florestan. Comunidade e Sociedade. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.

GOMES, Jerusa Vieira. Relações Família e Escola? continuidade/descontinuidade no processo educativo. A autonomia e a qualidade do ensino na escola. Série Idéias, n. 16. São Paulo: FDE. 1995, p. 84-96.

KRAWCZYK, Nora. A gestão escolar: Um campo minado. Análise das propostas de 11 municípios brasileiros. Educação e Sociedade. v. 20, n. 67, Campinas, ago. 1999.

LÚCK, Heloisa. Estratégia para a ação global e coletiva do ensino. Gestão em Rede, n. 3.

MARTINS, A. G. et al. (Orgs). Descentralização do Estado e municipalização do Ensino: problemas e perspectivas. Rio de Janeiro: DP&A, p. 129-149, 2004.

SCAFI, Doralice dos Santos. Diretor e Gestão Democrática da Escola (Dissertação de Mestrado) Universidade Metodista de Piracicaba, 2007

TEIXEIRA, Anísio. O que é administração escolar? Revista Brasileira de Estudos

TORRES, Artemis; GARSKE, Lindalva Maria N. Diretores de escola, desacerto com a democracia. Artigo da publicação Em Aberto n.72, p. 60-70, Brasília: INEP, fev./jun., 2000.

WERLE, Flávia Obino Correa. Conselhos Escolares: implicações na gestão da Escola Básica. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

\_\_\_\_\_. Novos Tempos, Novas Designações e Demandas: Diretor, Administrador ou Gestor Escolar. Revista Brasileira de Política de Administração da Educação, São Bernardo do Campo: v. 17, n. 2, p. 147-160, jul./dez., 2001.

### **MEIO ELETRÔNICO**

A proposta de Comunidades de Aprendizagem - PBL 2010 Congresso Internacional. São Paulo, Brasil, 8-12 de fevereiro de 2010 disponível em <http://www.each.usp.br/pbl2010/trabs/trabalhos/TC0351-1.pdf> - 16/10/2015 - Acesso em 16 outubro 2015

FLECHA, R.; MELLO, R. R. A formação de educadoras e educadores para um modelo social de educação de pessoas jovens e adultas: perspectiva dialógica. Revista FAEEBA, v. 20, p. 1-16, 2012. <https://docs.google.com/file/d/0Bw5AkbjDMRP7ZUMtLTJoVEhrbW8/edit?pli=1>



Comunidade de  
Aprendizagem

# Grupos Interativos: passos dados rumo à implementação dessa atuação educativa de êxito em escola da Chapada Diamantina

**Aline Carvalho Nascimento**

# Resumo

É importante compartilhar experiências exitosas em educação que possam inspirar profissionais dessa área a seguir qualificando cada vez mais sua prática pedagógica. Nesse ínterim, esta produção traz o investimento feito na implementação dos grupos interativos na escola municipal Luiz Viana Filho, no município de Andaraí, Chapada Diamantina, inserida no contexto de formação continuada de educadores. Estabelece-se aqui um importante diálogo entre os encaminhamentos realizados desde a formação continuada até as ações desenvolvidas na escola. Esse investimento, que se encontra em processo, revela os desafios e os avanços vividos pela escola, e já anuncia importantes resultados.

## **PALAVRAS-CHAVE:**

grupos interativos; atuação educativa; experiência.

## **OBJETIVOS**

Fazer uma reflexão sobre os processos vividos por uma escola para a implementação dos grupos interativos.

Acompanhar os desafios enfrentados pela escola para a efetivação da atuação educativa de êxito.

Compartilhar experiências sobre o que agrega os grupos interativos às aprendizagens dos estudantes.

# Introdução

A convocatória aqui instaurada circunscreve-se no âmbito de uma reflexão sobre o processo vivido por uma escola quando deseja realizar os grupos interativos como uma atuação educativa de êxito. Isso possibilita que outras escolas possam ter contato com essa experiência, como uma forma de dialogar e (re)pensar os seus verdadeiros sentidos, realizando possíveis articulações para que as aprendizagens dos estudantes sejam cada vez mais significativas. O contexto desta produção surgiu da necessidade de documentar o trabalho com os grupos interativos na Chapada Diamantina no âmbito da formação continuada ICEP. Nesse sentido, a discussão ancora-se na importância de seguir avançando nos resultados de aprendizagem acadêmica (eficácia) e de convivência democrática (coesão social) para todas as pessoas (equidade).

Os grupos interativos e a atuação educativa de êxito do Projeto Comunidade de Aprendizagem estão pautados na superação de desigualdades educativas, no êxito em aprendizagem instrumental e na convivência, não constituindo-se em adaptação mas sim em transformação do contexto. Tudo isso com foco na interatuação das crianças, no diálogo igualitário com as pessoas do entorno, já que mais pessoas entram na aula para ajudar no processo de aprendizagem.

## **FUNCIONAMENTO DOS GRUPOS INTERATIVOS**

- Grupos de 4-5 alunas/os;
- Grupos heterogêneos: nível de conhecimento, habilidades, gênero, cultura, língua, afinidade, etc.;
- Atividades de 20 minutos;



- Atividades diferentes de uma mesma matéria que trate de conteúdos previamente ensinados;
- Em cada grupo uma pessoa adulta (voluntário) apoia o trabalho, favorecendo as interações entre os alunos;
- A cada 20 minutos cada grupo muda de voluntário e de atividade, enriquecendo assim as interações e aumentando o dinamismo;
- O professor circula pela sala para tirar dúvidas e atender aqueles alunos que apresentam mais dificuldade.

É imprescindível refletir sobre questões que se colocam cada vez mais fortemente em nossas escolas, tais como: “Como lidar com a diversidade presente nas salas de aula?”, “O que fazer quando há estudantes que terminam logo uma atividade e outros que não conseguem fazê-la?”, “Como contribuir com cada estudante diante daquilo que precisa aprender?”. E nesse sentido, os grupos interativos constituem-se como

*“Uma atividade compromissada com a inclusão de todas as crianças, jovens e pessoas adultas, procurando aumentar suas expectativas e autoestima a partir das habilidades comunicativas e interações igualitárias estabelecidas”. (MELLO, 2012, p. 125)*

# Desenvolvimento do trabalho

## PERCURSO DA FORMAÇÃO CONTINUADA

No município de Andaraí o ICEP realiza formação continuada de educadores há 10 anos. E a cadeia distributiva da formação possibilitou que, no âmbito do processo de formação ao longo desses anos, muitas aprendizagens fossem asseguradas na rede. Em 2014 iniciamos os estudos sobre Comunidade de Aprendizagem com a equipe técnica da secretaria de educação. E em 2015 a formação investiu na formação dos educadores com foco nos grupos interativos.

*A aprendizagem ativa uma série de processos internos de desenvolvimento que são capazes de operar somente quando a criança está interagindo com pessoas de seu entorno e em cooperação com seus colegas (Vygotsky, 1979, p.89)*

Pois bem, a definição colocada acima, por si só, já foi impactante no sentido de a escola querer abrir-se e desejar um trabalho pautado em redes de interlocução diversificada. Tudo isso porque há uma enorme queixa de que cada vez mais as pessoas estão individualistas, de que não sabem trabalhar em grupo. E a base da sociedade da informação para que seja também a sociedade do conhecimento é mesmo ensinar a se apoiar, a ser solidário, algo que o trabalho com grupos interativos foca tão bem. Tudo isso por entender, como nos ensina tão bem Freire (2010), que “o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História”.

Nas formações mensais estudamos, assistimos a vídeos sobre os grupos interativos, analisamos dados da pesquisa Includ-ed, e professores começaram a desejar e a planejar o trabalho nas suas escolas. A entrada com os grupos interativos contagiou os professores, todos se sentiram muito provocados, cheios de dúvidas e de questões, mas também com

muita vontade de ver esse trabalho acontecendo em suas escolas.

### **Algumas questões que surgiram:**

“Será que muitas atividades diferentes acontecendo ao mesmo tempo não podem fazer uma confusão na cabeça das crianças?”

“Poderíamos iniciar fazendo quinzenalmente ou mensalmente para avaliarmos e depois implantarmos os grupos interativos semanalmente?”

Todas as questões são muito pertinentes, principalmente em se tratando de iniciar uma atuação educativa de êxito que mexe com a estrutura tradicional da escola. No decorrer do caminho puderam ver que não havia confusão por parte das crianças, já que o conhecimento não se dá em “caixinhas separadas”, que o grupo interativo é realizado em cada área de conhecimento/disciplina e que possibilita um maior aprendizado. E com relação à última questão, foram vendo que terão como meta a regularidade semanal.

A professora do 5º ano da escola Luiz Viana Filho logo sonhou com essa atuação educativa de êxito em sua sala de aula, e juntamente com a equipe gestora iniciou a busca por voluntários, formação na escola, planejamento e realização do grupo interativo. E no decorrer das formações foi trazendo relatos de como estava iniciando o trabalho. Nesse movimento, outras reflexões emergiram:

“Eu sou vice-diretora e vou querer ser voluntária num grupo interativo na minha escola”.

“Eu já quero começar a selecionar os voluntários.”

“Precisamos motivar os professores e a escola para essa ação.”

“Não tem como uma prática dessa não dar certo.”

E mais passos foram dados por todos no mês de março e abril acerca de investimentos que precisariam ser feitos, como entrar no site [www.comunidadeaprendizagem.com](http://www.comunidadeaprendizagem.com) e fazer a inscrição, estudar o material,

identificar voluntários, sensibilizar a escola, rever o Plano de ação da escola para integrar a atuação educativa de êxito, grupos interativos e fazer uma revisão dos planos de ensino. E seguimos na análise e tematização da prática, que a cada formação era alimentada por material das salas de aula.

## RECONCEITUALIZAÇÕES VIVIDAS

Alguns desafios surgiram no processo de implementação dos grupos interativos na escola Luiz Viana Filho, e nesse movimento todos foram apropriando-se dos verdadeiros sentidos da atuação educativa de êxito e foram reconceitualizando muitas coisas.

Desafios iniciais	Reconceitualizações
Seleção dos voluntários	
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Participação de estudantes de outras turmas do próprio turno da escola como voluntários;</li> <li>- Todos os voluntários eram estudantes e profissionais da própria escola;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Participação de estudantes mais experientes como voluntários, porém de outro turno para que não saísse da sala de aula para participar dos grupos interativos;</li> <li>- Participação de ex-alunos e alunos de escolas do ensino médio da cidade, funcionários da escola, mães, profissionais do Programa Mais Educação e pessoas do entorno da escola.</li> </ul>
Planejamento das atividades	
<ul style="list-style-type: none"> <li>- As atividades não estavam ajustadas para o tempo;</li> <li>- Os voluntários não tinham conhecimento das atividades com antecedência;</li> <li>- Ao final das atividades observava-se que muitos estudantes nos grupos interativos erravam as questões das atividades, e nem mesmo os voluntários tinham conhecimento de quais eram as respostas;</li> <li>- Planejamento de atividades de diferentes áreas do conhecimento no mesmo dia.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Breve reunião entre a professora, a coordenadora pedagógica e os voluntários para explicar as atividades e orientar previamente. É importante os voluntários terem os gabaritos das questões, mesmo tendo pouco conhecimento da leitura e escrita;</li> <li>- Atividades de uma mesma área do conhecimento com diferentes temas/conteúdos.</li> </ul>
Organização da turma	
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Realização de agrupamentos por saberes próximos;</li> <li>- Realização de agrupamentos a critério dos estudantes.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Planejamento dos agrupamentos considerando o maior nível de diversidade/heterogeneidade.</li> </ul>

Intervenções dos voluntários	
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Durante o trabalho com os grupos interativos, os voluntários ficavam mais observando os estudantes realizarem as atividades, não tinham clareza sobre como intervir;</li> <li>- Intervenções no sentido de ensinar; ajudar a resolver as questões.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Os voluntários passaram a incentivar os estudantes a se ajudarem mutuamente, dinamizando, assim, a interação nos grupos. Ficou mais claro seu papel, assegurando a participação ativa de todos, com olhar atento para as interações e as trocas de aprendizagens.</li> </ul>
Participação dos estudantes	
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Preocupação de cada um com sua atividade, empenho em terminar o mais rápido possível;</li> <li>- Postura competitiva. Ao terminar as atividades, entregavam ao voluntário sem interagir com os colegas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Os estudantes que terminavam a atividade preocupavam-se em ajudar aqueles que ainda não haviam feito ou que estavam com dificuldade. Entenderam que não era suficiente um aluno finalizar a atividade, mas o grupo todo, para que passasse para outra atividade;</li> <li>- Os estudantes se sentiam à vontade para dialogar sobre a atividade no grupo, trocar ideias, pedir ajuda, ouvir a opinião do colega.</li> </ul>
Avaliação	
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Após as atividades os voluntários entregavam as atividades à professora e iam embora;</li> <li>- Faltava clareza sobre como o professor avaliaria e monitoraria as aprendizagens dos estudantes ao longo do ano.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Breve reunião entre os voluntários, a coordenadora pedagógica e a professora para dialogarem sobre a atividade, sobre a percepção e a avaliação dos voluntários sobre as aprendizagens dos estudantes;</li> <li>- Valorização do momento de avaliação como extremamente importante, tendo em vista que nesse intercâmbio o voluntário dá um retorno ao professor sobre como foi a atividade, quais as principais dificuldades e questões que surgiram, e ajuda o professor a fazer a reorganização dos agrupamentos nos próximos grupos interativos;</li> <li>- Organização de instrumentos de avaliação para acompanhar as aprendizagens dos estudantes.</li> </ul>

## IMPACTO NAS APRENDIZAGENS

A escola Luiz Viana avaliou a importância do trabalho com grupos interativos, o qual contribuiu para que todos/as, inclusive aqueles/as estudantes que nunca participavam das aulas, também participassem.

“Foi muito bom mesmo, queria que tivesse grupos interativos todos os dias. Foi impressionante como os alunos se concentraram nas atividades, estavam motivados, até aqueles que nunca participam. Ninguém se dispersou, não quis ir ao banheiro, tomar água [...]. Vamos chamar para ser voluntária a mãe de um aluno que estuda no noturno e que está se alfabetizando agora, pois vejo que o grupo interativo possibilita que todos aprendam, estudantes nos grupos e voluntários também”. — Professora Joilda, 5º ano.

Isso revela

*a ocorrência de grande mudança de hábito nas relações entre as crianças, jovens e adultos na escola e de todos para com o conhecimento, uma vez que se começa a difundir um novo hábito cultural tão importante para a ressignificação da escola como um espaço de todas as pessoas, no qual cada uma pode aprender o máximo possível, com alegria, respeito e solidariedade. (MELLO, 2012. p.130-131)*

Na avaliação do percurso vivido, toda a escola aprendeu muito:

	Março 2015	Novembro 2015
Quais turmas realizaram os grupos interativos?	5º B	3º C e D 4º A, B, C 5º A, B, C
Quantos e quem eram os voluntários?	5 voluntários Coordenadoras pedagógicas da escola, monitores do Programa Mais Educação, funcionária da biblioteca da escola.	26 voluntários Coordenadoras pedagógicas da escola, monitores do Programa Mais Educação, funcionária da biblioteca da escola, estudantes do ensino médio de outra escola do município, mães, diretora e vice-diretora escolar.
Com que regularidade aconteciam os grupos interativos?	Quinzenal	Quinzenal. Semanalmente há grupo interativo na escola.
Como funcionou a gestão do tempo?	Ultrapassava muito o tempo definido para cada atividade, esperava todos terminarem.	Gestão do tempo de 20 minutos para cada atividade.
Como avalia as aprendizagens?	Em Língua Portuguesa e Matemática havia muitos estudantes com muitas dificuldades, alguns nunca realizavam as atividades propostas.	Todos avançaram, houve maior aprendizado, pois todos realizaram as atividades e se envolveram mais nas aulas.

# Conclusão

O fato de a formação acontecer com todos/as numa verdadeira cadeia distributiva — secretário de educação, equipe técnica, duplas gestoras, professoras — contribui sobremaneira para que os investimentos sejam assegurados nas escolas e salas de aula. Assim, o trabalho com os professores possibilitou que eles pensassem o trabalho da sala de aula ancorado nos apoios que as duplas gestoras já estavam se mobilizando para dar. Nesse movimento houve sensibilização da escola, busca de voluntariado e sua formação, e disponibilização, quando necessário, de reprodução de material para as atividades nos grupos interativos.

Os avanços são muitos, mas precisamos encarar os desafios para que a prática dos grupos interativos seja incorporada na cultura da comunidade escolar e para que haja progressão e continuidade do trabalho nos anos seguintes. Para tanto, é fundamental:

- Garantir na rotina a regularidade com os grupos interativos;
- Conseguir maior quantidade e diversidade de voluntariado;
- Criar uma cultura de trabalho com os voluntários que tenham uma participação frequente e regular na escola;
- Ajudar os voluntários a mobilizar cada vez mais as interações nos grupos;
- Assegurar os critérios da heterogeneidade nos grupos;
- Regular as atividades para o tempo dedicado a cada uma.

## BIBLIOGRAFIA

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

MELO, R. R.; BRAGA, F. M.; GABASSA, V. Comunidade de aprendizagem: outra escola é possível. São Carlos: EdUFSCar, 2012.

BRAGA, F. M.; MELO, R. R.; GABASSA, V. Aprendizagem dialógica: ações e reflexões de uma prática educativa de êxito. São Carlos: EdUFSCar, 2010.

Vygotsky, L.S. 1979. El desarrollo de los procesos psicológicos superiores. Barcelona: Crítica (p.o.1934). In Revista Escola Comunidades de aprendizagem. No. 1 - OUTUBRO 2011 - FERRAMENTAS DE TRABALHO PARA OS PROFESSORES.





Comunidade de  
Aprendizagem

# Rumo às Comunidades de Aprendizagem: Grupos Interativos e Tertúlias Dialógicas Literárias

**Raquel Oliveira Braun**

# Introdução

O Colégio Visconde de Porto Seguro abriu suas portas em 1879, no centro de São Paulo, com o objetivo de proporcionar aos filhos dos imigrantes alemães integração entre as culturas brasileira e alemã. Atualmente o Colégio possui 4 unidades, 3 na cidade de São Paulo e uma em Valinhos, no interior do estado, e é frequentado por cerca de 11 mil alunos, em sua maioria oriundos da alta classe média. A escola foi eleita em 2001 a melhor escola de São Paulo pela revista Veja São Paulo.

O Colégio é uma escola particular, mantida pela Fundação Visconde de Porto Seguro, uma entidade sem fins lucrativos que desenvolve atividades educacionais, sociais e culturais voltadas para grupos de baixa renda. Por substituir o Estado em algumas de suas obrigações, goza de imunidade tributária. Em contrapartida, tem deveres legais: a instituição deve empregar 20% de sua receita em gratuidades, como concessão de bolsas de estudo, alimentação, uniforme e material escolar.

Em 1966, a Fundação Visconde de Porto Seguro, buscando aproveitar os períodos de ociosidade dos operários que trabalhavam na abertura do túnel da Praça Roosevelt, localizada no centro de São Paulo, ao lado do antigo Colégio, decidiu montar uma classe de alfabetização de adultos com 35 alunos. Em seguida, com o objetivo de promover a inclusão social, a fundação criou a Escola da Comunidade, na qual foram acolhidas 36 crianças em curso diurno, em adição aos adultos que frequentavam o noturno. O grupo era composto por pessoas de baixa renda, atraídas para a região central pelas grandes obras públicas e privadas que estavam sendo realizadas na época naquela região.

Hoje, a Escola da Comunidade, localizada no Morumbi e integrada ao Colégio Visconde de Porto Seguro, oferece aproximadamente 1.600 bolsas de estudo completas, divididas entre Educação Básica (Educação Infantil ao Ensino Médio) e Educação para Jovens e Adultos. As aulas são ministradas pelos mesmos professores do Colégio para alunos

provenientes das comunidades carentes da região, submetidas a toda sorte de vulnerabilidades. Estes alunos, além das aulas regulares, têm a oportunidade de desenvolver diversas habilidades artísticas, esportivas e intelectuais: representam o Colégio em atividades internas e externas, atuando em banda e coral, e dispõem de cursos extras de alemão e atualidades, além de, no âmbito esportivo, poderem participar de treinos e campeonatos de Rugby.

Os alunos da Escola da Comunidade, ao concluírem o ensino médio, não somente têm encontrado oportunidades no mercado de trabalho como muitos têm ingressado em universidades, tanto particulares como públicas.

O êxito na formação dos estudantes da Escola da Comunidade não depende exclusivamente da qualidade do ensino e do ambiente proporcionados pelo Colégio. As famílias têm tido um importante papel nesse processo transformador; por isso, a Escola procura atrair seus integrantes para os cursos de Educação para Jovens e Adultos, do Ciclo I (Fundamental I) ao Ciclo III (Ensino Médio), e de Artesanato.

Para manter-se como uma escola de excelência, o Colégio Visconde de Porto Seguro mantém contato com as mais renomadas instituições de ensino em todo o mundo. Em 2014, ao tomar conhecimento de um conjunto de atividades denominado Comunidades de Aprendizagem, com potencial de melhorar os resultados da aprendizagem, o Colégio entrou em contato com o Instituto Natura, que patrocina a introdução de tais atividades no Brasil.

Por intermédio do Instituto Natura foi possível fazer contato com a Universidade de Barcelona e conhecer o projeto Comunidades de Aprendizagem, que tem o objetivo de melhorar os resultados acadêmicos de todos os alunos e da convivência entre eles.

Em 1990 o Centro de Investigação em Teorias e Práticas de Superação de Desigualdades (CREA), da Universidade de Barcelona, implementou Comunidades de Aprendizagem em escolas de educação infantil, de ensino fundamental e de ensino médio.

O CREA também coordenou um extenso projeto de pesquisa educacional, de 2006 a 2011, intitulado INCLUD-ED — Strategies for Inclusion Social Cohesion in Europe from Education<sup>1</sup> — o qual identificou 7 Atuações Educativas de Êxito (AEEs) que, implementadas em Comunidades de Aprendizagem com participação educativa das comunidades, mostraram-se eficazes, geradoras de bons resultados acadêmicos em grupos heterogêneos, inseridos em diferentes contextos sociais e econômicos.

São elas:

- Grupos Interativos: subgrupos de alunos tutorados por uma pessoa adulta da escola ou da comunidade, que atua de forma voluntária, com vistas à resolução das tarefas propostas, à validação das relações interpessoais e à convivência.
- Tertúlias Dialógicas: diálogo sobre as melhores criações da humanidade na literatura. A leitura e a discussão de clássicos, o contato com a obra de grandes mestres da pintura, bem como a audição de peças musicais eruditas, despertam reflexões que serão compartilhadas pelo grupo.
- Biblioteca Tutorada: horário da biblioteca estendido nos finais de semana para que os jovens, auxiliados por voluntários, disponham de um lugar de aprendizagem livre e gratuito.
- Formação de Familiares: a escola oferece programa de formação para as famílias que decidem o quê, como e quando desejam aprender. Na Escola Monserrat-Barcelona, por exemplo, os pais solicitaram aulas sobre as normas de trânsito da Espanha, uma vez que eram oriundos de países africanos.
- Participação Educativa da Comunidade: envolvimento direto das famílias em todos os espaços de aprendizagem da escola. As regras de convivência na escola são organizadas com a comunidade, juntamente com os gestores da escola, cabendo ao gestor a definição do que será ou não aplicado.

[www.google.com.br/#q=includ-ed](http://www.google.com.br/#q=includ-ed)

- Modelo Dialógico de Prevenção e Resolução de Conflitos: as normas da escola são construídas com toda a comunidade escolar de forma consensual. Há definição das sanções da escola e quais procedimentos serão tomados quando as normas são transgredidas.
- Formação Pedagógica Dialógica: formação nas bases científicas, teóricas e nas evidências que têm o aval da comunidade científica internacional. Nelas, o conhecimento é construído conjuntamente a partir de leituras que a comunidade científica internacional tenha validado como referência.

# Desenvolvimento do trabalho

## O INÍCIO DO PROJETO

Todas as AEEs foram analisadas em função dos seus resultados esperados e do impacto no programa de ensino em andamento na Escola da Comunidade e, como resultado, escolheram-se as atuações dos Grupos Interativos e das Tertúlias Dialógicas Literárias para constituir o início da implantação das Comunidades de Aprendizagem na Escola da Comunidade do Colégio Visconde de Porto Seguro. Como fatores favoráveis também foram consideradas a compatibilidade com o planejamento, a adaptação a todas as áreas de conhecimento e a possibilidade de aplicação no horário regular de aulas, portanto sem custos adicionais.

As atuações escolhidas foram iniciadas em março de 2015 nos mesmos moldes preconizados pelos pesquisadores da Universidade de Barcelona e tinham como objetivo principal rever ou reforçar conteúdos já ministrados.

Os professores envolvidos foram treinados por um formador do Instituto Natura e, por sua vez, orientaram os voluntários participantes.

As atividades dos Grupos Interativos contemplaram reforços em Geografia, Ciências e Matemática, inclusive com a utilização de iPads.

Nas Tertúlias Dialógicas Literárias foram lidas e discutidas obras selecionadas de acordo com o nível dos participantes. Para o nível II, no 6º ano, tivemos *O Menino no Espelho*, de Fernando Sabino, e *Vinte Mil Léguas Submarinas*, de Júlio Verne; no 7º ano, *A Outra Face - História de Uma Garota Afegã*, de Deborah Ellis, e *A Flauta Mágica*, de Dionísio Jacob (baseada em folheto da ópera de Mozart); e no 8º ano, *Frankenstein*, de Mary Shelley, e *Sonho de Uma Noite de Verão*, de William Shakespeare, e *O Conto da Ilha Desconhecida*, de José

Saramago. Já em Ensino de Jovens e Adultos, foram discutidas as Fábulas de Esopo (uma por semana), Comédia para Se Ler na Escola, de Luis Fernando Verissimo, e Como um Rio - O Percurso do Menino Cortez, de Silmara Casadei.

## RESULTADOS

Embora ainda não tenhamos resultados quantitativos seguros, já pudemos observar nitidamente um maior envolvimento de professores e alunos no processo de ensino e de aprendizagem, como demonstrado pelos depoimentos a seguir. A avaliação quantitativa está sendo desenvolvida pelo Instituto Natura.

## GRUPOS INTERATIVOS

“Inicialmente os alunos de Educação de Jovens e Adultos chegavam acanhados, mas aos poucos iam se envolvendo com as atividades. Em um clima cooperativo, de respeito e dedicação, conseguia-se atingir o objetivo do encontro: alunos interagindo com os voluntários e entre eles e revendo conteúdos do período.”<sup>2</sup>

“Foi muito bom poder participar do grupo interativo com os alunos do EJA e uma mãe porque foi como uma troca: nós os ajudamos com a Matemática e eles, com experiência de vida. O Marcos (voluntário) nos falou que ‘sem organização não se vai a lugar nenhum’ e isso foi muito positivo pra gente.”<sup>3</sup>

“Primeiramente agradeço por ter participado desse aprendizado. Em sala de aula, com os alunos, essa é uma grande novidade. Muito bom interagir com a escola e a professora. Gostei muito. Os alunos estão de parabéns. A todos!!!”<sup>4</sup>

2. Depoimento da professora Elaine Leoni sobre a atividade com alunos da Educação de Jovens e Adultos.

3. Depoimento de Luma da Silva Nascimento, aluna do 8º ano.

4. Depoimento de Edna F. da Silva, mãe.

## TERTÚLIAS DIALÓGICAS LITERÁRIAS

“Eu amo ler e fazer as Tertúlias porque as histórias se identificam com a minha vida. Sempre tem um trechinho que é igual à minha história.”<sup>5</sup>

“No início, a participação não foi fácil, mas pouco a pouco os alunos vão adquirindo confiança e o diálogo acontece. Porque não se trata de interpretar o que diz o autor, mas sim de manifestar o que aquela frase ou aquele parágrafo escolhido produz em cada um, e compartilhar com os outros. E, apesar da pouca experiência leitora, os alunos relacionam a leitura com seus contextos particulares, compartilham coisas da vida, lembranças, vivências da infância e adolescência que nunca contaram a ninguém, e se sentem valorizados quando são ouvidos.”<sup>6</sup>

“A Tertúlia desperta a vontade de ler, aumenta o vocabulário, melhora a expressão oral e escrita, amplia a compreensão leitora, o pensamento crítico, a capacidade de argumentação e o respeito ao outro.”<sup>7</sup>

5. Depoimento de Aurikélia, aluna da EJA.

6. Depoimento da professora Tatiana Lazarini.

7. Depoimento da professora Edelaine Ruzzante.



# Conclusão

O desempenho demonstrado nos Grupos Interativos e nas Tertúlias Dialógicas Literárias permitiu concluir que os objetivos esperados estão sendo atingidos com reflexos positivos nas atividades curriculares regulares dos participantes.

O objetivo da Escola da Comunidade é implantar gradativamente as demais Atuações Educativas de Êxito, na medida em que os professores e os voluntários aumentem o seu envolvimento com o projeto e que os resultados quantitativos venham confirmar as expectativas hoje existentes.

## BIBLIOGRAFIA

RODRIGUES, Eglén Silvia Pipi. Grupos Interativos: uma proposta educativa. Tese de Doutorado na Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010.

MELLO, Roseli Rodrigues de; BRAGA, Fabiana Marini; GEBASSA, Vanessa. Comunidades de aprendizagem: outra escola é possível. São Carlos: EduSCar, 2012.

VIGOTSKY, Lev Semyonovich. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

INSTITUTO NATURA. Comunidades de Aprendizagem – 2014

UNIVERSIDADE DE BARCELONA. INCLUD-ED Estratégias para a inclusão e coesão social na Europa a partir da educação. Disponível em: <http://www.comunidadeaprendizagem.com/uploads/materials/26/2944b1fd4df2988d4fa0a95f796cec1b.pdf>. Acesso em 28 nov. 2015.



Comunidade de  
Aprendizagem

# Comunidades de Aprendizagem: processo de implantação

**Maria Lucia Mastropasqua**

# Introdução

Comunidade de Aprendizagem é uma proposta educativa desenvolvida pelo Centro de Investigação em Teorias e Práticas Superadoras de Desigualdades (CREA), da Universidade de Barcelona/Espanha, e pelo Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa (NIASE), da Universidade Federal de São Carlos/Brasil. Tanto o CREA quanto o NIASE têm socializado o conhecimento científico que embasa o contexto de comunidade de aprendizagem a educadores do Brasil e da América Latina, alicerçado na garantia da aprendizagem de todos os estudantes numa convivência respeitosa. É uma proposta que “... apresenta instrumentos para a transformação tanto da gestão da escola como dos processos de aprendizagem. Na gestão escolar, trata-se de buscar uma organização escolar menos hierárquica e mais comunicativa, guiada por critérios formativos. (...) Pela gestão dialógica visa-se a cooperação entre escolas e famílias” (Mello et al., 2012, p.12). Uma postura dialógica envolve a comunicação entre duas ou mais pessoas de forma que todos tenham direitos iguais à fala, uma aprendizagem de todas as pessoas, independentemente de sua origem social ou racial. E são essas interações as responsáveis pelos resultados educativos de máxima aprendizagem, o que pressupõe acesso a uma vida mais digna e de qualidade.

As escolas, bem como a sociedade, vêm se tornando mais dialógicas. Pode-se afirmar que a qualidade do processo de ensino-aprendizagem, em grande parte, depende não só da seleção de conteúdos, mas também da relação de proximidade e empatia construída entre professor e aluno. A excelência do processo de ensino-aprendizagem não é algo que pode ser garantido apenas pelo professor em suas estratégias didático-pedagógicas. É, acima de tudo, uma conquista, fruto do diálogo, da participação efetiva do aluno e, sobretudo, da construção de relações de proximidade e de empatia com os estudantes.

Nessa perspectiva utiliza-se como base teórico-metodológica o conceito de aprendizagem dialógica, tendo como principais referências

Paulo Freire e Jürgen Habermas. Mello propõe uma reflexão sobre a ideia de um giro dialógico na sociedade moderna do fim do século XX e início do século XXI. Aponta a importância desses autores que afirmam que a sociedade dos tempos atuais coloca o diálogo como foco nas relações sociais, incluindo-o tanto na convivência dentro de casa quanto na política internacional, ao se testemunhar a substituição de governos centrados numa figura de poder por governos que incluem diversos representantes legais. O giro dialógico, enfim, impõe-se na medida em que surge a necessidade de viabilizar negociações para se atingirem consensos, uma premissa de vida na sociedade contemporânea. Ao se transpor essa reflexão à sala de aula, postula-se que em Comunidade de Aprendizagem a possibilidade do diálogo em sala de aula orienta a relação professor/alunos pautada em justiça e igualdade, valores altamente desejados em detrimento do autoritarismo e da discriminação. As práticas dialógicas superam as práticas hierárquicas, pois objetivam a articulação dos diferentes agentes educativos de uma escola na busca por uma educação de qualidade para todos.

Aubert (et al., 2013, p.35-36) reforça o conceito de giro dialógico no âmbito educacional: “En la actualidad, la psicología hace cada vez mayor énfasis en la dimensión intersubjetiva y comunicativa del aprendizaje. Así autores y autoras como Wells, Cummins, Rogoff, Corner o Moll insisten en la importancia de poner en interacción comunicativa todos los contextos en los que los niños y las niñas aprenden y se desarrollan para potenciar más y mejores aprendizajes y reconocen la riqueza que para ello supone lo que cada grupo cultural apunta al aprendizaje de todo el alumnado, riqueza que se convierte en un factor favorecedor del aprendizaje cuando en los centros educativos se crean espacios de interacción dialógica entre culturas.”

A aprendizagem dialógica é um conceito que se refere à maneira de se conceber a aprendizagem e as interações a partir dos princípios: diálogo igualitário - primeiro princípio em que se considera a função da validade de um argumento e não a posição de poder das pessoas; inteligência cultural - segundo princípio em que se considera que todas as pessoas têm inteligência, o que significa dizer que todos têm igual condição de participar de um diálogo igualitário; o terceiro princípio, transformação,

impõe uma sociedade com relações mais participativas, dialógicas e igualitárias; na sociedade da informação, uma boa preparação acadêmica com foco na dimensão instrumental da aprendizagem, quarto princípio, é o elemento chave para que se promova a reflexão; propor a criação de sentido entre as pessoas, por meio do diálogo igualitário, quinto princípio, é suscitar reflexão; a solidariedade, sexto princípio, é um recurso de mobilização que mantém as pessoas conectadas num mesmo mundo social; e o sétimo princípio foca a igualdade de diferenças, o que significa dizer que nenhuma relação cultural apoiada em desigualdade de direitos trará melhorias à aprendizagem e à convivência entre os alunos.

# Desenvolvimento do trabalho

A Escola da Comunidade Vila Andrade do Colégio Visconde de Porto Seguro tem incluído em seu Projeto Político Pedagógico, desde 2014, as ações educativas de êxito: Grupos Interativos, Tertúlia Dialógica Literária e Biblioteca Tutorada.

Nas explicações que seguem apresento uma breve descrição de cada uma dessas ações educativas com depoimentos de professores, alunos e voluntários, além da relação com três dos princípios da aprendizagem dialógica: diálogo igualitário, inteligência cultural e criação de sentido.

Nas atividades dos grupos interativos a proposta é o reforço e a aceleração da aprendizagem, além da preocupação de manter as relações saudáveis entre os estudantes. As atividades foram realizadas semanalmente com as classes de 4º e 5º anos do Ensino Fundamental em 2014, ampliando a adesão do grupo de professores, em 2015, quando implantamos grupos interativos para as classes de Infantil ao 5º ano, no Ensino Fundamental Nível I, e 8º e 9º anos no Ensino Fundamental Nível II.

Em pequenos grupos de estudantes sob o acompanhamento de pais voluntários, funcionários do Colégio e alunos voluntários do Ensino Médio do Colégio Visconde de Porto Seguro – Unidade Panamby, os alunos têm participado de planos de revisão de conteúdos de Língua Portuguesa e Matemática, em que os estudantes resolvem exercícios sob o monitoramento dos voluntários de acordo com o tempo preestabelecido pelo professor para a realização das atividades. Em classe o tempo é de 90 minutos para os grupos interativos — o professor coloca na lousa o conteúdo que será desenvolvido e orienta que, a cada 15 minutos, serão apresentados novos desafios previamente elaborados pelo professor.

A presença dos voluntários nas atividades de grupos interativos visa dar aos estudantes oportunidades de interagir com a diversidade de conhecimentos e de linguagem, além da professora. Porém, cabe à professora organizar os grupos da maneira mais heterogênea possível, possibilitando o exercício do diálogo igualitário com vistas a ampliar a capacidade dos estudantes, num ambiente de valorização das atividades de convivência.

As palavras de Mello (et al., 2012, p.126) confirmam a aprendizagem dialógica presente nos grupos interativos: “A base da aprendizagem dialógica que ampara os grupos interativos reconhece que na interação todos se beneficiam porque as aprendizagens são intersubjetivas. Isto traz à proposição um aprofundamento: quanto maior a diversidade interna de um grupo, maiores e mais profundas as aprendizagens de cada sujeito que o integrar, tanto do ponto de vista intelectual como do ponto de vista social.”

Os depoimentos de professores, voluntários e alunos atestam a eficácia dos grupos interativos.

“Hoje (29/5/2015) foi uma experiência única, a presença dos pais nos grupos foi bem positiva. Os grupos fluíram muito bem e conseguiram terminar as atividades com autonomia. Conseguimos fazer a rotatividade, pois estávamos com voluntários em todos os grupos. Foi um sucesso! Percebi que foi bem uma troca de vontade de acertar.”  
(professora Maria de Fátima Olzon Vedrossi – 4º ano)

A professora de Matemática Elaine Leoni tem demonstrado entusiasmo com as classes de 8º ano:

“Aos poucos, pais e alunos foram interagindo e se envolvendo com as atividades propostas nos grupos interativos. Percebo a cada encontro um progresso na dinâmica da aula e no envolvimento dos pais e alunos. Em um clima de respeito, cooperação e dedicação conseguimos atingir o objetivo destes encontros: alunos interagindo com os voluntários e entre eles, expressando suas dúvidas, seus acertos, comunicando-se matematicamente.”

“Hoje tive uma experiência maravilhosa na escola da minha filha, ajudando nos grupos interativos. E tive uma explosão de felicidade.”  
(mãe voluntária de grupo interativo – 4º ano)

Os alunos voluntários do Ensino Médio sensibilizaram-se com a proposta.

“Nós fomos para ensinar, mas aprendemos com eles coisas que não se aprende na escola. Viemos para ensinar e aprendemos a amar.” (aluno voluntário do Ensino Médio – Colégio Visconde de Porto Seguro – Unidade Panamby)

“Não existe nenhum tipo de frase poética ou pensamento filosófico que consiga transmitir os sentimentos e as experiências que tivemos com essas crianças tão especiais. Cada tarde que passamos com os alunos nos fez acreditar mais e mais no que estávamos fazendo. Hoje não olhamos para trás para nos recordar das contas de Matemática ou dos textos de Português que ajudamos a concretizar, mas sim para cada sorriso das crianças que creem em um mundo melhor, algo que agora passamos a acreditar.” (aluno voluntário do Ensino Médio – Colégio Visconde de Porto Seguro – Unidade Panamby)

Na opinião dos alunos, os grupos interativos promovem a revisão de conteúdos.

“O que tenho aprendido muito é a agilidade, pois são somente 15 minutos para cada atividade. No começo, não dava para fazer quase nada, porém agora é ao contrário, pois assim que chegamos, sentamos e colocamos o foco na atividade. No grupo, quando alguém tem dificuldades, o ajudamos. Lembro-me de uma vez em que estava com dificuldade em um exercício de porcentagem e meus colegas me ajudaram. Tenho percebido que com a presença dos pais, os alunos ficam mais quietos e focados. Os conteúdos das atividades falam de matérias já estudadas, então se nós não tivermos entendido, passamos a entender melhor, além de muitas vezes uma matéria puxar a outra e se não entendemos, teremos mais dificuldade na próxima.” (aluna do 8º ano do Ensino Fundamental).



A Tertúlia Dialógica Literária tem como ponto de partida a leitura de obras clássicas da literatura universal. Seguindo os princípios da aprendizagem dialógica, são encontros semanais de aproximadamente 1 hora onde, a partir da escolha da obra a ser lida, a leitura, em capítulos, é realizada em casa e os participantes compartilham suas compreensões a partir dos destaques dos trechos que chamaram a atenção e que representaram relações com aspectos da vida cotidiana. Há um moderador cuja função é organizar as falas dos estudantes numa aprendizagem dialógica. Sobre o funcionamento da Tertúlia Literária, Flecha caracteriza-a da seguinte maneira: “Decide-se conjuntamente o livro e a parte a comentar em cada próxima reunião. Todas as pessoas leem, refletem e conversam com familiares e amigos durante a semana. Cada um traz um fragmento eleito para ler em voz alta e explicar por que lhe resultou especialmente significativo. O diálogo vai se construindo a partir dessas contribuições. Os debates entre diferentes opiniões se resolvem apenas através de argumentos. Se todo o grupo chega a um acordo, ele se estabelece como a interpretação provisoriamente verdadeira. Caso não se chegue a um consenso, cada pessoa ou subgrupo mantém sua própria postura: não há ninguém que, por sua posição de poder, explique a concepção certa e a errônea.” (Mello et al., 2012, p. 132)

Os alunos do 8º ano, após vivenciarem a Tertúlia Literária com a obra *Frankenstein*, de Mary Shelley, propuseram para o 1º semestre de 2015 a continuação dos encontros a partir da leitura de contos. Iniciou-se com a obra de Edgar Allan Poe, e os contos trabalhados foram “O Retrato Oval”, “A Máscara de Morte Rúbia”, “O Gato Preto”, “O Barril de Amontilhado” e seguiu-se com os contos de Machado de Assis, “A Carteira” e “A Causa Secreta”. No segundo semestre de 2015 a obra selecionada foi *As Aventuras de Sherlock Holmes*, de Arthur Conan Doyle.

Os depoimentos dos alunos de 8º e 9º anos têm estimulado o grupo de professores:

“A Tertúlia é simplesmente muito legal! Ela nos apresentou textos clássicos da época antiga, que apresentam uma maneira diferente de composição que hoje não encontramos muito nas livrarias. Ela também ajudou muito na parte de leitura, do vocabulário e de compreensão.

Acho muito legal poder sentar em roda e escutar as opiniões dos outros, poder conversar e discutir sobre os textos. É muito interessante! Adorei participar do nosso grupo de Tertúlia, gostei de conhecer e aprender coisas novas e compartilharei esses conhecimentos com todos que conheço.” (aluno do 8º ano – Ensino Fundamental)

“A Tertúlia me fez melhorar a leitura e escrever melhor. O texto que eu mais gostei foi ‘O Gato Preto’, de Edgar Allan Poe, um texto que fala sobre um homem que matava seu gato. Quando ele foi matar o segundo gato, a mulher dele entrou na frente e ele acabou matando ela com uma machadada. Recomendo que leiam esse texto porque vale muito a pena.” (aluno do 8º ano – Ensino Fundamental)

A professora Danielle Goldenberg, moderadora da Tertúlia Literária, impressionou-se com o desenvolvimento dos alunos:

“Os alunos não conheciam os contos de Edgar Allan Poe mas, em pouco tempo, desenvolveram gosto pela leitura e pelo estilo. Os alunos conseguiram estabelecer comparações e paralelos entre os estilos de Edgar Allan Poe e Machado de Assis, imaginando também como seria o fim se ele tivesse sido escrito pelo primeiro autor; cujo estilo agora conhecem mais.”

Tanto nos grupos interativos quanto nas Tertúlias Literárias o diálogo igualitário esteve presente na medida em que todos os envolvidos no processo de aprendizagem tiveram direito à voz.

Retomo a teoria da dialogicidade de Paulo Freire em que as pessoas têm o direito de despertar para a consciência crítica do mundo, saindo de sua condição de oprimidas para um processo de humanização universal. “O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História” (Freire, 2004, p. 136). É por meio da linguagem que as pessoas organizam-se socialmente, buscando o entendimento mútuo. As ideias de Freire estão intimamente ligadas às de Habermas em sua teoria da Ação Comunicativa, em que os sujeitos estabelecem uma relação interpessoal pautada no diálogo e em boas argumentações,

em oposição a resultados alcançados pela posição de poder. Mello (et al., 2012, p. 46) contempla os dois autores: “Coincidindo com Freire, Habermas afirma que a comunicação não pode se reduzir a conversação apenas com o objetivo de expressar ou de interpretar a realidade. Ela tem de ir além, tem de ser mecanismo de coordenação da ação, tem de ser uma ação comunicativa.”

As práticas pedagógicas desenvolvidas impulsionaram a aprendizagem em Língua Portuguesa e Matemática, conforme descrito nos depoimentos de professores e alunos. Assim é que foi possível resgatar o conceito do princípio da dimensão instrumental e alicerçá-lo às práticas dos Grupos Interativos e da Tertúlia Literária, uma vez que o diálogo e a reflexão fomentaram o processamento da informação. Flecha (2014, p. 33) embasa essas conexões: “La reflexión es imprescindible para comprender con profundidad las tareas a realizar y para tener creatividad en la construcción de nuevas respuestas a los problemas que se van planteando. Cuando el diálogo es igualitário fomenta una intensa reflexión, al tener que comprender los argumentos ajenos y a aportar los propios.”

As atividades de Biblioteca Tutorada têm sido realizadas na biblioteca do Colégio, aos sábados, em horários inversos ao período de aulas, com alunos e pais sob orientação da Orientadora Educacional e de professores. Momentos significativos de reflexão surgiram a partir das crônicas “Como Pedir uma Pizza em 2020”, de Luis Fernando Verissimo, e “Eu Sei Mas Não Devia”, de Marina Colasanti. A Orientadora Educacional Ana Lucia Marques atuou como moderadora nessa crônica.

“Na biblioteca do Colégio, aos sábados, temos realizado encontros com os pais dos alunos do 8º ano da Escola da Comunidade Vila Andrade. Foram propostas reflexões a partir da leitura dos textos “Como Pedir uma Pizza em 2020”, de Luis Fernando Verissimo e “Eu Sei, Mas Não Devia”, de Marina Colasanti, que oportunizaram uma conversa muito significativa. Tive a feliz experiência, como mediadora, de observar nas duas Tertúlias reflexões que estabeleceram conexões importantes entre o texto e situações da vida real. As Tertúlias começaram lentamente, mas aos poucos os pais foram se colocando, encorajados um pelo outro, trazendo recordações e experiências de vida. O texto “Como

Pedir uma Pizza em 2020” despertou no grupo o quão importante é cuidarmos da nossa privacidade para que a tecnologia não nos prejudique, tema abordado pela crônica. Com Marina Colasanti, as memórias do barulho e perfume da natureza foram acordadas, a importância do bom dia e outras gentilezas reafirmadas por pais e mães. E assim, com o decorrer da conversa, os pais foram se colocando e a Tertúlia cumpriu seu papel, tornando possível o diálogo igualitário entre os participantes.”

As atividades realizadas na Biblioteca fora do período escolar regular, a participação dos pais, da bibliotecária como voluntária, e dos alunos do 8º e 9º anos mediados pela Orientadora Educacional contribuíram para promover a construção de espaços de convivência compartilhada por meio do diálogo igualitário, o que está relacionado com o princípio criação de sentidos. Retomo as palavras de Flecha (2014, p.36): “El sentido resurge cuando la interacción entre las personas es dirigida por ellas mismas. El aprendizaje dialógico se basa en este principio haciendo frente a los reduccionismos antihumanistas que consolidan la actual colonización sistémica de la vida cotidiana.”

# Considerações Finais

No processo de implantação de Comunidades de Aprendizagem, na Escola da Comunidade Vila Andrade do Colégio Visconde de Porto Seguro, o envolvimento do grupo de professores — tanto na busca pelo embasamento teórico que alicerça Comunidades de Aprendizagem quanto na atuação em sala de aula — tem sido significativo. O caminho que os professores têm trilhado atesta os princípios da aprendizagem dialógica, onde o diálogo e a interação são vistos como ferramentas essenciais para a construção de novos conhecimentos. Na interação entre todos que fazem parte dos grupos interativos, a atuação dos voluntários (pais de alunos da Escola da Comunidade e alunos do Ensino Médio da Unidade Panamby) numa diversidade cultural contribuiu para o aprofundamento do conhecimento instrumental com altas expectativas de aprendizagem e promoveu maior integração saudável entre os estudantes.

Nas Tertúlias Literárias os alunos organizaram-se em círculos; na Biblioteca, leram parágrafos de obras clássicas da cultura universal e argumentaram sobre a escolha dos parágrafos, o que favoreceu uma troca sem distinção de cultura ou de capacidade intelectual. Verificaram-se melhorias na competência leitora, instalou-se o gosto pela leitura e potencializou-se a aprendizagem. Nossos alunos se comportaram como sujeitos que atuam no mundo, socializando suas escolhas num ambiente onde o respeito e a diversidade imperaram. A ampliação do tempo de aprendizagem na Biblioteca por meio de Tertúlias Literárias envolveu igualmente os pais dos alunos que, em depoimentos entusiasmados, sugeriram intensificar esses encontros nos próximos anos.

Enfim, a constatação do entusiasmo dos professores, o reconhecimento da equipe pedagógica de que o processo dialógico em sala de aula é necessário, e o desejo de uma aula mais participativa — na qual os alunos aprendam mais —, somados à retomada frequente da

importância do zelo pelas inter-relações amigáveis, nos faz acreditar que as atuações educativas de êxito propostas pelo projeto Comunidades de Aprendizagem indicam escolhas assertivas como parte do nosso Projeto Político Pedagógico.

## REFERÊNCIAS

AUBERT et al. Aprendizaje dialógico na Sociedad de la Información. Barcelona:Hipatia, 2008.

FLECHA, Ramón. Compartiendo Palabras. el aprendizaje de las personas adultas a través del diálogo. Paidós, 1997.

MELLO et al. Comunidades de Aprendizagem. outra escola é possível. EduFSCar, 2012.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido, 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2004.



Comunidade de  
Aprendizagem

# Implantação do projeto Comunidade de Aprendizagem por meio das tertúlias dialógicas literárias no território da Chapada Diamantina (BA)

**Adriana Rocha de Souza Miranda**

Instituto Natura/ Comunidade de Aprendizagem  
Curso de Certificação de Formadores

# Resumo

## **PALAVRAS-CHAVE:**

sociedade educacional,  
participação, aprendizagens,  
resignificar, equidade.

A sociedade educacional contemporânea vem sofrendo desafios que influenciam diretamente no processo ensino/aprendizagem, e a participação e o envolvimento dos alunos e das alunas como parceiros e parceiras de suas próprias aprendizagens é um dos maiores entraves dessa realidade. Diante disso, foi instituída uma parceria entre Comunidade de Aprendizagem e ICEP (Instituto Chapada de Educação e Pesquisa) para apoiar os formadores na implementação das tertúlias dialógicas literárias nos espaços de formação de professores e coordenadores pedagógicos com a finalidade de resignificar e fortalecer as práticas pedagógicas, buscando assim a qualidade e a equidade das aprendizagens nas escolas das redes parceiras no território da Chapada Diamantina (BA).



# Introdução

O presente trabalho tem a intenção de explicitar a implantação das tertúlias dialógicas literárias nas escolas da rede municipal de Souto Soares (BA), levando em consideração que as práticas de leitura por meio de tertúlias dialógicas literárias possibilitam diversas e significativas aprendizagens para a formação integral do sujeito e para uma sociedade igualitária.

Segundo Mello,

*Por meio da aprendizagem dialógica, cada pessoa vai construindo novas compreensões sobre a vida e o mundo e refletindo sobre a sua cultura e as demais culturas, podendo escolher com maior liberdade sua maneira de viver e de se relacionar com os outros.*

*(Mello, 2012, p. 78)*

A tertúlia dialógica literária é uma prática de leitura na qual os participantes leem e debatem, de forma compartilhada, obras clássicas da literatura universal. É uma nova forma de entender a leitura através da interpretação de todos os participantes, sejam estes leitores habituais ou não.

As experiências iniciais geradas através da leitura, como por exemplo as emoções e os sentidos gerados por cada interpretação, passam a ser objeto de diálogo e reflexão de todos, pois colocam-se em ação as diferentes experiências de vida dos sujeitos envolvidos, relacionando-as aos conteúdos das obras lidas e gerando assim um aprendizado que vai além da prática de ler, favorecendo também uma leitura de mundo e para o mundo. (Freire, 2004).

As práticas de leituras dialógicas por meio de tertúlias literárias possibilitam diversas e significativas aprendizagens como: a melhoria

da expressão oral e escrita, aumento do vocabulário, ampliação da compreensão leitora, do pensamento crítico, da capacidade de argumentação e, sobretudo, produz importantes transformações na superação de desigualdades.

*A efetivação da aprendizagem dialógica na escola compreende a necessidade de construção duma outra racionalidade, a que se pautar no diálogo, na solidariedade e na possibilidade de transformação, articulando-se os diferentes agentes educativos na aferição de uma escola democrática e de qualidade. (Comunidade de Aprendizagem: outra escola é possível, p. 118).*

Nesse sentido, faz-se relevante articular um trabalho de formação que dê conta de provocar reflexões que façam movimentar as ações nas escolas para que estas, por sua vez, possibilitem de fato a melhoria das aprendizagens de forma igualitária e dialógica. Dessa forma, as tertúlias dialógicas literárias vêm marcando seu espaço para a construção dessas aprendizagens.

# Desenvolvimento do trabalho

## OS PRIMEIROS DIÁLOGOS ENTRE A COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM E A REDE MUNICIPAL DE ENSINO NO MUNICÍPIO DE SOUTO SOARES (BA)

A estratégia de apresentação da tertúlia dialógica literária na rede deu-se diretamente com a vivência prática dessa ação nos diferentes espaços formativos.

Foi proposta a realização de uma tertúlia na qual os participantes eram instruídos passo a passo conforme os princípios, e o moderador (formador externo) condizia a tertúlia para, no final, descontextualizar a experiência, explicitando os princípios e tirando dúvidas sobre as questões surgidas, e assim os envolvidos aprendiam sobre como fazer: fazendo.

Explicitar os princípios que conduzem essa prática foi a primeira necessidade para que os envolvidos na formação tivessem maior clareza na compreensão, e, nesse sentido, destacamos aqui dois desses princípios — Diálogo Igualitário e Transformação — para melhor descrever o início desse processo de implantação das tertúlias na rede.

**Diálogo Igualitário:** é um processo interativo mediado pela linguagem. É a condição para a construção do conhecimento que convida a uma postura crítica. (Freire, 1997).

O diálogo igualitário acontece sempre que as contribuições de todos os participantes são consideradas, independentemente de sua posição hierárquica, pois a força do diálogo está na qualidade dos argumentos, e isso significa que todas as contribuições são válidas para que esse princípio tome forma no processo da tertúlia dialógica literária.

**Transformação:** é um princípio que visa possibilitar mudanças nas próprias pessoas e nos contextos em que vivem por meio de interações transformadoras. Para Vygotsky (2000), “ao mesmo tempo em que o ser humano transforma o seu meio para atender suas necessidades básicas, transforma-se a si mesmo”.

Do ponto de vista das instituições de ensino, quando as interações são positivas, trabalha-se com altas expectativas em relação aos alunos e eles, por sua vez, alcançam melhores resultados; quando essas interações são negativas, porém, podem comprometer toda a trajetória escolar e o processo de aprendizagem.

Nesse sentido, o princípio da transformação está diretamente ligado ao diálogo igualitário, pois quando estes interagem entre si é possível superar desigualdades, o que se concretiza na transformação pessoal e social do sujeito.

Outra necessidade inicial no processo de implantação das tertúlias dialógicas literárias na rede foi compreender bem o papel do moderador: quem é ele? O que faz durante a tertúlia?

O moderador é o ator que media toda a ação no momento da tertúlia, por isso precisa, primeiramente, ter clareza do seu papel, como por exemplo o de organizar a conversa e favorecer a participação de todos. A forma como o moderador organiza a conversa garante a predominância do diálogo igualitário, e assim sendo não poderá estabelecer nenhuma interação de poder diante dos participantes.

Para iniciar a tertúlia, o moderador abre o turno da palavra perguntando quem gostaria de compartilhar o trecho escolhido, anota a ordem das pessoas que se inscrevem e dá a palavra ao primeiro da lista, organizando, a partir desta, um segundo turno para comentários sobre o primeiro destaque.

Ele segue esse procedimento de forma que todos os inscritos sintam-se à vontade para compartilhar e comentar trechos da obra que está sendo lida.

Ao organizar o turno da palavra, o moderador assegura que se cumpram os princípios da aprendizagem dialógica e garante o respeito aos diversos pontos de vista segundo a participação igualitária.

Para que o papel do moderador seja de fato o de favorecer a fala dialógica, ele poderá intervir indiretamente de forma a incentivar o aluno (ou outro participante) a expor seus argumentos, no caso deste dizer apenas que destacou porque gostou. Assim o moderador possibilitará não só uma maior reflexão para esse aluno, mas disseminará a participação de todos os envolvidos na roda de leitura.

### **AS TERTÚLIAS DIALÓGICAS LITERÁRIAS NAS ESCOLAS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE SOUTO SOARES (BA)**

Após muitas discussões, reflexões e trocas de experiências nos espaços de formação, é chegada a hora de iniciar nas salas de aula. Ainda num processo inicial e tímido, a rede de ensino, orientada pela equipe técnica, decide fazer experimentações, ou seja, tomar algumas escolas como piloto (escolas que experimentam a prática para socializar e discutir avanços e desafios), e, partindo desses primeiros passos, voltar aos espaços de formação com experiências exitosas de tertúlias realizadas com crianças, jovens, funcionários e pais.

Diante dessas experiências, cresce a prática das tertúlias na rede. Outras escolas se dispõem a realizar — pois vão ficando mais claros os princípios — o papel do moderador e, acima de tudo, a mostrar como este associa-se à melhoria das aprendizagens das crianças, ao bom relacionamento entre elas, entre professor e alunos e entre escola e comunidade. Segundo Mello (2010), “a aprendizagem dialógica é compatível com a ideia de que a aprendizagem depende de todas as interações que realiza o alunado dentro e fora da sala de aula”.

Nas primeiras tertúlias numa classe de 3º ano (crianças entre 8 e 9 anos), os comentários dos alunos reduziam-se a: destaquei esta parte porque achei interessante... porque é bom... porque eu gostei... achei importante.

No processo de persistência e de intervenções (a professora, no papel de moderadora, inscreve-se para destacar, na intenção de ser um bom modelo), os destaques e comentários dos alunos foram qualificando-se.

Exemplos:

“Eu acho que Alice não tinha muito juízo, pois foi logo bebendo do vidrinho sem saber o que ia acontecer, poderia ser veneno, e ela podia ter morrido.” (Lourrane Alves, 8 anos, 3º Ano B – Alice no País das Maravilhas)

“João Preguiça fazia tudo errado porque não entendia o que a mãe dele explicava, acho que ele também tinha preguiça de pensar.” (Denise Sousa e Sousa, 9 anos, 3º A – A Volta ao Mundo em 52 Histórias)

Para melhor ilustrar isso, cabe a seguinte reflexão:

*Ao compartilhar diferentes pontos de vista e maneiras de analisar e resolver as situações, por meio do diálogo guiado pela validade dos argumentos, necessariamente se estabelece um processo de mudança com duas orientações comunicáveis: uma transformação interna em cada participante e a transformação externa buscada em benefício de todos. (Comunidade de Aprendizagem: outra escola é possível, p. 59)*

E é sob esse ponto de vista que a rede de ensino segue investindo nas práticas de tertúlias, e a cada passo dado, a cada experiência compartilhada, sente-se a necessidade de se aprofundar no conhecimento sobre os princípios e as suas relações com as aprendizagens. Vivenciar as tertúlias dialógicas literárias como uma Ação Educativa de Êxito passa a ser mais um importante e significativo aliado em busca da melhoria na qualidade da aprendizagem e da participação da família na escola.

# Conclusão

Tomando as tertúlias dialógicas literárias como uma ação educativa de êxito e relacionando-as às práticas vivenciadas nas escolas da rede municipal de Souto Soares, faz-se necessário destacar a importância dos princípios que dialogam com as aprendizagens.

Podemos analisar, por exemplo, a presença do princípio de transformação na argumentação da aluna Denise Sousa (9 anos): “João Preguiça fazia tudo errado porque não entendia o que a mãe dele explicava, acho que ele também tinha preguiça de pensar.” (conto “João Preguiça”, em *A Volta ao Mundo em 52 Histórias*).

Percebemos que a aluna consegue extrair uma relação entre a personagem não conseguir aprender a fazer as coisas segundo instruções de sua mãe com a vida de preguiça que ele levava.

Esse exemplo vai nos dando conta de como a compreensão dos princípios vai tomando forma, ao passo que os alunos ou outros participantes das tertúlias vão conseguindo argumentar com base na leitura da obra e na sua vivência de mundo. Para Freire (2004), “quanto mais me torno capaz de me afirmar como sujeito que pode conhecer, tanto melhor desempenho minha aptidão para fazê-lo”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Comunidade de Aprendizagem. Caderno Participação Educativa da Comunidade – Tertúlia Dialógica. Instituto Natura.

Comunidades de Aprendizagem. Portal: [WWW.comunidadesdeaprendizagem.com.br](http://WWW.comunidadesdeaprendizagem.com.br)

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MELO, Roseli Rodrigues de; BRAGA, Fabiana Marini; GABASSA, Vanessa. Comunidades de Aprendizagem: outra escola é possível. São Carlos: UFSCAR, 2012.

\_\_\_\_\_. Aprendizagem dialógica: ações e reflexões de uma prática educativa de êxito para todos(as). Coleção AUB –UFSCar: São Carlos. EdUFSCar, 2010.

REGO, Teresa Cristina. Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis/ Rio de Janeiro: Vozes, 1995.





# CASOS DE IMPLEMENTAÇÃO



Comunidade de  
Aprendizagem

# Os princípios da aprendizagem dialógica começam na educação infantil

**Gilda Aparecida Cassiano**

Paper apresentado como requisito para obtenção da Certificação de Formador em Comunidade de Aprendizagem

São Paulo 2015

# Resumo

O texto aborda os princípios da educação infantil, com base nas Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil, e a relação com os princípios do projeto comunidade de aprendizagem.

## **OBJETIVO**

Propor uma reflexão que envolve a educação de crianças pequenas, o apoio que as famílias e a comunidade podem proporcionar nos espaços educativos, e como a aprendizagem dialógica, por meio dos seus princípios, favorece o diálogo e a interação entre as instituições família e escola.

# Introdução

“A Educação Infantil tem por objetivo o desenvolvimento integral da criança até cinco anos de idade em seus aspectos físico, afetivo, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. As crianças provêm de diferentes e singulares contextos socioculturais, socioeconômicos e étnicos. Por isso, os sujeitos do processo educativo dessa importante etapa da Educação Básica devem ter a oportunidade de se sentirem acolhidos, amparados e respeitados pela escola e pelos profissionais da educação, com base nos princípios da individualidade, igualdade, liberdade, diversidade e pluralidade.” (Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil).

A Educação Infantil é um direito da criança e o equilíbrio com as necessidades da infância confirma a importância do diálogo com os responsáveis. Vale lembrar que é nessa fase que são construídos os primeiros vínculos, para além da convivência familiar, que sustentarão os desafios para as outras etapas escolares.

# Desenvolvimento do trabalho

As famílias das crianças da educação infantil acompanham de perto o desenvolvimento dos filhos e participam mais efetivamente do cotidiano escolar. À medida que a criança cresce, o envolvimento diminui, embora a necessidade de acompanhamento se mantenha e represente uma expectativa permanente dos profissionais que atuam na escola.

Comunidade de Aprendizagem é um projeto baseado num conjunto de Ações Educativas de Êxito dirigidas à transformação social e educativa. Inicia-se na escola e está baseado numa metodologia que apoia o restabelecimento das relações entre a família, a escola e a comunidade.

Os principais objetivos que orientam as ações de uma Comunidade de Aprendizagem são:

**Eficácia:** investir na melhoria dos resultados de aprendizagem dos alunos.

**Equidade:** investir na melhoria dos resultados de aprendizagem de todos os alunos.

**Coesão social:** avançar na melhoria da convivência e na participação de toda a comunidade.

A tarefa da escola determina pontos de atenção e compromissos que abrangem:

Relações humanas como elemento constitutivo do humano e de tudo que o ser humano produz.

Espaço de ser: valorização das relações humanas, fundamentais para a existência humana.

Espaço de fazer: valorização das habilidades construídas no cotidiano da escola, dos hábitos das diversas possibilidades de interação com outras crianças ou com os objetos.

Espaço de conhecer: valorização do contato com os objetos de conhecimento, construção de saberes.

Atualmente os professores e a gestão escolar estão tendo muitas dificuldades para realizar os desafios pertinentes à responsabilidade dessa instituição. Uma rede de apoio permanente e comprometida com a aprendizagem das crianças se faz necessária, pois a responsabilidade é de todos.

A aprendizagem dialógica é uma concepção de aprendizagem na qual se baseiam atualmente as pesquisas científicas internacionais por estar vinculada ao funcionamento da coletividade em que vivemos. Na sociedade da informação a aprendizagem depende cada vez mais da correlação das interações que a criança tem com as pessoas com as quais convive. O diálogo e a interação são vistos como ferramentas essenciais para a construção de novos conhecimentos. Os princípios orientadores da prática da aprendizagem dialógica, apresentados a seguir, vêm ao encontro da premente necessidade de apoio às redes de ensino, a começar pelo universo da educação infantil.

## **DIÁLOGO IGUALITÁRIO – A FORÇA DOS ARGUMENTOS E DAS ATITUDES.**

O grande desafio de quem educa é dosar a escuta, o acolhimento e o apoio com incentivo e confiança no crescer da criança e da comunidade da qual ela faz parte.

A chegada da criança pequena nos espaços coletivos que se propõem a ser educativos envolve inicialmente um contexto de adaptação, que faz parte de um processo mais amplo e constante na vida de quem chega pela primeira vez na escola. Muitas vezes é marcado por conflitos entre as instituições família e escola. A busca da coerência e do diálogo

junto às famílias, fundamentada no respeito e na possibilidade do desejo genuíno de conquista da confiança, precisa transformar-se em prioridade permanente no ambiente escolar.

Por exemplo: no momento da matrícula, o espaço da escuta em relação à história de vida da criança precisa ser garantido e retomado entre as professoras com o objetivo de permanente envolvimento, acompanhamento e clareza dos objetivos e expectativas, tanto da escola quanto da família. O consenso em relação ao estabelecimento das regras, a força e a qualidade dos argumentos devem determinar os encaminhamentos propositivos. Todos precisam ter a mesma oportunidade de falar e de ser escutados, para além dos aspectos burocráticos.

A retomada em relação às respostas, elaboradas pela escola — Expliquei-me? Fui clara na resposta? —, identifica uma abertura ao diálogo e a possibilidade de escuta sensível, trazendo para o interlocutor a responsabilidade no cuidado maior em relação à orientação e à apresentação dos argumentos.

### **INTELIGÊNCIA CULTURAL – TODAS AS PESSOAS TÊM CAPACIDADE DE AÇÃO E REFLEXÃO E POSSUEM UMA INTELIGÊNCIA RELACIONADA À CULTURA.**

No espaço coletivo a criança aprenderá a fazer muita coisa sozinha, terá que esperar e, com certeza, enfrentará situações diferentes das que vive no âmbito familiar. A escola não ocupa o lugar da casa, mas oferece também os cuidados, a socialização e a aprendizagem em diversos eixos curriculares. Na educação infantil, “cuidar” e “educar” caminham juntos.

Além dos professores, muitos outros profissionais atuam dentro da escola e colaboram com aprendizagens de qualidade, entre eles: colaboradores da administração, cozinha e limpeza. A função principal desses profissionais é apoiar o professor para que ele tenha boas condições de trabalho. Mas esses profissionais têm muitos outros saberes constituídos e precisam ter um espaço garantido de

maior valorização e troca de experiências. Merecem também um acompanhamento e uma formação continuada, com pautas que reconheçam suas vozes e o objetivo de construção de uma escola coerente, na qual se possa falar com sintonia, repartindo preocupações, exercitando o companheirismo, a tolerância, a adesão.

Colaboradores devem conhecer e compartilhar do objetivo do professor, saber dos projetos, para melhor qualificar o apoio necessário. Uma boa forma de conseguir uma integração é convidá-los a participar das reuniões coletivas com uma pauta de observação devidamente planejada para ser discutida. Outro caminho interessante é assistir a um dia de aula, com a possibilidade de interagir com determinada atividade e ter espaço para falar dos conhecimentos construídos ao longo da vida. A intenção é produzir e resgatar histórias que contribuam para a rede de ajuda necessária, provocar reflexões sobre os diferentes papéis dentro da escola, sobre as crianças, sobre o que fazem na escola, desafios e conquistas.

Os familiares também têm muito a dizer sobre o que pensam, conhecem e podem cooperar com os saberes da escola, afinal convivem com a criança e participam da cultura na qual ela está inserida.

### **TRANSFORMAÇÃO – A EDUCAÇÃO NÃO DEVE RESTRINGIR-SE A UMA ACOMODAÇÃO À REALIDADE SOCIAL DE CADA UM.**

Na escola pública, se concebemos o outro como sujeito; se somos profissionais envolvidos com um projeto que deve assegurar o atendimento como um direito de cidadania das crianças e suas famílias, e não como um favor ou um serviço de categoria inferior; devemos buscar a transformação das práticas que destoem da concepção de educação em que de fato acreditamos.

Observamos que, mesmo de forma velada, pode haver um preconceito social na medida em que as famílias que normalmente procuram a instituição



pública o fazem com a avidez característica de quem não tem muita opção para matricular seus filhos, determinada, por vezes, pela quantidade insuficiente de vagas para atender a todas as crianças. O preconceito pode estar dissimulado quando dedicamos a essas pessoas apenas o preenchimento de uma ficha, feita de forma burocrática, e que pode nos levar às seguintes indagações:

- Para que explicar a proposta pedagógica para quem não vai poder escolher?
- Por que deveria me preocupar com a adaptação das crianças e famílias se é neste lugar que elas deverão permanecer?

Esses sujeitos que chegam têm desejos, dúvidas, receios, expectativas, direitos e, com certeza, enfrentarão novos desafios que a instituição lhes impõe.

As famílias da escola pública devem ser acolhidas da mesma forma como os pais das escolas particulares, no sentido da atenção, da escuta e da construção de vínculos como necessidades básicas. Tais atitudes representam mais possibilidades de sucesso nas ações educativas.

Há todo um trabalho a ser construído para que os pais sejam parceiros, cúmplices da finalidade da escola e, ao mesmo tempo, disponíveis para criar um espaço de confiança que dê suporte nos momentos de divergência ou conflito que possam existir. Desejar que os pais colaborem, participem com interesse, constituindo uma boa relação com a escola, é um grande desafio que tem como meta a transformação e não a acomodação à realidade existente. Trabalhar para que a relação seja a mais humana e tranquila para todos é o primeiro passo a ser dado nesse longo convívio. Enfim, quando não se quer pouco... é preciso trabalhar muito, e de preferência em coletividade.

## **DIMENSÃO INSTRUMENTAL**

Aprendizagens daqueles instrumentos fundamentais como o diálogo, a reflexão e os conteúdos e habilidades escolares que constituem a base para se viver na sociedade atual.

Como parte da formação para a cidadania, e diante da concepção da Educação Infantil como um direito, é necessário garantir uma experiência bem-sucedida de aprendizagem a todas as crianças, sem discriminação. Isso requer proporcionar oportunidades para o alcance de conhecimentos básicos, que são considerados aquisições valiosas para elas. A educação para a cidadania volta-se para ajudar a criança a tomar a perspectiva do outro — da mãe, do pai, do professor, de outra criança. O importante é que se criem condições para que a criança aprenda a opinar e a considerar os sentimentos e a ideia dos outros sobre um acontecimento, uma reação afetiva, uma opinião, um conflito (Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil).

Na explicitação do ambiente de aprendizagem é necessário pensar “um currículo sustentado nas relações, nas interações e em práticas educativas intencionalmente voltadas para as experiências concretas da vida cotidiana, para a aprendizagem da cultura, pelo convívio no espaço da vida coletiva e para a produção de narrativas, individuais e coletivas, através de diferentes linguagens”. (MEC, 2009)

A contribuição que o projeto Comunidade de Aprendizagem apresenta é a possibilidade de envolvimento dos familiares quando participam de comissões no espaço pedagógico, quando se envolvem em jogos com o objetivo de intensificar a aprendizagem, momentos de contação de histórias, construção de brinquedos e brincadeiras, entre outros, de maneira a favorecer experiências cotidianas e o fortalecimento dos vínculos.

## CRIAÇÃO DE SENTIDO

Fomentar a criação de sentido melhora visivelmente a confiança e o empenho dos estudantes na busca de suas realizações pessoais e coletivas.

Cada criança apresenta um ritmo e uma forma própria de colocar-se nos relacionamentos e nas interações, de manifestar emoções e curiosidade, e elabora um modo próprio de agir nas diversas situações que vivencia desde o nascimento, à medida que experimenta sensações de desconforto ou de incerteza diante de aspectos novos que, por sua vez, lhe geram necessidades e desejos, exigindo-lhes novas respostas. Assim, busca compreender o

mundo e a si mesma, testando de alguma forma as significações que constrói, modificando-as continuamente em cada interação, seja com outro ser humano, seja com objetos. Uma atividade muito importante para a criança pequena é a brincadeira. Brincar dá à criança oportunidade para imitar o conhecido e para construir o novo, conforme ela reconstrói o cenário necessário para que sua fantasia se aproxime ou se distancie da realidade vivida, assumindo personagens e transformando objetos pelo uso que deles faz. (Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil).

Exemplo: as brincadeiras de faz de conta — as aprendizagens que acontecem quando a criança tem a oportunidade de interagir com diferentes objetos, mediada pela presença do adulto que a incentiva e intencionalmente elabora propostas que a façam avançar em suas conquistas — concretizam a oportunidade de aprender por meio das cem linguagens que envolvem curiosidade, observação, relação, apreciação, conflito, avanços, entre outras que ela tem.

A parceria da escola com as famílias também tem muito a colaborar na criação de sentido de que a infância necessita para o desenvolvimento integral das crianças. Muita coisa vai da escola para casa: uma folha de papel para desenhar, como parte de uma proposta a ser realizada com a participação da família, massinha utilizada no dia, um pedaço de bolo para o pai que não esteve na reunião, enfim, uma rede que envie a mensagem “você é importante para nós”, são atitudes que fazem a diferença no sentido da existência de cada pessoa.

## SOLIDARIEDADE

Quando toda a comunidade está envolvida solidariamente num mesmo projeto, fica mais fácil transformar as dificuldades em possibilidades. A realização dos sonhos faz parte da rede solidária que pode impulsionar a transformação nas escolas públicas.

“Cabe às instituições de Educação Infantil assegurar às crianças a manifestação de seus interesses, desejos e curiosidades ao participar das práticas educativas, valorizar suas produções, individuais e coletivas, e trabalhar pela conquista por

elas da autonomia para a escolha de brincadeiras e de atividades e para a realização de cuidados pessoais diários. Tais instituições devem proporcionar às crianças oportunidades para ampliarem as possibilidades de aprendizado e de compreensão de mundo e de si próprio trazidas por diferentes tradições culturais e a construir atitudes de respeito e solidariedade, fortalecendo a autoestima e os vínculos afetivos de todas as crianças.” (Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil).

O diálogo permanente com as famílias possibilita uma experiência solidária em toda a comunidade escolar. As conversas precisam ser “costuradas” em uma rede de ideias e sentimentos em momentos especiais de relações estabelecidas e de conquistas, de aprendizagens, de descobertas, que também envolvem erros, acertos e correções de rota, mas sempre com a participação das vozes que fazem parte de uma verdadeira comunidade de aprendizagem.

Se os pais estão confiantes na escola e entendem a proposta de participação, com certeza estarão transferindo para os seus filhos sentimentos positivos e, assim, facilitarão o processo de aprendizagem deles.

### **IGUALDADE DE DIFERENÇAS – RESPEITO E DIGNIDADE.**

É bastante conhecida no país a desigualdade de acesso às creches e pré-escolas entre as crianças brancas e as negras, moradoras do meio urbano e rural, das regiões sul/sudeste e norte/nordeste e, principalmente, ricas e pobres. Além das desigualdades de acesso, também as condições desiguais da qualidade da educação oferecidas às crianças configuram-se violações de direitos constitucionais das mesmas e caracterizam esses espaços como instrumentos que, em vez de promover a equidade, alimentam e reforçam as desigualdades socioeconômicas, étnico-raciais e regionais. (Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil).

O objetivo principal do projeto comunidade de aprendizagem é a superação das desigualdades sociais. Se fortalecermos as relações escolares desde a educação infantil e modificarmos a cultura de maneira a potencializar os familiares, a transformação possibilitará igualarmos as diferenças.

Sabemos que são funções do Estado, em primeiro lugar, assumir a sua responsabilidade na educação coletiva das crianças, complementando a ação das famílias. Em segundo lugar, creches e pré-escolas constituem-se estratégia de promoção de igualdade de oportunidades entre homens e mulheres, uma vez que permitem às mulheres sua realização para além do contexto doméstico. Em terceiro lugar, cumprir as funções sociopolítica e pedagógica das creches e pré-escolas implica assumir a responsabilidade de torná-las espaços privilegiados de convivência, de construção de identidades coletivas e de ampliação de saberes e conhecimentos de diferentes naturezas por meio de práticas que atuam como recursos de promoção da equidade de oportunidades educacionais entre as crianças de diferentes classes sociais no que se refere ao acesso a bens culturais e às possibilidades de vivência da infância. Em quarto lugar, cumprir funções sociopolíticas e pedagógicas requer oferecer as melhores condições e recursos construídos historicamente e culturalmente para que as crianças usufruam de seus direitos civis, humanos e sociais e possam se manifestar e ver essas manifestações acolhidas, na condição de sujeitos de direitos e de desejos. Significa, finalmente, considerar as creches e pré-escolas na produção de novas formas de sociabilidade e de subjetividades comprometidas com a democracia e a cidadania, com a dignidade da pessoa humana, com o reconhecimento da necessidade de defesa do meio ambiente e com o rompimento de relações de dominação étnica, socioeconômica, étnico-racial, de gênero, regional, linguística e religiosa que ainda marcam nossa sociedade. (Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil).

O olhar acolhedor para as diversidades também se refere às crianças com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. Também o direito dessas crianças à liberdade e à participação, tal como para as demais crianças, deve se fazer presente no planejamento das situações de convivência e aprendizagem.

O combate ao racismo e às discriminações de gênero, socioeconômicas, étnico-raciais e religiosas precisa ser objeto de constante reflexão e intervenção no cotidiano da Educação Infantil. Toda a comunidade pode contribuir para que a efetividade dessas ações se torne realidade.

# Conclusão

As instituições de Educação Infantil devem assegurar a educação em sua integralidade, entendendo o cuidado como algo indissociável do processo educativo. As instituições devem tanto oferecer espaço limpo, seguro e voltado para garantir a saúde infantil, quanto se organizar como ambientes acolhedores, desafiadores e inclusivos, plenos de interações, explorações e descobertas compartilhadas com outras crianças, com outros adultos, professores e familiares. Elas ainda devem criar contextos que articulem diferentes linguagens e que permitam a participação, expressão, criação, manifestação e consideração de seus interesses.

A necessária e fundamental parceria com as famílias, a perspectiva do atendimento aos direitos da criança na sua integralidade, requerem que as instituições de Educação Infantil, na organização de sua proposta pedagógica e curricular, assegurem espaços e tempos para participação, o diálogo e a escuta cotidiana das famílias, o respeito e a valorização das diferentes formas em que elas se organizam. A família constitui o primeiro contexto de educação e cuidado do bebê. Nela, ele recebe os cuidados materiais, afetivos e cognitivos necessários ao seu bem-estar e constrói suas primeiras formas de significar o mundo. Quando a criança passa a frequentar a Educação Infantil, é preciso refletir sobre a especificidade de cada contexto no desenvolvimento da criança e a forma de integrar as ações e os projetos educacionais das famílias e das instituições. Essa integração com a família necessita ser mantida e desenvolvida ao longo da permanência da criança na creche e na pré-escola, exigência a ser atendida, frente às características das crianças de zero a cinco anos de idade, o que cria a necessidade de diálogo para que as práticas junto às crianças não se fragmentem. O trabalho com as famílias requer que as equipes de educadores as compreendam como parceiras, reconhecendo-as como criadoras de diferentes ambientes e papéis para seus membros, que estão em constante processo de

modificação de seus saberes, fazeres e valores em relação a uma série de pontos, dentre eles o cuidado e a educação dos filhos. O importante é acolher as diferentes formas de organização familiar e respeitar as opiniões e aspirações dos pais sobre seus filhos. (Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil).

Esse trabalho pode parecer utópico se pensarmos no Brasil como um todo, mas como fazer as escolas de nosso país se aproximarem do que sonhamos, se não repartindo com elas as nossas preocupações? Esse é o intuito deste texto, compartilhar ideias, desejos e conhecimentos na busca da construção de uma escola democrática e humana, onde haja espaço para a reflexão e o estudo da esfera afetiva e relacional. Onde o afetivo possa virar parte integrante do currículo.

O projeto Comunidade de Aprendizagem pode contribuir e apoiar a educação pública brasileira com a perspectiva de existência repleta de experiências e conquistas, baseadas no diálogo e na vivência dos princípios fundamentais para uma experiência de qualidade. Uma história escrita a muitas mãos, mãos diferentes, com jeitos diferentes, mas que com certeza podem trabalhar juntas para o alcance de um atendimento de boa qualidade às crianças, famílias e escola.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Aubert, A., Flecha, A., García, V., Flecha, R., & Racionero, S. (2008). Aprendizaje dialógico em La sociedad de La información. Barcelona: Hipatia.

Davini, J. 1999. Adaptação: Pais, Educadores e Crianças, enfrentando mudanças. Formação de Educadores. Cadernos de Reflexão.

Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil. 2009. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica – UF: DF.



Comunidade de  
Aprendizagem

# Processo de implementação do projeto Comunidade de Aprendizagem na rede municipal de ensino de São José do Rio Preto (SP)

**Elza de Araújo Góes**

Aluna do curso de Formação de Formadores do Projeto Comunidade de Aprendizagem do Instituto Natura de São Paulo.



# Introdução

Neste paper apresenta-se o trabalho realizado na Rede Municipal de Ensino de São José do Rio Preto, estado de São Paulo, tendo como objetivo descrever o processo de implementação do Projeto Comunidade de Aprendizagem<sup>1</sup> em parceria com o Instituto Natura.

Trata-se, portanto, de um estudo de relevância social, pois além de envolver a educação de crianças e adolescentes, também envolve pessoas que vivem nas periferias do município, que por sua vez têm maior dificuldade de acesso aos seus direitos sociais. Trata-se de um fato importante, considerando que a educação está diretamente relacionada ao desenvolvimento econômico e social do país.

Para melhor entendimento do leitor, este trabalho será apresentado em 3 seções, sendo que a primeira consiste nesta introdução; a segunda seção traz ao leitor a descrição do Projeto Comunidade de Aprendizagem a partir das inquietações que o trouxeram como instrumento de educação, descrevendo a parceria entre a Secretaria Municipal de Educação de São José do Rio Preto e o Instituto Natura, com destaque também para os fatores que dificultaram e que facilitaram a implantação do Projeto Comunidade de Aprendizagem no município; por fim, a terceira seção traz as considerações finais deste trabalho.

*O desenvolvimento do projeto pelo Instituto Natura aqui no Brasil e em alguns países da América Latina surgiu a partir das inquietações ao perceber que a educação realizada nas escolas não estava atingindo êxito, acreditando que esse fato se devia à ausência da aplicação de conhecimentos teóricos e científicos. Com isso, promoveu estudos e pesquisas com autores de diferentes áreas da educação até chegar ao Projeto Comunidade de Aprendizagem, tendo como base conceitual o Projeto INCLUD-ED<sup>2</sup> desenvolvido na Europa, que possui como objetivo identificar e analisar estratégias*

1. Comunidade de Aprendizagem trata-se de um projeto criado pelo Centro de Investigação em Teorias e Práticas de Superação de Desigualdades (CREA) na Espanha, baseado num conjunto de Atuações Educativas de Êxito que favorecem e envolvem a participação da comunidade, superando as desigualdades sociais e tendo como objetivo a transformação educacional e social.

2. INCLUD-ED - Projeto de pesquisa coordenado pelo Centro de Investigação em Teorias e Práticas de Superação de Desigualdades (CREA), da Universidade de Barcelona, para identificar Atuações de Êxito que contribuem para superar o fracasso e a evasão escolar, bem como para superar o risco associado de exclusão em outras áreas como emprego, saúde, habitação e participação política.

*educacionais que superem desigualdades e melhorem os resultados de aprendizagem. O Instituto Natura acredita que a igualdade de oportunidades pode levar à igualdade de resultados. (INSTITUTO NATURA, 2015)*

Nos dias de hoje há uma ampla discussão acerca do papel da escola pública no processo de formação dos jovens brasileiros, levando-se em conta que estes são o futuro do Brasil busca-se uma escola que promova a igualdade entre as classes. Contudo, com as políticas públicas que vêm sendo implementadas no Brasil, o conhecimento tem sido visto como uma forma de ascensão e exclusão social.

Apesar de no Brasil existirem muitas campanhas para a inserção de crianças e adolescentes nas escolas, bem como campanhas para evitar a evasão escolar, o índice ainda permanece muito elevado. Muitas vezes as escolas não oferecem vagas suficientes ou os recursos são precários, sem contar o baixo salário pago aos professores, ao passo que poucos são os profissionais que conseguem formação e aperfeiçoamento adequados para o exercício de sua profissão.

Paulo Freire (2000) propõe uma atividade educativa que não negue a cultura do aluno por meio do diálogo: “por que não fazer uma conexão necessária com a ‘intimidade’ entre conhecimento curricular essencial para estudantes e experiência social que têm os indivíduos?” Cada sociedade tem suas regras ou normas de construção do conhecimento, uma construção que se refere à utilização de uma metodologia para desenvolver esse tipo de instrução que respeita e, por conseguinte, é necessária para a reconstrução do conhecimento dos professores envolvidos no movimento de educação.

O referido autor desenvolveu uma proposta de educação dialógica e libertadora contrária à proposta de “educação bancária”, caracterizada por ações de depósito, transferência, transmissão de valores e conhecimentos, onde a relação educador-educando se resume em “narrador” e “dissertador”.

A educação baseada no diálogo educador-educando fornece subsídios para a concepção de um discurso horizontal, levando à formação

do homem dialógico de Freire. É necessário que os profissionais da educação estejam cientes de que, atualmente, a relação das pessoas com o saber passa por muitas alternativas e fontes de conhecimento além da escola.

Devido a esse fator, a escola deve atuar segundo Vygotsky (1999, p. 56), despertando os vários processos internos para que o aluno seja capaz de interagir com os outros alunos, pois o ambiente escolar é considerado o espaço ideal para a obtenção do conhecimento científico, onde a tarefa principal do professor é intermediar a relação entre o aluno e o objeto de conhecimento.

Vygotsky (1988) considera a aprendizagem uma construção de conhecimentos e não uma transferência do saber do professor para o aluno, sendo ela um processo de construção de conhecimento que se dá na interação do aluno com o professor ou com seus pares subjacentes.

Em meio às transformações sociais, culturais e educacionais do país, a escola deve priorizar um ensino que promova uma visão holística do aluno, associando as teorias ao cotidiano dos mesmos, facilitando assim o aprendizado cognitivo. Assim sendo, não se faz mais cabível o método conteudista no processo de ensino-aprendizado numa sociedade da informação.

Botton, Puigvert e Serradell (2009) destacam que a comunidade de aprendizagem visa trazer uma visão igualitária, dando oportunidades de acesso a todas as crianças e adolescentes, considerando-se que o multiculturalismo é uma realidade, sendo um direito de todos viver da maneira que desejarem e sendo papel da educação — para além do desempenho acadêmico — proporcionar a redução de conflitos que possam emergir:

# Desenvolvimento do trabalho

## AS COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM NO MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO: UM INSTRUMENTO PARA A MELHORIA DA EDUCAÇÃO

A Rede Municipal de Ensino conta com 126 escolas, 34 de Ensino Fundamental I e II, 1 de Educação de Jovens e Adultos (EJA), 61 de Educação Infantil, 0 a 5 anos, 7 de Educação Infantil e Fundamental e 23 creches conveniadas com o município. A taxa de evasão e repetência<sup>3</sup> no ano de 2014 foi de aproximadamente 2,5% nos anos iniciais, 12,6% nos anos finais e 30% no Ensino Médio da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Apresentou uma média de 4% nos anos finais e de 6,3% nos anos iniciais do Ensino Fundamental na média do Índice do Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) no ano de 2013, ultrapassando a meta do município que era de 6,1.

A inquietação da Secretaria Municipal de Educação volta-se para 16 escolas da rede pública de ensino, por não terem alcançado melhoria, não atingindo a média no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). A maior parte dessas escolas está localizada em bairros com vulnerabilidade social, e, dentre elas, 7 escolas são de Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) e 6 delas possuem baixo rendimento na aprendizagem dos alunos.

Com foco nessas constatações e considerando a grande tarefa da Educação de promover o desenvolvimento humano, buscando as parcerias necessárias numa ação convergente para a promoção das potencialidades de cada pessoa, surgiu assim a necessidade de pesquisar empresas envolvidas com educação que viessem ao encontro das propostas da Secretaria Municipal de Educação, que acredita e prima por um trabalho de gestão democrática e participativa.

3. Dados da taxa de evasão e repetência disponibilizados pela Secretaria Municipal de São José do Rio Preto (SP).

A iniciativa de implantação do Projeto Comunidade de Aprendizagem

na Rede Municipal de Ensino de São José do Rio Preto foi da atual gerente de capacitação da Secretaria Municipal de Educação, Juliana Vargas Passarim, que apresentou à Coordenadoria Pedagógica e aos técnicos da Secretaria Municipal de Educação a fragilidade da formação de professores e a integração entre família, comunidade e escola.

A escolha do Instituto Natura foi realizada por tratar-se de uma empresa com credibilidade, que desenvolve o Projeto Comunidade de Aprendizagem buscando a eficácia- melhoria dos resultados de aprendizagem dos alunos; a equidade (a igualdade de resultados e a igualdade de diferenças) e a coesão social (melhoria na convivência, nas ações participativas e no nível de formação dos familiares).

No primeiro contato com o Instituto Natura para a apresentação do projeto, os técnicos da secretaria perceberam o quanto a proposta seria uma boa possibilidade para alavancar ou fortalecer as ações das unidades que se encontravam com rendimento abaixo do seu potencial no município em estudo.

O encontro de pré-sensibilização<sup>4</sup> para a apresentação do projeto aconteceu no dia 4 de dezembro de 2014, e foi realizado com 16 escolas que aceitaram o convite, critério esse utilizado pela Secretaria Municipal de Educação a partir das análises dos resultados de desempenho que se encontravam abaixo do potencial de rendimento escolar esperado. A reunião contou com a presença do diretor, do coordenador e de um representante de professor de cada unidade escolar selecionada.

Durante as reuniões de sensibilização com os gestores das 16 escolas, que foram sendo realizadas para o fechamento da parceria, percebeu-se como primeiro dificultador a escolha da data para o início do processo de implementação, no mês de dezembro, com o encerramento do ano letivo. Tal fato fez com que as equipes escolares ficassem inseguras em aderir à proposta devido à inscrição no processo de remoção de alguns diretores, coordenadores e professores que não permaneceriam na mesma escola no ano de 2015.

Após a pré-sensibilização em dezembro de 2014, 13 escolas

4. Uma das etapas da Sensibilização, um dos processos da fase de transformação de uma escola, cujo objetivo é colocar à disposição da comunidade escolar e de outras pessoas interessadas, os conhecimentos científicos de diferentes áreas em que estão embasadas as Comunidades de Aprendizagem e as Atuações Educativas de Êxito através de um curso oferecido pela equipe de formadores que são coordenados por profissionais especialistas pertencentes a uma rede validada pelo CREA (Centro de Investigação em Teorias e Práticas de Superação de Desigualdades). No Brasil, a equipe do Instituto Natura e a do NIASE (Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa da Universidade Federal de São Carlos) realizam as sensibilizações. Consultar site: [www.comunidadeaprendizagem.com/nossa-biblioteca](http://www.comunidadeaprendizagem.com/nossa-biblioteca) no caderno Fases de Transformação.

participaram da sensibilização realizada entre fevereiro e março de 2015 para a apresentação e o conhecimento das propostas do projeto aos professores e comunidades escolares, sendo que destas, 4 aceitaram participar por considerarem que o projeto ofereceu um caminho para a superação das dificuldades enfrentadas pela escola. As demais justificaram que o momento não era adequado, pois muitos diretores estavam iniciando sua gestão nessas unidades escolares. Além disso, estava prevista uma grande mudança na equipe de professores no início do ano, em virtude do processo de remoção já citado anteriormente, com o qual essas escolas sofreriam grandes mudanças em seus quadros devido ao fato de estarem localizadas em bairros periféricos e apresentarem vulnerabilidade social latente.

Escolas que não encontram essa dificuldade trouxeram outros argumentos, como por exemplo: a afirmação de que já realizam um trabalho envolvendo as comunidades em outros projetos; o temor de envolver as comunidades, por estarem vulneráveis ao aceitarem pais e voluntários, o que poderia trazer-lhes problemas em vez de ajuda.

Todavia, é válido destacar que as 4 escolas participantes do projeto também enfrentam essa problemática, e mesmo com todos os problemas educacionais e de vulnerabilidades sociais, aceitaram o desafio com vistas a fazer algo para melhorar a educação e a vida desses meninos e meninas, bem como melhorar o entorno da comunidade a partir de um movimento iniciado na escola. Nessas 4 escolas houve a adesão de mais de 80% da comunidade escolar, cumprindo-se a primeira etapa relativa às fases de transformação<sup>5</sup>, obedecendo a um requisito básico do projeto Comunidade de Aprendizagem, que é a adesão de boa parte dos envolvidos.

Para o acompanhamento dessas escolas, foi escolhida uma técnica da secretaria conforme acordo feito entre o Instituto Natura e a Secretaria Municipal para a implementação do projeto, ao passo que esta participou da formação no curso de Formação de Formadores do Projeto Comunidade de Aprendizagem e seu trabalho é supervisionado por uma formadora do Instituto, Madalena Monteiro, que vem à cidade a cada três meses para acompanhar e orientar as ações da secretaria, das escolas e da formadora local.

5. O processo de transformação de uma escola em Comunidade de Aprendizagem passa por 5 fases: Sensibilização, Tomada de Decisão, Sonho, Seleção de Prioridades e Planejamento. Consulte o site: [www.comunidadeaprendizagem.com/nossa-biblioteca](http://www.comunidadeaprendizagem.com/nossa-biblioteca)

Destaca-se aqui a atuação da Comunidade de Aprendizagem a partir de uma aprendizagem dialógica, proposta por Aubert (et al. 2010) como um passo à frente de outras concepções educacionais, tratando-se de uma educação comunicativa, que toma o diálogo, nas relações interpessoais e no âmbito da vida social, como base do desenvolvimento pessoal e da transformação social. De acordo com os autores, as comunidades de aprendizagem buscam a transformação social e a superação do fracasso escolar.

As 4 escolas que aderiram ao Projeto Comunidade de Aprendizagem estão realizando a transformação da escola. Fizeram a fase dos sonhos, a seleção de prioridades e, atualmente, as comissões mistas estão planejando ações para que seus sonhos aconteçam. Também estão implantando as Atuações Educativas de Êxito, iniciando com as Tertúlias Literárias Pedagógicas junto aos alunos e a Formação Pedagógica Dialógica com os professores nos horários de trabalho pedagógico coletivo (HTPCs).

Uma dificuldade encontrada, como a questão de as escolas não possuírem acervos literários dos clássicos da literatura mundial em quantidades necessárias, foi solucionada pela disponibilização pela Secretaria Municipal de Educação de 40 tablets para cada escola participante do Projeto Comunidade de Aprendizagem, nos quais os técnicos de informática da secretaria baixaram os livros já disponibilizados na internet. Outra solução encontrada foi a utilização do livro de leitura do Programa Ler e Escrever, da Secretaria Estadual de Educação, disponibilizado para cada aluno e que traz contos clássicos da literatura, bem como uma coletânea de poetas clássicos da literatura infantil brasileira, tornando possível assim a participação de todos os alunos.

As escolas estão animadas com esse trabalho, que dá voz e ouvidos a pais e alunos, tornando possível uma atuação ativa de todos na busca por soluções para a melhoria da escola e da aprendizagem não só dos estudantes, mas de todos os envolvidos, uma vez que no trabalho das comissões mistas, os pais, alunos, professores, gestores, funcionários em geral e comunidade contribuem com sugestões e auxiliam nas ações para a realização dos sonhos.

# Considerações Finais

Hoje é importante repensar a prática pedagógica diante das novas perspectivas da educação. A escola deve constituir-se um espaço de discussão e de aprendizado, e não apenas de transmissão de conteúdo. Conforme foi colocado por Paulo Freire, deve basear-se numa relação dialógica, promovendo uma aprendizagem mútua.

No sistema educacional de hoje esse fato consiste num desafio para todo o corpo escolar, não sendo facilmente implantado, de maneira que ainda é necessário percorrer um longo caminho, haja vista que consiste numa mudança cultural de um sistema utilizado há décadas.

Faz-se necessária a interação entre os diversos segmentos da comunidade escolar, visando um melhor aprendizado e uma formação de cidadãos conscientes de seus deveres e direitos. Para que isso aconteça, ressalta-se uma questão importante, que é a comunicação e a participação da escola, dos pais e da comunidade.

Assim, a implementação do projeto Comunidade de Aprendizagem apresentado neste trabalho se mostra um instrumento importante, visando a eficácia e a coesão social, já sendo possível perceber uma melhoria nas relações e na participação das famílias, assim como o entusiasmo dos alunos nas 4 escolas da Rede Municipal de Ensino de São José do Rio Preto.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUBERT, Adriana; FLECHA, Ainhoa; GARCIA, Carme; FLECHA, Ramón; RACIONERO, Sandra. Aprendizaje dialógico en la Sociedade de la Información. Barcelona: Editorial Hypatia, 2010.



BOTTON, Lena de; PUIGVERT, Lúdia; SERRADELL, Olga. Equality of differences in Learning Communities. *Psychology, Society, & Education*. V.1, n. 1, pp. 51-60. 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. Papel da Educação na Humanização, *Revista Paz e Terra*, 9, 123-132, 1971.

\_\_\_\_\_. *A Educação na Cidade*. São Paulo: Cortez Editora, 1991.

INSTITUTO NATURA. Comunidades de aprendizagem. 2015. Disponível em: <http://www.comunidadeaprendizagem.com/> Acesso em: agosto/2015.

VYGOTSKY, L.S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VYGOTSKY, L.S. et al. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone; EDUSP, 1988.

VYGOTSKY, L. S. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.



Comunidade de  
Aprendizagem

Comunidade de  
Aprendizagem: a  
possibilidade de um  
horizonte cada vez melhor  
através da participação  
democrática e coletiva  
dos diferentes sujeitos que  
compõem nossa sociedade

**José Ivaldo Mendes Rocha Júnior**

# Resumo

O artigo a seguir descreve como se deu o processo de implementação do Projeto Comunidade de Aprendizagem no município de Horizonte, cidade localizada na região metropolitana de Fortaleza, no estado do Ceará.

Nas páginas seguintes será exposto como se deu o primeiro contato com o Projeto e, conseqüentemente, a percepção por parte de representantes da Secretaria Municipal de Educação acerca do potencial do mesmo para a realização de uma educação de qualidade cada vez melhor. Será também demonstrado o potencial para a transformação nas relações sociais a partir da prática da solidariedade e de outros valores humanos por meio do envolvimento dos diversos grupos sociais que constituem uma comunidade escolar:

Todos os fatores supracitados levaram ao estabelecimento de uma parceria entre a Educação Municipal de Horizonte e o Instituto Natura para a apresentação e a discussão da proposta do projeto com gestores da rede pública. Essa atividade ocasionou o interesse de diferentes escolas pela realização de momentos de formação e pela sensibilização com os demais atores educacionais da rede pública municipal de ensino. O resultado dessas ações foi a adesão, a priori, de seis instituições educacionais à realização de um processo de metamorfose social nas relações interpessoais e na qualidade de aprendizagem de jovens e crianças, o que será relatado a seguir:

Palavras-chave: Participação Democrática; Aprendizagem; Solidariedade; Comunidade; Diálogo; Transformação.

## OBJETIVOS

- Possibilitar a compreensão da proposta do Projeto Comunidade de Aprendizagem percebendo o processo de transformação ocorrido no referido município a partir da tomada de decisão de adesão ao projeto;
- Propiciar a reflexão sobre o potencial de melhoria na qualidade de aprendizagem e nas relações interpessoais contidas em seus princípios básicos e vivenciadas através da prática das atuações educativas de êxito direcionadas pelo mesmo.

# Desenvolvimento do trabalho

## **HORIZONTE TEM CONTATO COM A PERSPECTIVA DO PROJETO COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM E INICIA O PROCESSO DE SENSIBILIZAÇÃO E A IMPLEMENTAÇÃO EM ESCOLAS DA REDE PÚBLICA**

Comunidade de Aprendizagem é um projeto que propõe a realização de um processo de transformação social e cultural que se inicia na escola, mas se expande para toda a comunidade a partir da participação de familiares e voluntários, que passam a ter atuação ativa em conjunto com professores, gestores, alunos e funcionários na tomada de decisões e na realização de atividades da escola.

O município de Horizonte localiza-se no estado do Ceará, pertence à região metropolitana do município de Fortaleza e emancipou-se do município de Pacajus no dia 6 de março de 1987, sendo atualmente um município promissor, tendo desenvolvido-se bastante em seus 28 anos de história.

Atualmente, com mais de 60 mil habitantes, a cidade ocupa a 8ª colocação no grupo de municípios mais populosos da região metropolitana de Fortaleza. Seu crescente desenvolvimento populacional é consequência direta da qualidade de polo industrial atribuída à cidade.

O contato com os princípios básicos e com a proposta do projeto se deu em seminário realizado pelo Instituto Natura na cidade de Fortaleza no primeiro semestre de 2014, ocasião em que se fizeram presentes a Presidente do Comitê Gestor de Educação e os Superintendentes da Secretaria Municipal de Educação de Horizonte.

Já de início a ideia pareceu bastante promissora, tendo em vista que atualmente vivemos numa sociedade onde cada vez mais se

percebem transformações nas dinâmicas das relações interpessoais, na estruturação social e na interação entre os diversos indivíduos oriundos de meios sociais e etnias diferentes. São pessoas que possuem hábitos culturais próprios, sujeitos históricos que se inter-relacionam dentro de um mesmo espaço geográfico, devendo, portanto, ter oportunidades equitativas de desenvolverem ao máximo seu potencial cognitivo, assim como devem ter a capacidade de se respeitarem e de desenvolverem relações harmoniosas.

*Optar pelo paradigma da inclusão neste novo cenário mundial significa assumir politicamente uma posição perante a vida. A temática da inclusão constitui um fenômeno social emergente e como tal precisa ser tratado. Equiparação de oportunidades, melhoria da qualidade de vida, interação e cidadania não são privilégios de alguns, são direito de todos (...)* (MARQUES, 2001, p. 225)

Visando a realização da divulgação da proposta do projeto às escolas da rede municipal de ensino, a Secretaria Municipal de Educação de Horizonte (SMEH) estabeleceu um diálogo com o Instituto Natura para a realização de uma pré-sensibilização com gestores das escolas municipais da rede pública de ensino. A atividade foi realizada no início do segundo semestre de 2014 por meio de uma reunião da qual participaram gestores das 18 escolas que possuíam turmas das séries finais do ensino fundamental, as quais foram o foco inicial de um trabalho para a melhoria dos indicadores educacionais e das relações entre os diferentes sujeitos sociais que convivem no referido segmento.

Todos os encaminhamentos foram direcionados por técnicas do Instituto Natura que realizaram a exposição do conceito da aprendizagem dialógica e das atuações educativas de êxito propostas pelo projeto. No desenrolar da reunião os gestores tiveram a oportunidade de esclarecer suas dúvidas e foram convidados a optar por participar do processo de sensibilização e de formação oferecido pelas técnicas do Instituto Natura a posteriori.

Durante a semana seguinte todos os gestores que participaram da pré-sensibilização entraram em contato com a SMEH e demonstraram interesse em que a proposta fosse apresentada à comunidade escolar.

A partir dessa devolutiva, foi estabelecido um novo contato com o Instituto Natura e, devido à logística da instituição, assim como da setorial governamental, foi realizado, ainda em setembro de 2014, um processo de sensibilização e de formação em 6 instituições de ensino.

Divididos em dois grupos, envolvendo todos os funcionários de 3 escolas em cada, foi proporcionada a oportunidade de, durante 20 horas, todos receberem o acompanhamento de técnicas do Instituto Natura e da Avante (Organização Não Governamental localizada na Bahia e que, em parceria com o Instituto, oportuniza o acompanhamento da implementação e da continuidade do Projeto Comunidade de Aprendizagem) que, durante dois dias, de forma dialógica, expuseram o histórico, o embasamento científico e os princípios básicos, assim como a percepção e a vivência das atuações educativas de êxito e a proposta de transformação contida no projeto.

Após a sensibilização com os funcionários, as formadoras agendaram um momento para realizar também a exposição da proposta de forma dialógica com pessoas das comunidades do entorno de todas as 6 instituições envolvidas. Cada escola acordou com as técnicas o melhor horário para conversar com o maior número de representantes de cada comunidade e responsabilizou-se por convidar pais de alunos, familiares e demais pessoas da sociedade.

No horário agendado foi realizada a reflexão acerca da ideia inovadora advinda da transformação de uma unidade escolar numa Comunidade de Aprendizagem, momento em que alguns representantes das comunidades já se prontificaram a estar junto às escolas, participando do planejamento para o início do processo de transformação.

Após a etapa da sensibilização e do período de tomada de decisão, ainda em 2014, todas as 6 instituições escolares que passaram pelo processo aderiram ao Projeto Comunidades de Aprendizagem, sendo elas:

- EMEF Deputado Ulisses Guimarães (Mal Cozinhado);
- EMEF Domitília Assunção De Menezes (Mundo Novo);

- EMEF Euclídia Pereira De Azevedo (Tanques);
- EMEF Maria José De Sousa (Cachoeira);
- EMEF Maria Pinheiro (Canavieira dos Pinheiros);
- EMEF Prof.<sup>a</sup> Dione Maria Bezerra Pessoa (Sede – Parque Diadema II).

### **FASES DE TRANSFORMAÇÃO – APÓS A SENSIBILIZAÇÃO E A TOMADA DE DECISÃO, CHEGA O MOMENTO DE SONHAR A ESCOLA E DE COLOCAR EM PRÁTICA ATUAÇÕES EDUCATIVAS DE ÊXITO**

Após a tomada de decisão, as seis escolas de Horizonte supracitadas vêm passando por um processo de transformação em suas práticas educativas e no relacionamento interpessoal entre os diferentes segmentos da comunidade escolar:

Essas mudanças têm início através da participação democrática do coletivo comunitário, que foi convidado a formar uma Comissão Mista, composta por representantes de professores, alunos, gestores, pais, funcionários administrativos, educadores comunitários, ex-alunos e demais representantes da comunidade para organizar um momento chamado de Evento dos Sonhos.

Algumas instituições de ensino contaram com uma maior adesão popular; outras tiveram menor participação de pessoas que não compõem o quadro de funcionários da escola, tendo entre os fatores determinantes para isso as responsabilidades pessoais de alguns voluntários; a estrutura hierárquica e fechada da educação escolar brasileira que, devido à sua própria organização secular, dificulta a abertura imediata entre escola e sociedade para a tomada de decisões democráticas e a prática do diálogo igualitário; a distância geográfica de algumas escolas para as moradias dos voluntários e a ausência de transportes públicos populares no município.



Mesmo com todos os percalços, formaram-se Comissões dos Sonhos que realizaram reuniões periódicas para opinar sobre como seria o ambiente ideal para a realização desse momento, decidindo a divulgação, a organização do espaço, a sequência da realização da ação desde a acolhida até a decisão e a socialização dos sonhos de cada comunidade escolar; além de qual seria o papel de cada um dos membros da comissão para a realização dessa atividade.

Cada escola se planejou de acordo com as particularidades de sua realidade, sendo que alguns se organizaram de forma heterogênea envolvendo pessoas dos diferentes segmentos para sonharem em conjunto e perceberem assim quais os desejos e incertezas de cada grupo envolvido; outros o fizeram em momentos diferenciados envolvendo somente determinado segmento na formulação de seus sonhos específicos.

Nessa etapa específica foi fortalecida a percepção da importância do envolvimento de todos para o desenvolvimento do projeto, principalmente do diferencial provocado pela participação de alunos e de voluntários da sociedade no planejamento, direcionamento e realização das ações, o que foi bastante marcante numa das instituições em que uma mãe de aluna, sem o auxílio de ferramentas tecnológicas, esteve à frente da mobilização e do envolvimento da comunidade, explicando a todos, por meio da exposição oral, como se daria o Momento dos Sonhos e qual a sua importância para a escola e para a comunidade.

O resultado inicial percebido na ação das Comissões Mistas consiste na potência da mesma para a quebra de um paradigma constante na educação brasileira, em que as decisões se dão de forma hierárquica e sem a participação da comunidade. Esta, de forma ímpar em nossa história, transforma-se de uma representação passiva, convidada à escola somente para repasse de informes, e passa a ter papel ativo e atuante no planejamento e na realização de ações.

As Comissões dos Sonhos se organizaram para propor que todas as pessoas que compõem a escola fossem convidadas a sonhar qual instituição de ensino desejam, sendo esses sonhos os pilares que firmam

um compromisso de participação ativa de seus sonhadores, mobilizando diferentes envolvidos no intuito de realizá-los, criando uma sociedade mais justa e equitativa para todos.

Após o momento dos sonhos, cada Comissão reuniu-se para determinar quais destes seriam considerados prioridade de curto, médio e longo prazo, tendo em vista as necessidades prementes de cada escola a partir dos desejos apresentados. O critério para a priorização foi a proposta do Projeto Comunidade de Aprendizagem, voltado à melhoria da aprendizagem e dos relacionamentos entre todos, sendo os sonhos, nesse sentido, definidos como aqueles de prioridade de curto prazo.

Cada comissão reuniu-se, discutiu e, em conjunto, priorizou seus sonhos, agrupando os mesmos de acordo com o eixo a que cada um se destina, podendo ser relacionados a infraestrutura, relacionamento, voluntariado, aprendizagem, comunicação, solidariedade, entre outros.

De acordo com cada grupo de prioridades definidas, formam-se novas Comissões Mistas cujo objetivo é planejar e elaborar estratégias para realizá-los, formando-se então uma Comissão para cada de acordo com a disponibilidade do voluntariado presente.

Almejando a efetivação dos sonhos, as comissões apresentaram a cada comunidade as prioridades para validação, planejamento e envolvimento de demais pessoas para que se voluntariem na realização de ações objetivando tornar realidades concretas os desejos coletivos.

Foram então convidados representantes dos diferentes segmentos que constituem a escola e que se reúnem para atuar como voluntários na elaboração de estratégias e/ou na realização de ações práticas em busca de realizar os sonhos. Todos os sujeitos envolvidos vêm realizando práticas que visam a melhoria do entorno e da qualidade do ensino. Devido a fatores como a carência de voluntariado em algumas escolas e a falta de clareza inicial acerca da formação dessas novas comissões por parte das pessoas das comunidades escolares e dos próprios técnicos da Secretaria de Educação que acompanham o desenvolvimento do projeto, a formação de novas comissões em todas as escolas que deram

início ao processo ainda não foi totalmente efetivada, com muitos dos direcionamentos das ações do projeto ficando ainda na primeira comissão formada nas escolas.

Tomando como base os sonhos prioritários validados pela comunidade, a comissão das escolas vem definindo quais outras Atuações Educativas de Êxito serão colocadas em prática, sendo que a participação democrática em debates dialógicos — para a definição de rumos a serem percorridos pela escola — é a primeira e a mais importante dessas estratégias para a constituição de uma verdadeira Comunidade de Aprendizagem.

*A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. (FREIRE, 2005/1968, p.90)*

Entre as Atuações Educativas de Êxito propostas pelo projeto, foram definidas pelas comissões a serem implementadas nas escolas de Horizonte:

**Participação Ativa da Comunidade:** caracteriza-se pelo comprometimento entre escola e comunidade de atuarem de forma democrática seguindo os princípios da aprendizagem dialógica para melhorar as condições de aprendizagem e interação entre todos os envolvidos — direta e indiretamente — no processo.

Essa atuação caracteriza-se como o “cérebro e o coração do projeto”, pois é através da participação ativa de todos que se torna possível a formação de Comissões Mistas para que os diferentes atores da comunidade escolar possam, de forma dialógica e democrática, planejar e direcionar encaminhamentos e realizar ações em conjunto, tendo como foco a melhoria da aprendizagem e das relações sociais. É também por meio da participação ativa que a escola se abre a

novas possibilidades e torna-se possível a realização de ações diversas pensadas em coletivo e colocadas em prática com o consentimento do grupo e com a participação do mesmo a partir do voluntariado;

**Biblioteca Tutorada:** professores, funcionários e voluntários propõem-se a auxiliar os alunos em atividades de pesquisa, realização de tarefas, atividades de reforço, entre outras, organizando-se para garantir um tempo extra de aprendizagem aos estudantes que participam dessas atividades, sejam estes contemplados de forma individual ou coletiva.

Foi proposta a prática de biblioteca tutorada em algumas instituições que não obtiveram o voluntariado necessário para a realização da atuação, sendo que, em algumas escolas que não se propuseram a realizar essa prática específica, mediante o acompanhamento de técnicos da SMEH e da Avante, percebeu-se que alguns voluntários, que se pretendiam em outras atuações, não possuíam perfil para tais mas sim para o direcionamento de atividades condizentes à biblioteca tutorada. O redirecionamento dos mesmos a essa atuação foi orientado como sugestão a ser definida em reunião da Comissão Mista.

**Grupos Interativos:** alunos de uma sala são divididos em pequenos grupos heterogêneos com participantes masculinos e femininos possuidores de diferentes conhecimentos para resolverem atividades de conteúdos previamente trabalhados em sala, sendo mediados por voluntários que acompanham cada grupo e fazem com que os mesmos mantenham o foco e se auxiliem mutuamente, ficando o professor com mais liberdade para prestar auxílio a cada grupo quando necessário.

As atividades são diferenciadas e possuem o mesmo nível de dificuldade, ficando cada voluntário com questões/desafios com limite de tempo a ser resolvido por cada grupo componente da sala, ou seja, após o término do tempo o voluntário muda de grupo de alunos a serem mediados e, posteriormente, o professor realiza a retomada e a análise da tarefa.

As escolas organizaram-se de acordo com suas realidades e a partir de um calendário de voluntariado para a realização dessa prática, sendo que algumas realizam semanalmente em diferentes turmas e áreas de

conhecimento, enquanto outras organizam um calendário específico durante o mês letivo, direcionando a atuação para determinada área de conhecimento e/ou série escolar.

A organização e a realização dos grupos interativos já vêm modificando as concepções e metodologias empregadas por alguns professores que não percebiam uma finalidade na prática de atividades coletivas, no entanto vêm também construindo outras formas de pensar e de agir a partir da observação do resultado das interações e dos vínculos que se estabelecem através do trabalho colaborativo com alunos e da atuação dos voluntários, garantindo assim uma utilização positiva do tempo pedagógico.

**Tertúlia Literária Dialógica:** essa atuação possibilita o acesso de pessoas das mais diferentes classes sociais aos clássicos da literatura, sendo que os mesmos são lidos em etapas (números de páginas/capítulos) em momento anterior à atividade. Durante a leitura o educando destaca qual trecho foi mais significativo para ele, podendo fazer inferência com a sua realidade, comentar alguma dificuldade de compreensão, identificação com a atitude de um personagem, entre outras coisas. Depois disso, toda a turma reúne-se e, em intervalos regulares de tempo, expõe de forma livre e espontânea suas impressões e comenta o trecho escolhido ou a fala de um colega.

Toda a ação é mediada por um voluntário, que pode ser gestor, professor, funcionário administrativo da escola, pai, mãe, avô, parente de alunos ou pessoas da comunidade que não precisam necessariamente possuir um elevado grau de instrução, pois realizam apenas a função de controlar o tempo da discussão, a ordem das falas por inscrição dos estudantes e o respeito à opinião individual de cada um. Portanto qualquer pessoa pode e deve contribuir com essa ação tão importante.

As escolas que colocam o processo em andamento possuem diferentes perfis de mediadores — desde professores dessas instituições, pais de alunos e duas funcionárias administrativas, sendo uma merendeira e a outra auxiliar de serviços gerais da escola — que se reúnem para decidir quais livros serão propostos aos alunos como a leitura. Todos os voluntários à prática da atuação incentivam a leitura e a exposição oral dos alunos.

As dificuldades encontradas mais levantadas pelos mediadores para a realização da prática são a falta de hábito de leitura, a quantidade de clássicos da literatura em número inferior ao desejável, e dúvidas dos próprios mediadores em relação à organização e à realização da atuação.

Para a superação das dificuldades, as reuniões periódicas das comissões mistas e o acompanhamento técnico da SMEH e da Avante — assim como o suporte do Instituto Natura — têm sido de grande relevância. Partindo de conversas com voluntários das comissões e mediadores, tem sido levantada a importância da utilização dos clássicos paulatinamente, incentivando o interesse pela leitura.

Existe a intenção da realização de um rodízio de clássicos entre as escolas que implementam o projeto, visando suprir a demanda de todos, e inclusive já foi solicitado um levantamento dos livros componentes do acervo de cada biblioteca escolar à Técnica da Secretaria responsável pelo acompanhamento das mesmas, assim como vêm sendo esclarecidas as dúvidas acerca da organização das tertúlias e do papel do mediador, sendo também sugerido às comissões e aos mediadores o estudo periódico do material que está na compilação de orientações do projeto que foi entregue às escolas pelo Instituto Natura durante o processo de sensibilização.

# Conclusão

Todo o processo de metamorfose das escolas em Comunidades de Aprendizagem recebe o suporte por meio da formação e do acompanhamento realizado pelo Instituto Natura, em parceria com a instituição Avante (BA) e a Secretaria Municipal de Educação de Horizonte, através de visitas regulares a todas as escolas que têm colocado em prática essa iniciativa de transformação social em benefício de todos.

Ainda há dificuldades de compreensão de algumas ações por parte das escolas, e a periodicidade de acompanhamento externo, bem como a demanda de atividades próprias de uma Secretaria de Educação com trabalho e resultados de qualidade, dificultam um acompanhamento mais minucioso e um maior suporte ao esclarecimento de todos os questionamentos. Contudo, com o esforço de todos e a maturação do processo pelas comissões, comunidades escolares e técnicos da Secretaria, gradualmente vem-se superando os obstáculos, de modo a colocar o projeto no caminho desejado.

As escolas da rede municipal de ensino que vêm implementando o projeto já percebem uma melhoria nos resultados de aprendizagem, assim como na participação de familiares e demais pessoas da comunidade que estão cada vez mais presentes e envolvidas nas ações da instituição, atuando como parceiros para pensar e realizar ações nas instituições de ensino, contribuindo assim para resultados positivos também nas diferentes interações sociais das diversas localidades onde o projeto tem atuado.

A participação ativa das Comissões Mistas vem se fortalecendo a cada reunião, decisão e realização de ações de cada uma, vindo a gerar frutos que já têm rendido benefícios às comunidades. Os resultados advindos de sua atuação e o estabelecimento de diálogo com os órgãos públicos e instituições particulares já têm tornado concretos alguns sonhos, tais como:

- Garantia de sinal de internet e acesso à rede, facilitando a comunicação e a realização de pesquisas e planos de aula utilizando essa ferramenta;
- Manutenção e garantia de boas condições de uso de laboratórios de informática;
- Realização de curso de formação para a utilização do computador; de programas e da rede mundial ministrado por técnicos da Secretaria de Educação, atendendo aos voluntários de uma escola que estão se propondo a realizar ações de monitoria com os alunos para a utilização do laboratório de informática;
- Surgimento de uma proposta de curso de informática para pessoas da comunidade e para alunos a ser ministrado por um ex-aluno que agora atua como voluntário na escola;
- Solicitação e vislumbre no próximo ano da construção, no espaço da escola, de um poço profundo atendendo à demanda por abastecimento de água de melhor qualidade para alunos e comunidade escolar;
- Confecção de carteirinhas para passe livre de voluntários que atuam nas escolas poderem fazer uso dos transportes escolares que circulam no município.

Com relação aos resultados das atuações educativas de êxito que estão sendo colocadas em prática, para além da participação ativa da comunidade escolar, percebe-se na realização de tertúlias literárias uma melhoria da leitura; aumento do vocabulário; expressão oral e escrita; construção de significado coletivo; respeito ao tempo de fala individual e dos colegas; promoção da reflexão crítica; prática da argumentação; respeito às diferenças e à opinião do outro através da escolha e da seleção de clássicos da literatura a serem lidos e discutidos pelos alunos.

Concernente aos resultados percebidos na prática dos grupos interativos, destaca-se a maior interação entre alunos e pessoas da comunidade, gerando vínculos e um maior sentido de união



comunitária; desenvolvimento da prática da solidariedade de forma espontânea; maior aproveitamento do tempo pedagógico; melhoria na compreensão e na consolidação de conteúdos trabalhados em sala; percepção da importância da inteligência cultural e do desenvolvimento da noção das potencialidades, gerando altas expectativas de aprendizagem não apenas com relação aos estudantes, mas também de voluntários que têm percebido cada vez mais seu potencial cognitivo, sentindo-se desejosos de retomarem sua escolarização, inclusive com a intenção de alguns em cursarem nível superior para poderem trabalhar como docentes.

Atualmente os princípios do Projeto Comunidade de Aprendizagem foram apresentados a mais 6 instituições de ensino no município, sendo 3 centros de educação infantil e 3 escolas de ensino fundamental.

Através da parceria estabelecida entre SMEH, Instituto Natura e Avante, profissionais, familiares e demais sujeitos históricos das comunidades onde estão inseridas essas instituições tiveram a oportunidade de conhecer uma forma mais democrática e participativa de se construir uma educação de qualidade para a plena formação cidadã, não somente de alunos mas de todos aqueles inseridos no processo.

Essas instituições acabam de passar pelo processo de tomada de decisão no qual todas foram unânimes no interesse de estarem inseridas nesse processo de construção de uma sociedade com melhorias significativas para o todo e não somente para determinado indivíduo.

Devido à maturação das escolas iniciais e dos técnicos da SMEH que acompanham o processo desde o início, as 6 instituições novas vêm recebendo um acompanhamento mais qualificado, tendo melhor compreensão dos funcionários e populares das mesmas acerca da proposta, organização e desdobramento das ações a cada etapa do projeto.

5 das 6 instituições já organizaram os voluntários para a formação da Comissão dos Sonhos. Uma decidiu realizar a mesma no início do ano letivo devido ao fato de possuir várias turmas de 5 anos, e, por ser um Centro de Educação Infantil (CEI), acha melhor organizar a comissão em janeiro do próximo ano, visando uma maior participação dos voluntários.

Entre as instituições que organizaram suas comissões, 2 delas já vêm realizando encontros regulares, já tendo inclusive realizado o planejamento de como realizarão a divulgação do momento dos sonhos procurando envolver toda a comunidade. Há uma iniciativa de mães e de gestores das escolas de fazerem a divulgação de porta em porta 3 dias antes da atividade; uma divulgação da mesma e um ensaio para os sonhos a partir de um painel colocado no salão de uma mãe que é cabeleireira, além da proposta de tematizar uma carroça para circular com caixas de som, bem como a representação de alunos, mães e gestora de um CEI no dia anterior ao Evento dos Sonhos de modo a relembrar a importância da participação de todos.

As instituições que realizaram adesão em 2015 já têm clareza da necessidade de formação de novas comissões após o momento dos sonhos, e contam com a participação de mais familiares com relação às escolas iniciais, o que se acredita estar ligado ao fato de terem sido socializados com os membros das comunidades os resultados alcançados pelas escolas que vêm vivenciando o processo há mais tempo. Houve, inclusive, a iniciativa da comissão de um CEI de entrar em contato com a gestora de uma das escolas que vem desenvolvendo o projeto, convidando a comissão da mesma para realizar uma explanação e uma troca de experiências com sua comissão recém-formada, ideia esta que está sendo planejada para ser sugerida a 12 instituições, tanto iniciantes como mais experientes, objetivando realizar contatos entre as mesmas no próximo ano.

São atualmente, portanto, 12 instituições de ensino nas quais a coletividade participa da tomada de decisões e da realização de ações em busca de alcançar os sonhos de sua comunidade para, através do diálogo igualitário e da participação efetiva de todo um conjunto, construirmos uma sociedade cada vez melhor no município de Horizonte.

## BIBLIOGRAFIA

AUSUBEL, D.P. Psicologia Educacional. Rio de Janeiro: Editora interamericana, 1968. BAKHTIN, M. Marxismo e Filosofia da Linguagem. São Paulo: Editora Hucitec, 1988, 4ª edição.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 43ª edição.

MARQUES, C. A. A imagem da alteridade na mídia. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 2001.

[www.comunidadeaprendizagem.com](http://www.comunidadeaprendizagem.com)



Comunidade de  
Aprendizagem

# A etapa dos sonhos na comunidade de aprendizagem da Escola Avelina Sandes de Aquino em Itabuna (Bahia): A construção de sentidos e o ato de educar para humanizar

**José Carlos Sena Evangelista**

Assessor Técnico da Educação do Campo no Município de Itabuna  
(Bahia). Formador Local do Programa Comunidade de Aprendizagem.  
Graduado em Geografia pela UESC e Mestre em Educação pela PUC-SP.

# Resumo

## **PALAVRAS-CHAVE:**

humanização; sonhos; criação de sentidos; aprendizagem dialógica.

Uma escola municipal do campo em Itabuna (BA) vem passando pela fase de transformação em comunidade de aprendizagem. Uma característica dessa instituição é a população atendida, como são crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade e risco social, mais precisamente por residirem nas imediações do lixão da cidade, porque alguns desses estudantes são filhos(as) e netos(as) de pessoas que vivem da coleta e da reciclagem de resíduos sólidos. E com a banalização da violência e a extrema pobreza que enfrentam, a escola deve tomar medidas para humanizar essas crianças no processo escolar. Assim, a experiência na Comunidade de Aprendizagem é vista como uma possibilidade de garantir a construção de significado e melhorar a aprendizagem para todos, sem exclusão.

# Introdução

O presente trabalho trata da temática Comunidade de Aprendizagem, especificamente da etapa de transformação da escola, a etapa dos sonhos e da criação de sentidos, enquanto um dos princípios da Aprendizagem Dialógica, bem como da reverberação da maneira como a busca de sentido relaciona-se com o processo de humanização. Este trabalho foi realizado a partir de uma pesquisa bibliográfica contextualizada pela realidade empírica de uma escola do campo no município de Itabuna (Bahia).

A contextualização das discussões é a Escola Municipal Avelina Sandes de Aquino, situada na Fazenda Duas Barras, no entorno do Aterro Sanitário do município de Itabuna (Bahia), onde vivem mais de 20 famílias em situação de vulnerabilidade e risco social.

A situação socioeconômica dos familiares dos alunos da Escola Avelina Sandes de Aquino sinaliza a necessidade de se realizar uma ação educativa para a humanização, já que na comunidade há muitos conflitos, sendo que as crianças e os adolescentes acompanham esses conflitos como testemunhas, e isso quando não são participantes.

As indagações motivadoras deste trabalho são: por que a preocupação com a proposta de educar para humanizar? Como a realização das etapas dos Sonhos e a criação de sentidos relaciona-se à humanização?

O Município de Itabuna localiza-se no Território de Identidade Litoral Sul da Bahia e possui uma população estimada em 219.680 habitantes segundo estimativas do IBGE (BRASIL, 2015). A cidade está situada a 426 quilômetros da capital baiana.

Esse município é citado entre os mais violentos da Bahia. Os blogs e a imprensa sensacionalista e muitas pessoas comentam a violência como se fosse algo normal. Frente à banalização da violência é preciso

educar para humanizar, além de proceder à busca de sentido para o que é ensinado/aprendido na escola.

A ação educadora para a humanização é um desafio porque exige o emprego de esforços que contribuam para resgatar a sensibilidade, a solidariedade e outros valores humanos já esquecidos por algumas pessoas. É sob essa perspectiva que desenvolvemos algumas reflexões neste artigo.

# Desenvolvimento do trabalho

## A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS E EDUCAR PARA HUMANIZAR

Comunidades de Aprendizagem é um projeto baseado num conjunto de práticas educativas de êxito dirigidas à transformação social e educativa, e fundamentadas em teorias científicas em nível internacional que destacam dois fatores-chave para a aprendizagem: as interações e a participação da comunidade. (NIASE, s/d)

A transformação de uma escola em Comunidade de Aprendizagem é um processo que prevê a colaboração direta dos familiares e de voluntários para enriquecer e transformar a aprendizagem escolar. Nesse sentido, acredita-se que quanto maiores e mais diversas forem as relações intersubjetivas estabelecidas, maior será a potencialidade da aprendizagem de todas as pessoas envolvidas, afirmam Adriana Roseli Melo e Fernandes Marigo (2010). A Comunidade de Aprendizagem surgiu na Espanha com a finalidade de transformar a escola para garantir a aprendizagem acadêmica para todos e enfraquecer os conflitos pessoais, superando assim as desigualdades educacionais e sociais.

*Essa proposta de transformação da escola surgiu das experiências educativas inovadoras, como resultado de uma linha de investigação desenvolvida ao longo de vários anos pelo Centro Especial de Investigação em Teorias e Práticas Superadoras de Desigualdades (CREA) I, da Universidade de Barcelona/Espanha. Segundo Valls (1999), essa linha parte da intenção de investigar, analisar e atuar para favorecer a igualdade educativa e social por meio, especialmente, de mudanças nos processos educativos. (MELLO; MARIGO, et al. 2010)*

A constituição de uma escola como comunidade de aprendizagem requer, sobretudo, o sonho de transformação da realidade. Nesse



sentido, é importante que se tenha um sonho comum, e por isso existe a consigna “o que podemos fazer para que na escola todos os alunos aprendam muito e convivam bem?”

Uma comunidade de aprendizagem é a constituição de uma cultura escolar que almeja a inclusão de todos como resultado de várias combinações, refletido não apenas por seu arcabouço teórico, como afirma a professora Ana Paula Afonso:

*Qualquer comunidade de aprendizagem deve ser entendida como resultante da combinação de vários elementos cuja dinâmica lhe permite constituir-se como um sistema constante de crescimento e renovação. Todos os componentes de uma comunidade de aprendizagem refletem, não apenas um corpo filosófico e axiológico sobre o ensino e a aprendizagem, mas, sobretudo, uma cultura.*  
(AFONSO, 2001, p. 429)

Na sociedade da informação a aprendizagem depende cada vez mais da correlação das interações que o sujeito tem com todas as pessoas do seu entorno, na multiplicidade de espaços de aprendizagem e de desenvolvimento.

A etapa dos sonhos é o começo da transformação da escola em comunidade de aprendizagem, é o momento no qual todos são convidados a sonhar com o que escola quer. Para Carolina Briso (1997), “esta é uma fase muito importante para o projeto, o pontapé inicial para o início de uma grande transformação que se dará na escola. Tal como afirmava Paulo Freire, a educação precisa tanto de educação técnica, científica e profissional, como de sonhos e utopias”. (CARTA NA ESCOLA)

A comunidade de aprendizagem tem como fundamento a Aprendizagem Dialógica, a partir da qual são desenvolvidas as práticas de êxito em comunidades de aprendizagem. A Aprendizagem Dialógica tem com base 7 princípios, a saber: 1. Diálogos Iguais; 2. Inteligência Cultural; 3. Transformação; 4. Dimensão Instrumental; 5. Criação de Sentido; 6. Solidariedade e; 7. Igualdade de Diferenças.

*A aprendizagem dialógica se produz em interações que aumentam a aprendizagem instrumental, favorecem a criação de sentido pessoal e social, estão guiadas por princípios solidários e nas quais a igualdade e a diferença são valores compatíveis e mutuamente enriquecedores (AUBERT, A.; FLECHA, A.; GARCÍA, C.; FLECHA, R.; RACIONERO, S.; 2008, p. 167).*

Propomos aqui fazer uma aproximação entre o sonho e a criação de sentidos e, como essas premissas vêm ocorrendo na Escola Avelina Sandes de Aquino e, principalmente, como elas reforçam as experiências das educadoras no sentido de realizar uma ação educativa para humanizar a comunidade do entorno do aterro sanitário da cidade de Itabuna.

Assim, é importante destacar que o princípio “criação de sentido” acontece

*quando a escola incorpora de forma igualitária as diferenças culturais e linguísticas, o sentido da educação e das aprendizagens aumenta em todas as crianças. Desta forma, os projetos educativos, que buscam que a escola se converta em lugar onde desejo e realidade estejam de mãos dadas, colocam bases para a criação de sentido de toda a comunidade (NIASE/USFCAR, s/d).*

*Educar e ser educado a partir dessa visão se encontra com as ideias do professor Paulo Freire, para quem a educação é um fazer humano que acontece por intermédio da ação dialógica. Educar não é imposição, nem transmissão, mas um ato solidário e coletivo, então ninguém pode buscar sua educação no isolamento, pois “ninguém se educa sozinho, ninguém educa ninguém, homens e mulheres se educam entre si, mediados pelo mundo” (FREIRE, 1987, p. 68).*

O educador pernambucano, autor de várias obras importantes para a transformação da educação no Brasil e no mundo, deixou-nos um vasto legado, seu trabalho educativo sempre esteve a serviço da liberdade e contra a opressão que transforma as pessoas em coisa, propondo

uma educação que contribua para o desvelamento da realidade com o intuito de transformá-la. Uma dessas proposições freireanas é que a educação esteja a serviço da humanização, enquanto vocação antológica, realidade histórica e possibilidade do ser humano.

*Constatar esta preocupação implica, indiscutivelmente, reconhecer a desumanização, não apenas como viabilidade ontológica, mas como realidade histórica. É também, e talvez, sobretudo, a partir desta dolorosa constatação que os homens se perguntam sobre a outra viabilidade — a de sua humanização. (...). Mas, se ambas são possibilidades, só a primeira nos parece ser o que chamamos de vocação dos homens. Vocação negada, mas também afirmada na própria negação. (FREIRE, 1987, p. 30)*

Para Freire (1969), o ponto de partida dessa busca está no próprio ser humano. Mas como não há ser humano sem mundo, o ponto de partida se encontra no homem-mundo, isto é, no ser humano em suas relações com o mundo e com os outros. Nesse sentido, quanto mais conhecer, criticamente, as condições concretas, objetivas, de seu aqui e de seu agora, de sua realidade, mais será transformada.

*Sua humanização ou desumanização, sua afirmação como sujeito ou sua minimização como, dependem, em grande parte, de sua captação ou não desses temas. Quanto mais dinâmica uma época na gestação de seus temas próprios, tanto mais terá o homem de usar, como salienta Barbu, “cada vez mais funções intelectuais e cada vez menos funções puramente instintivas e emocionais”. (FREIRE, 1967, p. 44)*

Paulo Freire nos alertava para a “malvadez” da globalização capitalista: a sua ideologia fatalista, que tenta tirar do ser humano o que lhe é mais imprescindível para continuar existindo: a esperança, o sonho, a utopia (ANTUNES, 2002, p.26).

Paulo Freire (1987, p.34) afirma que o processo de humanização tem como lastro a própria vocação do homem em “ser mais”, isto é, humanizar-se, enquanto luta para deixar de ser menos, deixar de ser coisa, deixar de ser objeto e buscar a sua constituição de sujeito

histórico. E como ser mais quando se está vivendo em condições sub-humanas, como é o caso de moradores próximo do lixão?

Destaca-se que no entorno do lixão de Itabuna vivem mais de 20 famílias. A área total do lixão tem cerca de 4 mil metros quadrados e desde 1999 vem sendo planejado o loteamento dessa área para habitação e sendo construído o Aterro Sanitário para as imediações do bairro Nova Ferradas (MELO, 2000 apud SILVA, 2008, p.69). Essa pesquisadora destaca que, conforme o Anuário Estatístico do Município (ITABUNA, 2005), entre a referida população naquele ano de 2005, “12% das crianças, menores de 2 anos, estavam desnutridas e 22% tiveram diarreia”. (SILVA, 2008, p. 70)

O lixão é um problema ambiental gritante no Brasil, sobretudo nas cidades sem aterro sanitário. Segundo o IBGE (2000), os “lixões” ainda são a forma mais comum de destinação final de resíduos sólidos, em aproximadamente 70% das cidades brasileiras os resíduos ainda são jogados nesse destino final (AGSOLVE, 2011), o que implica a ocorrência de problemas sociais, econômicos, sanitários, de poluição e de contaminação do meio ambiente. Em relação ao Lixão de Itabuna, o ambientalista Val Cabral denuncia:

*O lixão de Itabuna permanece como uma ferida aberta na comunidade e muito pouco se tem debatido sobre o que fazer para transformá-lo em Aterro Sanitário e empreender políticas públicas dirigidas aos homens, mulheres, crianças e idosos que sobrevivem do lixo. (CABRAL, 2010)*

É essa a população com a qual lida a Escola Avelina Sandes de Aquino, bem como filhos(as) de trabalhadores rurais do cacau, que é outra população e que tem outra especificidade, a de rotatividade, pois moram de três a seis meses numa fazenda e logo em seguida mudam-se para uma outra mais distante, podendo voltar no ano seguinte.

A condição de vida dessa população é bastante adversa, e podemos afirmar que é uma população em situação de vulnerabilidade e risco social. Além da pobreza extrema, parte da população é submetida à negação de seus direitos, além de serem testemunhas oculares de

agressões e violência física e simbólica. Para algumas dessas pessoas a violência é algo natural. Assim como tem sido banalizada a violência pela mídia sensacionalista (UNICEF).

Essa banalização da violência é a prova da desumanização da população do Aterro Sanitário de Itabuna. E humanizar essa população constitui-se o maior desafio da Comunidade de Aprendizagem na Escola Avelina Sandes de Aquino. No entanto um passo já vem sendo dado com a etapa dos sonhos na escola, favorecendo as crianças e seus familiares a voltarem a sonhar, condição que havia sido perdida. Agora as crianças e seus familiares passam a acreditar que é possível tirar os sonhos do papel, e isso é humanizar-se.

Pais sonham com aula de informática e uma escola melhor para os seus filhos. O melhor é que estão sonhando e ajudando a realizá-los, e assim vão se envolvendo na realização deles.

As crianças sonham com parquinhos, brinquedos, piscina, jogos, brincadeiras, aulas de teatro, balé e oficinas diversas na escola. Estas, anteriormente, não sonhavam com profissões que dependiam de experiências acadêmicas. Então elas estão alargando seus horizontes, e começam a sonhar em ser professora, enfermeira, bombeiro e médica.

Dessa forma as profissionais de educação da Escola Avelina Sandes de Aquino vêm sempre buscando realizar uma educação humanizadora, e começam a acertar seus passos com a transformação da escola em Comunidade de Aprendizagem.

Quando uma criança de família que recolhe material para reciclagem no aterro sanitário passa a afirmar que o seu sonho é ser médica, isso sem sombra de dúvida representa um significativo alargamento de seus horizontes, resultado de um trabalho de melhoria da autoestima dessas crianças.

Temos certeza de que a Comunidade de Aprendizagem dará uma enorme contribuição para ampliar ainda mais as conquistas da comunidade escolar na melhoria da aprendizagem de todos, no aumento da autoestima e no alargamento dos horizontes dos alunos

da Escola Municipal Avelina Sandes de Aquino. É a esperança de que é possível a construção de uma nova escola e de uma nova sociedade, sem exclusão e mais humana.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, Ana Paula. Comunidades de aprendizagem: um modelo para a gestão da aprendizagem. In: DIAS, Paulo; FREITAS, Candido Varela de. Challenges 2001. Actas da II Conferência Internacional de Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação. Braga: Centro de Competência Nónio Século XXI da Universidade do Minho, 2001. p. 427-432.

ANTUNES, Ângela. Leitura do mundo no contexto da planetarização: por uma pedagogia da sustentabilidade. São Paulo: FE-USP, 2002

CREA-UB. INCLUD-ED: Estratégias para inclusão e coesão social na Europa a partir da educação. Barcelona, Universidad de Barcelona, 2011; Versão em Português. São Paulo: Instituto Natura, 2014. Disponível em: <http://www.comunidadeaprendizagem.com/uploads/materials/12/740922c2359d3ca752de853bbb798930.pdf>, acessado em 18 ago, 2015

FLECHA, Ramón; TORTAJADA, Iolanda. Desafios e saídas educativas na entrada do século. In: IMBERNÓN, F. (ORG.) A Educação no Século XXI: Desafios do futuro imediato. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. São Paulo, Paz e Terra, 1967.

\_\_\_\_\_. Papel da Educação na Humanização. In: Revista Paz e Terra, São Paulo, N. 9, p. 123-132, out. 1969. Disponível em: <http://www.rcdh.es.gov.br/sites/default/files/Freire,%20Paulo%201969%20Papel%20da%20educacao%20na%20humanizacao.pdf>

\_\_\_\_\_. Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1987. 17 ed.

\_\_\_\_\_. Pedagogia da Autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1997

MARIGO, Adriana Fernandes Coimbra; BRAGA, Fabiana Marini; et. All. Comunidades de Aprendizagem: compartilhando experiências em algumas escolas brasileiras. In: Políticas Educativas. v. 3, n.2, 2010, p. 74-89. Porto Alegre: UFRGS. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/>

Poled/article/viewFile/22723/13208

MELLO, Roseli Rodrigues. Aprendizagem Dialógica: base para a alfabetização e para a participação. Texto apresentado no 14º Congresso de Leitura no Brasil. Campinas: ALB – Associação de Leitura do Brasil, 2003. 15p.

## SITES

AGSOLVE. O Destino do Lixo. 2011. Disponível em: <http://www.agsolve.com.br/noticias/o-destino-do-lixo>. acessado em 22, out., 2015. acessado em 12, nov., 2015.

BRASIL. IBGE. Estimativa Populacional de Itabuna 2015. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, 2015. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=291480&idtema=130&search=bahia%7Citabuna%7Cestimativa-da-populacao-2014>, acessado em 10, out., 2015.

CARTA NA ESCOLA: Comunidade de Aprendizagem: sonha uma escola nova. Disponível em: <http://www.comunidadeaprendizagem.com/uploads/materials/65/11e50dc5fc5159af89da041ec4abc0e6.pdf>

INSTITUTO NATURA. Portal da Comunidade de Aprendizagem. Disponível em: <http://www.portalcomunidadeaprendizagem.com>

NIASE/UFSCAR. Escolas Como Comunidade de Aprendizagem: [http://www.niase.ufscar.br/1\\_escolas-como-comunidades-de-aprendizagem-informacoes-gerais-traduzido.pdf](http://www.niase.ufscar.br/1_escolas-como-comunidades-de-aprendizagem-informacoes-gerais-traduzido.pdf), acessado em 12, nov., 2015.

UNICEF. Brasil sem violência na mídia. Disponível em: [http://www.brasilsemviolencianamidia.org.br/downloads/Cap\\_04.pdf](http://www.brasilsemviolencianamidia.org.br/downloads/Cap_04.pdf). acessado em 12, nov., 2015.



Comunidade de  
Aprendizagem

# Implementação do projeto Comunidade de Aprendizagem no município de Ourinhos (SP)

**Letícia Rarek Conceição**



# Resumo

O trabalho apresenta o encontro do Projeto Comunidade de Aprendizagem com o município de Ourinhos, no estado de São Paulo, que busca, embasado nos princípios da gestão democrática e participativa, estratégias que favoreçam a implementação do projeto na Unidade Escolar. Assim, por meio do diálogo igualitário, o reconhecimento potencial de cada escola será destacado, fazendo com que os atores que ali se encontram envolvidos possam traçar metas, transformar e melhorar a realidade local presente perante a implementação do projeto proposto.

## **PALAVRAS-CHAVE:**

Comunidade de aprendizagem;  
Diálogo igualitário;  
Transformação.

## **OBJETIVO**

O presente trabalho visa demonstrar a implementação do projeto Comunidade de Aprendizagem no município de Ourinhos, São Paulo, sob a ótica prática e teórica, já que o projeto se encontra na fase inicial do processo.

# Introdução

Atualmente, ao se tratar de educação, é comum ouvir de professores, gestores, pais, alunos e comunidade escolar em geral que a escola pública hoje não é tão boa quanto a de antigamente. Nesse espaço cada ator busca defender a sua posição, atacando o outro sem pensar nas consequências que esse desserviço gera à sociedade em que todos estão inseridos, principalmente no que se refere ao resultado da qualidade de aprendizagem, que hoje é monitorada.

A rede pública municipal de ensino de Ourinhos há muito tem buscado estratégias para sanar essa lacuna, porém ainda se sente incapaz sozinha. Muito trabalho tem sido proposto, e todavia a rotina, as fraquezas e as ameaças ao espaço escolar não têm contribuído para um bom desempenho dos educandos na instituição escolar.

Perante essa angústia, a Secretaria Municipal de Educação de Ourinhos, ao se deparar com o Projeto Comunidade de Aprendizagem, percebeu que seria possível conhecer o projeto e verificar a possibilidade de implementação, já que neste havia um embasamento teórico e evidências de sucesso comprovadas, tendo como pano de fundo a gestão democrática e participativa, pautada por uma aprendizagem dialógica e pelo diálogo igualitário.

Por fim, este trabalho discorrerá sobre a trajetória que as escolas municipais de Ourinhos percorrerão para se tornarem uma Comunidade de Aprendizagem, destacando o início do processo de implementação do projeto no município, suas imediatas mudanças na postura dos profissionais envolvidos e, por conseguinte, o processo teórico da implementação total nas escolas envolvidas.

# Desenvolvimento do trabalho

## BREVE ANÁLISE SITUACIONAL DA EDUCAÇÃO NO MUNICÍPIO DE OURINHOS

A busca por uma educação de qualidade, em que todos os alunos tenham um aprendizado de êxito, tem inquietado os atores envolvidos no processo educacional, levando-os muitas vezes a buscar isoladamente caminhos que possam saciar essa inquietude. Nesse passo, o profissional da educação busca aliar a necessidade de se trabalhar o currículo ao anseio de se atender aos educandos em suas mais variadas dificuldades.

Em busca de caminhos, surgem os mais variados modismos e projetos no ambiente escolar, seja por meio de empresas promocionais, pesquisas na internet e outros mais que visam sanar essa dificuldade, prometendo resultados imediatos de sucesso sem um aprofundamento ou fundamentação teórica, ficando apenas nas suposições ou em observações pontuais.

Diante das cobranças projetadas por meio das avaliações externas, muitas vezes esse acaba sendo o caminho mais curto e fácil, porém sem que apresente um resultado eficiente, conforme avaliações externas evidenciam.

Aliado a tudo isso, a instituição escolar do século XXI, que está inserida num meio global onde a informação impera, ainda não consegue relacionar-se e enxergar o aluno como pessoa, sujeito, mas apenas o vê como indivíduo, esquecendo que o trabalho educacional ultrapassa o campo cognitivo e envolve um conjunto de fatores externos, tais como a sociedade e a cultura.

Ourinhos, não diferentemente das demais cidades brasileiras, também se sente incomodada, sinalizando a necessidade de intervenção direta no que tange os índices de fluxo escolar e proficiência, dados esses

expressos no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). O município apresenta no Segmento Inicial um quadro mais tranquilo quanto ao IDEB, tendo alcançado a média 6, enquanto a meta proposta era 5,2. Já no Segmento Final, a realidade é mais complexa, e as escolas atingiram a média de 4,8, enquanto a meta estabelecida era 5,2.

Diante do desafio proposto, a rede municipal acredita que é o exercício de uma prática pedagógica de êxito — agregando a importância da aprendizagem com qualidade às necessidades individuais do educando — que irá gerar uma aprendizagem de qualidade. De acordo com os estudos pautados em Paulo Freire (1978), não mais cabe ao espaço escolar uma educação bancária, o autor com prática expositiva, de voz única, pois isso não contribui para a efetiva aprendizagem dos educandos. Na escola, perante a sociedade da informação, não mais impera um único portador de voz, que disciplina, educa e sabe de tudo — é preciso interagir com as mais diversas vozes presentes no ambiente escolar.

## PROJETO COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM

O projeto Comunidade de Aprendizagem propõe um trabalho de gestão democrática e participativa exercendo a prática do diálogo igualitário entre todos os segmentos do ambiente educacional e de seu entorno em prol de uma aprendizagem de qualidade para todos os alunos e, conseqüentemente, a superação das desigualdades sociais.

Teve origem na Espanha junto ao Centro de Investigação em Teorias Práticas de Superação e Desigualdade (CREA), da Universidade de Barcelona, pautado no envolvimento de mais de 100 pesquisadores de 14 países. Nessa pesquisa foram apontadas Atuações Educativas de Êxito<sup>1</sup> que contribuía para o sucesso da aprendizagem.

No entanto, para que haja a efetivação de uma Comunidade de Aprendizagem é preciso que a unidade escolar e o entorno passem por um processo de transformação, fundamentado em 5 etapas, sobre as quais iremos discorrer a seguir:

Sensibilização: momento em que toda comunidade escolar e entorno se reúnem para conhecer a fundamentação teórica do projeto. É o momento de refletir sobre a realidade escolar, observando as forças, as fraquezas e as ameaças existentes, vislumbrando o projeto como uma oportunidade de melhoria.

Tomada de decisão: momento em que a escola decide se irá se transformar numa Comunidade de Aprendizagem. Esta etapa exige o exercício do diálogo entre todos os segmentos da comunidade escolar.

Sonho: momento em que toda a comunidade escolar é convocada para sonhar com a escola que se deseja para o futuro. Este é o início da transformação.

Seleção de prioridades: momento em que a equipe decide quais são as prioridades mais urgentes citadas na fase do sonho.<sup>1</sup>

Planejamento: é o momento de traçar o caminho a ser percorrido para atingir o sonho possível. Nesta etapa começam a atuar as comissões mistas que irão gerenciar as ações para tornarem o sonho realidade.

Para que uma escola se transforme em Comunidade de Aprendizagem é preciso que haja um movimento interno descentralizado que envolva todos os segmentos da comunidade escolar de forma organizada, acreditando na transformação educacional e social.

### 3. PROCESSO DE ADESÃO E IMPLEMENTAÇÃO NO MUNICÍPIO DE OURINHOS

1. Atuações educativas de êxito que podem ser implementadas no projeto

Comunidade de Aprendizagem: grupos interativos, tertúlias dialógicas, biblioteca tutorada, formação de familiares, participação educativa da comunidade, modelo dialógico de resolução de conflitos e formação pedagógica dialógica.

Preocupada com o exercício da gestão participativa e democrática, a rede municipal tem buscado algumas ações, porém ainda isoladas. Em 2014 a equipe técnica da Secretaria Municipal de Educação conheceu o projeto Comunidade de Aprendizagem e decidiu que seria pertinente levá-lo ao conhecimento de toda a rede municipal de ensino, agendando assim uma visita para todos os gestores.

Com propósitos afins, o projeto foi apresentado a todos os gestores da rede municipal de ensino, visando assim uma tomada de decisão da equipe gestora para uma apresentação à comunidade local e escolar; além de uma futura implementação nas Unidades Escolares. Participaram desse momento 45 unidades escolares, entre Educação Infantil e Ensino Fundamental.

Após esse momento os gestores presentes levaram a proposta do projeto para reflexão em horário de estudo coletivo, visando a adesão ou não pela fase de sensibilização, quando todos teriam a oportunidade de conhecer o projeto na íntegra.

Nesse momento, o poder de adesão é autônomo da escola, sem a intervenção da Secretaria Municipal de Educação ou do Instituto Natura, que é responsável pelo projeto aqui no Brasil.

Das 45 escolas municipais, seis delas manifestaram-se favoráveis a conhecer o Projeto, sendo 2 pertencentes à Educação Infantil e 4 ao Ensino fundamental — Segmento Inicial e Final. A adesão foi confirmada em ata e encaminhada à Secretaria Municipal de Educação, sendo esta apenas ouvinte da tomada de decisão da equipe escolar.

Tendo definidas as escolas que participariam da formação da sensibilização, os responsáveis pelo projeto na Secretaria Municipal de Educação entraram em contato com o Instituto Natura, que em parceria com a rede interessada, logo agendou o momento de sensibilização.

Sobre as escolas que aderiram à formação de sensibilização, vale destacar que as 3 escolas que atendem o Segmento Final demonstraram interesse perante as dificuldades que têm encontrado para alcançar a eficiência nos resultados educacionais. A inquietação da busca pela qualidade de ensino e a coesão social com certeza foram as molas mestras que motivaram a comunidade a desejar participar do projeto. Já no que tange a educação infantil, a busca é pela parceria entre comunidade escolar e seu entorno, haja vista as dificuldades de interação encontradas.

Anteriormente à formação de sensibilização, que aconteceu em agosto de 2015, as escolas tiveram contato com o projeto por meio da

apresentação do portal em horários de estudo coletivo, que acontece semanalmente nas escolas, com todos os professores da rede. Nesse momento foram também apresentados os cursos on-line que o Projeto Comunidade de Aprendizagem oferece, sendo destacado o curso de tertúlia literária.

Para a realização da formação de sensibilização, as 6 escolas interessadas tiveram suas aulas interrompidas por 2 dias para a apresentação completa do Projeto. Foram 2 polos de encontro para formação em dias diferentes, sendo as Unidades Escolares agrupadas por perfil e região devido às especificidades do grupo, conforme apresentado na tabela a seguir:

Unidade Escolar	Número de professores	Data	Número de grupos
EMEF Jornalista Miguel Farah	41	20 e 21 de agosto	3 grupos com 35 pessoas
EMEI Clara Augusta	7		
EMEF Prof. José Alves Martins	45		
NEI Adelaide Mantovani	9		
EMEF Profa Adelaide Pedroso Racanello	58	24 e 25 de agosto	2 grupos com 68 pessoas
EMEF Profa Amélia Abujamra Maron	51		

Para essa etapa de decisão, a equipe escolar teve um período para reflexão que também aconteceu nos horários de estudo coletivo. Nessas reuniões com os professores, a equipe gestora buscou tirar dúvidas que persistiram mesmo após a formação de sensibilização.

É importante relatar que entre a teoria que será descrita e a prática já executada surgem vários conflitos, porém a prática do argumento, do direito à participação de todos, do poder de voz, acaba superando as diferenças, pois cada pessoa pode manifestar sua opinião sem o preconceito do certo ou do errado, pautada pela experiência que possuem e buscando ações coletivas em prol da transformação.

Afirmar que no meio escolar não existe a presença do antidialogismo é audacioso, pois ainda é preciso superar as barreiras sexistas, racistas

e classistas presentes nas escolas, e ainda mais a timidez imposta pela classe dominante de professores, muitas vezes efetivos, em nossa localidade.

Diante do exposto, percebe-se que o poder de argumentação — citado na Teoria de ação comunicativa de Habermas e aplicado nas ações de sensibilização e mobilização — foi de suma importância, pois os atores participantes puderam analisar a realidade da Unidade Escolar e do seu entorno para a tomada de decisão.

Dentre as 6 escolas participantes da formação de sensibilização, 5 unidades se sentiram sensibilizadas à realização do projeto na comunidade em que a escola está inserida. Nessa etapa a decisão tomada pela equipe escolar também foi respeitada pela Secretaria Municipal de Educação, já que o projeto está embasado na prática do diálogo igualitário.

Para o desenvolvimento do projeto a escola conta com o apoio de um formador do Instituto Natura e de 2 técnicos da Secretaria Municipal de Educação. O acompanhamento está organizado numa visita trimestral pelo formador do Instituto Natura, mais o acompanhamento mensal e direto dos técnicos da Secretaria Municipal de Educação, que têm como tarefa acompanhar diretamente as ações das escolas.

Até o momento é correto afirmar que os desafios e dúvidas quanto ao projeto fazem parte da nossa realidade, mas as condições explícitas preexistentes entre instituição parceira, Secretaria Municipal de Educação e unidades escolares são indicadores favoráveis à concretização do projeto.

A partir deste parágrafo o trabalho será pautado pelo planejamento e pela fundamentação teórica que o projeto Comunidade de Aprendizagem oferece, sendo a fase dos sonhos a próxima etapa a ser cumprida.

A fase dos sonhos deverá acontecer em meados de novembro, quando todos os atores da comunidade local e escolar serão convidados a projetar a escola que desejam para o bairro onde está inserida. Nessa



ocasião não há restrições para o sonho da escola que a comunidade deseja. O diálogo igualitário deverá estar presente em todos os momentos, quando todos os segmentos da comunidade tiverem a oportunidade de sonhar. Não haverá hierarquia entre o sonho do diretor e o sonho do pai, funcionário ou aluno. Freire (1995) destaca que uma escola não precisa somente do conhecimento técnico, mas de sonhos e utopias para existir e movimentar a realidade. A partir dessa etapa, cada Unidade Escolar passará a contar com a participação da Comissão Mista<sup>2</sup>.

Encerrada a etapa dos sonhos, iniciará a seleção de prioridades, quando a Comissão Mista, já citada no parágrafo anterior — formada por alunos, professores, funcionários e pessoas da comunidade —, deverá estabelecer quais são as prioridades diante das urgências e das necessidades da Unidade Escolar. Nessa etapa a Comissão Mista terá o dever de identificar quais são as ações prioritárias que acontecerão a curto, médio e longo prazo.

Inicia-se, a partir de agora, a etapa de planejamento em que cada Unidade Escolar deverá ter claro onde está e aonde deverá chegar para alcançar os sonhos desejados. Nessa fase acontecerá uma assembleia com a apresentação das ações a serem implementadas na Unidade Escolar. São formadas nesse momento novas comissões mistas de trabalho, que terão a missão de tornar os sonhos idealizados em realidade.

2. A Comissão Mista são grupos formados por alunos, professores, outros profissionais da escola, familiares e membros da comunidade que se encarregam de cumprir as transformações para a realização das Atuações Educativas de Êxito e desempenhar, coordenar, supervisionar e avaliar, de maneira constante, algum aspecto ou atividade concreta. No processo de transformação da escola as Comissões Mistas têm o papel de converter os sonhos da comunidade em realidade.

Para se tornar Comunidade de Aprendizagem é preciso que além de realizar as fases de transformação, a escola implemente as Atuações Educativas de Êxito conforme as suas necessidades. Não há uma regra específica para a seleção das Atuações Educativas de Êxito a serem aplicadas nas escolas, todavia, na pesquisa realizada pelo CREA, pesquisadores relatam que quanto mais atividades forem aplicadas na íntegra, obedecendo rigorosamente ao formato, mais rápido irá se chegar à excelência dos resultados, ou seja, a superação na proficiência, o fluxo escolar e a coesão social.

É importante destacar que, dentre as atuações propostas, apenas a tertúlia dialógica exige investimento financeiro, sendo que as demais

requerem apenas o investimento humano, ou seja, o desejo de transformação e a participação voluntária de pessoas.

Esse projeto diferente dos demais não tem um prazo para se encerrar, pois se acredita que após a etapa de implementação a escola irá se sentir segura para caminhar sozinha, sabendo sonhar, delimitar seus sonhos, planejar e avançar, caminhando para as inovações a serviço de uma educação de qualidade para todos, indistintamente.

# Conclusão

Perante o esboçado neste trabalho, fica claro que todos os profissionais de educação estão preocupados com a aprendizagem dos educandos, não conseguindo conciliar o currículo e as necessidades individuais às cobranças de uma educação exitosa para todos. Junto a essa realidade, surgem os modismos que não apresentam um referencial teórico fundamentado aliado a outras boas práticas, que nem sempre atendem à diversidade de todos os educandos.

Em 2104 a Secretaria Municipal de Educação de Ourinhos conheceu o Projeto Comunidade de Aprendizagem, que veio ao encontro dos anseios e dos valores que essa rede acreditava, apropriando-se organizadamente da gestão democrática e participativa, na qual a prática do diálogo igualitário se faz presente para as tomadas de decisão que o projeto exige.

O projeto não permite a imposição e muito menos um monólogo, sendo necessário a todo instante a integração de todos os atores da comunidade escolar; diferencial este que motivou a real adesão das 5 escolas inscritas. O poder de decisão para adesão, não foi imposta apenas à vontade apenas da Secretaria Municipal de Educação, mas sim à sua vontade e necessidade de cada Unidade Escolar.

Diante do exposto, verifica-se que a busca pela melhoria social e de aprendizagem está pautada no desejo de cada comunidade escolar que aderiu ao projeto. Todas têm claro, após a formação de sensibilização, que atingir o sonho desejado de transformação será necessário no decorrer da implementação do projeto, além de articulação, conhecimento e atitude para a efetivação real das mudanças propostas.

O Projeto Comunidade de Aprendizagem deixa evidente que para atingir uma meta proposta é preciso esforço, organização, quebra de preconceitos e, acima de tudo, solidariedade. Nesse processo de

transformação não há condições para uma única mão, mas para uma unidade à busca de transformação

Logo, se os atores envolvidos estão em busca de um único objetivo, que é uma educação de qualidade, então é preciso que todos se sintam pertencentes a esse meio.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUBERT, Adriana et al. Aprendizaje dialógico en la sociedade de la información. Barcelona: Hipatia Editorial, 2010.

COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM. Disponível em: <http://www.comunidadeaprendizagem.com/uploads/materials/2/34afa8a4cdf3fd4669f6747061b0a891.pdf>. Acesso em 19 de novembro de 2015.

FREIRE, Paulo. À sombra desta mangueira . Olho d'água, 1995.

\_\_\_\_\_. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1987.

HABERMAS, Jürgen. Teoria do agir comunicativo. Vol. I. São Paulo: Martins Fontes, 2012.



Comunidade de  
Aprendizagem

# Sustentabilidade do projeto Comunidade de Aprendizagem

**Fernanda Ferreira de Morais Zanitti**

# Resumo

## **PALAVRAS-CHAVE:**

Aprendizagem; Planejamento;  
Comunidade.

Este trabalho foi desenvolvido baseado na experiência do município da Estância Turística de Tremembé para garantir a sustentabilidade do projeto Comunidade de Aprendizagem por meio de ações definidas pela Secretaria de Educação para o processo de inserção do CA nas políticas públicas do município, no Planejamento Estratégico da equipe gestora, além da parceria com os programas FAST e Mais Educação, pilares da educação no município.

# Introdução

A Estância Turística de Tremembé está localizada a 133 km de São Paulo e a 309 km do Rio de Janeiro. Cidade privilegiada, está situada no eixo Rio-SP, vizinha de cidades como Taubaté, Pindamonhangaba, entre outras, bem próxima de cidades consideradas polos turísticos. A população é de aproximadamente 42 mil habitantes e a economia é baseada no turismo, agropecuária, rizicultura, pequenas empresas e serviços.

A Rede Municipal de Ensino é formada por 5 escolas de Educação Infantil e 12 de Ensino Fundamental. Com a mudança da gestão em 2013, foi desenvolvida uma visão para a Educação Municipal: “ser uma Rede inovadora, com profissionais em constante aperfeiçoamento, efetiva em desenvolver o potencial dos alunos, oferecer ambientes educativos acolhedores, agregar famílias e ser reconhecida pela comunidade”. Baseadas nessa visão, foram instituídas algumas metas:

- Atingir média 7,0 na Avaliação Externa a ser realizada no final de 2015;
- Formação Continuada dos docentes;
- Trazer programas de reconhecida eficácia para a Rede Municipal;
- Fortalecimento contínuo dos Programas Implantados;
- Melhorar progressivamente a infraestrutura física e material das escolas.

Com o objetivo de atingir as metas do Planejamento Estratégico, foram implantados os Programas: Mais Educação, FAST e Comunidade de Aprendizagem. Tais programas se tornaram o eixo da Educação no Município.

Com o intuito de garantir a sustentabilidade do projeto Comunidade de Aprendizagem, a Secretaria de Educação da Estância Turística de Tremembé, por meio do estudo realizado pela equipe gestora das escolas municipais e do acompanhamento da coordenadora de projetos nomeada, organizou ações para que o desenvolvimento do projeto não sofresse modificações ou impactos negativos devido a possíveis mudanças na gestão pública, tais como:

- Inserção do projeto no Planejamento Estratégico;
- Criação da disciplina Tertúlia Dialógica Literária;
- Inserção dos Grupos Interativos e da Tertúlia no Plano Municipal de Educação aprovado em 2015 com vigência de 10 anos;
- Realização da campanha “Seja um Voluntário da Escola – de mãos dadas nossos alunos vão mais longe!”.

Tais ações associadas aos programas já desenvolvidos fortaleceram a transformação das escolas e auxiliarão na sua manutenção, efetivação e autonomia dentro da rede municipal, com foco em estabelecer um vínculo duradouro e produtivo entre comunidade e escola.



# Exposição

Desde o primeiro contato, a implementação do projeto Comunidade de Aprendizagem foi idealizada a fim de fortalecer as ações entre famílias, comunidade e escola já desenvolvidas nos programas pilares da rede municipal (FAST) — programa internacional que busca fortalecer as ligações entre famílias, escolas e comunidade por meio de encontros multifamiliares — e o Programa Mais Educação, estratégia do Ministério da Educação para induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular na perspectiva da educação integral, assim como elevar os níveis de aprendizagem dos alunos.

O projeto foi apresentado ao município pela parceria estabelecida entre o Instituto Natura e a Secretaria de Educação no desenvolvimento do Programa FAST (Families and Schools Together), implementado com o apoio do Instituto Natura.

Duas diretoras e uma coordenadora técnica da Secretaria de Educação foram convidadas a conhecer o projeto em duas escolas do Rio de Janeiro, e, ao retornarem, as diretoras já tinha pretensão de transformar as escolas em Comunidade de Aprendizagem. A experiência vivenciada e repassada aos demais gestores da Rede de Ensino fez com que todos quisessem conhecer melhor o projeto.

A apresentação do projeto para os diretores e professores da rede foi realizada pela formadora técnica do Instituto Natura no EREP, Encontro da Rede de Ensino Pública de Tremembé para todos os profissionais da rede. Após esse momento as escolas deveriam decidir, junto a todos os envolvidos na escola, se gostariam ou não de passar pela Fase de Sensibilização do projeto. Até o final do primeiro dia do prazo para essa decisão, todas as escolas de Ensino Fundamental da rede já haviam optado por serem sensibilizadas. Vale ressaltar que essa decisão foi realmente deixada a critério de cada Unidade Escolar, não ocorrendo,

portanto, nenhum processo de escolha ou definição de escola por parte da secretaria ou do INatura.

Após a Sensibilização das escolas, a primeira ação realizada foi a introdução do projeto no estudo do Planejamento Estratégico das equipes gestoras da rede, processo de formulação dos objetivos e seleção de ações a serem executadas nas escolas da rede, premissa básica para respeitar o processo de todas as ações e sua coerência e sustentação.

Durante esse estudo houve o levantamento das dificuldades de aquisição de materiais necessários para a implementação das atuações de êxito, dirigidas à transformação social e educativa, identificadas como práticas que efetivamente aumentam o desempenho acadêmico, e a maior delas foi a aquisição dos livros de literatura clássica universal para a Tertúlia Dialógica Literária, uma das atuações implementadas. Para suprir a falta dos livros e auxiliar na realização da tertúlia, a decisão tomada pelo grupo de estudos foi a inserção da atuação de êxito no currículo escolar como disciplina para que esta aquisição pudesse ser feita via Secretaria. Dessa forma, a coordenadora responsável pelo acompanhamento do projeto realizou as modificações e as adaptações necessárias no currículo municipal e fez a mediação para a aquisição dos livros via Secretaria de Educação.

Outro aspecto positivo levantado nesse planejamento foi a contratação de profissionais para que a Tertúlia pudesse ser realizada com um número reduzido de alunos, facilitando a mediação do professor:

Com o crescimento das ações em torno do projeto, foi necessária a criação de um cronograma de acompanhamento da Secretaria de Educação, associado às visitas das formadoras locais disponibilizadas pelo INatura para o monitoramento das Fases de Transformação, fases pelas quais a comunidade escolar passa para a transformação em Comunidade de Aprendizagem:

1. Sensibilização
2. Tomada de decisão

3. Sonho
4. Seleção de prioridades
5. Planejamento

Durante esse monitoramento surgiu a preocupação para com a autonomia e a efetivação do projeto.

Em concomitância ao processo de implementação havia o desenvolvimento do Plano Municipal de Educação, que é o planejamento da educação de cada município com a participação do governo e da sociedade civil. É um documento que contém objetivos, metas e ações propostas a curto, médio e longo prazo para a educação do município num período de 10 anos. Por não se tratar do plano de uma administração da Prefeitura ou da Secretaria Municipal de Educação, uma vez que ele atravessa mandatos de vários prefeitos e dirigentes municipais de educação, a inserção das características do projeto nas metas municipais efetivará a sua continuidade:

*\*4 – A partir de 2015, a disciplina Tertúlia Dialógica Literária integra a parte diversificada do currículo de 7º, 8º e 9º ano, substituindo a disciplina Ensino Religioso, ministrada apenas no 6º ano. (Tremembé, p. 218, 2015)*

*Garantir a implantação e/ou continuidade de programas que promovam a participação dos pais ou responsáveis no acompanhamento das atividades escolares dos filhos por meio do estreitamento das relações entre as escolas e as famílias; (Tremembé, p. 185, 2015)*

A última questão observada no decorrer da implementação foi a necessidade de auxiliar as escolas com o trabalho voluntário. Para tanto, foi lançada a campanha “Seja um Voluntário da Escola – de mãos dadas nossos alunos vão mais longe!” com o intuito de despertar o interesse da comunidade e alertar para a importância da sua participação no desenvolvimento e na aprendizagem dos alunos.

A campanha do voluntariado foi lançada em junho de 2015. Atualmente conta com 297 voluntários atuantes. Pais e familiares de alunos, membros das comunidades, artistas, atletas, estudantes universitários, funcionários, todos de fato dispostos a doar seu tempo e sua experiência.

A diretora da escola EMEF Comendador Teixeira Pombo, Marise Tressoldi, ressaltou a importância dessa ação para a escola em reportagem para a divulgação do evento no site do município: “ter um voluntário da comunidade dentro da escola é a oportunidade que nós temos de mostrar a todos o trabalho que realizamos. Sem dúvida o maior impacto que temos com o trabalho voluntário é o envolvimento dos alunos com a escola, pois foi através do trabalho voluntário que se tornou possível promover atividades extracurriculares que tornaram a escola ‘uma delícia.’”

A Revista Nova Escola há quase 10 anos trouxe uma reportagem com o destaque na “parceria para a aprendizagem”: abrir as portas à participação de familiares e da comunidade ajuda os alunos a terem sucesso na vida escolar e colabora para diminuir a evasão e a violência. Tema atual para a comunidade de Tremembé, que conta com voluntários nos principais programas da rede, os quais estimulam e contribuem para a inserção das atuações de êxito na rede de ensino:

*Escola e família têm os mesmos objetivos: fazer a criança se desenvolver em todos os aspectos e ter sucesso na aprendizagem. As instituições que conseguiram transformar os pais ou responsáveis em parceiros diminuíram os índices de evasão e de violência e melhoraram o rendimento das turmas de forma significativa. (Revista Nova Escola, 2006, ed. 193)*

# Conclusão

Na introdução dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), é abordada a relevância de

*[...] mostrar a importância da participação da comunidade na escola, de forma que o conhecimento apreendido gere maior compreensão, integração e inserção do mundo; a prática escolar comprometida com a interdependência escola-sociedade tem como objetivo situar as pessoas como participantes da sociedade — cidadãos — desde o primeiro dia de sua escolaridade. (BRASIL, 1998, p. 10)*

Este parágrafo resume com magnitude o trabalho percorrido até aqui. O compromisso dos profissionais da educação e da comunidade são indispensáveis para uma educação de qualidade, que depende de uma relação positiva entre todos.

Para a sustentabilidade do projeto e a autonomia das escolas é fundamental a organização de mecanismos que mantenham a sua vigência, mesmo após troca de mandato de secretarias e prefeituras. O desenvolvimento das ações estudadas também demonstra a necessidade de um profissional para o seu acompanhamento, pelo menos até que haja a autonomia efetiva das escolas.

Todas as medidas tomadas pela Secretaria de Educação estão auxiliando o desenvolvimento e a criação de um panorama pré e pós CA, e a sua associação com os programas já implantados na rede facilitou a capacitação dos profissionais em relação às atuações de êxito e à abertura para a comunidade, o que se deve às atividades do Mais Educação e do programa FAST.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais (5ª a 8ª Série): Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília. MEC/SEF, 1998.

G., Paola. Parceiros na aprendizagem. Revista Nova Escola. Disponível em: <<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/ced/n26/v9n26a12.pdf>>. Acesso em: out, 2013.

Souza, Ana Paula de; J. F. Mário. Universidade Estadual Paulista, Brasil. A importância da parceria entre família e escola no desenvolvimento educacional. Revistas Ibero Americana de Educação. Disponível em: <http://www.rieoei.org/1821.htm>. Acesso em: set, 2014.

PLANO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE TREMEMBÉ - Estância Turística de Tremembé, 2015.

Teodor Mircea & Teresa Sordé, "How to turn difficulties into opportunities: Drawing from diversity to promote social cohesion," *International Studies in Sociology of Education* 21, no. 1 (2011): 49–62.



Comunidade de  
Aprendizagem

# Comunidade de Aprendizagem

**Giselda Amarante**

# Resumo

O Instituto Natura apresentou o projeto Comunidade de Aprendizagem para o prefeito de Mairiporã, Dr. Marcio Pampuri, que se interessou em implantá-lo na Rede Municipal de Ensino e encaminhou a formadora do Instituto à Secretária da Educação Sra Maria Leonor Lopes Thomatieli, visando melhorar o nível de ensino e aprendizagem dos nossos alunos.

Em abril de 2015 aconteceu a primeira sensibilização com a Formadora do Instituto, Madalena Monteiro, para a apresentação do projeto para professores e diretores da rede. Atendendo à solicitação dos gestores, foi feita uma segunda sensibilização no mês de junho, quando a formadora Fernanda sanou algumas dúvidas sobre o projeto para as diretoras e professoras representantes de cada escola. A partir desse esclarecimento, a Secretária da Educação decidiu implantar a princípio em 4 escolas do Ensino Infantil, onde sua resolução foi muito bem aceita pelos docentes e gestores dessas Unidades de Ensino. 2 escolas de Ensino Fundamental também do decidiram transformar-se em Comunidade de Aprendizagem.

Nos meses de agosto e setembro de 2015 os professores e gestores das escolas envolvidas com o projeto passaram por um processo de formação das bases teóricas com formadores do Instituto Natura na Secretaria da Educação com a apresentação de depoimentos e de vídeos, oportunidade em que puderam conhecer o projeto de forma integral.

## OBJETIVO

A Secretaria da Educação de Mairiporã, pensando na melhoria da educação na Rede de Ensino, aprovou o projeto Comunidade de Aprendizagem, que tem como objetivo melhorar os resultados de aprendizagem dos alunos, trazendo a comunidade para dentro da escola, além de intensificar a convivência e as atitudes solidárias entre as pessoas e favorecer a gestão democrática.



# Introdução

As famílias muitas vezes não percebem como seus comportamentos influenciam na aprendizagem de seus filhos e como isso poderá repercutir fortemente na sua formação. Por isso é importante motivar e criar condições para que a família e a comunidade interajam com a escola, e essa motivação requer uma mudança da escola, da família e da comunidade, promovendo uma transformação social.

A relação entre família e escola encontra-se intimamente envolvida na educação das crianças, mas os aspectos pelos quais são responsáveis e o modo como essa responsabilidade é delineada variam de acordo com o tempo, com a cultura e com o cenário econômico e político.

A participação da família na dinâmica escolar é de fundamental importância para desenvolver na criança a credibilidade no seu potencial, a partir do momento em que os pais acompanham e reconhecem nela grandes possibilidades de crescimento cognitivo e emocional.

Estudos mostram que as escolas onde os alunos são bem-sucedidos, tanto em termos de sucesso acadêmico como de atitudes positivas face à aprendizagem, são caracterizadas por boas relações entre família e escola. Esse envolvimento pode igualmente atenuar desvantagens e melhorar a equidade, sabendo-se que a atenção de uma criança pode ser melhorada mostrando aos pais como é importante a participação da família na escola. Através do Projeto Comunidade Aprendizagem estamos

# Desenvolvimento do trabalho

## FASES DE TRANSFORMAÇÃO

Nos meses de setembro e agosto houve mobilização com diversos formadores do Instituto Natura nas escolas E. M. José da Silveira, E. M. Luiz Teles Batagini, E. M. Diomar Miranda Boni, E. M. Divina Anastácia do Nascimento, E. M. Vovó Danila, com funcionários, pais e membros da comunidade. Cada escola organizou a reunião de acordo com a sua Unidade, algumas marcaram no final do período de aulas, outras nos sábados. Pais e participantes se mostraram muito interessados, fizeram várias perguntas pertinentes ao projeto e, ao final da mobilização, todos aprovaram e decidiram transformar a escola em Comunidade de Aprendizagem, e em algumas escolas os pais ficaram tão empolgados que se inscreveram como voluntários no mesmo dia.

## FASES DOS SONHOS

A Fase dos Sonhos foi o momento de voltarmos a conversar com pais e comunidade sobre o Projeto, que busca integrar a família na escola promovendo uma transformação social — através de Ações Educativas de Êxito — e uma educação de qualidade para todas as crianças.

Destacamos a importância do voluntariado para que o projeto obtenha sucesso. Com diálogos igualitários e oportunidades de não somente participar mas de decidir sobre diferentes aspectos relacionados à escola, todos podem doar algum tempo para ajudar a construir uma escola mais justa e de qualidade para todos.

A etapa do sonho é um momento de reflexão e de união entre professores, familiares e alunos em busca de melhorias na aprendizagem, na convivência e na estrutura da escola.

Os pais não estão habituados a falar, a dar sugestões em reuniões. A maioria deles fica intimidado em expor as suas opiniões, mas devagar foram participando e falando de seus sonhos, e muitos já foram dando a solução.

Na E.M. Diomar Miranda Boni estavam expostos os sonhos dos alunos no pátio e havia um sonho de uma menina que dizia: “meu sonho é ver o banheiro das meninas pintado de rosa e o banheiro dos meninos de azul”. Uma mãe, ao ler o sonho, ofereceu-se para doar as tintas e se propôs a pintar os banheiros. Mesmo antes de iniciarem os sonhos dos pais e comunidade, eles começaram a ler e a buscar a solução para os sonhos das crianças se tornar realidade. Outro pai levantou a mão e disse “vamos fazer uma horta” e todos os presentes o aplaudiram, e foi um momento de emoção, pois percebemos que todos estavam com o firme propósito de participar da melhoria da escola.

Nas E. M. Vovó Danila e E. M. José da Silveira Pinheiro, dentre muitos sonhos de melhorias do parquinho, das aulas de natação, do judô, também apareceu o sonho de levar o projeto para a escola vizinha, pois seus filhos irão para o Ensino Fundamental no ano de 2016. Compartilhamos que a Secretaria da Educação também pretende implantar em outras escolas, e na medida em que os pais conheçam o projeto, poderão sugerir aos diretores de outras escolas. Na E. M. Luiz Teles Batagini os pais ficaram motivados em buscar uma solução para o sonho de ter aulas de inglês, balé e judô para as crianças.

# Conclusão

As relações entre escola e família são imprescindíveis para que ocorra uma educação de qualidade. Torna-se necessário que as famílias criem o hábito de participar da vida escolar das crianças, que percebam a importância de se relacionar com a escola na busca de um objetivo em comum, “educação de qualidade para as crianças”. Por outro lado, a escola deve ser a responsável por criar meios de aproximação com as famílias e a comunidade, orientando e mostrando que educar não é papel exclusivo das escolas, é papel de todos. Todos juntos lutando por uma melhor educação.

*Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois, a muita coisa mais que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola, chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades... (PIAGET, 1972 apud JARDIM, 2006, p.50)*

Faz-se fundamental uma mudança nas atitudes dos pais e professores, o importante não é encontrar um culpado pelas situações ocorridas nas escolas, mas sim buscar juntos soluções para tais situações problemáticas. A escola, como detentora dos conhecimentos, métodos e técnicas de ensino, deve ter a iniciativa de aproximar a família à escola, e nessa perspectiva, o diálogo e a interação são vistos como ferramentas essenciais para a construção de novos conhecimentos, envolvendo-as no projeto Comunidade da Aprendizagem para a transformação educacional e social e procurando mostrar a importância de um trabalho de parceria.

Essa não é uma tarefa fácil, mas não impossível, pois ter uma educação de qualidade com o apoio das famílias e da comunidade é um sonho e, para que vire realidade, é preciso agir.



Comunidade de  
Aprendizagem

# Implementação do projeto Comunidade de Aprendizagem no Instituto Tênis, em Santana de Parnaíba

**Ana Fátima Campos**

# Resumo

O presente artigo descreve a implementação de duas Atuações Educativas de Êxito que compõem o Projeto Comunidade de Aprendizagem do CREA, engajado na solução das desigualdades sociais em Santana de Parnaíba, São Paulo, Brasil. Sua efetivação se dá primeiramente com a inserção das Tertúlias Dialógicas Literárias na rotina semanal dos tenistas que fazem parte da equipe mais experiente do Instituto e, posteriormente, com os pais destes atletas. A implementação deste trabalho visa contribuir com a formação completa do tenista, ou seja, ampliar e aprimorar os estudos e o repertório cultural dos jovens, além de fomentar estratégias de envolvimento das famílias e da comunidade do entorno. O artigo apresenta uma proposta educativa com sentido social, que propõe a transformação social e cultural por meio do diálogo igualitário e a inserção de uma perspectiva solidária e colaborativa na formação do atleta, bem como a busca de uma convivência pautada pelo respeito e pela cultura da paz.

## **PALAVRAS-CHAVE:**

Comunidade, Formação, Implementação, Convivência, Educativa.

## **OBJETIVO**

Implementar as Atuações Educativas de Êxito, a saber — Tertúlias Dialógicas Literárias e Pedagógicas e Grupos Interativos no Instituto Tênis —, para que os tenistas tenham um melhor desempenho acadêmico e um repertório cultural redimensionado. Estreitar os vínculos afetivos entre o indivíduo e o coletivo, entre as pessoas, entre o passado, o presente e o futuro; entre os saberes tradicionais e a inovação que visa a transformação, entre as diferentes identidades, além de aproximar as famílias da rotina do Instituto e qualificar o tempo durante o qual elas aguardam o treinamento dos filhos.

# Introdução

O Instituto Tênis nasceu com a missão de recolocar o Brasil entre os países que têm os melhores tenistas do mundo. Centro de treinamento de excelência, a entidade acredita que o país tem um forte potencial, embora mal explorado, e investe em jovens talentos para formar atletas capazes de alcançar o posto de número 1 nesse esporte.

Com um modelo de atuação pautado pelo mundo dos negócios, onde metas e objetivos claros são cobrados e perseguidos, o Instituto Tênis incentiva o desafio, desenvolve a capacidade técnica e alimenta o sonho de realização e de vitória do atleta.

Fazer parte do Instituto Tênis significa, além de acesso a uma estrutura altamente qualificada para o treinamento e o desenvolvimento profissional e pessoal, acreditar no esporte e ter compromisso de superar desafios para ser o melhor do mundo nesse esporte.

Há atualmente no Instituto Tênis ao todo 47 atletas divididos em dois grupos, ou seja, equipe e pré-equipe. Os tenistas menores frequentam regularmente as aulas nas escolas de Santana de Parnaíba e de outros municípios vizinhos. Os atletas que compõem a equipe e têm entre 11 e 20 anos, quando chegam ao nono ano, passam a realizar seus estudos no modelo de ensino a distância. Os pais, por sua vez, que frequentam o espaço diariamente, ficavam desejosos de participar da vida dos atletas de algum modo e, de alguma forma, poder colaborar com o Instituto. Em contato com o Projeto Comunidade de Aprendizagem, através do curso de formação de formadores, e analisando os resultados da pesquisa realizada pelo Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa — NIASE, da Universidade Federal de São Carlos, já mencionada — surgiu o desejo de implementar as Atuações Educativas de Êxito, no Instituto do Tênis, a saber: Tertúlia Dialógica Literária e Grupos Interativos. Observamos, a princípio, a existência de uma discrepância considerável entre o desenvolvimento das habilidades

tenísticas dos atletas e as habilidades socioemocionais. Era como se não houvesse uma preocupação com o desenvolvimento global dos atletas no tocante às habilidades para se viver em sociedade. Sabemos que uma das saídas para reconectar o indivíduo ao mundo onde vive passa pelo desenvolvimento de competências socioemocionais. Nesse processo, tanto as crianças como os adultos aprendem a colocar em prática as melhores atitudes e habilidades para controlar suas emoções, alcançar seus objetivos, demonstrar empatia, manter relações sociais positivas e tomar decisões de maneira responsável, entre outras. Uma abordagem como essa requer práticas pedagógicas mais justas e eficazes, e foi assim que encontramos uma saída para essa situação nas Tertúlias Literárias, de onde nasceu a certeza de que os atletas, no meio social onde vivem, iriam trilhar um caminho mais positivo na vida.

Diante disso, a questão orientadora da implementação foi: como implementar as Ações Educativas de Êxito, ou seja, as Tertúlias, como forma de complementar a formação acadêmica dos atletas e profissionais de tênis, levando em consideração a rotina intensa de treinos e de viagens constantes? Ou seja, a questão aqui era a de levantar quais elementos de sucesso (eficácia, equidade e coesão) poderiam constituir-se indicadores de resultados de qualificação na formação pedagógica e cultural dos jovens tenistas, além de construir uma rotina de encontros.



# Desenvolvimento do trabalho

## A IMPLEMENTAÇÃO DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DE ÊXITO NO INSTITUTO

### TERTÚLIAS DIALÓGICAS LITERÁRIAS

Assim, reunimo-nos para, juntos, encontrarmos uma solução frente aos obstáculos em relação à implementação das Tertúlias. Depois de conversarmos muito, chegamos ao consenso de que realizaríamos a Tertúlia do livro Guerra e Paz uma vez por semana, durante uma hora, no horário logo após o almoço e antes dos treinos do período da tarde. Para os atletas que estavam viajando ou que viajariam, combinamos que a participação aconteceria virtualmente, via Skype.

Depois de alguns encontros, os vínculos de amizade e de companheirismo foram se formando, e a hostilidade que existia entre os atletas foi cedendo espaço para o diálogo e para a afetividade. Quando nos demos conta, já contávamos os minutos para chegar o próximo encontro e podermos falar e ouvir uns aos outros, sem restrições, sem preconceitos... sem medo!

Anita Abed, consultora da Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) explica que “as competências socioemocionais são habilidades que você pode aprender; são habilidades que você pode praticar; e são habilidades que você pode ensinar..”. “A gente está falando de uma mudança de cultura, de compreensão de vida, do que a gente acredita que é o ser humano, o conhecimento, a aprendizagem e de qual é o papel da escola”. “O conhecimento em si deve ser amplamente significativo e prazeroso, algo da ordem socioemocional”.

Nesse contexto, as Atuações Educativas de Êxito surgem com a necessidade de intensificar e aprimorar as estratégias de envolvimento entre os atletas, pais e comunidade do entorno para construir

vínculos por meio da aprendizagem dialógica e das relações afetivas do conhecimento. Segundo a concepção dialógica de aprendizagem, as pessoas, para aprender, precisam de situações de interação, e que o diálogo que se estabelece entre elas esteja baseado em pretensões de igualdade, e não de poder, o que significa que todos temos conhecimento para contribuir, reconhecendo-se assim a inteligência cultural em todas as pessoas.

*Comunidade de Aprendizagem é um projeto baseado em um conjunto de práticas educativas de êxito dirigidas à transformação social e educativa. Este modelo educativo está em consonância com as teorias científicas em nível internacional que destacam dois fatores-chave para a aprendizagem na atual sociedade: as interações e a participação da comunidade. (FLECHA, 2008)*

Para que as Tertúlias Dialógicas Literárias e os Grupos Interativos que compõem o Projeto Comunidade de Aprendizagem fossem implementados no Instituto Tênis, em Santana de Parnaíba, recorremos aos estudos do Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa (NIASE) que, desde 2002, desenvolve pesquisa, extensão e ensino considerando diferentes práticas sociais e educativas. Vinculado à Universidade Federal de São Carlos, tem como principal objetivo identificar fatores transformadores e excludentes que ocorrem em diferentes espaços (investigação) e coopera com os grupos que produzem as práticas para potencializar aspectos transformadores e transformar os excludentes. Os resultados dessa pesquisa contribuíram para que parte do projeto fosse implantado no Instituto após um diagnóstico importante da nossa realidade de atuação com atletas, familiares e comunidade do entorno, em que se constatou a necessidade de uma intervenção tanto no aspecto educacional como no aspecto socioafetivo.

As Tertúlias Dialógicas Literárias são atuações educativas de êxito porque se demonstrou, através de uma ampla pesquisa, que elas contribuem efetivamente para a melhoria da aprendizagem escolar de estudantes de diferentes níveis de ensino, bem como para a melhoria da convivência na escola. Produz resultados de aprendizagem com o desenvolvimento de uma postura solidária na diversidade. Os resultados

da pesquisa, realizada em 14 países, demonstram que as Tertúlias Literárias Dialógicas funcionam em diferentes culturas e em escolas com características distintas entre si. Seu desenho e os resultados produzidos foram validados pela Comunidade Científica Internacional.

Assim que iniciamos o trabalho com as Tertúlias Literárias no Instituto, os atletas elegeram a obra Guerra e Paz, de Liev Tolstói, para ser lida. Os tenistas perceberam logo no primeiro momento o quanto essa atuação seria importante para que pudessem vivenciar uma leitura com sentido, emoções e sentimentos nunca experimentados antes, e que também qualificaria a aprendizagem de outras matérias e redimensionaria a convivência entre eles.

*Tertúlias Dialógicas Literárias refere-se à criação coletiva de significados e conhecimentos com base no diálogo igualitário e na participação de todos os participantes. A atividade, Tertúlia Dialógica, baseia-se nos 7 princípios da Aprendizagem Dialógica, e se desenvolve com produções clássicas da humanidade, sendo assim, é possível realizar diversas Tertúlias Dialógicas, como por exemplo: literária, de artes e musical. As Tertúlias Dialógicas possibilitam que pessoas de idades, gêneros e culturas diferentes debatam temas diversos acerca dos clássicos universais e de conhecimentos científicos produzidos pela humanidade ao longo do tempo. Produz resultados de aprendizagem com desenvolvimento de postura solidária na diversidade. (NIASE)*

No relato abaixo, do tenista Marcelo Tebet, podemos ver, de fato, as dimensões atingidas após a implementação das Tertúlias Dialógicas Literárias: “No início, quando ouvi a proposta, estranhei o nome e fiquei achando que seria chato ler com os demais atletas, mesmo tendo votado no livro, mas logo no primeiro encontro, depois de ter lido as páginas combinadas, ao expor o trecho que havia selecionado e ouvir meus colegas expondo suas interpretações e recordações sobre os trechos, confesso que me desarme e me senti muito leve quando percebi que a Tertúlia estava mexendo com os meus sentimentos e dos meus colegas... chorei...”.

*Mediante o diálogo, transformamos as relações, nosso entorno e o nosso próprio conhecimento de maneira que a “aprendizagem dialógica se produz em interações que aumentam a aprendizagem*

*instrumental, favorecem a criação de sentido pessoal e social, estão guiados por princípios solidários e nas quais a igualdade e a diferença são valores compatíveis e mutuamente enriquecedores". (Em Aubert, A.; Flecha, A.; García, C.: Flecha, R.; Racionero, S.; 2008, p. 167)*

Esse é apenas um dos depoimentos dentre muitos outros. O nível de aceitabilidade atingiu 100% rapidamente, e os encontros para a realização das Tertúlias se transformaram em momentos preciosos de aprendizagem coletiva e cooperativa.

Algum tempo depois os pais estavam muito curiosos a respeito das Tertúlias e depois de uma conversa a respeito foi proposto a eles que nos reuníssemos para fazermos a Tertúlia dos Pais. Rapidamente fizemos a eleição e escolhemos o livro *Meu Pé de Laranja Lima*, de José Mauro de Vasconcelos.

Os resultados com o grupo de pais também não demoraram a aparecer: melhoria na convivência entre eles; maior participação na rotina do Instituto; influência positiva na relação pai/filho/atleta; chegada de outros pais que não frequentavam as quadras e diminuição da resistência de alguns pais quanto à leitura.

*A formação das comunidades de aprendizagem, orientadas para o desenvolvimento dos processos colaborativos, compreende a criação de uma cultura de participação coletiva nas interações que suportam as atividades de aprendizagem de seus membros. (MELLO, 2012. p.100)*

Por meio do diálogo e das contribuições dos atletas e dos pais, gerou-se um intercâmbio enriquecedor que permitiu um aprofundamento naquilo sobre o que versa a Tertúlia, promovendo, por sua vez, a construção de valores e de novos conhecimentos em ambos os grupos.

## **A IMPLEMENTAÇÃO DE GRUPOS INTERATIVOS NO INSTITUTO TÊNIS**

Sabemos que só existe ensino quando este resulta num aprendizado em que o aprendiz se tornou capaz de recriar ou refazer o ensinado,

ou seja, em que o que foi ensinado foi realmente aprendido pelo aprendiz. Esta é a vivência autêntica pela prática de ensinar e aprender. Freire afirma que “é uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética”.

Nós somos “seres programados, mas para aprender” (François Jacob). O processo de aprender pode deflagrar no aprendiz uma curiosidade crescente que pode torná-lo mais e mais criador; ou, em outras palavras: quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender, tanto mais se constrói e se desenvolve a “curiosidade epistemológica”, sem a qual não alcançamos o conhecimento cabal do objeto.

Assim, familiares e atletas reuniram-se visando refletir sobre a melhoria e a aceleração das aprendizagens a partir dos grupos interativos, unindo numa mesma dinâmica a aprendizagem das matérias, como os valores, as emoções positivas e os sentimentos de amizade, pautados pelo respeito mútuo. Acredita-se que quanto maiores e mais diversas forem as relações intersubjetivas estabelecidas, maior será a potencialidade da aprendizagem de todas as pessoas envolvidas. Por isso, a colaboração direta dos familiares nesse processo de melhoria da qualidade da educação é uma ação altamente enriquecedora e transformadora do processo de ensino e de aprendizagem escolar.

Os grupos interativos são uma forma de organização de aula que dá os melhores resultados na atualidade quanto à melhora da aprendizagem e da convivência. Por meio de grupos interativos, multiplicam-se e diversificam-se as interações, aumentando o tempo de trabalho efetivo. Caracterizam-se por ser uma organização inclusiva do alunado, em que se conta com a ajuda de mais pessoas adultas além do professor/tutor responsável pelo grupo.

No Instituto os atletas foram organizados em grupos heterogêneos com 4 atletas — duas vezes por semana e em horário fixo, e em cada grupo um voluntário — para a realização de atividades em rodízio, cujos assuntos já haviam sido desenvolvidos nas aulas presenciais ou a distância. A duração de cada atividade proposta girava em torno de 15 minutos. Ao final, cada grupo realizou 4 atividades diferentes. Em relação à heterogeneidade dos grupos, vale dizer que se trata da diversidade

quanto ao nível de aprendizagem, gênero, cultura, etc. dos tenistas. Às vezes acontecia de alguns tenistas acabarem as atividades antes do tempo previsto, e, assim, ajudavam seus companheiros promovendo diálogos e interações que aceleravam a aprendizagem dos demais, sempre em clima de respeito e de companheirismo.

Os pais voluntários, por sua vez, foram familiarizando-se gradativamente com a atividade e mostrando-se seguros em relação ao fato de entenderem que não precisavam saber o conteúdo estudado pelos atletas. Precisavam dinamizar e qualificar os momentos de estudos e a realização das tarefas escolares, bem como propiciar que as interações acontecessem.

Gilda, mãe de dois atletas — Santiago e Martina —, ressaltou que “antes de participar dos Grupos Interativos, ficava com o tempo todo ocioso, e depois que me dispus a colaborar com os estudos dos atletas, entendi que meu trabalho com eles é favorecer as interações, tenho me sentido útil e feliz...”.

De acordo com o relato, podemos observar como os Grupos Interativos implementados no Instituto Tênis de fato têm contribuído positivamente no que diz respeito à aprendizagem dos estudantes/atletas, como também no que diz respeito ao enriquecimento de uma convivência respeitosa entre todos. Assim, o envolvimento mútuo constituiu um processo por meio do qual atletas, familiares e voluntários puderam construir uma verdadeira identidade, reforçando a importância da corresponsabilização e transformando a aprendizagem individual numa aprendizagem colaborativa.

Os alunos resolvem as atividades interagindo entre si por meio de um diálogo igualitário. É responsabilidade dos adultos assegurar que todos do grupo participem e contribuam solidariamente com a resolução da tarefa. A formação de Grupos Interativos faz com que as interações se multipliquem e sejam diversificadas, e que todo o tempo de trabalho seja efetivo. É, portanto, uma forma de agrupamento inclusivo que melhora os resultados acadêmicos, as relações interpessoais e a convivência.

A implementação das Atuações Educativas de Êxito superou todas as expectativas e, com isso, temos alcançado resultados muito significativos, conforme podemos observar abaixo:

CONQUISTAS	
TERTÚLIAS LITERÁRIAS	GRUPOS INTERATIVOS
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Envolvimento dos treinadores com as tertúlias;</li> <li>• Interação de atletas e de seus pais com a literatura clássica;</li> <li>• Participação efetiva dos tenistas;</li> <li>• Atletas aprendendo a reconhecer os sentimentos dos companheiros e a ouvir e falar;</li> <li>• Melhoria da capacidade de argumentar;</li> <li>• Pais e atletas mediando as tertúlias dialógicas literárias;</li> <li>• Qualificação da habilidade de falar em público;</li> <li>• Melhoria do desempenho acadêmico e, conseqüentemente, das notas;</li> <li>• Melhoria da convivência entre os atletas e entre as famílias;</li> <li>• Reflexões a partir dos trechos selecionados;</li> <li>• Estreitamento dos vínculos afetivos entre todos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Engajamento dos pais na aprendizagem dos alunos/atletas;</li> <li>• Engajamento entre os pais;</li> <li>• Alunos/Atletas estudando sistematicamente e de modo dinâmico e dirigido;</li> <li>• Pais entusiasmados e envolvidos, focados na melhoria da aprendizagem de todos os envolvidos;</li> <li>• Promoção das interações baseadas no respeito mútuo e no diálogo;</li> <li>• Evidência dos princípios: Diálogos igualitários, Inteligência cultural, Transformação, Aprendizado instrumental, Criação de sentido, Solidariedade, Respeito à igualdade e à diferença;</li> <li>• Atletas compreendendo o que leem e ampliando os conhecimentos das disciplinas;</li> <li>• Qualificação dos estudos dos atletas tanto na modalidade presencial quanto on-line.</li> </ul>

# Conclusão

De acordo com o que foi relatado e com os resultados obtidos a partir da implementação dos Grupos Interativos e das Tertúlias Dialógicas Literárias no Instituto, a mudança no ambiente do Instituto passou por uma grande transformação, e isso devido ao envolvimento de todos.

Todas as pessoas envolvidas compreenderam que a Aprendizagem Dialógica se dá por meio de diálogos igualitários, em interações nas quais se reconhece a inteligência cultural em todas as pessoas. Essas interações estão orientadas à transformação dos níveis prévios de conhecimento e do contexto sociocultural em busca do êxito para todos. Além disso, a “Aprendizagem Dialógica se produz nas interações que aumentam o aprendizado instrumental, que favorecem a criação de sentido pessoal e social, que são guiadas por princípios de solidariedade e nas quais a igualdade e a diferença são valores compatíveis e mutuamente enriquecedores”.

Concluo este trabalho parafraseando Albert Einstein: “Quando a mente se abre a uma nova ideia, jamais voltará ao seu tamanho original.”

## BIBLIOGRAFIA

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

BRAGA, F. M.; MELO, R. R.; GABASSA, V. *Aprendizagem dialógica: ações e reflexões de uma prática educativa de êxito*. São Carlos: EdUFSCar, 2010.

BRAGA, Fabiana Marini; *Estágio Supervisionado em Pedagogia a Distância: experiências e reflexões*: EduFU, 2012.

MELO, Roseli Rodrigues de; BRAGA, Fabiana Marini; PEGB. *Comunidades de Aprendizagem: outra escola é possível*. São Carlos: UFSCAR, 2012.

Comunidades de Aprendizagem. Portal: I





Comunidade de  
Aprendizagem

# Implementação do projeto Comunidade de Aprendizagem no território da Chapada Diamantina

**Claudia Rocha**

# Resumo

## **PALAVRAS-CHAVE:**

Implementação; Formação de Formadores; Diálogo; Transformação.

O presente artigo descreve a implantação do Projeto Comunidade de Aprendizagem em parceria com o Instituto Natura no território da Chapada Diamantina, Bahia, Brasil. Sua implantação se dá inicialmente via formação de formadores e, numa etapa posterior, diretamente aos municípios do território. O artigo apresenta uma proposta educativa com foco nas ATUAÇÕES EDUCATIVAS DE ÊXITO — Tertúlia Literária Dialógica e Grupos Interativos — que propõem a transformação social e cultural de escolas e seus bairros em busca de uma convivência respeitosa entre todos por meio da aprendizagem dialógica.

## **OBJETIVO**

Apresentar a experiência vivida pelo ICEP na implementação de duas atuações educativas de êxito — Tertúlias Pedagógicas e Grupos Interativos — no território da Chapada Diamantina.

# Introdução

O Instituto Chapada de Educação e Pesquisa (ICEP) foi fundado em 2006 na Chapada Diamantina. Tem como premissa trabalhar para tornar real o sonho do acesso universal à educação pública de qualidade. Foi criado a partir de um projeto de educação, o Projeto Chapada, desenvolvido coletivamente no ano de 1997 por associação de pais, professores, representantes de organizações não-governamentais e Secretarias Municipais de Educação. O Instituto tem como missão melhorar a aprendizagem de alunos da educação infantil e do ensino fundamental a partir da formação continuada — aliada à mobilização política em territórios colaborativos —, da disseminação de conhecimentos e da participação no debate político da educação. Na Bahia, o mesmo atua hoje na Chapada Diamantina, Agreste, Semiárido, Pratigi e Salvador; em Pernambuco, nos municípios de Cabo de Santo Agostinho e Jaboatão dos Guararapes; e no estado de Alagoas, no município de São Miguel dos Campos.

No Território da Chapada o ICEP realiza formação continuada de educadores há mais de 15 anos, garantindo assim melhores condições na formação desses profissionais, bem como alcançando cada vez melhores resultados de aprendizagem nas redes municipais.

O projeto de formação em Comunidade de Aprendizagem surge da necessidade de intensificar e aprimorar as estratégias de envolvimento de pais e comunidade do entorno das escolas situadas no território de atuação do Instituto Chapada de Educação e Pesquisa (ICEP).

*Comunidade de Aprendizagem é um modelo educativo comunitário a partir do qual se compreende a escola como instituição central de nossa sociedade. É uma proposta dedicada à ampliação da participação de pessoas do bairro e da cidade na vida da escola, intensificando e diversificando, de maneira metódica, as interações entre diferentes agentes educativos. (MELLO, 2012. p. 11)*

Para que de fato fosse implantado nos territórios de atuação do ICEP o Projeto Comunidade de Aprendizagem, foi desenvolvida uma pesquisa realizada em 2012 pelo Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa (NIASE), da Universidade Federal de São Carlos, com vistas a identificar práticas exitosas em educação quanto à eficácia, equidade e coesão social (que se comportem como comunidade de aprendizagem). Essa pesquisa contribuiu para que contássemos com um diagnóstico importante do nosso território de atuação, bem como para, a partir dos resultados, pensar em articulações com vistas a buscar mais alternativas para o aprimoramento do trabalho já realizado com os pais e comunidade do entorno da escola.

Para a realização dessa pesquisa contamos com o apoio da professora Roseli Rodrigues de Mello, coordenadora do Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). A pesquisa aconteceu no território da Chapada Diamantina e foram selecionados três municípios (Ibitiara, Iraquara e Piatã), tendo como foco investigar a aprendizagem dos estudantes (eficácia e equidade), a participação dos familiares e comunidade (coesão) e o convívio respeitoso com aprendizagem por todos (equidade).

Ao final da pesquisa, constatou-se que de fato o território necessitava da implantação de ações que viabilizassem uma transformação do contexto educativo realizada pelos agentes educacionais da instituição escolar em conjunto com os familiares e estudantes, visando a melhoria e a aceleração das aprendizagens com foco na interculturalidade (relação entre os sujeitos). Acredita-se que quanto maiores e mais diversas forem as relações intersubjetivas estabelecidas, maior será a potencialidade da aprendizagem de todas as pessoas envolvidas. Por isso, a colaboração direta dos familiares nesse processo de melhoria da qualidade da educação é uma ação enriquecedora e transformadora do processo de ensino e de aprendizagem escolar.

Partindo desses resultados, foi firmada a parceria com o Instituto Natura, implantando assim o Projeto Comunidade de Aprendizagem nos territórios da Chapada Diamantina e Semiárido Baiano. Essa parceria iria garantir a formação de formadores em Comunidades de Aprendizagem de forma a instrumentalizar os formadores do Instituto

Chapada de Educação e Pesquisa para seguirem realizando a formação nos municípios parceiros, favorecendo assim que as escolas envolvidas no Projeto Chapada diversifiquem e intensifiquem suas práticas, buscando cada vez mais as famílias e a comunidade de entorno como parceiras no processo de aprendizagem dos estudantes.

# Desenvolvimento do trabalho

O projeto ficou definido em duas etapas de trabalho:

Etapa I: formação dos formadores do ICEP (disseminação do trabalho com Comunidades de Aprendizagem)

Etapa II: produto da Etapa I (incluir no Plano de Formação dos municípios: Atuações Educativas de Êxito).

## **A CHEGADA DAS ATUAÇÕES EDUCATIVAS DE ÊXITO NAS ESCOLAS DA CHAPADA DIAMANTINA**

Em 2014, em decisão conjunta com o Instituto Natura, achamos por bem não implementar o projeto na íntegra, e tomamos a decisão de iniciar o trabalho focando apenas em duas Atuações Educativas de Êxito: Tertúlia Literária Dialógica e Grupos Interativos. É importante ressaltar que na implementação do projeto Comunidade de Aprendizagem pode-se iniciar o trabalho apenas com as atuações, ou seja, elas podem acontecer de forma independente do projeto.

Sabemos que o grande foco do Projeto Comunidade de Aprendizagem é a transformação da escola numa educação inclusiva e igualitária. Para se tornar uma Comunidade de Aprendizagem, a escola precisa passar por um processo de transformação e aplicar as Atuações Educativas de Êxito, que estão ancoradas nos princípios da Aprendizagem Dialógica. As Comunidades de Aprendizagem incorporam os princípios da Aprendizagem Dialógica no seu dia a dia ajustando-se às necessidades da sociedade da informação, ao mesmo tempo em que aumentam a quantidade e a qualidade das interações entre os estudantes e as outras pessoas da comunidade escolar durante o processo de

aprendizagem. As fases necessárias para que a transformação aconteça são: sensibilização, tomada de decisão, sonho, seleção de prioridades e planejamento.

É essencial que a transformação seja desejada por todas as pessoas envolvidas (professorado, direção, familiares e estudantes), que entendam os objetivos da proposta e que estejam em acordo para sua realização.

*Nas Comunidades de Aprendizagem a participação ativa na elaboração do projeto educativo se abre a toda comunidade e, especialmente, às famílias que são protagonistas e, nesse sentido, responsáveis pela educação de seus filhos e filhas. Rompe-se com a visão tradicional, segundo a qual a transmissão do conhecimento se concebe exclusivamente desde a figura do professorado e se incorpora o saber do resto das pessoas implicadas no projeto (ELBOJ et al, 2002, p. 29)*

Diante da decisão, iniciamos o trabalho com duas Atuações Educativas de Êxito: a Tertúlia Literária Dialógica e os Grupos Interativos.

A primeira atuação que disparamos no território foi a Tertúlia Literária Dialógica, que é uma prática de leitura dialógica que consiste num encontro ao redor da literatura no qual os participantes leem e debatem, de forma compartilhada, obras clássicas da literatura universal. Favorece a troca direta entre todos os participantes sem distinção de idade, gênero, cultura ou capacidade. Essas relações igualitárias envolvem a solidariedade, o respeito, a confiança e o apoio em vez de imposição.

Num primeiro momento foi feito um investimento na formação dos formadores do ICEP para que os mesmos pudessem atuar nos municípios e, assim, garantíssemos de fato uma boa implementação em todas as redes de atuação do ICEP.

Assim que iniciamos o trabalho com as tertúlias literárias nos municípios da nossa rede, percebemos logo no primeiro momento o quanto de fato essa atuação seria importante para que os estudantes tivessem a possibilidade de vivenciar na escola uma leitura com sentido e prazer;

algo mais do que uma aprendizagem instrumental.

*A leitura de mundo é um ato anterior à leitura da palavra, que implica sempre em percepção crítica, interpretação, compreensão e reescrita do lido por meio da “palavramundo”, da relação entre linguagem e realidade. (FREIRE e MACEDO)*

No ano de 2015 o investimento nos grupos interativos foi o foco da formação dos educadores das redes municipais. O mesmo iniciou com muita força, tendo por todos os envolvidos uma grande aceitabilidade.

Os grupos interativos são uma forma de organização de aula em que os estudantes são organizados, uma vez por semana e em horário fixo, em grupos heterogêneos dentro da própria sala, com até 5 estudantes por grupo (sendo que em cada grupo há um voluntário), para a realização de atividades curtas sobre assuntos já trabalhados e que devem durar de 15 a 20 minutos cada, e ao final cada grupo terá realizado 5 atividades diferentes. A professora faz a gestão do trabalho ajudando em dúvidas que porventura surjam e o voluntariado ajuda os estudantes a se ajudarem, não ensina o conteúdo, mas cria condições para que as interações aconteçam. Trata-se de introduzir na sala de aula todas as interações necessárias para que as estudantes e os estudantes aprendam o necessário para enfrentar a atual sociedade da informação em vez de segregar aqueles que vão se distanciando do ritmo.

*Dessa forma reforçamos a ideia de que a escola não se reduz a espaço de aquisição do conhecimento instrumental, ela é um espaço de interações, de amizades que se criam quando estudantes falam e aprendem entre si e com outras pessoas. (MELLO, 2012. p.130)*

Como bem diz Freire, “o ato de ensinar e aprender precisam ser provocadores de alegria”. É essa alegria que temos observado nas redes municipais onde atuamos e que está iniciando uma grande mudança de hábito nas relações entre os estudantes na escola, uma vez que está começando a se difundir um novo hábito cultural, tão importante para a ressignificação da escola como um espaço de todas as pessoas, em que cada uma pode aprender o máximo possível com alegria, respeito e solidariedade.



Conforme podemos observar as atuações educativas de êxito (Tertúlia Dialógica Literária e Grupos Interativos) disparadas no território da Chapada, vemos que de fato têm contribuído positivamente no que diz respeito à aprendizagem dos estudantes, assim como para o desenvolvimento de uma convivência respeitosa entre todos.

Diante de todos os investimentos e os resultados que temos acompanhado no território da Chapada Diamantina com as Atuações Educativas de Êxito, fica evidente o quanto o Projeto Comunidade de Aprendizagem investe na democratização da escola por meio da participação e do diálogo, articulando os diferentes agentes educativos de uma escola na busca por uma educação de qualidade para todos.

O projeto Comunidade de Aprendizagem tem superado as nossas expectativas e com isso temos alcançado algumas conquistas, conforme podemos observar abaixo:

CONQUISTAS	
TERTÚLIAS LITERÁRIAS	GRUPOS INTERATIVOS
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Investimento por parte de alguns municípios na compra de clássicos;</li> <li>• Envolvimento dos professores com as tertúlias;</li> <li>• Continuidade com o trabalho, ainda que com o uso de xerox;</li> <li>• Alunos solicitando que a tertúlia seja semanal (na escola onde a rotina da mesma seja quinzenal);</li> <li>• Participação efetiva de alunos, professores e Equipe Gestora nos argumentos, no compromisso, nas condições para o trabalho, nos acompanhamentos e devolutivas aos professores;</li> <li>• Compromisso dos professores para realizar as tertúlias com as crianças;</li> <li>• A qualidade e a quantidade de livros que passaram a ser retirados na biblioteca da escola ou de sala;</li> <li>• O grupo sabendo ouvir o outro, esperando a sua vez de falar;</li> <li>• Melhoria da capacidade de argumentar;</li> <li>• Mães e estudantes mediando as Tertúlias Dialógicas Literárias;</li> <li>• Melhoria em alguns participantes da habilidade de falar em público.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Empenho da dupla gestora e de professores no planejamento das atividades a serem realizadas para os grupos interativos;</li> <li>• Envolvimento dos voluntários na atuação educativa de êxito;</li> <li>• Evidência dos princípios: Diálogos igualitários, Inteligência cultural, Transformação, Aprendizado instrumental, Criação de sentido, Solidariedade, Respeito à igualdade e à diferença;</li> <li>• Estudantes compreendendo o que leem e ampliando os conhecimentos matemáticos.</li> </ul>

# Conclusão

A formação continuada é a chave para todo esse sucesso. Com a implantação do Projeto Comunidade de Aprendizagem no território da Chapada, conseguimos, no decorrer da formação, atingir desde os secretários de educação, professores e duplas gestoras até chegar ao nosso alvo final, que são os estudantes. Com o envolvimento de todos esses atores, não teria como dar errado.

Ao longo do trabalho foram surgindo desafios, que são os encaminhamentos que precisam ser dados para que todos juntos consigamos fazer de nossas escolas uma verdadeira comunidade de aprendizagem.

DESAFIOS	
TERTÚLIAS LITERÁRIAS	GRUPOS INTERATIVOS
<ul style="list-style-type: none"><li>• Disponibilidade de acervo para a realização das TDL;</li><li>• Finalizar os encontros no tempo combinado;</li><li>• Manter a frequência de todos os participantes (pais e comunidade);</li><li>• Participantes da TDL relacionam o texto para além de situações do cotidiano;</li><li>• Falta de estabilidade entre os encontros em algumas classes e em algumas escolas;</li><li>• Realização com rotina programada de tertúlias com os docentes em todas as escolas para garantir a progressão e a continuidade dessa ação.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Ter voluntários suficientes para atuar em mais classes nos Grupos Interativos.</li><li>• Implementar os grupos interativos em todas as escolas do FI;</li><li>• Ampliar no FII a proposta dos grupos interativos para as outras áreas;</li><li>• Adequação das atividades ao tempo programado;</li><li>• Sistematização das atividades no pós-grupo interativo;</li><li>• Nível de desafio das atividades para as crianças de Educação Infantil nas classes multisseriadas;</li><li>• Quantidade de voluntários — ampliar para a inclusão de mais estudantes;</li><li>• Planejamento e acompanhamento sistemático dos grupos interativos nas classes multisseriadas;</li><li>• Como propor atividades de grupos interativos nas classes multisseriadas sem segregar as crianças, em especial as de educação infantil.</li></ul>

## BIBLIOGRAFIA

BRAGA, F. M.; MELO, R. R.; GABASSA, V. Aprendizagem dialógica: ações e reflexões de uma prática educativa de êxito. São Carlos: EdUFSCar, 2010.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

MELO, Roseli Rodrigues de; BRAGA, Fabiana Marini; GABASSA, Vanessa. Comunidades de Aprendizagem: outra escola é possível. São Carlos: UFSCAR, 2012.

Comunidades de Aprendizagem. Portal: [www.comunidadesdeaprendizagem.com.br](http://www.comunidadesdeaprendizagem.com.br)



Comunidade de  
Aprendizagem

# Transformar para melhor aprender – caminho de um município

**Adriana Cristina Mercante Silva**

Secretaria Municipal de Educação  
Ourinhos/SP

# Resumo

A Rede Municipal de Ensino de Ourinhos tem apontado dificuldades nas interações que ecoam diretamente nos resultados obtidos na aprendizagem e nas resoluções de problemas e situações do espaço escolar. Assim, a Secretaria Municipal de Educação tem realizado parcerias com instituições como a Universidade Federal de São Carlos, a UNESP, Cooperativas com projetos na área de Educação, o próprio MEC, por meio do FNDE, com cursos de formação a distância. As formações e as propostas de projetos discutem e propõem uma gestão democrática e participativa, possibilitando a integração de todos os integrantes da comunidade escolar: alunos, pais, professores, funcionários, a comunidade do entorno das escolas, gestores. Seguindo nesse processo, teve oportunidade de estabelecer uma parceria para que aconteça o Projeto Comunidade de Aprendizagem, que traz uma proposta de enfrentamento às dificuldades no aprendizado, contando com a inserção da comunidade nas atividades cotidianas e melhorando o convívio de todos. O projeto tem excelentes resultados na sua aplicação, com a comprovação de pesquisas científicas, e traz a sua implantação disposta em fases a serem vivenciadas nas unidades escolares que dão sentido ao processo e abrem espaço para a interação de todos os segmentos.

## OBJETIVO

O presente trabalho tem o objetivo de descrever algumas fases na prática de transformação e refletir sobre o desenvolvimento de todas as etapas que envolvem o Projeto Comunidade de Aprendizagem. Nosso município iniciou os trabalhos no segundo semestre deste ano e tivemos uma boa adesão, uma vez que a rede já caminha para estabelecer a gestão democrática e promover uma maior interação entre todos os segmentos da comunidade escolar. Assim, temos um cenário positivo para a implantação e o desenrolar do referido projeto.

# Introdução

A Rede Municipal de Ensino de Ourinhos tem 43 escolas que atuam na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. Na busca por resultados mais positivos e por melhoria na aprendizagem, a Secretaria Municipal de Educação tem realizado um trabalho intensivo para criar espaços e condições para uma gestão mais democrática nas escolas, em que a integração de todos os participantes da vida escolar permita uma visão mais ampla das ações que ocorrem, tornando-as mais assertivas.

Assim, alguns projetos de formação já foram propostos para auxiliar nesse trabalho, como as formações dadas pelo FNDE/MEC, voltadas para gestores, professores, funcionários e pais, possibilitando o aprofundamento do conhecimento de áreas ligadas à Educação, focando a alimentação, o transporte, os fundos e os repasses realizados, entre outros temas.

Foi realizado também um trabalho em conjunto com a UFSCar, Universidade Federal de São Carlos, que traz formação para Diretores e Coordenadores Pedagógicos voltada para a área pedagógica e gestão democrática. A mesma instituição universitária também já desenvolveu o curso de Conselhos Escolares com o intuito de fomentar a criação e fortalecer o trabalho dos conselheiros, garantindo a participação de todos nesse espaço de debates e de busca por soluções para as unidades escolares. Neste momento está sendo organizado um trabalho maior de formação de Conselheiros, aberto para quem já é parte integrante mas possibilitando também a participação de interessados que possam futuramente integrar-se nesse movimento participativo.

Nesse caminho de desenvolver ações que tragam a comunidade do entorno para dentro da unidade escolar, a Secretaria fez parceria com o SESCOOP, Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo, visando despertar nos educadores e educandos uma consciência sobre cooperação, com a organização e o desenvolvimento de projetos e planos de ação.

Por todo esse contexto, observamos a busca por mudanças nas estratégias que norteiam a interação, garantindo que todos sejam ouvidos e possam opinar a partir das suas vivências e experiências. Essa necessidade de mudar as relações foi percebida a partir da escuta das equipes gestoras e dos professores, que sempre apontaram as relações como um dificultador para a melhoria na aprendizagem, bem como a ausência da “voz” de alguns segmentos na resolução de conflitos e no apontamento de soluções, como os pais, por exemplo.

# Desenvolvimento do trabalho

I. Nos anos 1990, o Centro de Investigação em Teorias e Práticas de Superação de Desigualdades (CREA), da Universidade de Barcelona, com base no conhecimento acumulado pela comunidade científica internacional e em colaboração com os principais autores e autoras de diferentes disciplinas de todo o mundo, promoveu a implementação de Comunidades de Aprendizagem em escolas de educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. A Universidade de Barcelona, através do CREA, coordenou um projeto de pesquisa sobre educação escolar para o Programa Marco [...]. Esse projeto, intitulado INCLUD-ED – Strategies for Inclusion and Social Cohesion in Europe from Education, foi realizado durante cinco anos (2006-2011) e contou com a maior equipe de cientistas e o maior montante de recursos já mobilizados, até o momento, pelo Programa Marco. Esse projeto analisou estratégias educativas que contribuem para superar as desigualdades e promover a coesão social, bem como aquelas que geram exclusão social. Foram revisadas as principais teorias e contribuições científicas do mundo sobre esse tema, as reformas educacionais feitas nos países membros da União Europeia e as práticas adotadas em escolas que, apesar de se encontrarem em contextos desfavoráveis e enfrentarem muitas dificuldades, obtiveram êxito educativo tanto nos resultados escolares quanto na coesão social. (Caderno de Formação Comunidade de Aprendizagem, p.5 e 7).

Com a intenção de tornar a gestão mais democrática e ter uma interação pautada num modelo dialógico, a Secretaria Municipal de Educação tomou conhecimento e fez contato com o Instituto Natura, que traz esse modelo com o Projeto Comunidade de Aprendizagem<sup>1</sup>, que é apresentado como “um projeto baseado em um conjunto de Atuações Educativas de Êxito dirigidas à transformação social e educativa” (Caderno de Formação Comunidade de Aprendizagem, p.2) e como proposta para escolas que necessitem de mudanças no seu agir cotidiano.

Então, no segundo semestre de 2014, gestores e servidores da Secretaria participaram de uma pré-sensibilização para conhecer melhor o que oferece o referido projeto e ver se tinham interesse em levar essa proposta de ação para as suas comunidades escolares. Seis escolas apresentaram-se para receber mais informações e iniciar as Fases de Transformação.

Essas fases são em número de cinco etapas, que levam toda a comunidade escolar a ter mais informações e a conhecer as bases teóricas que norteiam o Projeto, além de utilizar nas ações de cada fase a concepção de uma aprendizagem dialógica e que permite a interação e a diversidade de elementos envolvidos nas questões e a busca por soluções. São elas:

- **A Sensibilização**<sup>2</sup>, que estabelece dois momentos distintos – um com professores e equipe gestora, em que as bases teóricas são apresentadas e se tem uma explicação mais aprofundada das AEE (Atuações Educativas de Êxito) e das fases de transformação da escola em comunidade de aprendizagem; e, num segundo momento, os familiares, alunos, comunidade, parceiros e demais funcionários da unidade recebem esclarecimentos sobre a importância do que está acontecendo na Escola, a busca por uma melhoria na aprendizagem e na convivência, além da participação necessária nas ações desenvolvidas;



- **Tomada de Decisão:** neste momento será avaliada a adesão ao Projeto Comunidade de Aprendizagem. Após adquirir mais informações e estudos por meio da formação realizada com o formador do Instituto Natura, a escola terá um período para avaliar, em conjunto, se quer ou não tornar-se uma Comunidade de Aprendizagem. Todos são ouvidos e há um debate sobre a importância e sobre as ações e as fases que virão para a implementação. Demonstrado o interesse pela maioria, devendo haver no mínimo a adesão de 80% do grupo, continua-se a caminhada pelas fases de transformação;

- **Sonho:** nesse momento, cada membro da comunidade vai ter um espaço, já exercitando assim um dos princípios norteadores do projeto que é o dialogismo, para dizer qual é o seu sonho para que a escola seja melhor para todos. Nesse momento, a escola pode criar formas lúdicas e criativas que despertem o desejo de participação;

- **Seleção de prioridades:** dos sonhos surge a necessidade de direcionar esforços para ações que vão impactar na melhoria da aprendizagem e que tragam mudanças positivas para o espaço da escolas. Nessa fase, fica novamente visível a marca do projeto com a proposta de uma diversificação nas interações, com a criação das comissões mistas que terão mais oportunidade de exercitar o diálogo igualitário;

2. A sensibilização tem como finalidade apresentar os conhecimentos construídos pela comunidade científica internacional a partir de evidências práticas, assim como promover a reflexão conjunta entre todos os interessados em iniciar o processo de transformação. Toda a formação é coordenada por profissionais especialistas, pertencentes a uma rede validada pelo CREA (Centro de Investigação em Teorias e Práticas de Superação de Desigualdades). Hoje no Brasil, a equipe do Instituto Natura e a do NIASE (Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa da Universidade Federal de São Carlos) realizam a sensibilização. (Caderno de Formação Fases de Transformação, p.6)

- **Planejamento:** agora, com as prioridades definidas, as comissões mistas continuarão seus trabalhos buscando condições e recursos para tornar os sonhos em realidade. É uma fase de colocar em prática as mudanças que trarão melhorias para os educandos, para a escola, o bairro e a comunidade. É onde se inicia a implantação das Atuações Educativas de Êxito e de outras ações.

Até esse momento, nosso município realizou somente duas fases, a Sensibilização e a Tomada de Decisão. Tivemos adesão de quatro escolas de Ensino Fundamental, sendo uma dos anos iniciais, duas dos anos finais e uma delas com atendimento dos dois segmentos, além do Núcleo de Educação Infantil – creche.

A sensibilização foi um momento muito produtivo, com grande adesão, realizado em dois dias para cada grupo. Na primeira formação

estiveram presentes duas escolas de Educação Infantil e duas de Ensino Fundamental, com distribuição em três salas, permitindo muita troca de experiências e debates em torno das informações. Os professores e os gestores presentes realmente exploraram o momento questionando e participando das atividades propostas pelas formadoras. No segundo encontro de formação repetiu-se esse interesse pelas informações sobre a Comunidade de Aprendizagem, contando com a participação de duas escolas de Ensino Fundamental.

As formadoras também realizaram os encontros de sensibilização com familiares, alunos e funcionários nas próprias escolas, contando com grande apoio dos diretores e coordenadores, além de uma boa adesão na participação da comunidade, que compareceu, foi ativa nos questionamentos e demonstrou interesse nas mudanças sugeridas. Esses encontros aconteceram no período noturno ou no sábado, com cada escola definindo qual o melhor momento para o evento.

# Conclusão

O Projeto Comunidade de Aprendizagem é muito claro e objetivo em suas propostas e mostra as conquistas que podem ser obtidas a partir de uma boa gestão das Fases de Transformação. Cada uma das etapas vai colocando em evidência, por meio do exercício prático, cada um dos princípios que embasam esse trabalho: o diálogo igualitário, a inteligência cultural, a transformação, a solidariedade, a dimensão instrumental, a igualdade de diferenças e a criação de sentido — todos eles contribuindo para uma melhor interação da comunidade escolar e contribuindo para a busca por soluções e melhores oportunidades de aprendizagens para todos.

As fases são uma vivência e uma experiência prática do que a escola pode realmente alcançar ao optar por ser uma Comunidade de Aprendizagem e é esta transformação que desejamos para nossos alunos e nossas escolas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Cadernos de Formação. Comunidade de Aprendizagem <disponível em: [http://www.comunidadeaprendizagem.com/nossabiblioteca?group\\_id=4&page=2&sort=language\\_pt&direction=DESC](http://www.comunidadeaprendizagem.com/nossabiblioteca?group_id=4&page=2&sort=language_pt&direction=DESC)> acessado em 30 de setembro de 2015.

PERRENOUD, P. Escola e Cidadania: o papel da escola na formação para a democracia. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2005.

WALLON, H. A evolução psicológica da criança. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2007. – (Coleção psicologia e pedagogia).

GADOTTI, M. Escola Cidadã. Coleção Questões da nossa época. 10ª Ed. São Paulo: Ed. Cortez, 2004.

SAVIANI, D. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. 11ª ed. Campinas, SP: Ed. Autores Associados, 2011.



# FASE DE TRANSFORMAÇÃO



Comunidade de  
Aprendizagem

# Princípios da Aprendizagem Dialógica na Sensibilização: a busca pela coerência entre discurso e prática

**Bruna Elage**

# Resumo

O presente artigo trata dos desafios da formação em Comunidade de Aprendizagem dos profissionais que atuam na educação pública brasileira e a busca pela coerência entre discurso e prática no que se refere aos princípios da Aprendizagem Dialógica, base de todas as ações de Comunidade de Aprendizagem.

## **OBJETIVO:**

Contribuir com a reflexão acerca da coerência entre discurso e prática nos processos formativos (sensibilização) em Comunidade de Aprendizagem.

# Introdução

Comunidade de Aprendizagem é uma proposta criada pelo Centro Especial de Investigação em Práticas e Teorias Superadoras de Desigualdade (CREA) da Universidade de Barcelona que sugere uma transformação no contexto da escola por meio de processos de aprendizagens baseados na participação e na democracia. Uma escola como Comunidade de Aprendizagem passa por cinco fases de transformação, implementa Atuações Educativas de Êxito e tem todas as suas ações baseadas nos princípios da Aprendizagem Dialógica, conceito elaborado por Ramón Flecha a partir da teoria da Ação Comunicativa de Jürgen Habermas e da teoria da Ação Dialógica de Paulo Freire.

A primeira etapa da proposta é o que chamamos de Fase de Sensibilização, momento em que toda a equipe da escola participa de 16 horas de formação sobre Comunidade de Aprendizagem e os princípios da Aprendizagem Dialógica, que são a base de todas as ações propostas.

Diálogo Igualitário, Inteligência Cultural, Transformação, Dimensão Instrumental, Criação de Sentido, Solidariedade e Igualdade de Diferenças são os 7 princípios que estruturam a proposta de Comunidade de Aprendizagem.

1. Fase de Sensibilização, Tomada de Decisão, Fase dos Sonhos, Seleção de Prioridades e Planejamento.

2. Atuações Educativas de Êxito são práticas avaliadas e validadas por membros da comunidade científica internacional, que demonstraram gerar os melhores resultados em qualquer contexto.

O Diálogo Igualitário acontece quando todas as pessoas têm o direito de falar e serem ouvidas, e o que prevalece são os argumentos e não a posição de poder ou hierarquia de quem fala.

A Inteligência Cultural é a experiência adquirida pelas interações dentro de cada cultura. Considera, além do saber acadêmico, a inteligência prática e comunicativa e reconhece que todas as pessoas têm capacidade de aprender e transferir seus conhecimentos.

A Transformação ocorre quando as pessoas se colocam em diálogo igualitário com a compreensão de que todos têm inteligência cultural, reconhecendo a capacidade que cada indivíduo possui de intervir no mundo.

A Dimensão Instrumental diz respeito ao conhecimento científico, fundamental no processo de transformação social.

A Criação de Sentido é a possibilidade de conectar saberes curriculares com as experiências de cada um; é dar sentido à vida e ao processo de aprendizagem a partir do reconhecimento das individualidades.

A Solidariedade é o elo que conecta os indivíduos movidos por interesses coletivos.

A Igualdade de Diferenças reconhece que cada indivíduo tem o direito de ser diferente, mas com igualdade de direitos.



# Desenvolvimento do trabalho

Pensar o processo de formação dos educadores sobre Comunidade de Aprendizagem implica articular as bases teóricas e as trilhas do Projeto com a realidade de cada território e instituição e sobretudo criar oportunidades e estratégias para que cada um dos participantes — gestor(a)s, coordenador(a)s, professor(a)s e equipe de apoio das escolas — possa visitar e rever sua própria atuação, trocar experiências e reconhecer o valor e a importância do papel de cada um no processo educativo. Reconhecer as boas ações e os pontos fracos a partir da reflexão sobre a prática também é fundamental para que o processo de transformação possa acontecer: Isso porque a transformação na escola de que estamos falando não é algo burocrático nem mágico, para ela acontecer precisamos nos transformar internamente.

No trabalho de formação o discurso não dá conta da transformação de profissionais que foram alunos num modelo em que o professor é autoridade absoluta e detentor do saber; em que alunos não falam, apenas escutam, num sistema autoritário onde a escola é apenas lugar de transmissão de conteúdos e por isso a família e a comunidade não têm espaço. O professor que chega na sala de aula com esse repertório facilmente reproduz o mesmo jeito de fazer. Nesse contexto o gestor da escola reproduz a maneira centralizadora de fazer gestão e as famílias continuam assumindo um papel de submissão frente aos profissionais da escola. Como quebrar essa lógica?

Atingir a coerência entre discurso e prática é um dos grandes desafios, tanto no trabalho de formação quanto no trabalho educativo. Não adianta dizer que os professores precisam escutar os alunos se, durante os processos de formação, os formadores não escutam os professores. A tomada de consciência sobre o que se faz, como se faz e por que se faz é condição para a revisão das concepções de ensino e de aprendizagem. Sendo assim, a formação deve se pautar nesses questionamentos, buscando coerência entre os princípios da Aprendizagem Dialógica durante todo o processo formativo dos profissionais em Comunidade de Aprendizagem.

Para Paulo Freire, ensinar não é transferir conhecimento, formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de suas destrezas. O educador democrático precisa ser capaz de reforçar a capacidade crítica dos educandos estimulando sua curiosidade e insubmissão.

No Brasil é possível encontrar muitas experiências transformadoras que reconhecem o papel do educador democrático, o potencial dos alunos e a importância da participação das famílias e da comunidade. A proposta de Comunidade de Aprendizagem é um dos caminhos possíveis e tem inspirado muitas equipes que desejam mudar e enfrentar o desafio da transformação.

Sabemos que a escola hoje não se sustenta mais apenas como transmissora de conhecimento, e isso vale também para os processos de formação das equipes escolares. Faz parte do processo de construção da Sensibilização em Comunidade de Aprendizagem a reflexão crítica sobre a prática, a avaliação, a escuta dos participantes e o reconhecimento da distância entre discurso e prática, que corremos sempre o risco de reproduzir: Dizer que o professor precisa alinhar discurso e prática com base nos princípios da Aprendizagem Dialógica e não propor isso na prática pode denunciar a nossa própria incoerência. Dessa forma, os formadores de Comunidade de Aprendizagem do Instituto Natura no Brasil estão constantemente refletindo sobre sua prática e atentos para a construção de uma proposta de Sensibilização onde a vivência da coerência entre todos os princípios da Aprendizagem Dialógica se faça presente.

Propostas como organizar sempre o grupo em roda para as Sensibilizações, partir da realidade e experiência de cada grupo para apresentar a proposta, construir acordos de convivência coletivamente, vivenciar com os participantes algumas fases propostas pelo projeto e, acima de tudo, estar sempre atento aos princípios da aprendizagem dialógica em cada gesto, têm contribuído para enfrentar o desafio da coerência entre discurso e prática.

Para Paulo Freire, “quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa”.

# Conclusão

O espaço de Sensibilização tem uma potência enorme como possibilidade de reflexão e de formação dos profissionais da escola, onde todos são convidados a refletir sobre sua postura e sua maneira de agir para pensar o modo como a escola faz sua gestão, relaciona-se com as famílias, dialoga com a comunidade e trabalha com os alunos.

A mudança não é mágica e não acontece apenas com as 16 horas de Sensibilização, mas é o início de um processo de transformação. A vivência dos princípios da Aprendizagem Dialógica na Fase de Sensibilização é um primeiro passo para que esses possam ser exercitados na prática cotidiana, e um dos caminhos possíveis é a implementação das Atuações Educativas de Êxito propostas pelo Projeto Comunidade de Aprendizagem.

“Pensar certo é fazer certo. Não há pensar certo fora de uma prática testemunhal que rediz em lugar de desdizê-lo.”

(Paulo Freire em Pedagogia da Autonomia)



Comunidade de  
Aprendizagem

# Vivenciando os princípios da aprendizagem dialógica na fase dos sonhos

**Fernanda Martins Silva Maués**

Especialista em Gestão Educacional e Docência do Ensino Básico ao Superior pela Faculdade da Amazônia (FAMAZ), Licenciada Plena em Pedagogia pela Universidade da Amazônia (UNAMA).

# Resumo

O presente paper mostra a vivência dos princípios da Aprendizagem Dialógica na Fase dos Sonhos. Adotou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica e a vivência in loco nas escolas Jurutis e Melquiades localizadas no município de Benevides, Pará.

## **OBJETIVO**

Mostrar os princípios da Aprendizagem Dialógica na vivência da Fase dos Sonhos.

# Introdução

O presente paper procura mostrar os princípios da Aprendizagem Dialógica vivenciados na Fase dos Sonhos nas escolas Jurutis e Melquiades localizadas no município de Benevides, no Pará. Primeiramente conceitua-se com embasamento teórico a Aprendizagem Dialógica e seus princípios, e também a Fase dos Sonhos. Depois, aborda-se a experiência vivida dos princípios da Aprendizagem Dialógica na Fase dos Sonhos. Por fim, dedica-se às conclusões, demonstrando o impacto desta ação na escola.

# Desenvolvimento do trabalho

## APRENDIZAGEM DIALÓGICA E SEUS PRINCÍPIOS

A teoria da Aprendizagem Dialógica ancora-se numa concepção comunicativa da educação, dessa forma se entende que a interação e a comunicação são fatores essenciais à aprendizagem. As pessoas, para aprender, segundo essa concepção, necessitam de situações de interação e de diálogo, e este último deve acontecer baseado numa relação de igualdade e não de poder.

A aprendizagem dialógica baseia-se em 7 princípios::

**Diálogo Igualitário** – este princípio mostra a importância de se estabelecerem diálogos respeitosos, em que todos possam expor suas ideias. Os critérios para eleger o caminho que se deve seguir são os argumentos. Nesse modelo de interação comunicativa, todos os atores — independentemente do nível social econômico, gênero, cultura, nível acadêmico e idade — são ouvidos, e seus anseios e suas contribuições são levados em conta dentro dos processos de tomada de decisão.

**Inteligência Cultural** – esse princípio trata dos diversos conhecimentos — acadêmico, prático e comunicativo — que se adquire ao longo da vida, sendo que todos, sem distinção ou preconceito, devem ser valorizados. Ignorar o conhecimento prático e comunicativo é negar as inúmeras aprendizagens que acontecem nas interações com as pessoas no decorrer da trajetória humana e que também contribuem de forma positiva para a formação acadêmica e social dos alunos e alunas.

**Transformação** – esse princípio aborda as relações de interação transformadoras que podem e devem ser fomentadas e oferecidas nos centros educativos. Essas relações têm um impacto tão forte que geram transformações individuais e coletivas muito potentes, o que resulta na

mudança de hábitos e comportamentos em busca de soluções frente aos obstáculos.

**Dimensão Instrumental** – esse princípio aborda a importância de se trabalharem os conteúdos formais (currículo) para garantir a melhoria dos resultados de aprendizagem das meninas e dos meninos. O modelo atual de sociedade exige pessoas com habilidades e competências múltiplas, e dessa forma trabalhar a Dimensão Instrumental é indispensável e necessário para o alcance dessa nova exigência.

**Criação de Sentido** – de acordo com a concepção Aprendizagem Dialógica, a prática de todos os princípios anteriormente citados vão dando sentido à escola atual, sentido esse perdido através das mudanças que ocorreram na sociedade. Esse novo modelo (sociedade da informação) requer novas relações de interação e de diálogo, proporcionando assim a todos os envolvidos um sentimento de pertencimento dentro do processo de construção de uma escola melhor:

**Solidariedade** – essas novas interações vão promovendo situações solidárias entre os envolvidos, e todos se veem com o mesmo objetivo: o de construir uma escola melhor. Para isso, percebem que contribuir dentro do processo é o ponto-chave para alcançar os sonhos de toda a comunidade escolar

**Igualdade de Diferenças** – esse princípio trabalha com a ideia de que não é a homogeneização que se deve buscar e sim que todos sejam tratados de forma igualitária dentro das suas diferenças. Nesse sentido, Flecha (2010) destaca que “o reconhecimento da diferença por si só não produz mais igualdade”, e é necessário que as escolhas, opções, credos e opiniões sejam respeitados.

## FASE DOS SONHOS

Para se tornar uma Comunidade de Aprendizagem, a escola precisa passar por um processo de transformação que é composto pelas seguintes fases:



**Sensibilização** – Essa fase tem como finalidade apresentar a todas as pessoas interessadas as bases científicas em que estão embasadas as Comunidades de Aprendizagem e as Atuações Educativas de Êxito.

**Tomada de Decisão** – É a fase em que toda a comunidade educativa decide se quer ou não transformar o centro educativo numa Comunidade de Aprendizagem.

**Sonho** – É a etapa mais emocionante, e isso porque o projeto leva em conta todas as vozes da comunidade escolar, que nasce do sonho das pessoas em relação à escola que todo mundo quer. Dessa forma, todos os envolvidos são convidados a sonhar o centro educativo que desejam.

**Seleção de Prioridades** – Nessa etapa, selecionam-se as prioridades em função do contexto de cada unidade educativa, e é preciso avaliar quais sonhos são os mais urgentes e quais podem esperar.

**Planejamento** – Nessa fase é elaborado junto à comunidade o Plano de Transformação da Escola. É quando todos os envolvidos dialogam por onde irão iniciar e quais serão os próximos passos.

Destacarei aqui a Fase dos Sonhos, objeto este de meu trabalho e que, dentre as fases apresentadas anteriormente, é o momento quando, de maneira real, inicia-se o processo de transformação da escola.

Nessa fase cada escola define de maneira muito particular como ela acontecerá, o ar ganha um clima mobilizador e o desejo de transformação da escola ganha força.

É importante que todos os atores da comunidade escolar — estudantes, funcionários, professores, gestores e familiares — participem desse momento sonhando juntos a escola que querem.

Nesse momento o lema é sonhar sem limites, e sendo assim surgem os mais variados sonhos, como:

Sonhos de alunos: “Desejo peixinhos no laguinho”; “Sonho ter aulas de inglês”; “Gostaria que tivessem policiais na escola”; “Gostaria que

o aniversário do meu pai fosse aqui na escola”; “Queria que a escola tivesse o meu nome”; “Gostaria de ter aula de futebol”.

Sonhos de familiares: “Desejo que os professores sejam mais atenciosos”; “Sonho com mais atividades lúdicas que envolvessem as famílias”; “Gostaria que a escola tivesse enfermaria”.

Sonhos de funcionários: “Desejo salas climatizadas”; “Desejo salas de leitura”; “Sonho que essa escola seja um espaço onde todos se sintam acolhidos”.

Na verdade, é a partir desse processo que as relações começam a se transformar e ganham um novo sentido, e a escola começa a ser vista com mais carinho por todos, criando um ambiente agradável onde todos se sentem acolhidos e ouvidos.

Nesse movimento, muitos participantes despertam para a importância e para a necessidade de refletirem sempre sobre a escola que desejam. No dia a dia essas reflexões vão sendo deixadas de lado e as relações vão se tornando “automáticas”.

A Fase dos Sonhos é um convite a toda a comunidade escolar no sentido de unirem esforços em busca da construção de uma escola onde todos sejam corresponsáveis pela educação dos meninos e das meninas. Cada ator oferece o que pode, lembrando sempre que a escola que sonhamos para os nossos filhos deve ser a mesma que oferecemos às nossas crianças. .

## **VIVÊNCIA DOS PRINCÍPIOS DA APRENDIZAGEM DIALÓGICA NA FASE DOS SONHOS**

Desde outubro de 2014 as escolas públicas Jurutis e Melquiades de Benevides (Pará) estão vivenciando as fases de transformação de uma escola numa Comunidade de Aprendizagem. Essa ação faz parte do trabalho de planejamento e de ampliação do projeto no Brasil realizado pelo Instituto Natura.

Apresenta-se neste item a vivência da Fase dos Sonhos nessas escolas e como alguns princípios da concepção Aprendizagem Dialógica ficam mais evidentes nesse momento. Destacarei eles a seguir:

Ao iniciar essa fase, ambas as escolas organizaram uma Comissão Mista dos Sonhos (grupo heterogêneo de agentes da Comunidade Educativa, por exemplo: professores, familiares, funcionários de apoio e técnico, gestores, etc.) que ficou responsável por planejar e executar esse momento na escola.

Na primeira reunião de planejamento os participantes já puderam vivenciar alguns dos princípios da concepção Aprendizagem Dialógica. Através do processo de diálogo igualitário, realizado com base na inteligência cultural, os presentes foram discutindo como se daria essa fase na escola.

Nesse sentido, vale ressaltar que Flecha esclarece que:

*todas as pessoas têm uma inteligência cultural, ou seja, têm as mesmas capacidades para participar em um diálogo igualitário, ainda que cada uma possa demonstrá-la em ambientes distintos (FLECHA, 1997:20). Esta inteligência se desenvolve segundo os contextos de inserção das pessoas, permitindo, portanto, reformulações constantes a partir das novas interações. Num ambiente em que se propõe o diálogo igualitário, cada qual apresenta seu argumento e ouve o dos demais, chegando-se a acordos e entendimentos nos âmbitos cognitivo, ético, estético e afetivo ( FLECHA, ibid.)*

Foi ancorado nesses dois princípios que na escola Jurutis a Fase dos Sonhos aconteceu através da contribuição realizada por uma avó de aluno. No momento da discussão de como se daria essa fase na escola, a senhora, de maneira bem tímida, pediu a fala e comentou com todos sobre um amuleto conhecido como apanhador de sonhos. Esse objeto, típico da cultura indígena, teria o poder de separar os sonhos positivos dos sonhos negativos, além de trazer sabedoria e sorte para quem o possui.

A ideia daquela avó fez tanto sentido para o grupo de pessoas presentes que, por unanimidade, todos acordaram que assim seria realizada a colheita

dos sonhos naquela escola. Os apanhadores de sonhos foram apresentados em sala de aula para as crianças e as mesmas confeccionaram os materiais com a ajuda das professoras.

É nesse processo de interação que os envolvidos vão vivenciando situações transformadoras pessoais tão profundas que muitas vezes atingem para além dos muros da escola, alcançando a comunidade do entorno. Os participantes se percebem não mais apenas coadjuvantes sociais, mas sim atores principais com poderes para transformar a realidade em que vivem.

O movimento de diálogo e de escuta entre todos envolve e estimula atitudes solidárias (solidariedade) que modificam o ambiente educativo, contribuindo para a melhoria da convivência. Essas ações despertam a criação de sentido, transformando o espaço num local onde todos têm a sua importância e se identificam.

Os princípios destacados no parágrafo anterior ficaram evidentes na execução da fase dos sonhos na escola Melquiades. A comissão mista da escola decidiu que a colheita dos sonhos aconteceria na festa junina da escola. Dessa forma, alguns pais se mobilizaram dias antes do evento e confeccionaram juntos a “barraca dos sonhos”.

No dia da festa, através de um rodízio estabelecido pelos próprios pais, eles realizavam o atendimento dos visitantes à barraca, explicavam a proposta da atividade e colhiam os sonhos de todos os presentes.

Nessas relações as aprendizagens são muitas e infinitas e toda a transformação se inicia nessa fase. As interações ganham novos sentidos e o ambiente ganha um clima especial, pois dialogando uns com os outros podemos chegar a respostas mais acertadas para encaminhar a educação de nossas crianças.

# Conclusão

O país vem passando por uma crise na educação, tanto na formação acadêmica quanto na social. Ninguém contesta que o rendimento escolar e as relações de convivência precisam ser muito melhores.

Nessa conjuntura surge o projeto Comunidade de Aprendizagem, apoiado por estudos e pesquisas científicas<sup>2</sup> que garantem, independentemente do contexto, a melhoria dos resultados e da convivência nos centros educativos.

Nessa proposta, os princípios da concepção Aprendizagem Dialógica embasam e são o suporte principal para todo o processo de mudança que propõe o projeto. Assim, as unidades de ensino que decidem vivenciar as fases de transformação de uma escola numa Comunidade de Aprendizagem já demonstram ter interesse em realizar um trabalho diferente e que realmente contribua para a formação acadêmica e social dos alunos e das alunas.

Dentre as fases de transformação do projeto, a Fase dos Sonhos é o momento mais importante: é o pontapé inicial em direção à construção da escola que se busca. Nesse sentido, vivenciar essa fase observando os princípios da Aprendizagem Dialógica é imprescindível, pois dessa forma se incorpora a concepção que embasa e dá suporte a todas as atuações que são propostas e que levam à transformação que tanto se almeja.

Nesse processo de construção coletiva, o trabalho colaborativo e a reflexão permanente entre os pares são essenciais no dia a dia da escola. É a partir dessa reflexão que os comportamentos vão se modificando, alterando o ambiente e favorecendo a construção de relações dialógicas que levam à aprendizagem.

2. A Universidade de Barcelona, através do Centro de Investigação em Teorias e Práticas Superadoras de Desigualdades (CREA) coordenou um projeto de pesquisa sobre educação escolar envolvendo 14 países da Europa e mais de 100 pesquisadores. Esse projeto intitulado Inclusion and Social Cohesion in Europe from Education — foi realizado durante 5 anos e identificou Atuações Educativas de Êxito que contribuem para superar o fracasso e a evasão escolar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM. Aprendizagem Dialógica. Caderno adaptado do material de formação produzido pelo CREA, Centro de Investigação em Teorias e Práticas de Superação de Desigualdades da Universidade de Barcelona.

COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM. Fases de Transformação. Caderno adaptado do material de formação produzido pelo CREA, Centro de Investigação em Teorias e Práticas de Superação de Desigualdades da Universidade de Barcelona.

AUBERT, Adriana, et al. Aprendizaje Dialógico en la Sociedad de la Información. Barcelona: Hipatia Editorial, 2010.



Comunidade de  
Aprendizagem

# Formação de formadores

**Lucas Botelho**

# Resumo

Os sonhos das escolas são o centro propulsor das transformações nestas. O projeto Comunidade de Aprendizagem propõe esse recurso, gerido por Comissões Mistas. Uma etapa fundamental será refletir sobre como esses sonhos são encaminhados: a efetividade da Tabulação e da Seleção de Prioridades dos sonhos conduzirá à qualidade e ao envolvimento do trabalho posterior. Apontamos aqui então reflexões sobre os muitos desafios que esses passos apresentam e as possibilidades de superá-los.

## OBJETIVO

Este artigo busca refletir sobre a etapa de Seleção de Prioridades dentro do projeto Comunidade de Aprendizagem, esmiuçando os maiores impasses que esse momento traz, buscando reflexões a partir disso e propondo um protótipo de passo a passo para a boa condução do trabalho de quem nele está envolvido.



# Desenvolvimento do trabalho

## SONHOS DE CAJAMAR: COMO CUIDAR?

### ETAPAS DA SELEÇÃO DE PRIORIDADES

Os sonhos são o centro propulsor das transformações, são como o seu coração pulsante e comunicante. O sonho é um momento de conexão com o que há de mais íntimo e belo em cada um de nós. Momento de se projetar para além de si, para o presente mais lúcido, para as reais potencialidades nossas, algo que transcende a esfera racional, que envolve também desejos e intuições. Movimento que produz uma fagulha que nos tira do comodismo e do esquecimento a que o cotidiano nos aprisiona. Que tristeza uma vida sem sonhos!

1. O Projeto Comunidade de Aprendizagem é um processo de transformação da escola e seu entorno a partir dos princípios de Aprendizagem Dialógica e pela implementação de sete Atuações Educativas de Êxito que favorecem a participação da comunidade, com o objetivo de superar as desigualdades sociais e aprimorar o aprendizado e a convivência entre os estudantes. Esse processo envolve todos aqueles que, de forma direta ou indireta, influenciam na aprendizagem e no desenvolvimento de todos os estudantes, entre eles professores, familiares, amigos, pessoas do bairro, membros de associações e organizações de moradores, etc. (Instituto Natura, Caderno de Comunidade de Aprendizagem).

2. Pedagogia da Autonomia, p. 53-9.

3. Op. Cit., pg. 129.

O projeto Comunidade de Aprendizagem<sup>1</sup> propõe a comunhão desses sonhos no interior das escolas. É o diálogo direto entre almas que se lançam para fora de si em busca do outro, em busca de superar coletivamente suas dificuldades. Olhar para si e para o outro é o primeiro passo para a compreensão da situação vivida. O passo seguinte é justamente poder confiar e contar com os outros para realizar as tão sonhadas mudanças. Esse é o grande desafio que encontramos em escolas Brasil afora: fragmentadas, amedrontadas, desorientadas e individualizadas, não conseguem dialogar e assim não encontram forças.

Paulo Freire nos relembra<sup>2</sup> que somos seres históricos, indeterminados e que portanto cabe a nós encabeçar as mudanças que nos interessam. Esse é, no fundo, o real significado do sonho — aquilo que nos faz humanos e que nos conduz às transformações almejadas.

*“Nenhuma teoria da transformação político-social do mundo me comove sequer, se não parte de uma compreensão do homem e da mulher enquanto seres fazedores da História e por ela feitos, seres da decisão, da ruptura, da opção”<sup>3</sup>*

## DE ONDE VEM, PARA ONDE VAI

A ideia deste artigo é relatar algumas experiências vividas em um ano de implementação do Comunidade de Aprendizagem em Cajamar (SP), município situado na região metropolitana da capital paulista. Lá iniciamos os trabalhos com três escolas municipais — as EMEBs República do Panamá, Eva Rosa e Antonio Pinto — nos últimos meses do ano de 2014, e já conseguimos ver resultados interessantes florescendo e que puderam gerar os pensamentos que compartilho a seguir.

Todas as escolas que aderem ao projeto Comunidade de Aprendizagem passam pelas Fases de Transformação<sup>4</sup>, que consistem na Sensibilização, na Tomada de Decisão, no Sonho, na Seleção de Prioridades e no Planejamento. Como podemos perceber, somente abordaremos neste trabalho a Seleção de Prioridades (sem conseguir deixar de esbarrar nas contíguas Fases dos Sonhos e de Planejamento).

Depois da escola consultar a comunidade a respeito dos sonhos que esta tem em relação ao aprendizado dos estudantes, todos são convidados a ler estes sonhos e começar uma organização à qual chamamos de “priorização”. Por fim, a comunidade elaborará o plano de ação para ir atrás desses sonhos, arregaçando as mangas e realizando-os.

Mas antes de tratarmos do assunto central deste artigo, não podemos deixar de falar das Comissões Mistas<sup>5</sup>, e logo saberemos o porquê disso.

4. Instituto Natura, caderno das Fases de transformação.

5. A Comissão Mista é a forma deliberativa proposta pelo Comunidade de Aprendizagem. Trata-se de um grupo que contém pelo menos um representante de todos os segmentos da comunidade escolar (pais, estudantes, gestores, professores, funcionários, moradores vizinhos, etc.) e que se reúne para discutir as melhorias que os sonhos da escola evocaram e demais questões de mesmo interesse.

## COMISSÃO MISTA: A CHAVE DA MUDANÇA

A comissão mista é a ágora da comunidade de aprendizagem, o local de discussão por excelência, reunião heterogênea que abarca os diversos segmentos da comunidade escolar para debater sobre como trabalhar juntos para ajudar a escola.

As escolas que não contam com a parceria da comunidade escolar não sabem da riqueza das contribuições que estão deixando de ter, tanto no

aspecto de maior assistência quanto a toda uma cortina que se desvela: a escola historicamente esqueceu de escutar o lado dos estudantes e da comunidade e não imagina quantas soluções interessantes e práticas uma criança, por exemplo, do Fundamental I pode dar — ideias que influenciam diretamente na melhoria do aprendizado.

Mas não basta simplesmente colocar pais e estudantes para opinar para que os problemas da escola sejam resolvidos. Existem alguns conhecimentos fundamentais a respeito das comissões mistas que precisam ser abordados, do contrário velhos vícios continuarão repercutindo e minando todo o trabalho.

Sabemos que pais se retraem frente aos gestores e professores, ou então buscam uma postura contrária quando reclamam e agem com aspereza. O mesmo se dá com os estudantes. A comissão mista começará a mexer em relações e dinâmicas há muito estagnadas e será preciso a criação de uma nova cultura na escola, a cultura do diálogo.

O outro lado da moeda são os gestores e os professores. Como representam a ordem institucional, as autoridades escolares têm que tomar muito cuidado com palavras e posturas: elas servirão de exemplo e pautarão o tom e o teor das conversas. Para que haja um espaço de diálogo é preciso haver abertura para isso. Para que a comissão mista seja produtiva será preciso uma especial atenção para afinar a conversa entre os participantes de modo que todos se sintam valorizados e respeitados, caso contrário a reunião pode ser um fracasso.

Os estudantes e os pais, por exemplo, não estão habituados a certo tipo de conversa, então podem acabar ficando de escanteio e se desencantando caso eles não sejam devidamente convidados a participar para falar, emitir sua opinião, contar sua vivência. Por vezes um simples olhar ou gesto afetuoso já basta, mas é preciso que a escola esteja profundamente convicta de que quer contar com a ajuda de pais e estudantes pois só assim conseguirá se abrir inteiramente para o diálogo, ouvindo opiniões e experiências diversas e fortalecendo-se com esse material precioso que em muitas escolas está sendo jogado no lixo.

Agora que já esclarecemos a forma de organização dos grupos de trabalho, passemos então ao conteúdo sobre o qual essas Comissões Mistas irão se debruçar.

## PREPARAÇÃO: A TABULAÇÃO DOS SONHOS

Antes de adentrar a seleção de prioridades propriamente dita há um importante preparativo: a tabulação desses sonhos. Por conta da enorme quantidade de sonhos e do pouco tempo de que a escola normalmente dispõe, sempre vale a pena separar com antecedência os sonhos e agrupá-los para facilitar as etapas subsequentes.

**CATEGORIAS.** É mais funcional já agrupar esses sonhos por categorias e subgrupos. As categorias ficam ao gosto das escolas, porém percebemos que algumas delas comumente costumam aparecer: cultural, pedagógica, infraestrutura, relacionamentos, etc. Temos trabalhado com um número de três ou quatro categorias para não complexificar nem superficializar demais o trabalho. Lembremos: o número de categorias será, nas etapas seguintes, o número de frentes de trabalho abertas em forma de Comissão Mista.

**SUBCATEGORIAS.** As categorias citadas acima são agrupamentos gerais de sonhos. Em alguns casos, recomenda-se recorrer a subcategorias ou agrupamentos menores para também facilitar a visualização e o debate a respeito dos sonhos. Por exemplo: se temos sonhos pedindo melhores carteiras, outros pedindo melhores cadeiras e ainda outros pedindo conserto dos ventiladores, podemos colocá-los todos dentro de uma subcategoria “equipamento físico escolar”, ou qualquer outro nome mais adequado, para marcar um agrupamento de sonhos parecidos que provavelmente terão o mesmo peso na discussão e o mesmo tipo de encaminhamento e resolução.

**DETALHE.** Ao separarmos os sonhos em categorias e subcategorias, podemos acabar perdendo alguns detalhes que aportam muita qualidade às discussões futuras. Uma das ideias sugeridas foi anotar quantas vezes um determinado sonho aparece, pois isso é sem dúvida

um critério muito relevante e que deverá ser levado em consideração quando da seleção de prioridades dos sonhos. Por vezes esse critério não será decisivo, porém ele é um dado importante a ser preservado.

**AFINAL, QUEM TABULA?** Para essa elaborada organização descrita acima não é possível depender da equipe da escola que, sobrecarregada pelas tarefas cotidianas, não pode incumbir-se de ainda mais funções. Preferimos sempre utilizar as Comissões Mistas para a realização desse mutirão e para agilizar o trabalho. Como vimos anteriormente, esse é o grupo que encabeça todas as etapas da comunidade de aprendizagem na escola doravante. As pessoas que integram esse grupo podem variar, mas a Comissão Mista deve estar presente.

Aí então chegamos à etapa da seleção de prioridades.

## SELEÇÃO DE PRIORIDADES: DESAFIOS

1. Um dos primeiros desafios que surgem nesse momento é: o que significa priorizar? Todos os sonhos são importantes e normalmente todos eles apontam para aspectos urgentes da vida escolar, mas é preciso distinguir as especificidades de cada sonho para poder começar a pensar numa organização de trabalho.

Esse é um momento precioso para que a comunidade discuta quais sonhos são os mais relevantes para aquele determinado momento que estão vivendo. Por essa razão, as escolas costumam traçar caminhos distintos: não há uma fórmula para se melhorar uma escola, pois somente com o debate se chega às dificuldades particulares que dizem respeito àquela comunidade escolar em específico.

2. Alguns destes sonhos são muito complexos e por isso as pessoas se veem com dificuldade de priorizá-los. Normalmente o que é menos complexo costuma ser mais facilmente compreendido como uma prioridade de curto prazo, ao passo que um sonho mais complexo e igualmente importante tende a ser enquadrado como um sonho de longo prazo. Isso acontece pois ocorre uma confusão entre a

compreensão dos termos relevância e complexidade quando do momento da priorização dos sonhos. Tal dúvida pode relegar alguns sonhos ao ostracismo indevidamente.

Para ajudar nesses casos de impasse, a equipe do Instituto Natura<sup>6</sup> utiliza uma tabela que facilita muito a visualização e a efetivação dessa tarefa. Essa tabela propõe que cruzemos informações referentes aos conceitos levantados acima. Vejam a seguir um exemplo fictício:

TABELA DE PRIORIZAÇÃO DOS SONHOS

	Muita relevância	Média relevância	Pouca relevância
Pouco complexo	Mais passeios culturais/pedagógicos		
Complexidade Média	Todos se tratarem com respeito no ambiente escolar	Mais festas na escola	
Muito complexo	Compra de novas carteiras e cadeiras pela secretaria de educação		Piscina na escola

A partir dessa tabela conseguimos interagir com mais fluidez com os sonhos e não nos bloqueamos ao fato de um sonho ser mais complexo ou não. É importante não esquecer que os sonhos de muita relevância serão os prioritários, tanto os mais simples quanto os mais complexos, que estão separados apenas para facilitar a visualização e a divisão de tarefas. Os sonhos mais relevantes serão, evidentemente, aqueles sobre os quais, a curto prazo, a comunidade irá se debruçar para buscar soluções, ainda que estas sejam complexas.

6. O Instituto Natura, como implementador do projeto, tem uma equipe de formadores que faz o acompanhamento da implementação nas escolas.

3. Um outro ingrediente que aparece frequentemente nas discussões é: existem sonhos muito relevantes mas de difícil ou quase impossível

realização. Devemos gastar energia em algo que é importante mas que não acreditamos poder realizar?

É importante que a escola perceba que um sonho inviável num momento pode tornar-se viável em outro. A contribuição do Comunidade de Aprendizagem vem justamente no sentido de dizer: aquilo que a escola fazia de um determinado jeito sempre encontrava um certo tipo de resistência, porém o que a escola fará como comunidade pode deixar de encontrar esse mesmo tipo de resistência. Ou seja, às vezes a gestora escolar se vê impotente diante de questões e se esquece de que a comunidade escolar pode ser altamente potente para a resolução dos mesmos problemas.

A partir desse raciocínio, tenho encaminhado esse impasse da seguinte maneira: o momento de priorização não diz respeito à possibilidade ou não de se realizar os sonhos. Se um sonho é fundamental para uma escola, temos que futuramente investigar as causas que estão impossibilitando que ele se realize, mas não abandoná-lo.

4. Por fim, é preciso ressaltar que não basta termos sonhos organizados, tabulados e quantificados. O grande desafio dessa etapa parece estar no modo como essas discussões são feitas. Todo cuidado é pouco para que essa tarefa não redunde num momento burocrático e enfadonho. Para isso é preciso muita clareza dos gestores ou de quem ajudar a coordenar esses debates, pois o que é um momento sublime de encontro da comunidade com os seus anseios e com os meios de realizá-los pode acabar tornando-se mero preenchimento de formulário e balancete.

As vidas e os sonhos são potentes e caso a Comissão Mista e a Seleção de Prioridades sejam tratadas como reles formalidades maquinais, os passos seguintes, ainda que grandiosos, podem estar fadados ao fracasso. Caso um pai comece a não ver sentido naquelas atividades e ver-se perdendo tempo, sem dúvida ele abandonará o barco. O mesmo acontecerá com professores e estudantes. Com um mínimo de sensibilidade podemos perceber que os sonhos nunca são cansativos,

mas sim o modo como olhamos para eles, o modo como os tratamos, encaminhamos e cuidamos. O simples fato de se acessar e compartilhar o sonho de outro ser humano é motivo de muita alegria. Essa é a chama que não queremos que se apague: a vivacidade do sonho.

## **BIBLIOGRAFIA**

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia, São Paulo, Ed. Paz e Terra, 1996.

INSTITUTO NATURA, Cadernos do projeto Comunidade de Aprendizagem





Comunidade de  
Aprendizagem

# A escola em transformação e sua trajetória

**Gláucia Lara Borja**

Consultora associada da Avante - Educação e Mobilização Social,  
responsável pela implementação do Projeto Comunidade de  
Aprendizagem nas escolas do Nordeste (Brasil).

# Resumo

## **PALAVRAS-CHAVE:**

fase de transformação, fase do sonhar, Comunidade de Aprendizagem.

O presente artigo analisa as fases de transformação em escolas que estão implantando a Comunidade de Aprendizagem na cidade de Fortaleza, no Ceará, e possui dois objetivos específicos: Contextualizar a fase de transformação no Comunidade de Aprendizagem, os obstáculos e os impactos da fase do sonhar. Esta etapa se destaca pela mobilização gerada tanto na escola como com todos que a integram, quanto na comunidade que vive ao redor; e por ser o alicerce de todas as demais ações que consolidam a Comunidade de Aprendizagem.

## **OBJETIVO**

Um estudo sobre a fase do sonho e o impacto desta na implementação do Comunidade de Aprendizagem nas escolas, e sua importância na construção do vínculo entre famílias, alunos e escolas.

*A educação, na verdade, necessita tanto de formação técnica, científica e profissional como de sonhos e de utopia.  
(Freire, 1997 p.34)*

# Introdução

## A SOCIEDADE ATUAL E O CONTEXTO ESCOLAR

Comunidade de Aprendizagem é um projeto produzido pelo Centro Especial de Investigação em Teorias e Práticas Superadoras de Desigualdades (CREA -Universidade de Barcelona) que consiste na transformação social e cultural que tem início na escola e se expande para toda a comunidade a partir da participação de familiares e voluntários nas decisões e atividades da escola. Seu objetivo é superar as desigualdades sociais melhorando os resultados de aprendizagem dos alunos e a convivência. Embasa suas ações nos princípios da aprendizagem dialógica, que são; diálogo igualitário, transformação, criação de sentido, solidariedade, dimensão instrumental, igualdade de diferenças e inteligência cultural.

A aprendizagem dialógica é um conceito que diz respeito a uma maneira de conceber a aprendizagem e as interações, fruto de diversos teóricos como Paulo Freire, Lev Vygotski, Jürgen Habermas, Jerome Brunner, Ramón Flecha, entre outros.

Diante da globalização e imersão no modelo de vida capitalista, percebemos que as pessoas se distanciaram do ser em prol do ter; ressaltando o modelo de comportamento individualista que estamos vivendo e desaprendendo a conviver; sendo o ambiente escolar um grande reflexo disso, através da transição da Sociedade Industrial para a Sociedade da Informação ocorrida no final do século XX.

A Sociedade Industrial foi estruturada pelas tecnologias de automação, onde o trabalho era especializado e individualizado, as competências profissionais eram adquiridas a partir do treinamento ao longo da carreira. Nas escolas os professores eram tidos como os donos do saber; o espaço de aprendizagem era separado do espaço de trabalho. Ao passo que na Sociedade da Informação e do Conhecimento, tivemos diversos avanços na área das tecnologias.

A sociedade contemporânea vivencia a globalização, inserida num constante processo de mudança, ou seja, encontra-se em processo de formação e expansão. As informações não ficam mais no poder de poucos, mas possuem uma grande importância e acessibilidade. Atualmente as indústrias e ambientes organizacionais possuem as escolas e as universidades como aliados responsáveis pelo desenvolvimento social e econômico por propiciarem avanços tecnológicos e por serem espaços de criação de conhecimento, desempenhando um papel fundamental na produção de riqueza e na contribuição para o bem-estar e qualidade de vida das pessoas.

São inúmeros os aspectos positivos, tal como a melhoria da nossa qualidade de vida (como a criação de meios de transporte, comunicações, instrumentos e produtos voltados para a saúde, implementação de máquinas e robôs nas indústrias, etc.), embora tenham aumentado as taxas de desemprego e gerado a extinção de algumas profissões. Essas criações também impactam na destruição do meio ambiente e, conseqüentemente, na perda das riquezas naturais.

A condição para a Sociedade da Informação avançar é a possibilidade de todos terem acesso às tecnologias de informação e comunicação para superarem os aspectos negativos que vieram com o desenvolvimento.

As mudanças ampliaram as desigualdades sociais e segregaram ainda mais as pessoas que estão nas camadas sociais com baixo poder aquisitivo. Essa transformação precisa ocorrer também nas escolas, a fim de possibilitar o acesso à educação para todos, assegurar um sentido para a vida e propiciar uma igualdade nas competências para a inserção no mercado de trabalho.

O contexto atual exige resultados na aprendizagem, o mercado de trabalho busca pessoas especialistas mas com uma formação ampla, empreendedoras e com criatividade para a resolução de problemas.

As escolas precisam focar nas interações e nos diálogos estimulando a responsabilização dos processos de aprendizagem pelos próprios estudantes, despertando a corresponsabilidade, tornando-os protagonistas de suas vidas, voltando a fazer sentido como um espaço de preparação para o futuro para todas as pessoas.

Nessa nova fase da sociedade, onde as mudanças são constantes em todos os aspectos da vida, as condutas e situações cotidianas não são mais moldadas pela tradição, ou seja, não há mais respostas prontas, e se faz necessário encontrar e criar novas estratégias, exigindo que as pessoas tornem-se protagonistas de sua própria história.

O giro dialógico, de acordo com Flecha, Gómez e Puigvert (2001), aponta que desde o final do século XX, na sociedade moderna, o diálogo é de extrema importância em todos os âmbitos relacionais, tendo em vista que todas as pessoas são uma fonte inesgotável de conhecimentos, haja vista a diversidade de suas origens, experiências de vida e saberes.

Ao refletirmos sobre os comportamentos atuais, até as crianças mais novinhas não aceitam ordens sem compreender antes o verdadeiro sentido daquele comando, o que os professores trazem como indisciplina, falta de limites, desestrutura familiar:

Ao ampliarmos nossa visão, é cada vez maior a necessidade de diálogo para negociar e renegociar as tarefas que cada um deve desenvolver; tanto no âmbito privado, profissional e social.

*A ação comunicativa torna possível às pessoas que estão em determinada situação, e que se dispõem a dialogar, buscar o entendimento sobre alguma problemática no mundo e orientar a ação, de cada sujeito, a partir do acordo para sua superação. A ação comunicativa é, assim, ao mesmo tempo, linguagem e ação — aproximando-se do conceito de palavra verdadeira de Freire. (MELLO, Roseli Rodrigues de. 2012. p. 47)*

A proposta de Comunidades de Aprendizagem tem como essência a transformação social e cultural da escola e do entorno com o propósito de construir uma escola mais democrática, igualitária e dialógica. A etapa de transformação é dividida em dois momentos — o processo de ingresso e o de consolidação — sendo composta por fases: sensibilização, tomada de decisão, sonhos, seleção de prioridades, planejamento.

# Desenvolvimento do trabalho

A escolha de contextualizar a transformação nas escolas através dos obstáculos e impactos da fase do sonho, nas escolas da cidade de Fortaleza, surgiu por meio da experiência vivenciada na implantação do Comunidade de Aprendizagem por se compreender que esta etapa trata-se do alicerce de todas as demais ações que consolidam o projeto.

A fase do sonho destaca-se pelas mobilizações nas escolas com todos que a integram (alunos, pais, professores, funcionários) através da consigna “Que Escola Queremos”. Embora tenha sido uma escolha da escola aderir à proposta de implementação, foram visíveis as contradições, pois toda transformação gera certo receio e resistência à mudança por impactar na zona de conforto e na invisibilidade de possibilidades.

A abertura do espaço de escuta, onde todos opinaram sobre o funcionamento da instituição, desestabiliza o lugar de poder que inconscientemente os professores e a equipe gestora ocupam, principalmente pela inserção da família e da comunidade no ambiente escolar e, conseqüentemente, na participação dos processos de aprendizagem.

Nessa etapa do sonho as escolas envolveram-se, a princípio, com seus alunos e professores, visto que grande parte criou resistência na participação dos pais, desconsiderando também os funcionários que dão suporte ao funcionamento da escola (porteiro, merendeira, auxiliar de serviços gerais), através da fantasia de que as pessoas da comunidade, inclusive as crianças que vivem em situação de vulnerabilidade social, não sabem sonhar. Outra resistência apresentada foi alegarem que muitos pais não comparecem quando são convocados para as reuniões, nem quando são chamados por alguma questão referente aos seus filhos. Foram ultrapassadas essas objeções por meio da conscientização de que todos são capazes de sonhar e de

que é necessária a criação de estratégias para a reaproximação da família para o momento do sonhar, além da importância da escuta de todos. As equipes gestoras se envolveram com a tarefa, orientando os professores, criando momentos especiais e criativos para a colheita dos sonhos; elaboraram árvores dos sonhos, jardins, nuvens, estrelas penduradas no teto da sala e painéis temáticos cuidadosamente produzidos, embora não tenham conseguido envolver todos os pais, até pelas dificuldades de reuni-los, e aproveitaram as reuniões onde conseguiram uma representação deles.

Durante as visitas de acompanhamento, ao pesquisar como haviam sido os momentos de levantamento dos sonhos, verificamos que nem todos os alunos e funcionários haviam sido escutados, e por diversos motivos, tais como: “esta sala é impossível”, “temos muitos alunos”, “só faltaram os alunos do EJA”, “nem todos os professores quiseram sonhar”, dentre muitas outras justificativas, de modo que foram incentivados a propiciar outros momentos com todos os alunos e funcionários.

Em encontros posteriores, foi perceptível, através dos relatos das equipes gestoras, o encantamento com a abertura do espaço para a escuta sobre que escola desejam, e surpreenderam-se com o pensamento crítico de seus direitos e com a clareza do que querem, além das mudanças que já estavam ocorrendo antes mesmo das comissões serem formadas e iniciarem suas atuações. O que reforçou o ditado: “sonho que se sonha junto, vira realidade”.

Em uma escola, onde a comunidade estava passando por um momento de desapropriação de suas casas, receberam a visita do prefeito, que por sua vez escutou as demandas das próprias crianças e iniciou algumas melhorias na escola. A seguir, o depoimento de uma coordenadora pedagógica que a princípio estava muito resistente: “percebi como os pequenos já são politizados, sabem o que querem e seus direitos, não sonharam por sonhar; pediram vestiários completos com chuveiro, salas climatizadas. Eles se tornam um ser social por poderem se expressar. E a escola cumpre o papel social dela de ensinar e realmente aprimorar o ser social. Surgiu tanta coisa legal”. Com isso, de que as realidades das escolas públicas são assim mesmo e as pessoas que vivem em situação de vulnerabilidade são acríticas e aceitam tudo o que lhe oferecem,

não se percebia que os direitos estavam sendo violados, como na falta expressiva de professores na rede, banheiros sem porta, salas de aula sem ventilação, merenda de baixa qualidade (“suco com biscoito” é uma unanimidade entre as queixas dos alunos), bebedouros sujos, etc.

Além das resistências encontradas nas escolas, verificamos, diante das declarações das equipes gestoras, que os profissionais dos Distritos de Educação e da própria Secretaria Municipal de Educação pressionavam a implantação da Comunidade de Aprendizagem sem conhecer a proposta do projeto, afirmando que “o que importa são os índices de aprendizagem, a situação que a escola está vivenciando ou a família não interessa”; “não estamos vendo nada ser feito”. Diante dessas situações, solicitamos apoio ao setor de Controle Social, que colabora com a implantação, para que promovesse um encontro com esses profissionais para realizarmos uma sensibilização, ampliarmos o conhecimento sobre a Comunidade de Aprendizagem e fortalecermos as ações que estão acontecendo nas escolas. Durante a sensibilização, o grupo solicitou aprofundar os conhecimentos sobre o projeto e as linhas teóricas que deram base à elaboração do mesmo. Atualmente participam de uma ação educativa de êxito, que é a tertúlia dialógica pedagógica do livro *Aprendizagem: outra escola é possível*, de Roseli Rodrigues de Mello, o que vem dando um grande suporte para a realização do trabalho.

A tertúlia dialógica pedagógica consiste em um espaço de formação no qual, após a leitura de livros de fontes originais de autores importantes na área de educação, os participantes compartilham, num espaço de formação, os trechos que mais chamaram sua atenção, relacionando aspectos teóricos com a prática educativa e experiências vivenciadas na escola. Trata-se de uma proposta de estudo relevante para o desenvolvimento dos integrantes, para a construção coletiva do conhecimento que se baseia no diálogo igualitário e proporciona a oportunidade de discutir as práticas educativas recorrendo sempre a evidências e a fontes originais.

Após a vivência do sonhar com os pais, as equipes gestoras perceberam que alguns demonstraram interesse em atuar como voluntários, impactando no pensamento inicial de que não teriam disponibilidade, mas ainda nos deparamos com objeções em convidá-los para compor a



comissão mista, sob alegações de que “a comunidade é muito violenta”, “não compreendem a cultura do voluntariado e sempre esperam algo em troca”, “acham que só podem ajudar ao limpar ou pintar a escola” e “os professores têm receios”. Diante dos argumentos, continuamos esclarecendo os princípios do projeto e enfatizando a importância de convidar os familiares para realizarem a seleção de prioridades e elaborarem o planejamento das ações para a transformação das escolas. Atualmente temos encontrado pouca participação dos pais. Em algumas escolas optaram por mães que são funcionárias da escola, onde levantamos a hipótese de, dessa forma, terem um certo controle sobre as ações e a inserção de novos alunos nas comissões a cada visita de acompanhamento. Embora já estejam na fase de planejamento, estão começando a quebrar as resistências de inserir mais representantes de pais e da comunidade.

# Conclusão

Diante dessas experiências, conclui-se que de toda modificação realizada num sistema ou instituição emergem resistências e situações que emanam reações ou criam obstáculos para as ações da transformação seguirem o fluxo do processo, sendo de extrema importância a abertura de espaços de comunicação que facilitem as mudanças e diminuam o nível de ansiedade originada por elas. O diálogo é um fator responsável por quebrar os paradigmas e desvelar as fantasias, as possíveis hierarquias e as resistências que vão além da ação de uma pessoa sobre a outra.

Transformar é um processo de formação contínua e de compartilhamento entre os integrantes de um grupo, e que, conseqüentemente, gera atitudes de mudança nas próprias pessoas, entre elas e no fazer coletivo.

Psiquiatra suíço nacionalizado na Argentina, criador da técnica dos grupos operativos, elaborada a partir da construção da sua teoria da Psicologia Social, Enrique Pichon Rivière caracteriza grupo como um conjunto restrito de pessoas ligadas por constantes de tempo e espaço e articuladas por sua representação interna, que se propõe a uma tarefa que constitui a sua finalidade.

Pichon definiu vínculo como uma estrutura complexa que inclui um sujeito, um objeto e a interação entre ambos, o que ocorre através de processos de comunicação e aprendizagem, sendo essa interação a responsável por modificações mútuas e incorporações de novas aprendizagens e sendo o vínculo uma relação dialética entre as pessoas.

Para ele, a superação do mito implica em retrabalhar os vínculos das pessoas em torno de uma tarefa comum, tendo como referência o processo de transformação, o “eu com o outro”, construindo algo em comum e provocando um movimento contínuo modificador

de estruturas pessoais, interpessoais e grupais, daí a importância do encontro periódico com as comissões mistas e os gestores das escolas, a fim de acompanhar e facilitar o processo de implementação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aubert, A.; Flecha, A.; García, C.; Flecha, R; Racionero, S. Aprendizaje dialógico en la sociedad de la información. Barcelona: Hipatia Editorial/ S.A., 2008

FLECHA, R.; GÓMEZ, J.; PUIGVERT, L. Teoría sociológica contemporánea. Barcelona: Editorial Paidós, 2001.

MELLO, R. R. Aprendizagem: outra escola é possível/ Roseli Rodrigues de Mello, Fabiana Marini Braga, Vanessa Gabassa - São Carlos: EdUFSCar, 2012.

PICHON Rivière, E. Prólogo, em El processo grupal. Ed. N. Visión, 1978.

Material impresso pelo Instituto Natura.

Apostilas Formação de Coordenação de Grupo Operativo, do Núcleo Social de Psicologia da Bahia, 2008.

Site: [www.comunidadeaprendizagem.com](http://www.comunidadeaprendizagem.com)



# ÍNDICE REMISSIVO



# ÍNDICE REMISSIVO

## PRINCÍPIOS DE CA

Aprendizagem Dialógica: base para uma gestão eficaz da sala de aula. Geraldo Magela	5
Um ensaio sobre a relação entre Princípios da Aprendizagem Dialógica e histórias de vida Bianca Miguel	15
A Formação como Aprendizagem Dialógica na Comunidade de Aprendizagem Cláudia Cruz Soares	30

## ATUAÇÕES EDUCATIVAS DE ÊXITO

Formando e dialogando com as Tertúlias Literárias Gabriela Sousa da Silva	44
Por que a Tertúlia Literária Dialógica na Escola Pública? Susan Rocha	54
Tertúlias literárias dialógicas e a concepção dialógica de linguagem Juliana Ormastroni de Carvalho Santos	63
Modelo Dialógico de Resolução de Conflitos – Um desafio para formadores brasileiros de Comunidade de Aprendizagem Carolina Ribeiro Duarte	72
Tertúlia literária e roda de leitura: Outro nome ou outra essência? Madalena Monteiro	84
Participação voluntária no projeto comunidade de aprendizagem Rita Margarete Moreira Santos	95
Reflexões sobre a prevenção e a resolução da violência e dos conflitos nas escolas Ricardo Paim	103
As tertúlias dialógicas literárias enquanto atuação educativa de êxito no espaço de formação de gestores escolares e professores do território da Chapada Diamantina (BA) Cristina Alice Cunha Ribeiro	112
Biblioteca tutorada: potencializando interações e aprendizagem Gleicy Aparecida de Sousa	120
Participação educativa da comunidade Beatriz Siqueira	131
A família protagonista: papel valorizado e fortalecido pelo projeto Comunidades de Aprendizagem Ana Luiza Oliva Buratto	141
Comunidade de Aprendizagem na gestão democrática da escola Doralice dos Santos Scafi	150
Grupos Interativos: passos dados rumo à implementação dessa atuação educativa de êxito em escola da Chapada Diamantina Aline Carvalho Nascimento	158



Rumo às Comunidades de Aprendizagem: Grupos Interativos e Tertúlias Dialógicas Literárias  
Raquel Oliveira Braun 169

Comunidades de Aprendizagem: processo de implantação  
Maria Lucia Mastropasqua 178

Implantação do projeto Comunidade de Aprendizagem por meio das tertúlias dialógicas literárias no território da Chapada Diamantina (BA)  
Adriana Rocha de Souza Miranda 191

## CASOS DE IMPLEMENTAÇÃO DE CA

Os princípios da aprendizagem dialógica começam na educação infantil  
Gilda Aparecida Cassiano 202

Processo de implementação do projeto Comunidade de Aprendizagem na rede municipal de ensino de São José do Rio Preto (SP)  
Elza de Araújo Góes 216

Comunidade de Aprendizagem: a possibilidade de um horizonte cada vez melhor através da participação democrática e coletiva dos diferentes sujeitos que compõem nossa sociedade  
José Ivaldo Mendes Rocha Júnior 226

A etapa dos sonhos na comunidade de aprendizagem da Escola Avelina Sandes de Aquino em Itabuna (Bahia): A construção de sentidos e o ato de educar para humanizar  
José Carlos Sena Evangelista 244

Implementação do projeto Comunidade de Aprendizagem no município de Ourinhos (SP)  
Letícia Rarek Conceição 256

Sustentabilidade do projeto Comunidade de Aprendizagem  
Fernanda Ferreira de Moraes Zanitti 269

Comunidade de Aprendizagem  
Giselda Amarante 279

Implementação do projeto Comunidade de Aprendizagem no Instituto Tênis, em Santana de Parnaíba  
Ana Fátima Campos 285

Implementação do projeto Comunidade de Aprendizagem no território da Chapada Diamantina  
Claudia Rocha 297

Transformar para melhor aprender – caminho de um município  
Adriana Cristina Mercante Silva 308

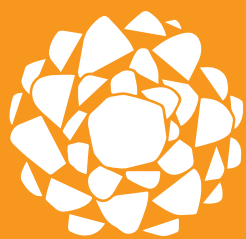
## FASE DE TRANSFORMAÇÃO

Princípios da Aprendizagem Dialógica na Sensibilização: a busca da coerência entre discurso e prática  
t Elage 317

Vivenciando os princípios da aprendizagem dialógica na fase dos sonhos  
Fernanda Martins Silva Maués 324

Formação de formadores  
Lucas Botelho 335

A escola em transformação e sua trajetória  
Gláucia Lara Borja 345



**Comunidade de  
Aprendizagem**

[www.comunidadeaprendizagem.com](http://www.comunidadeaprendizagem.com)